

Sónia Raquel Oliveira da Costa

Itinerários Juvenis em Espaços Sociais e Urbanos do Porto:

Um estudo exploratório em torno do Bem-estar no
quadro da Educação para a Saúde

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina da
Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre
em Educação para a Saúde realizada sob orientação
científica da Prof. Doutora Sofia Marques da Silva

Porto, Setembro de 2015

DEDICATÓRIA

Dedico-te esta dissertação à minha Mãe!

“As coisas vulgares que há na vida não deixam saudade”

“Há gente que fica na história, na história da gente”

O pouco que sou devo-o a ti! O pouco que sou devo ao facto de teres acreditado e demonstrado que seria capaz de alcançar todos os meus objetivos. Pude ainda partilhar um pouco da minha trajetória académica contigo e recordo o modo como me ensinaste a lutar e a alegria que mostravas em cada meta que alcançava e vencia. Não tenho dúvidas do orgulho que sentirias nestas páginas, neste trabalho, neste sonho tornado realidade. Hoje é o culminar de tudo. Um sentimento de desejo cumprido. Obrigada nunca será palavra suficiente.

AGRADECIMENTOS

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós” (Antoine de Saint-Exupéry).

À minha família. Em especial ao meu Pai por me escutar ao longo desta caminhada e por todo o apoio e a ajuda disponibilizada ao longo deste ano. E ao meu irmão, pela disponibilidade para me ajudar em todas as dificuldades. A eles por a seu jeito terem dado o seu contributo tão especial.

A todos/as os/as jovens que participaram na investigação. Pela entrega e dedicação, por nunca dizerem não a cada nova tarefa, compreendendo sempre a importância que a participação deles/as tinha para a investigação. Obrigada pelos momentos de reflexão e aprendizagem.

Aos Engenheiros Rui e Cristiano por tornarem possível o pequeno grande sonho desta dissertação. Obrigada pela criação da API e por todos os esclarecimentos com o Endomondo.

Ao Ricardo Santos pela ajuda espontânea em todas as montagens dos mapas presentes nesta dissertação. O meu agradecimento por permitires concluir este objetivo de forma tão brilhante.

Aos amigos que acompanharam este meu percurso e pela marca individual que cada um deu a esta investigação. À Susana pelo apoio tão importante nesta reta final. À Ana Margarida, pela amizade de uma vida, por sempre escutares e compreenderes as minhas angústias e conquistas. Obrigada a todos que foram sem dúvida um grande apoio.

Às companheiras de Licenciatura e de Mestrado, pela amizade que se manteve e pelas conversas, partilhas e ajudas. O vosso apoio e a motivação foram muito importantes.

À Sandra, pelo caminho de 5 anos que percorremos juntas. Pela amizade que construímos e por acreditares que seria capaz de realizar os meus objetivos. Este mestrado não teria sido o mesmo sem a tua força e apoio.

À Ana Sofia, pela amizade que construímos, pela caminhada que juntas percorremos e pelo pilar em que te tornaste. Por todas as conversas, ajudas, conselhos, partilhas. Por todo o apoio e preocupação incondicional. Sem ti este caminho teria sido bem mais difícil. Esta investigação é também um pouco tua, por isso, a minha eterna gratidão pela generosidade ao longo deste ano.

À Professora Sofia Marques da Silva por me ter ajudado a refletir no rumo a dar a esta investigação. Por acreditar nas minhas capacidades para desenvolver esta investigação e por o demonstrar nas suas palavras de força. Pelo seu exemplo de pessoa e investigadora e pelo crescimento profissional que me proporcionou.

O meu obrigada a todos/as que de um modo em particular acompanharam esta minha caminhada e a tornaram menos penosa. Cada um, a seu jeito, contribuiu nesta caminhada.

INDICE

DEDICATÓRIA	iii
AGRADECIMENTOS.....	v
Lista de Abreviaturas	xi
Lista de Tabelas	xi
Lista de Figuras	xii
RESUMO.....	xiii
ABSTRACT	xv
INTRODUÇÃO.....	1
PARTE I – CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	5
I - Construção do Objeto de Estudo e da Problemática.....	6
CAPÍTULO I – A problemática da(s) Juventude(s).....	9
1.1. Juventude: da Unidade à Diversidade.....	9
1.2. Juventudes: A visão contemporânea desta categoria social	11
1.3. Juventudes, Cidadania e Educação para o Desenvolvimento.....	12
1.4. Cultura Juvenil e a sua relação com os Espaços Urbanos.....	14
1.5. Dimensão Europeia em matéria de Juventudes.....	15
1.6. Juventudes e a relação com o mundo online: do real ao imaginário	18
CAPÍTULO II – Espaços Urbanos	20
2.1. Breve análise perante os Espaços Urbanos: o foco na cidade do Porto	20
2.2. Conceitos em torno da noção de cidade	21
2.2.1. Cidade Educadora	21
2.2.2. Cidade Saudável.....	22
2.3. A cidade como promotora da participação ativa das Juventudes.....	24
2.4. A Cidade e a Saúde: uma perspetiva de educação e saúde	25
CAPÍTULO III – Qualidade de Vida & Bem-estar: Um debate essencial nas Juventudes.....	27
3.1. Breve olhar sobre a Qualidade de Vida.....	27
3.2. Qualidade de Vida: uma perspetiva histórica	28
3.3. Saúde: Qualidade de Vida & Bem-estar.....	30
3.4. Jovens e a sua relação com a Saúde	33

Parte II – CAMINHOS METODOLÓGICOS	35
CAPÍTULO I – Desafio científico presente na investigação.....	36
1.1. Existe discussão paradigmática? Captar a informação da opção pelo Paradigma Pós-Moderno	36
1.2. Um processo centrado na Investigação Qualitativa: A presença da triangulação empírica.....	38
1.3. Opção pelo Método Etnográfico.....	39
1.4. Justificar a Observação Participante	41
1.5. A Entrevista como método da investigação.....	43
1.5.1. A condução da Entrevista Semiestruturada.....	44
1.6. Electronic Focus Group.....	45
1.7. A presença dos aplicativos móveis: A tecnologia como um veículo para as trajetórias juvenis.....	48
1.8. Rumo a uma Cartografia Social - O campo das trajetórias juvenis.....	50
1.9. O contexto e os sujeitos de investigação	50
1.9.1. O investigador numa “perspetiva multimetódica”.....	50
1.9.2. Olhar para o contexto em estudo	51
1.9.3. Grupo de participantes em análise	53
1.10. Análise de Conteúdo	57
1.11. Questões Éticas	61
PARTE III – ANÁLISE DOS RESULTADOS	63
III – Prefácio: Retomar ao Objeto de Estudo.....	64
CAPÍTULO I – Saúde e Bem-estar Juvenil	65
1.1. Preâmbulo	65
1.2. A compreensão do conceito Bem-estar	65
1.3. Influência dos Contextos de Desenvolvimento.....	69
1.3.1. Relação existente com a variável socioeconómica.....	70
1.3.2. Relação existente com o fator demográfico.....	72
1.3.3. Relação existente com a variável Género	74
1.4. Importância que a Saúde detém nas Juventudes: perspetiva dos/as jovens.....	75
1.5. Influência do Meio Social: relação familiar e escolar	77
1.6. Influência do Meio Social: importância da integração em grupos juvenis	84
1.7. Diferenças comportamentais na envolvimento com o meio familiar e o grupo de pares. 90	
1.8. A conquista gradual da Autonomia: a negociação com base no diálogo parental	94
1.8.1. Construção gradual da Autonomia	94

1.8.2. Importância do diálogo familiar.....	97
1.9. A autonomia como construto relevante na convivência com o grupo de pares	99
1.9.1. A importância e influência da identificação, convivência e proximidade com o grupo de pares.....	99
1.9.2. As decisões no contexto familiar relativamente ao grupo de pares	103
1.10. Comportamentos Juvenis: visão centrada nos comportamentos de risco e nos comportamentos protetores	105
1.10.1. Comportamentos de Risco ou Comportamentos Protetores? Consumo de Tabaco e Álcool.....	105
1.10.2. Comportamentos de Risco ou Comportamentos Protetores? Prática de Desporto e Alimentação Saudável	108
1.11. Síntese Final.....	111
 CAPÍTULO II - Circuitos Juvenis: A presença geográfica no Espaço Urbano e nos Contextos de Lazer.....	112
2.1. Preâmbulo	112
2.2. A perspetiva juvenil das dinâmicas da Cidade do Porto: o património como processo de identidade.....	112
2.3. Influência da Cidade nos lugares ocupados pelas Juventudes	123
2.4. Espaços urbanos estimulantes na cidade do Porto na perspetiva juvenil: significados atribuídos.....	124
2.5. Síntese Final.....	134
 CAPÍTULO III – Refletir sobre as mudanças na Cidade do Porto: o Presente e o Futuro ..	135
3.1. Preâmbulo	135
3.2. Alterações necessárias na cidade: o ponto de vista juvenil.....	135
3.3. Viver n(a) Cidade do Porto.....	140
3.3.1. O Futuro incerto das Juventudes	140
3.3.2. O futuro da cidade do Porto no ponto de vista dos/as jovens	143
3.4. Dinâmicas entre Juventudes e Sociedade: Contributos para o Desenvolvimento	146
3.5. Síntese Final.....	153
 CONCLUSÃO.....	155
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	161

APÊNDICES	175
1. Consentimento Informado (Maiores de Idade)	176
2. Consentimento Informado (Menores de Idade)	177
3. Guião Entrevista Semiestruturada	178
4. Guião Eletronic Focus Group	180
5. Coordenadas + API do Google Maps.....	181
6. Mapas: Descrição de realces presentes nos percursos juvenis	182
7. Tabela Final Categorizada	205
8. Mapas Gerais dos/as Participantes.....	303

Lista de Abreviaturas

API - Application Programming Interface
CCE – Comissão das Comunidades Europeias
CM Porto – Câmara Municipal do Porto
EpS - Educação para a Saúde
E-Focus Group – Electronic Focus Group
EV – Estilo de Vida
OMS – Organização Mundial de Saúde
QV – Qualidade de Vida

Lista de Tabelas

TABELA 1 - CARACTERIZAÇÃO DOS/AS PARTICIPANTES EM ESTUDO	57
TABELA 2 - CATEGORIAS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	60
TABELA 3 - TABELA GERAL COM DADOS QUANTITATIVOS EXTRAÍDOS DAS ENTREVISTAS DOS/AS PARTICIPANTES, RELATIVOS AOS LOCAIS DE LAZER DA CIDADE DO PORTO.....	124

Lista de Figuras

FIGURA 1 - MARCO REPRESENTATIVO DA CIDADE "ANTIGA, MUI NOBRE SEMPRE LEAL E INVICTA CIDADE DO PORTO"	51
FIGURA 2 - LOGÓTIPO DA CIDADE DO PORTO	52
FIGURA 3 - QUESTÃO 1 DO E- <i>FOCUS GROUP</i>	66
FIGURA 4 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELA PARTICIPANTE 5 (RAPARIGA, 19 ANOS)	78
FIGURA 5 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELO PARTICIPANTE 9 (RAPAZ, 18 ANOS)	78
FIGURA 6 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELO PARTICIPANTE 1 (RAPAZ, 20 ANOS)	82
FIGURA 7 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELA PARTICIPANTE 2 (RAPARIGA, 18 ANOS)	82
FIGURA 8 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELA PARTICIPANTE 5 (RAPARIGA, 20 ANOS)	82
FIGURA 9 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELA PARTICIPANTE 8 (RAPARIGA, 19 ANOS)	83
FIGURA 10 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELO PARTICIPANTE 9 (RAPAZ, 18 ANOS)	83
FIGURA 11 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELO PARTICIPANTE 10 (RAPAZ, 18 ANOS)	83
FIGURA 12 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELA PARTICIPANTE 2 (RAPARIGA, 18 ANOS)	84
FIGURA 13 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELO PARTICIPANTE 1 (RAPAZ, 20 ANOS)	88
FIGURA 14 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELO PARTICIPANTE 1 (RAPAZ, 20 ANOS)	110
FIGURA 15 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELO PARTICIPANTE 1 (RAPAZ, 20 ANOS)	121
FIGURA 16 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELO PARTICIPANTE 9 (RAPAZ, 20 ANOS)	121
FIGURA 17 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELA PARTICIPANTE 5 (RAPAZ, 20 ANOS)	122
FIGURA 18 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELA PARTICIPANTE 2 (RAPARIGA, 18 ANOS)	126
FIGURA 19 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELA PARTICIPANTE 5 (RAPARIGA, 19 ANOS)	126
FIGURA 20 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELA PARTICIPANTE 5 (RAPARIGA, 19 ANOS)	127
FIGURA 21 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELO PARTICIPANTE 9 (RAPAZ, 18 ANOS)	127
FIGURA 22 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELA PARTICIPANTE 2 (RAPARIGA, 18 ANOS)	128
FIGURA 23 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELO PARTICIPANTE 1 (RAPAZ, 20 ANOS)	128
FIGURA 24 - DESCRIÇÃO DO PERCURSO EFETUADO PELO PARTICIPANTE 9 (RAPAZ, 18 ANOS)	129

RESUMO

Partindo de abordagens de Educação para a Saúde (EpS) e estruturando uma postura multidisciplinar que incorpora outros saberes, o estudo discute o modo como os/as jovens da cidade do Porto se apropriam, significam e experienciam espaços e circuitos da cidade.

Dialogando com perspectivas de Educação em Saúde, esta pesquisa tem contribuições teóricas de estudos das Juventudes, Sociologia da Educação, bem como estudos espaciais. O foco do presente estudo ganha centralidade na interligação entre culturas juvenis, espaços urbanos e suas trajetórias, relacionando-se com a saúde, nomeadamente o bem-estar, tanto na visão de prevenção como promoção.

A questão principal deste estudo foi organizada de forma a ser possível discutir o conceito de Bem-estar a partir dos sentidos que os/as jovens atribuem às suas experiências nos espaços urbanos e apropriações de lugares significativos para si.

De forma a alcançar este objetivo principal, o estudo foi organizado de modo a entender-se (1) de que modo é que a cidade do Porto e os contextos sociais se tornam preponderantes para a promoção do bem-estar dos/as jovens, (2) quais os espaços que os/as jovens identificam como propiciadores de lazer ou por servirem como meio de socialização e bem-estar, no espaço da cidade do Porto. Outro aspecto relevante deste estudo foi compreender o papel da EpS para contribuir para as políticas urbanas que promovam a qualidade do espaço para as suas populações e especificamente para os/as jovens.

Esta pesquisa foi elaborada em contexto urbano, envolvendo 10 participantes jovens, com idades compreendidas entre os 17 e 20 anos, residentes no Grande Porto (mas enquanto estudantes no centro da cidade). Todos/as os/as participantes tinham um telemóvel *smartphone* compatível com a aplicação *Endomondo*, que foi necessário para recolher os dados e construir os mapas.

Este estudo assentou numa metodologia qualitativa, baseada na utilização de uma triangulação empírica, observação participante e respetivas notas de terreno, entrevista semiestruturada e um *electronic focus group*.

Acresce referir que foram também utilizados mapas demonstrativos das trajetórias juvenis, com base os dados recolhidos através da aplicação Endomondo.

Resultados apontam para a necessidade de olhar para a cidade como um lugar privilegiado de sociabilidades e culturas juvenis. Alguns espaços urbanos por eles/elas valorizados podem tornar-se lugares de bem-estar devido à natureza dos relacionamentos significativos, culturas, interesses juvenis e atividades que acontecem nesses locais e que às vezes são ignorados ou não compreendidos. As políticas urbanas e a EpS beneficiariam de uma consciência profunda, a fim de promover a qualidade dos espaços urbanos.

Palavras-chave: Juventudes, Espaço Urbano, Trajetórias Juvenis, Bem-estar

ABSTRACT

Departing from Health Education (EpS) framework, thus a multidisciplinary approach, this study discusses how young people from the city of Porto construct their ownership, meanings and experience spaces and city diverse pathways. Dialoguing with Health Education perspectives, this research has theoretical contributions from Youth Studies, Sociology of Education as well as from space studies.

The study's focus has its core in the interconnection between youth cultures, urban spaces and their trajectories, always related to health issues, namely well-being, both from prevention and promotion perspectives.

The main question of this study was to discuss the concept of well-being from young people perspectives, namely in what concerns their experiences in urban spaces, its appropriations and meaningfulness.

In order to achieve this main objective the study was organized to understand (1) how the city of Porto and different spaces become relevant to promote young people well-being, (2) which are the spaces that young people identify themselves to, either because are significant as a possibility for leisure or as a mean of socialization and well-being. Another relevant aspect of this study was to understand the role that Health Education in contributing to urban policies that promote space quality for their populations, and specifically for young people.

This research took place in the urban context involving 10 young participants. They were aged between 17 and 20 years, living in Porto surroundings, but studying in the city center. All of them had mobile phone (smartphone) compatible with program Endomondo, very much needed for collecting data and construct their pathways maps.

The study had a qualitative methodology, based on the use of an empirical triangulation, participant observation and writing field notes, semi-structured interviews and an electronic focus group discussion. Maps with young people urban trajectories were also constructed based on data collected through Endomondo app.

Results remark the idea of the city as a privileged place for young people sociability and cultures. Some valued urban spaces can become places of well-being due to the nature of the significant relationships, cultures, young people interests and activities that take place in those places and that are sometimes ignored or not understandable. Urban policies and Health Education would benefit from a deep awareness in order to promote urban spaces quality.

Keywords: Youths, Urban Space, Youth Trajectories, Well-being

INTRODUÇÃO

As questões das juventudes têm sido abordadas por inúmeros autores, salientando-se José Machado Pais, como uma construção social, cultural e histórica e, como tal, sujeita a modificar-se ao longo dos tempos. As singularidades presentes nas juventudes permitem refletir sobre as diversas formas de “ser jovem” e, por isso, falar de trajetórias juvenis tem inerente questões subjetivas e socialmente complexas, pelas interações que delas advém. Tal como Pais (2005, p. 64) o salienta “o urbano é um tecido de trajetos”. Portanto, as relações de comunicabilidade dizem um pouco “de onde viemos e para onde vamos” (Pais, 2005, p. 61) contudo não falam dos sentimentos de verdadeira pertença e das consequências, quer positivas quer negativas, que originam.

Naturalmente as cidades tornam-se espaços urbanos com significância e impacto na saúde. Percebe-se que do ponto de vista da EpS, os centros urbanos despoletam uma centralidade nas questões de bem-estar e esta preocupação deve estar patente nos objetivos da cidade e, no caso concreto da presente investigação, na cidade do Porto. É descrito pela Rede Portuguesa de Cidades Saudáveis¹ que a cidade do Porto, em 2015, ainda não é considerada uma cidade saudável e é esta a primeira premissa a revelar e por onde se deve começar desde já a intervir, na medida em que é sabido que o bem-estar é uma dimensão multidimensional que influencia a vivência juvenil e a da própria sociedade.

É aqui que esta investigação e a EpS ganham relevo. Falar de circuitos juvenis numa perspetiva de socialização e de bem-estar numa visão médica é usual. A questão aqui foi aliar estas duas realidades e o desenvolvimento urbano e humano e problematizá-lo nesta perspetiva de prevenção e promoção de saúde. Esta problemática torna-se fundamental, porque permite dar outro olhar e outra ênfase ao foco em estudo; poder olhar para o conceito de saúde numa perspetiva abrangente - do ponto de vista físico, social, psicológico, económico e enquanto objeto de qualidade de vida, mobilizando todos os setores da atividade humana, social e cultural. As produções científicas enriquecem-se a partir destes diálogos cruzados, entre perspetivas de Educação em Saúde, nomeadamente estudos das Juventudes, Sociologia da Educação e estudos espaciais.

Outro aspeto a salientar é a centralidade e a opção tomada para este estudo – um estudo qualitativo – pois como se foi compreendendo na tomada desta decisão era impossível prestar “atenção aos quotidianos, aos lugares, aos diferentes estilos de vida e à forma como os sujeitos produzem os seus discursos” (Silva, 2008, p. 29), particularmente nesta reflexão de bem-estar, de outra forma. Este estudo é sobre jovens em concreto e não se ignora o género, as condições socioeconómicas e os fatores demográficos. Pelo

¹ <http://redecidadessaudaveis.com/index.php/pt>

contrário, salienta-se estas questões para apresentar estes/as participantes de um modo muito particular.

Deste modo, o passo basilar é apresentar e refletir em torno do objeto de estudo. A escrita da dissertação vai sofrendo alterações ao longo dos tempos e vai-se dando conta dessa realidade no seu processo de reflexão e evolução.

A questão principal foi organizada de forma a ser possível discutir o conceito de bem-estar a partir dos sentidos que os/as jovens atribuem às suas experiências nos espaços urbanos e apropriações de lugares significativos para si.

De forma a alcançar este objetivo principal, o estudo foi organizado de modo a entender-se (1) de que modo é que a cidade do Porto e os contextos sociais se tornam preponderantes para a promoção do bem-estar dos/as jovens, (2) quais os espaços que os/as jovens identificam como propiciadores de lazer ou por servirem como meio de socialização e bem-estar, no espaço da cidade do Porto. Outro aspecto relevante deste estudo foi compreender o papel da EpS para contribuir para as políticas urbanas que promovam a qualidade do espaço para as suas populações e especificamente para os/as jovens.

Para dar resposta a estas questões, a dissertação em causa, a seguir a esta introdução, apresenta a seguinte organização: Parte I - Construção do Objeto de Estudo e da Problemática - onde é apresentado o objetivo do estudo e onde são discutidas as abordagens teóricas que se crê serem pertinentes para o mesmo. Nesta fase, em três capítulos, dá-se ênfase à problemática das juventudes, às diversas facetas e visões sociais e históricas, à relação com os espaços urbanos, com o mundo online e a dimensão europeia em matéria de juventudes. De seguida apresenta-se o lugar dos espaços urbanos nas juventudes, apresentando-se o foco na cidade do Porto. Sendo que este estudo se produz numa perspetiva de EpS, apresenta-se a seguir o lugar que a qualidade de vida e o bem-estar possui nas juventudes e qual a relação estabelecida entre ambos.

Na parte II – Caminhos Metodológicos - encontram-se as escolhas metodológicas feitas na investigação. Sendo este um estudo centrado na investigação qualitativa, utilizou-se como instrumento de recolha de dados uma triangulação empírica, com a presença da observação participante e respetivas notas de terreno, da entrevista semiestruturada e do *electronic focus group*. Acresce referir que foram utilizados mapas demonstrativos das trajetórias juvenis. Para isso foi necessário também apresentar o contexto e os/as participantes da investigação. Para a análise de dados recorreu-se à análise de conteúdo.

A apresentação da análise dos dados empíricos recolhidos inicia-se na parte III do documento – Análise dos Resultados – onde num primeiro momento se reflete novamente sobre o objeto de estudo e, posteriormente discute-se, confrontando a teoria com as perceções dos/as participantes. Esta III parte subdivide-se em três capítulos. O primeiro

evidencia-se através do conceito de bem-estar e das experiências que contribuem para o mesmo, tentando perceber qual o impacto que acarreta no grupo de pares, no seio familiar e no meio escolar. O segundo incide nos circuitos juvenis na cidade do Porto e na perspetiva destes/as jovens perante a cidade, no geral, e nos lugares urbanos, em particular. Consequentemente, o terceiro recai no presente e no futuro da cidade do Porto, tentando destacar as vivências, as mudanças e o futuro, tanto juvenil como do próprio centro urbano, na perspetiva dos/as participantes.

Numa IV parte - Considerações Finais – salienta-se as conclusões que se desencadearam deste caminho, fazendo-se uma reflexão final. Por fim, apresentam-se as referências bibliográficas.

PARTE I – CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

I - Construção do Objeto de Estudo e da Problemática

“A construção de um objecto de estudo é um processo de gestão de incertezas, constrangimentos e dilemas” (Silva, 2011, p. 25).

Ao longo de todo o processo de construção do objeto de estudo e da problemática surgem diversos dilemas e é a partir destes que o objeto de estudo se vai (re)construindo.

Por um lado, a construção do objeto de estudo, contém as referências e reflexões teóricas e metodológicas (que têm sentido num momento determinado da investigação), que variam consoante os objetivos de investigação e, também, por parte do/a investigador/a, mediante a escolha, elaboração, definição e organização tanto do contexto, dos/as participantes, bem como das questões éticas que atravessam todo o processo.

A segunda questão resulta das perceções dos/as participantes em relação ao objeto de estudo e caracteriza-se como um processo dinâmico, que dita o caminho próprio que a investigação vai ter.

Certo é que existem pressupostos que são levados para o terreno assim como um primeiro objetivo geral, todavia o objeto de estudo não se dá por finalizado no início da investigação mas a meio deste caminho, influência dos diferentes campos de análise, incluindo o/a próprio/a investigador/a. Estas questões estão intrinsecamente relacionadas: Primeiro, com as idiosincrasias dos/as próprios/as investigadores/as, as suas áreas de formação, aspirações, gostos, na medida em que todo o trabalho de investigação pressupõe que o/a investigador/a se envolva e que sinta precisamente uma vontade de investigar o tema escolhido; Segundo, o olhar perante o terreno, de acordo com os próprios dados que são observados. Assim, a definição deste objetivo integra uma determinada visão e apresenta uma determinada realidade social.

Nesta lógica de pensamento e recorrendo à afirmação de Haraway,

“I want to argue for a doctrine (...) that privileges contestation, deconstruction, passionate construction, webbed connections and hope for transformation of system of knowledge and ways of seeing” (Haraway, 1988, p. 584 e 585).

Este desejo e determinação vai ao encontro de Alison Jaggar quando afirma não existir uma investigação desapaixonada na medida em que, por um lado se tem a paixão que move o/a investigador/a para o tema e, por outro lado, a ansiedade de querer conhecer mais e melhor sobre esse determinado tema.

Não obstante, o objetivo desta investigação ambiciona reflectir sobre a questão: De que modo é que os/as jovens percebem e interpretam o(s) lugar(es) que ocupam na cidade do Porto.

Os objetivos específicos que orientam esta investigação centram-se em perceber: (1) de que modo é que a cidade se torna preponderante para o bem-estar dos/as jovens, (2) quais os espaços de lazer que a cidade do Porto disponibiliza do ponto de vista dos/as jovens como meio de socialização, (3) qual o olhar e o significado que os/as jovens atribuem a esses mesmos lugares e, por último, (4) qual o papel da EpS nestas questões.

Faz parte da aspiração desta investigação perceber em que aspeto o bem-estar se torna preponderante na vida destes/as jovens e, além disso, apreender de que modo se relaciona com o lazer e com os espaços urbanos identificados e utilizados por estes/as mesmos/as jovens.

Defende-se a importância deste estudo para analisar as questões das sociabilidades e dos circuitos juvenis e, principalmente, do ponto de vista da EpS, porque como Silva (2011) o refere, existem jovens que estão mais vulneráveis socialmente devido a muito daquilo que são as transformações sociais e o impacto que as mesmas possuem na juventude e, como tal, importa estar atento a estas questões e perceber o impacto que as mesmas acarretam na saúde dos/as jovens (no geral) e na qualidade de vida e bem-estar (no particular).

Todos/as consideram que se podem pronunciar perante os mais variados assuntos e que têm sempre algo a dizer sobre os mesmos, criando pré-conceitos. No entanto, quando se lida com a realidade e com a “epistemologia da escuta” (Berger, 2009), a verdade é que se torna fulcral discutir algumas questões a partir de conhecimentos empíricos que podem ser úteis para se pensar e elaborar outros estudos mais amplos. Como prova disso, considera-se essencial evidenciar a opinião descrita pela autora Silva (2011), quando afirma que

“o processo de procura, a investigação, realiza-se no plano claro-escuro do aparecimento e desaparecimento: entre a ideia ávida e incantatória de que as coisas são o que são e o questionamento que promove as primeiras rupturas com aquilo que se julga conhecer: e se eu olhasse para isto de outra maneira, do avesso? Como ver de novo?” (2011, p. 51).

Estes múltiplos questionamentos são importantes aquando de uma reflexão perante o conhecimento de determinado contexto e este caso não se torna exceção.

Nesta lógica de pensamento, considera-se redutor reduzir o significado das deambulações juvenis aos itinerários por eles/elas realizados. Como tal, investigou-se as modalidades de socialização/dessocialização, cobrindo, desta forma, o processo através do qual a sociedade “produz a sua juventude”.

Como em qualquer investigação, ao delinear as opções metodológicas a serem tomadas (neste caso, com a utilização de uma triangulação empírica – entrevista semiestruturada + observação participante + *e-focus group*) também surgiram questões que acabaram por orientar o meu olhar enquanto investigadora e o lugar perante o contexto e os/as participantes:

- (1) Que lugar ocupo, enquanto investigadora, na cidade do Porto?
- (2) Que distanciamento é possível realizar numa investigação feita com os/as jovens, vendo-me também como uma jovem e próxima das idades em estudo?
- (3) Qual é a visão dos/as jovens sobre o seu bem-estar? Como é que constroem o conceito? Como é que individualmente avaliam a sua qualidade de vida e o seu bem-estar?
- (4) Como é que o/a investigador/a pode garantir e medir o bem-estar destes/as jovens? Existirão diferenças significativas entre o género feminino e masculino?
- (5) Calcorreando os mais diversos pensamentos, questionamentos e caminhos decidiu-se montar uma estratégia que mostrasse o quotidiano da realidade vivida por estes/estas jovens, no entanto, como me distanciar da realidade tendo este objetivo em mente?
- (6) Será a afirmação social/passividade juvenil que desenvolvem na vida quotidiana, igual na socialização com os seus grupos de pares e no meio familiar?
- (7) De que forma é que os tempos quotidianos, especialmente os de lazer, são cruciais para o bem-estar destes/as jovens? Serão estes tempos aproveitados da forma que cada um anseia?
- (8) Que sentidos atribuem aos contextos de sociabilidade que frequentam?
- (9) Que tipo de argumentos serão apresentados por eles/elas para justificarem as suas posturas na sociedade?

É esta constante relação entre o objeto de estudo e os/as participantes que permite interpelar-se ao longo de toda a investigação sobre esta construção social, mediada numa relação dialética entre o meu papel de investigadora e os/as participantes do estudo. É o discurso dos/as jovens que importa e é neste discurso que se consegue reconhecer os seus ideais.

Sem nunca deixar de ter ciente que verdade aqui “é o conjunto das representações consideradas verdadeiras por serem produzidas segundo as regras que definem a produção da verdade” (Bourdieu, 2004, p. 101) e passíveis sempre de falsificação, embora não possam ser conclusivamente verificadas, sendo esse o critério mais basilar e mais demonstrativo da sua cientificidade (Popper, 1972).

Por fim, pretende-se clarificar que falar de juventude, educação e culturas juvenis é um desafio tanto para a educação, como para a compreensão da diversidade e, conseqüentemente, para a saúde e para o papel da EpS.

CAPÍTULO I – A problemática da(s) Juventude(s)

1.1. Juventude: da Unidade à Diversidade

“Vivendo, ou não, a mesma história, cultura ou tradição, a verdade é que não há um único tipo de jovem” (Waiselfisz, 2004, p. 18).

A juventude pode ser perspectivada dentro de inúmeras áreas e no caso concreto desta investigação, pretende-se abordar esta realidade do ponto de vista sociológico, educativo e de saúde, precisamente por ser considerada uma tarefa crucial e complexa, pois daí advém uma reflexão sobre a sociedade, situada histórica, social e culturalmente.

Devido às suas variadas denominações, é sabido que existe uma dificuldade em realizar, com precisão, uma análise global do conceito. Por este motivo, é que se torna prioritário abordar e refletir conceptualmente este conceito. Quando se pensa no conceito de juventude, atravessa-se um longo caminho baseado em diversas tensões e questionamentos. Quem são os/as jovens? O que se entende por juventude? Como e quando é que se deixa de ser jovem?

Ao longo daquilo que tem sido a história, a noção de juventude tem vindo a expressar diferentes sentidos e interpretações. Todavia, importa referenciar que ao falar de jovens, está-se a falar sobre as diversas formas de se estabelecer relações comunicacionais entre gerações que foram, inevitavelmente, criadas por diferentes culturas e sociedades. Como tal, é crucial ter-se presente que cada geração remete para “o momento histórico em que cada indivíduo se socializa. Cada geração incorpora novos códigos e sentidos ao capital cultural da sociedade em que está inserida” (Abramo, 2014, p. 13). Assim, aquilo que acontece é que “pertencer a uma ou a outra geração significa acionar diferentes repertórios e dimensões da memória social” (Abramo, 2014, p. 13).

Acresce referir que, hoje em dia, ao olhar para a juventude, surge imediatamente um dos pressupostos do âmbito da sociologia da juventude, que se centra em defini-la atendendo a uma idade. Posto isto, os limites cronológicos assumidos por parte da OMS são “entre 10 e 19 anos (...) e pela ONU entre os 15 e 24 anos²” (Eisenstein, 2005, p. 6).

Deste modo, torna-se relevante referenciar as duas perspetivas de análise da juventude: uma que a encara como uma etapa rígida – como se a passagem de cada um desses ciclos implicasse a superação do anterior, já a outra encara a juventude como um processo de crescimento, sendo que é vista sem um fim predeterminado, muito menos que é superado quando se entra na vida adulta. Uma visão que não assenta numa realidade empírica concreta (Dayrell, 2003). Centrando o pensamento na segunda perspetiva de

² A definição etária de juventude pode variar de país para país

Dayrell (2003), percebe-se a juventude como uma fase evolutiva, onde ocorre maturação biológica, bem como um crescimento e desenvolvimento bio-psico-socio-cultural. O início da juventude é marcado pela entrada na adolescência (com o início da puberdade), mas no que diz respeito à sua saída, esta tem limites muito difusos, até porque

“existe uma sequência temporal no curso da vida, cuja maturação biológica faz emergir determinadas potencialidades. (...) Uma sequência temporal não implica necessariamente uma evolução linear, na qual ocorra uma complexidade crescente, com a substituição das fases primitivas pelas fases mais maduras, de tal forma a cancelar as experiências precedentes” (Dayrell, 2003, p. 42).

Por tudo que anteriormente tem vindo a ser afirmado, é altura de clarificar a evolução histórica da juventude. A juventude começa por ser vista, com Bourdieu, como uma “unidade social”, com interesses comuns. Contudo, é Seda Nunes que diz não se poder englobar, num só grupo, indivíduos que entre si já se identificam como sendo diferentes (citado por Pais, 1993).

É Pais que propõe olhar para a juventude: “como aparente unidade (quando referida a uma fase de vida) e como diversidade (quando estão em jogo atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros)” (1993, p. 33). Nesta relação dialética entre unidade e diversidade, pode-se também ver a juventude como um grupo homogêneo (se comparado com outras gerações) e, quando em análise estão só os/as jovens, encaram-se como um conjunto social com diferentes atributos sociais, que os diferenciam entre si (Abramovay, *et al.*, 2007). No entanto, apesar das diferenças encontradas, pode-se destacar em comum “a procura pelo novo; a busca de respostas para situações e contextos antes desconhecidos; o jogo com o sonho e a esperança; a incerteza diante dos desafios que lhes são colocados ou inspirados pelo mundo adulto” (Abramovay, *et al.*, 2007, p. 26).

Nesta fase, afirma-se que o centro desta investigação encara a juventude não como uma fase de vida, com uma faixa etária estanque, até porque podem ser socialmente manipuláveis, mas sim como um processo, uma construção social, cultural e histórica. Tal como afirma Pais (1993), a juventude torna-se uma categoria socialmente construída e sujeita a modificar-se ao longo do tempo. Daí que construir a sua definição seja tão complexo, precisamente porque os critérios são culturais e históricos.

Neste sentido, existe a necessidade de olhá-la nesta perspetiva de diversidade e, para isso, enfatiza-se a partir daqui a noção de juventudes, no plural, porque assim pode-se ter em conta as identidades e singularidades de acordo com a realidade de cada jovem. Portanto, “falamos não mais em juventude, mas sim em Juventudes, no plural, na defesa de que existe uma especificidade nas diversas formas de ser jovem” (Pinto, 2012, p. 226).

1.2. Juventudes: A visão contemporânea desta categoria social

*“Compreender a juventude atual é desvendar o mundo de hoje”
(Novaes, 2007, p. 253).*

Na contemporaneidade, as juventudes tendem a ser uma fase que se prolonga durante mais tempo, visto que há mais lugar para a flexibilidade nos trajetos de vida, ao invés do que já existiu anteriormente. Todavia, existem tensões entre a autonomia e a independência pessoal nas juventudes, fazendo com que haja um prolongamento da dependência socioeconómica, consequência daquele que é um maior período de escolaridade e formação (Nilsen, 1998).

A questão histórica é muito importante porque ser-se jovem hoje e no passado não significa o mesmo. Como se tem vindo a ver, as juventudes são uma categoria histórica e social, datadas e inseparáveis do seu processo de constituição da modernidade, até porque “o homem constitui-se na relação com o outro” (Dayrell, 2003, p. 43) e as relações de sociabilidade juvenil também definem muito daquilo que são as juventudes.

Sob este ponto de vista, apesar de se constituir num momento determinado, a verdade é que não é uma mera transição e deve-se dar a mesma importância que se encontra nas demais etapas da vida (que não foram em nenhum dado momento chamadas de transitórias) (Krauskopf, 2003).

Neste seguimento lógico, afirma-se que as juventudes “não se reduz[em] a uma passagem, assumindo uma importância em si mesmo. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona” (Dayrell, 2007, p. 158), podendo constituir-se como um conceito heterogéneo.

É nesta fase evolutiva das juventudes que surge um “labirinto” de questões, obrigando os/as jovens a uma busca constante dos princípios de realidade (o que posso fazer?), do dever (o que devo fazer?) e do querer (o que quero fazer?) (Pais, 2003).

Bomfim (2006), a estas questões acrescenta outras: O que é queremos para nós e para onde vamos? O que pretendem os adultos de nós? Que mundo é este? Quais são as possibilidades e oportunidades (de trabalho, de emprego, de lazer) que a sociedade atual nos dá a nós enquanto jovens? Porque é que os adultos quando falam sobre nós, só pensam em termos de futuro e não do hoje?.

Esta é uma realidade importante de salientar, na medida em que existe uma preocupação crescente em compreender como é que os/as jovens vivem, “o que pensam e como reagem aos problemas que os atingem e, enfim, o que é ser jovem no início deste século” (Martins & Augusto, 2005, p. 2).

É dada como característica das juventudes uma instabilidade, que se encontra marcada pela incerteza e por uma abertura para a mudança. No entanto, esta realidade já

não se sustenta, hoje em dia, como fazendo parte única e exclusivamente das juventudes, mas de toda a sociedade (Souza, 2004).

Quanto às juventudes, tem-se consciência que “haverá várias, como várias serão as formas de ser jovem”. Por essa razão, torna-se fundamental pensar como é que os/as jovens encaram esta transição, tendo por base todos estes fatores referenciados anteriormente, como os seus planos de vida, estratégias para o futuro, modelos de identificação social; em suma, os seus modos de vida (Pais, 2003).

As transformações nas juventudes ocorrem; o modo como cada sociedade lida com a situação é que é diversificada, os quais se interligam com fatores de influência, como o grupo social e familiar, bem como fatores físicos, de género, culturais (etnia, identidade religiosa) e área geográfica.

Cada jovem é diferente entre si, com gostos, visões, crenças, formas de pensar e agir diversas. São estas diversas facetas do ser, ter e comportar-se que ajudam no desenvolvimento da identidade juvenil e, conseqüentemente, na constituição da cultura juvenil. É a valorização das juventudes associadas a diferentes estilos de vida. Contudo, existe uma generalização em assumir que o/a jovem está “mais exposto aos perigos e mais disposto a enfrentá-los” (Martins & Augusto, 2005, p. 3), precisamente porque existe uma maior necessidade de experimentar os limites e de enfrentar o perigo. Mas isto faz parte dos anseios dos/as jovens, testar os seus limites e potencialidades, vendo isto como um momento de experimentações e autonomia nas escolhas, só que essas escolhas não são desprovidas de sentido e têm sempre presente o contexto social e económico vivenciado pelos/as jovens naquele determinado momento.

Quando um/uma jovem comunica vai ao encontro da construção de sociabilidades. A sociabilidade enquanto construção de relações e laços afetivos torna-se promotora de educação e saúde, no seu significado mais abrangente.

1.3. Juventudes, Cidadania e Educação para o Desenvolvimento

“Nenhuma cidadania pode ser reivindicada quando o acesso à autonomia é vedado” (Pais, 2005, p. 63).

Desenvolver uma problemática voltada para as juventudes implica mobilizar o conceito de cidadania e de uma educação voltada para o desenvolvimento.

“Falar de cidadania implica falar de caras, de Identidades”, de identidades individuais e grupais. Neste sentido, “será que o ideal de cidadania se cumpre apenas na defesa da igualdade ou, também, no reconhecimento da diferença?” (Pais, 2005, p. 54).

Educar para a cidadania é uma realidade complexa e multifacetada que não se circunscreve ao desenvolvimento de um conjunto de atitudes e valores mas também de saberes e competências necessárias, num ambiente educativo de cidadania que permita a participação ativa, consciente e solidária no meio escolar e na sociedade. Por seu turno, a educação para a cidadania tem na sua base um propósito de mudança e uma importância acentuada nas diferentes práticas e contextos participativos, sendo eles, contextos de lazer, instituição escolar, vida familiar, convivência com o grupo de pares, entre outros.

Neste sentido, reconhece-se a educação para a cidadania como uma forma de “formar cidadãos responsáveis, críticos e participantes em questões comuns” (Freire-Ribeiro, 2008, p. 2), tornando-se fundamental aprofundar os conhecimentos da democracia, da cooperação e da participação, no exercício de uma aprendizagem conjunta, com valores, como a preocupação em formar cidadãos/cidadãs interessados/as e empenhados/as.

Nesta investigação, ao falar de cidadania e ao inter-relacionar com os/as jovens, torna-se preponderante refletir sobre uma perspetiva de saúde e de circuitos juvenis.

No que se refere à primeira, é importante deixar claro que os/as jovens devem-se envolver nas decisões e nas ações políticas. Não se trata de criar intervenções próprias para as juventudes, trata-se de garantir que os/as jovens recebem atenção nas políticas e programas relevantes para eles/elas. “To ensure that programmes and policies meet their needs, adolescents must be heard and must contribute to the planning, implementation, monitoring and evaluation of services” (WHO, 2014). Concomitantemente, a abordagem dos direitos humanos de saúde para as juventudes são fundamentais pelas seguintes razões:

“to be clear about the obligations of governments and other duty-bearers; to maintain a focus on equity; to support interventions and policies that are needed (...) and to ensure that adolescents are listened to and engaged” (WHO, 2014).

Por seu turno, é no terreno, que os/as jovens podem concretamente ter em conta os resultados do seu empenho pessoal. É através da participação no contexto escolar, na cidade, nas associações juvenis que adquirem simultaneamente a experiência e a confiança necessárias para investirem mais na vida pública, tanto localmente como à escala europeia, contribuindo assim para uma sociedade mais solidária e, conseqüentemente, assumirem plenamente a cidadania (CCE, 2001). Contudo, esta não é uma questão completamente linear, visto que os/as jovens sabem da existência de toda esta diversidade e nem sempre se torna uma tarefa fácil lidar com todas as diferenças que encontram entre si, criando fronteiras entre diferentes grupos, as relações de comunicabilidade e de pertença.

No que diz respeito aos circuitos juvenis, não se pode vincular o conceito de cidadania apenas ao conceito de integração, porque “importa também explorar os movimentos juvenis de expressão cultural, sem esquecer os sentimentos de pertença e as subjectividades que se investem nas relações de sociabilidade” (Pais, 2005, p. 56). Interessa olhar para esta

questão de um outro prisma: a existência de uma cidadania trajetiva (Virilio, 2000), em que os trajetos, contactos e aproximações ligam os indivíduos entre si.

Recorrendo a Pais (2005, p. 64) consegue-se perceber, em certo modo, a visão que a presente problemática pretende transmitir: “O urbano é um tecido de trajectos”.

1.4. Cultura Juvenil e a sua relação com os Espaços Urbanos

*“Nada se passa na alma que não se passe na cidade”
(Platão, séc. V a.C.).*

Não é possível falar de juventudes sem problematizar a questão das culturas juvenis, na medida em que é a partir destas que se constroem as identidades juvenis.

Antes de mais, importa salientar que cultura corresponde a um conjunto de símbolos e significações construídos e partilhados pelos/as jovens (Pinto, 2012, p. 226). Mais ainda,

“o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, educadores ou padrões, mas sempre tendo-os como referência, os jovens constituem culturas juvenis que lhes dão uma identidade de jovem” (Dayrell, 2007, p. 5 e 6).

Esta identidade juvenil é significativa na vida dos/as jovens e, para isso, contribui a dimensão cultural e as práticas culturais, o lazer e o tempo livre, que se podem apresentar em múltiplas facetas. Além disso, segundo Pais (1993), quando se fala em culturas juvenis, a referência é feita a modos de vida específicos e práticas quotidianas dos/as jovens que expressam certos significados e valores, tanto no âmbito das instituições como no da própria vida. Assim, é impossível compreender as culturas juvenis sem entender o significado que os/as jovens dão às suas acções (Reis, 2011, p. 13).

Na verdade, as experiências juvenis expressam-se de maneira coletiva, mediante distintivos estilos de vida. Esses “estilos distintivos”, identificados por meio do consumo de determinados produtos da cultura de massa, como roupas, música, adereços, formas de lazer etc., remetem à ideia das “subculturas” (Magnani, 2005, p. 176).

“Entender toda a simbologia cultural dos jovens é entender as suas formas de ver o mundo, de estar no mundo, incluindo saber que sentidos conferem às suas acções e às suas actividades quotidianas” (Pinto, 2012, p. 232). Em resumo, de certa forma, “a cultura diz-nos de onde viemos e para onde vamos” (Pais, 2005, p. 61).

Na perspetiva de Pais (1986, citado por Reis, 2011, p. 13), as trajectórias dos/as jovens devem ser vistas como movimento e como processo de socialização (forma como a sociedade constrói as juventudes) e de juvenilização (modo como as juventudes influenciam a sociedade).

Na realidade, as juventudes e as culturas juvenis são próprias das cidades e, por esse motivo, é que as cidades e as culturas se influenciam mutuamente. Aliás, “a vida das cidades condiciona a construção de espaços juvenis” (Catani & Gilioli, 2004, p. 17), porque os espaços disponibilizados para os/as jovens nas metrópoles ditam as trajetórias juvenis.

As cidades tornam-se “espaços específicos de trocas e expressões culturais pelos quais os jovens afirmam uma separação geracional” (Couto, 2009, p. 8), podendo ser consideradas cruzamentos de diversas vias de comunicação nos grupos juvenis e nos grupos geracionais e, conseqüentemente, pólos de desenvolvimento urbano e humano.

Em resumo, todos/as os/as jovens inscrevem-se em diferentes contextos devido também às diversas significações que os mesmos acarretam para si. Ou seja, não é possível entender os/as jovens sem lhes dar voz e sem compreender o significado das suas ações, o que pensam, sentem e porque agem de determinada forma.

Este é o cerne desta investigação, perceber pelos/as jovens quais os seus percursos, quais os significados dos mesmos e qual o papel da cidade nos seus processos de socialização e se isso acarreta conseqüências ao nível da saúde. É a visão dos/as jovens, situadas num tempo e espaço determinado.

1.5. Dimensão Europeia em matéria de Juventudes

*“O futuro da Europa está nas mãos dos seus jovens”
(CCE, 2009, p. 2).*

Falar de juventudes implica fazer uma breve reflexão sobre os documentos oficiais a nível europeu, sendo importante perceber quais as diretrizes europeias e nacionais voltadas para os/as jovens.

Desde os finais dos anos 80 que a União Europeia cria programas direcionados para as juventudes, mas só em 2001, com a publicação do “Livro Branco da Comissão Europeia - Um novo impulso à Juventude Europeia” é que se inicia o desenvolvimento de uma cooperação política voltada para a juventude (CCE, 2004).

“A juventude europeia não é um todo homogéneo. A diversidade social, económica, cultural e regional é patente tanto a nível colectivo, como à escala individual, e os poderes públicos nacionais e europeus devem estar atentos a esta diversidade” (CCE, 2001, p. 24). Por seu turno, “os jovens não constituem (...) um grupo estático (...) e as suas exigências, tal como os meios de expressão, têm evoluído constantemente” (CCE, 2006, p. 2).

Segundo é referido pela CCE (2006) & CCE (2001), percebe-se que a proporção de jovens está a decair e, por sua vez, a entrada na idade adulta e a própria autonomia ocorre mais tardiamente, devido em parte à dificuldade no acesso ao emprego e ao prolongamento

dos estudos, o que leva a que a constituição familiar seja deixada para segundo plano. Neste contexto atual, os percursos individuais são muito mais variados do que no passado. Apesar disso, deve-se encarar os/as jovens não como “um fardo para a sociedade, mas (...) sim, um recurso valioso que pode ser canalizado para se alcançarem objectivos sociais mais elevados” (CCE, 2009, p. 2).

Relativamente a esta temática, carece ter-se em conta as quatro prioridades temáticas propostas no Livro Branco: participação, informação, as atividades de voluntariado e, por último, uma maior compreensão e um maior conhecimento da juventude (CCE, 2004 & CCE, 2005), porque aliás, um dos objetivos do Livro Branco é precisamente poder melhorar a consciência que o público tem dos interesses dos/as jovens (CCE, 2004). Como objetivo geral para melhorar o conhecimento e a compreensão dos/as jovens, a CCE propõe:

“haver uma tomada de decisões políticas atempada, eficiente e sustentável [para] desenvolver um perímetro de conhecimento coerente, relevante e qualitativo no domínio da juventude na Europa e prever futuras necessidades, através do intercâmbio, do diálogo e da constituição de redes”³ (2004, p. 5).

No que diz respeito às juventudes, é propósito deles/as, serem “ouvidos e considerados como verdadeiros interlocutores”, pretendendo

“contribuir para construir a Europa, ter uma palavra no debate sobre a sua evolução. (...) Urge portanto dar-lhe os meios de exprimir as suas ideias, de as confrontar com as de outros agentes da sociedade civil” (CCE, 2001, p. 5).

Para isso, é importante passar essa informação aos/às próprios/as jovens (seja de forma direta, seja através dos contextos de socialização, como é o caso das escolas, associações, família, etc.). “A crescente participação dos jovens na vida da comunidade local, nacional e europeia, e a emergência de uma cidadania activa constituem assim um dos desafios cruciais não só para o presente mas igualmente para o futuro das nossas sociedades” (CCE, 2001, p. 11). É importante este envolvimento juvenil para que se possa construir uma “Europa inclusiva” (CCE, 2005), porque a participação (ou falta dela) dos/as jovens ressentem-se a variados níveis, nomeadamente na educação, saúde, a nível económico e social e no bem-estar dos/as jovens. Estes fatores interligam-se e acarretam consequências no futuro (CCE, 2007).

³ Para isso, identificaram-se objetivos comuns: (1) Identificar o know-how existente em domínios prioritários relativos à juventude (nomeadamente, participação, informação e atividades de voluntariado) e aplicar medidas para complementar, actualizar e facilitar o acesso a esses conhecimentos; (2) Identificar o know-how existente em mais domínios prioritários de interesse na área da juventude e aplicar medidas para complementar, actualizar e facilitar o acesso a esses conhecimentos; (3) Garantir a qualidade, a comparabilidade e a pertinência dos conhecimentos na área da juventude através de métodos e ferramentas apropriados; (4) Facilitar e promover o intercâmbio, o diálogo e a constituição de redes, de modo a assegurar a visibilidade no que respeita ao know-how relativo à juventude e prever necessidades futuras (2004, p. 5).

Acresce afirmar que “uma boa saúde é um requisito para constituir capital humano e assegurar a plena participação” (CCE, 2007, p. 9), visto que existem diversos problemas de saúde que podem ser prevenidos em idades precoces, apesar de a “saúde dos jovens [ser] fortemente influenciada pela situação familiar, escolar e social” (CCE, 2007, p. 9).

Apesar disso, este estudo também tem de partir das próprias juventudes. Devem ser capazes de desenvolver sentido de responsabilidade nas várias instâncias das suas vidas, nomeadamente, na saúde, na educação e, também, na integração e empenhamento social – uma participação e cidadania ativa.

A saúde é, sem dúvida, uma preocupação com destaque para a União Europeia, até porque um dos objetivos em matéria da juventude (2010-2018) centra-se precisamente na temática: “saúde e bem-estar”. O objetivo é

“apoiar a saúde e o bem-estar dos jovens, dando destaque à promoção da saúde mental e sexual, do desporto, da actividade física e de um estilo de vida saudável, bem como à prevenção e ao tratamento dos ferimentos, dos distúrbios do comportamento alimentar, das dependências e da toxicodependência” (Jornal Oficial da União Europeia, 2009, p. 7).

As iniciativas dos Estados-Membros e da Comissão, entre outras, dizem respeito a:

“nas actividades de promoção da saúde e do bem-estar dos jovens deve ser tido em conta que a saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade; Encorajar um estilo de vida saudável entre os jovens através da educação física, da educação alimentar, da actividade física e da colaboração entre as escolas, os animadores de jovens, os profissionais de saúde e as organizações desportivas; Mobilizar as partes interessadas a nível local para detectar e ajudar os jovens em risco e para os orientar, sempre que necessário, para outros serviços; Facilitar o acesso aos serviços de saúde existentes, tornando-os mais acolhedores para os jovens” (Jornal Oficial da União Europeia, 2009, p. 7).

Em suma, “a saúde deve ser considerada como um factor de integração social e de empoderamento dos jovens e como um corolário indispensável para o desenvolvimento da sua cidadania activa” (Jornal Oficial da União Europeia, 2008, p. 1), nomeadamente porque é essencial para um saudável desenvolvimento dos/as jovens que estes/as tenham, em seu redor, ambientes físicos e sociais saudáveis. Isto tanto é importante ser pensado a nível local, como regional, nacional e europeu.

Portanto, posteriormente a estas referências da CCE e do Jornal Oficial da União Europeia, urge refletir sobre as diretrizes do programa Erasmus+ da UE, voltado para os domínios da educação, da formação, da juventude e do desporto para o período de 2014-2020. Este programa tem como objetivo fundamental pensar no papel que a educação tem no futuro bem-estar dos/as cidadãos/cidadãs e permite ter uma visão alargada daquilo que está a ser pensado para as juventudes.

Para isso existem uma série de objetivos específicos a realizar, que passo a citar:

“melhorar o nível de competências e aptidões fundamentais dos jovens, incluindo os menos favorecidos, e promover a participação na vida democrática europeia e no mercado de trabalho, a cidadania ativa, o diálogo intercultural, a inclusão social e a solidariedade (...); complementar as reformas das políticas aos níveis local, regional e nacional, e apoiar o desenvolvimento de políticas de juventude baseadas no conhecimento e dados factuais, bem como o reconhecimento da aprendizagem não-formal e informal (...); reforçar a dimensão internacional das atividades no domínio da juventude (...)” (Comissão Europeia, 2014, p. 30).

Parafraseando o mesmo documento, têm também como prioridade, neste âmbito:

“promover a inclusão social e o bem-estar dos jovens (...); incentivar comportamentos saudáveis, em particular pela promoção da prática de atividades ao ar livre e do desporto de base, como meio de promover estilos de vida saudáveis, bem como fomentar a inclusão social e a participação ativa dos jovens na sociedade; sensibilizar para a cidadania da UE e seus direitos inerentes e estimular a participação ativa dos jovens na elaboração das políticas da UE (...); desenvolver competências básicas e transversais, como o empreendedorismo, as competências digitais e o multilinguismo no domínio da juventude, (...) melhorar a integração das tecnologias da informação e comunicação (TIC) nos domínios da animação de juventude e aprendizagem não-formal (...)” (Comissão Europeia, 2014, p. 31).

Este é, sem dúvida, um longo caminho a percorrer e a plena concretização destas práticas é o mote ideal a alcançar.

1.6. Juventudes e a relação com o mundo online: do real ao imaginário

“As novas tecnologias, especialmente a Internet, são uma realidade irretornável na vida contemporânea” (Sousa, 2011, p. 176).

Atualmente, as tecnologias estão disseminadas por toda a parte e no refúgio daquele que é o espaço doméstico, a televisão e a internet são como janelas abertas para um mundo ao qual todos/as conseguem aceder. Como tal, por causa de toda a evolução e exposição tecnológica, os/as jovens puderam e podem desfrutar de um poder que outrora não era possível (Pais, 2005). Constituem-se numa marca geracional deste século XXI.

Olhando para a realidade em redor, facilmente se verifica que as relações entre cultura e comunicação têm-se vindo a modificar, principalmente no que concerne às juventudes, pois estes meios de comunicação produzem expedientes que favorecem a comunicação e a identificação entre jovens de uma maneira historicamente inédita, modificando assim aquele que é o processo de socialização e criando novos padrões de sociabilidade (Abramo, 2014).

Não é possível, na atualidade, dissociar as juventudes do mundo virtual, precisamente porque para eles/elas este é um dos espaços que é identificado como sendo de criação de movimentos juvenis, de redes comunicacionais, onde podem discutir livremente mensagens, imagens e visões do mundo e por esse motivo é que se quis potencializar estas afinidades da atual geração juvenil com as novas tecnologias.

Por seu turno, importa evidenciar um conceito crucial: tecnossociabilidade. Segundo Castells (2007), o conceito de “tecnossociabilidade” põe ênfase nas tecnologias de comunicação não como ferramentas mas como contexto, condições ambientais que tornam possíveis “novas maneiras de ser, novas cadeias de valores e novas sociabilidades sobre o tempo, o espaço e os acontecimentos culturais” (citado por Abramo, 2014, p. 82-83). Mas aqui e como em tudo, é preciso não minimizar a existência de diferentes combinações entre as formas de sociabilidade tradicional (família, escola, grupo de pares) e a tecnossociabilidade. Existe uma variedade de segmentos juvenis e ao falar deste conceito corre-se o risco de homogeneizar, minimizando o peso que as formas de sociabilidade acarretam para a vida dos/as jovens e, mais, camuflando as desigualdades que podem surgir no acesso aos meios de comunicação (citado por Abramo, 2014, p. 82/83).

Ao longo desta reflexão, têm vindo a ser postas em evidência algumas questões: Como é que os/as jovens, de diferentes camadas sociais, se relacionam com os imaginários dos media? Como é que estabelecem relações entre esse imaginário e o quotidiano real das suas vidas, ou seja, em que medida essas novas tecnologias afetam as relações sociais juvenis? Com estas novas tecnologias, que tipos de laços sociais são estreitados ou desfeitos? De que maneira expressam a necessidade crucial de “estar-com” o Outro? De que modo os/as jovens se submetem ou reinventam no uso dessas tecnologias? (Fischer, 2008 & Sousa, 2011).

Fazendo referência a Simmel (2006), este compreende o social como um conjunto de relações, cuja totalidade social é relacional, não concebendo uma dicotomia ou separação entre os indivíduos e a sociedade, pois “somente existe indivíduo na sociedade e sociedade no indivíduo” (citado por Sousa, 2011, p. 183).

Em forma de conclusão, afirma-se que “embora a Internet, ao criar redes sociais, possa favorecer a ampliação de redes de interação, também pode, paradoxalmente, potencializar o desenvolvimento do individualismo, característica do modo de vida metropolitano” (Sousa, 2011, p. 183). Tendo sempre em vista as relações comunicacionais com o Outro, deve-se retirar das novas tecnologias as suas vantagens, mas tendo consciência que é nesta partilha direta e vivência em sociedade que é possível tornar-se jovens ativos na sociedade.

CAPÍTULO II – Espaços Urbanos

2.1. Breve análise perante os Espaços Urbanos: o foco na cidade do Porto

*“ [As cidades] nasceram sob o duplo signo do poder e do progresso”
(Jacques, 1963, p. 582).*

Contextualizando historicamente, segundo Jacques 1963, as cidades possuem diversas funções, nomeadamente funções relacionadas com o comércio, a indústria, a administração e a defesa. Ao longo da história é perceptível a visão da cidade do ponto de vista da economia de trocas. Estas relações são facilitadoras de vias de comunicação e não é por acaso que as cidades aí se localizam, tendo em conta que estas redes de comunicação privilegiam o crescimento e desenvolvimento das cidades.

Posto isto, importa realçar o protagonismo que as cidades têm vindo a alcançar, nas últimas décadas, tanto no que diz respeito à vida quotidiana dos/as cidadãos/cidadãs, nomeadamente nas transformações urbanísticas e no que tudo isso acarreta, como também nas relações internacionais e na promoção de redes de comunicação que daí advêm.

Nesta lógica de pensamento deve-se refletir e dar importância perante o estudo da cidade como um local privilegiado de construção de identidades, de promoção de bem-estar e enquanto espaço de lazer para as culturas juvenis.

Esta é uma questão crucial, tanto para os propósitos desta investigação, como para o olhar do/a investigador/a perante o desenvolvimento da cidade e dos espaços juvenis. O foco urbano existente nesta investigação é a vivência na cidade do Porto e, para isso, é necessário ter em conta a importância desta metrópole, pois vive-se num tempo marcado por grandes alterações a nível social, cultural, económico e político.

Por seu turno, é crucial desconstruir proposições inerentes aos próprios conceitos de qual o melhor processo de desenvolvimento e o melhor aproveitamento que os/as jovens farão da cidade, na medida em que as idiossincrasias de cada um/a e as suas próprias socializações é que ditam um pouco o olhar que possuem dos espaços, tendo claro que são questões subjetivas mas importantes de serem analisadas.

2.2. Conceitos em torno da noção de cidade

“As cidades são comunidades de pessoas e, logo, pólos de conhecimento e criatividade” (Selada, 2012, p. 10).

A cidade fortalece o homem e a mulher enquanto membros de uma comunidade, porque a vida em comunidade potencia capacidade e desenvolve lideranças e hierarquias e, por esse motivo, a cidade pode fragilizar o homem e a mulher, do ponto de vista da sua existência isolada. Aliás, a “cidade é o habitat natural do homem e é na relação que com ele estabelece que se baseia qualquer civilização” (Rossa & Olaió, 2007, p. 17). Urge, assim, refletir sobre a cidade como uma possibilitadora de vivências sociais.

Não existe civilização⁴ sem cidade⁵ mas o conceito cidade também é parte integrante do de civilização, uma vez que existe uma rede orgânica de trocas de serviços entre as instituições, produzindo conhecimentos e tornando a sociedade mais evoluída em todas as vertentes da vida do dia-a-dia.

Ao falar-se do conceito de cidade, nesta investigação, tornou-se fator importante evidenciar dois outros conceitos: *Cidade Educadora* e *Cidade Saudável*.

2.2.1. Cidade Educadora

De acordo com a carta das Cidades Educadoras, O movimento Cidades Educadoras iniciou-se em 1990, por ocasião do I Congresso Internacional, realizado em Barcelona. Iniciou-se por um grupo de cidades que tinham como objetivo comum trabalhar em projetos/atividades para melhorar a qualidade de vida dos habitantes, a partir do seu envolvimento ativo na utilização e desenvolvimento da própria cidade. Mais tarde, em 1994, este movimento foi formalizado como Associação Internacional (Carta das Cidades Educadoras, 2013).

Descrito na Carta das Cidades Educadoras estão as preocupações inerentes a este movimento. Pode-se salientar que: “hoje mais do que nunca as cidades, grandes ou pequenas, dispõem de inúmeras possibilidades educadoras, mas podem ser igualmente sujeitas a forças e inércias deseducadoras” (Carta das Cidades Educadoras, 2013, p. 2). Ao

⁴ “1. conjunto das instituições, técnicas, costumes, crenças, etc., que caracterizam uma sociedade ou um grupo de sociedades determinadas; 2. Conjunto dos conhecimentos e realizações das sociedades humanas mais evoluídas, marcadas pelo desenvolvimento intelectual, económico e tecnológico” (infopédia – dicionário porto editora).

⁵ “1. Meio geográfico e social caracterizado por uma forte concentração populacional que cria uma rede orgânica de troca de serviços (administrativo, comerciais, profissionais, educacionais e culturais); metrópole; 2. Tipo de vida e de hábitos socioculturais do meio urbano, por oposição ao campo; 3. Conjunto de habitantes daquele meio” (infopédia – dicionário porto editora).

caracterizar a cidade educadora, percebeu-se que a mesma tem uma “personalidade própria” e que pretende relacionar-se diretamente com o seu meio envolvente. “O seu objectivo permanente será o de aprender, trocar, partilhar e, por consequência, enriquecer a vida dos seus habitantes” (Carta das Cidades Educadoras, 2013, p. 2). Por sua vez, estas cidades educadoras devem-se “ocupar-se prioritariamente com as crianças e jovens, mas com a vontade decidida de incorporar pessoas de todas as idades, numa formação ao longo da vida” (Carta das Cidades Educadoras, 2013, p. 2). Aqui, as crianças deixam de ser “protagonistas passivos da vida social e, por consequência, da cidade” (Carta das Cidades Educadoras, 2013, p. 3) e passam a fazer parte das preocupações e programas a desenvolver na cidade, tentando encontrar o lugar que lhes cabe na realidade social.

Neste documento são igualmente partilhados os grandes desafios do século XXI:

“Primeiro “investir” na educação de cada pessoa, de maneira a que esta seja cada vez mais capaz de exprimir, afirmar e desenvolver o seu potencial humano, assim como a sua singularidade, a sua criatividade e a sua responsabilidade. Segundo, promover as condições de plena igualdade para que todos possam sentir-se respeitados e serem respeitadores, capazes de diálogo. Terceiro, conjugar todos os factores possíveis para que se possa construir, cidade a cidade, uma verdadeira sociedade do conhecimento sem exclusões, para a qual é preciso providenciar, entre outros, o acesso fácil de toda a população às tecnologias da informação e das comunicações que permitam o seu desenvolvimento” (Carta das Cidades Educadoras, 2013, p. 2).

Em conclusão, é crucial relacionar e situar este conceito à luz das cidades aqui inseridas e perceber o lugar da cidade em estudo. Atualmente, a nível mundial encontram-se associados 13 países, dos quais se encontram 381 cidades. No caso de Portugal, importa salientar que existem 53 cidades incluídas neste movimento, sendo que a cidade do Porto faz parte desta lista de Cidades Educadoras.

2.2.2. Cidade Saudável

O conceito Cidade Saudável foi lançado em Toronto, nas décadas de 70/80. Surgiu associado à ideia de que a promoção da saúde da população requeria a criação de ambientes residenciais e de trabalho sadios e prósperos. No entanto, este conceito apenas se consolidou nas duas últimas décadas, no quadro de uma nova visão para a promoção da saúde (Simões, 2007).

Posto isto, importa dizer que o Movimento Cidade Saudável, mais que um conceito, é uma estratégia de promoção de saúde, que deve ser permanente e, por isso, não deve estar sujeito às diferentes mudanças de governo, sendo que tem como objetivo maior a melhoria

da qualidade de vida da população (Adriano *et al.*, 2000). Saudável não deve ser encarado como um estado final, mas algo que pode e deve ser sempre melhorado.

Continuando nesta definição e caracterização do Movimento e olhando para a perspectiva da OMS (1995), para que uma cidade se torne saudável, ela deve esforçar-se para proporcionar:

“1) Um ambiente físico limpo e seguro; 2) um ecossistema estável e sustentável; 3) alto suporte social, sem exploração; 4) alto grau de participação social; 5) necessidades básicas satisfeitas; 6) acesso a experiências, recursos, contactos, interações e comunicações; 7) economia local diversificada e inovativa; 8) orgulho e respeito pela herança biológica e cultural; 9) serviços de saúde acessíveis a todos e 10) alto nível de saúde” (citado por Adriano *et al.*, 2000, p. 55).

Por estas palavras acima referidas, pode-se então afirmar que uma

"cidade saudável é aquela que está continuamente a criar e a desenvolver os seus ambientes físico e social, e a expandir os recursos comunitários que permitem às pessoas apoiarem-se mutuamente nas várias dimensões da sua vida e no desenvolvimento do seu potencial máximo" (Goldstein & Kickbusch, 1996 citado por RPCS⁶, 2013).

Concomitantemente, deve-se perceber este movimento como uma estratégia universal, contudo não homogénea, porque primeiro existe uma evolução temporal que deve ser tida em conta no aperfeiçoamento deste conceito e, por outro lado, não se pode esquecer que o trabalho a desenvolver nos diferentes países deve ser contextualizado à realidade aí vivida.

Em relação ao primeiro tópico, o amadurecimento do conceito de Cidade Saudável sustenta-se em dois focos essenciais:

“(1) o da própria evolução da concepção de saúde, que vê o seu foco deslocado do indivíduo para a sociedade e do tratamento para a prevenção e promoção, donde resulta que a saúde em vez de ser considerada simplesmente como oposição à doença, passa a ser percebida como um estado completo, ainda que relativo, de bem-estar físico, psíquico e social; (2) o do reconhecimento da crescente importância da cidade nas sociedades contemporâneas e da sua abordagem como espaço colectivo onde múltiplos factores e determinantes da saúde convergem e se inter-relacionam” (Simões, 2007, p. 42).

Continuando nesta reflexão, enquanto “nos países desenvolvidos, a preocupação com a melhoria da qualidade de vida concentra-se em intervenções que buscam mudanças do estilo de vida, traduzidas em hábitos mais saudáveis” (Adriano *et al.*, 2000, p. 56), no que diz respeito aos países em desenvolvimento têm sido priorizados aspectos quantitativos de melhoria dos níveis de saúde e dos serviços, do acesso ao saneamento básico, moradia

⁶ Rede Portuguesa de Cidades Saudáveis

etc., ainda que sem perder de vista outras variáveis correlacionadas à qualidade de vida e à preservação do meio ambiente (Adriano *et al.*, 2000).

Já no que diz respeito à realidade dos diferentes países, é relevante fazer-se uma breve referência àquilo que são os pressupostos a nível mundial e a nível nacional, situando Portugal e mais especificamente a cidade do Porto, neste movimento de Cidades Saudáveis. Sendo assim, em Portugal, o processo de constituição da Rede Portuguesa de Cidades Saudáveis foi oficialmente lançado em 1997. Atualmente, em 2015, existem 27 cidades incluídas nesta rede, mas da qual a cidade do Porto ainda não faz parte⁷.

2.3. A cidade como promotora da participação ativa das Juventudes

“A vitalidade das cidades vem dos que informalmente circulam no espaço público da cidade: a rua (...). A rua é por jovens reivindicada como um palco de cultura participativa” (Pais, 2005, p. 57/58).

Nos finais do século XIX e princípios do XX, foi surgindo, nos espaços urbanos, uma progressiva definição de imagens culturais (Franch, 2002).

“As cidades nunca foram meros sítios, sempre significaram algo” (Reis, 2011, p. 3). Aliando esta realidade às juventudes, é de afirmar que o espaço urbano é um lugar de excelência para os/as jovens e, por isso, as manifestações juvenis tendem a proliferar-se e a complexificarem-se, “de modo a configurar um novo panorama cultural”. “Trata-se de pensar como o espaço público urbano se estruturará [na] sua relação com as culturas dos jovens” (Catani & Gilioli, 2004, p. 36).

Acresce continuar afirmando que estes espaços físicos são locais de influência; com sentidos próprios mediante os diferentes significados que acarretam e, por isso, tendem a transformar-se em espaços sociais. As redes sociais vividas nesses espaços possibilitam que os/as mesmos/as se transformem e promovam interações providas de sentido. Exemplo disso é o

“sentido que atribuem à rua, às praças, aos *bares da esquina*, que se tornam (...) o lugar privilegiado da sociabilidade ou, mesmo, o palco para a expressão da cultura que elaboram, numa reinvenção do espaço. Podemos dizer que a condição juvenil, além de ser socialmente construída, tem também uma configuração espacial” (Pais, 1993 citado por Dayrell, 2007, p. 1112).

De facto, ao falar dos locais não se pode deixar de considerar o uso que os/as jovens fazem dos seus tempos, tendo em conta o meio que os envolve. Apreende-se como sendo importante

⁷ <http://redecidadessaudaveis.com/index.php/pt>

“olhar e tentar ‘decifrar’ a realidade juvenil através das ‘retóricas’ sociais e ‘deambulações’ quotidianas que aparecem associadas a formas distintas de consumir o tempo e se traduzem, em grande parte dos casos, em formas específicas de sociabilidade juvenil” (Pais, 1993, p. 12).

Um importante elemento da vivência juvenil são as conversas quotidianas que permitem aos/às jovens elaborarem visões compartilhadas acerca do mundo, negociarem significados e criarem cumplicidades que alimentam a existência dos diversos grupos de pares.

As atividades realizadas pelos/as jovens começam a ser entendidas como formas significativas de expressão e participação em grupos juvenis que permitem compreender aspetos importantes da vivência desse grupo social, como as relações entre o grupo e as diferentes gerações, as lógicas de sociabilidade e os processos de criação de identidades locais (Franch, 2002). Nestes casos é determinante que se tenha sempre presente as diferenças sociais e de género. Como afirma Castro *et al.*, (2006), “a cidade é o espaço das diferenças” e estas diversidades pessoais tanto são nas relações diretas face a face, como através do poder dos mercados a nível nacional e internacional. A construção da individualidade do/a jovem enquanto sujeito ativo na sociedade implica o reconhecimento desta realidade social e previne muito daquilo que são os problemas de saúde (tanto ao nível físico como psicológico) vividos pelas juventudes deste século.

2.4. A Cidade e a Saúde: uma perspetiva de educação e saúde

“A cidade é refúgio mas é, também, ameaça. A cidade une mas, simultaneamente, discrimina. A cidade protege, ao mesmo tempo que agride” (Santana, 2007).

“A saúde de quem vive na cidade é influenciada pelo local de residência e (...) pelas características do ambiente natural, social e económico e pela qualidade e acessibilidade dos serviços públicos existentes” (Machado, 2007, p. 11). Ou seja, percebe-se que a saúde não resulta apenas dos comportamentos mas também dos contextos ecológicos em que cada indivíduo se move. Esta relação dialética entre contexto e população é crucial quando a preocupação se centra na saúde da cidade. Referindo Nogueira, *et al.*, (2007), é mediante os lugares que se ocupa, que são criadas diferenças ao nível da saúde da população, porque todos os lugares são diferentes entre si.

Consequentemente, afirma-se que o conceito de saúde apesar de parcial e subjetivo (tendo neste caso concreto uma visão ocidental) é, também, transversal a todos/as e quando relacionado com o de cidade, percebe-se que é no envolvimento da sociedade civil e das autarquias que podem ser criadas “cidades saudáveis”. Cabe a cada um/a ajudar na

construção de uma cidade “refúgio”, “unida” e “protegida”. É importante o envolvimento de todos os grupos sociais nesta promoção de saúde e bem-estar. Urge afirmar esta importância da articulação entre as questões relativas à cidade e à saúde (especificamente direcionadas para as juventudes), precisamente porque é imprescindível cuidar da “saúde” da cidade.

Portanto, consolida-se a ideia de que “as cidades são centrais no bem-estar que proporcionam à sua população, na medida em que adquirem, cada dia mais, um forte protagonismo tanto na vida política como na vida económica, social, cultural e nos meios de comunicação” (Castells & Borja, 1996, p. 152). Com isto se clarifica que o momento e a situação em que a cidade se encontra, pode provocar ou promover saúde, qualidade de vida e bem-estar. “A saúde e a qualidade de vida dos habitantes só estão asseguradas se a cidade não estiver doente” (Gaspar, 2007, p. 23).

Em suma, é crucial a consciência e atuação, do ponto de vista da EpS, para que este objetivo seja alcançado.

CAPÍTULO III – Qualidade de Vida & Bem-estar: Um debate essencial nas Juventudes

3.1. Breve olhar sobre a Qualidade de Vida

*“A busca da qualidade de vida por meio da estratégia da promoção da saúde (...) alarga o horizonte, amplia o universo das ações possíveis, recompõe a característica multifatorial e multidisciplinar nos fenómenos da saúde e ressalta a importância da ação intersectorial, da participação ativa dos indivíduos e da comunidade ao nível local”
(Terris, 1996 citado por Tamaki, 2000, p. 20).*

A noção de Qualidade de Vida (QV) tem sido inúmeras vezes utilizada quer no dia-a-dia da população, quer numa perspetiva científica, tornando-se um tema central tanto para a população em geral e para todos os setores que a envolvem, como para o desenvolvimento dos centros urbanos.

A consciência relativamente à QV é inquietante para “o homem ocupado com os problemas da sociedade industrial e tecnológica e para o homem da rua que vive o [quotidiano] de nossas grandes aglomerações urbanas” (Coimbra, 1972 citado por Tavares, 2011, p. 23).

É de toda a relevância estudar o conceito de QV e as suas implicações, por toda a variabilidade presente na sua definição, porque se altera mediante a época histórica e a sociedade em causa. Consequentemente, aquilo que permite saber quais são os padrões de conforto e de bem-estar de uma sociedade está relacionado com a capacidade de fazer uma síntese de todos os elementos que são, ou não, incluídos no conceito de QV dessa determinada sociedade (Tavares, 2011).

Este conceito sofre influência de fatores externos que o prejudicam e a identificação dos mesmos (apesar de difícil por causa da sua complexidade) pode auxiliar na elaboração de medidas que contribuam para a sua melhoria, ampliando as alternativas de prevenção e promoção de saúde. De facto, a QV é mutável em relação ao tempo, local, pessoa e contexto cultural e, assim sendo, este conceito sendo multidimensional deve ser pensado de forma holística⁸ (Tavares, 2011).

É de realçar a visão com que se observa e investiga este conceito, pois tanto pode ser analisado num sentido genérico, como num paradigma médico – assistencialista (Minayo, Hartz & Buss, 2000). Opta-se pelo primeiro, pois na ótica de investigadora, a QV é um

⁸ “Talvez não seja possível definir exatamente o que é qualidade de vida. A discussão no meio académico segue em dois pólos: um vê as condições que o poder público (e a sociedade como um todo) oferece ao cidadão; o outro olha como o indivíduo percebe a satisfação de suas necessidades” (Derbli, 2010)

conceito eminentemente humano e uma construção social, tendo sempre a marca da relatividade cultural, que neste caso se centra na amostra de jovens que vivem (n)a cidade do Porto. Por isso, aquilo que importa é ver este conceito de forma interdisciplinar e intersetorial e analisar o grau de satisfação e bem-estar dos/as jovens na sua vida familiar, escolar, social, cultural, económica e ambiental.

Como já foi referenciado, a QV é um construto e, como tal, “não pode ser completamente operacionalizado e diretamente medido” (Tesch, Oliveira & Leão, 2007, p. 2556). Estando-se ciente disso, consolida-se a ideia de que tanto o método qualitativo como o quantitativo têm falhas na análise deste conceito, mas não deixa de ser relevante, porque toda a subjetividade presente é basilar e apresenta a perceção do indivíduo em concreto, que de outra forma nunca conseguiria adquirir.

3.2. Qualidade de Vida: uma perspetiva histórica

“Há, para o conceito, uma variabilidade e pertinência de acordo com uma determinada época e sociedade” (Tavares, 2011, p. 27).

Não é possível problematizar e discutir o conceito de QV sem primeiro contextualizá-lo historicamente, fazendo um levantamento da sua evolução, isto porque “conhecimento sem história não é conhecimento, é informação” (Junior & Vilarta, 2004, p. 34).

Como se pode conferir pela descrição que a seguir se segue, o contexto histórico da QV e o interesse pela temática e pela sua discussão é bastante recente.

O termo QV, apesar de não adquirir um consenso claro, pensa-se que tenha surgido, pela primeira vez na literatura, entre a década de 20 e 30 (Gordia, *et al.*, 2009 & Tavares, 2011).

Apesar disso, o termo foi retomado novamente, em 1964, na Segunda Guerra Mundial, pelo Presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson, aquando de uma preocupação crescente com as políticas públicas, que pretendiam visar a “(...) melhoria do padrão de vida, principalmente relacionado com a obtenção de bens materiais, como casa própria, carro, salário, e bens adquiridos” (Kluthcovsky & Takayanagui, 2007, p. 14).

Esta visão economicista da QV permitiu, na altura, dar conta das desigualdades económicas e sociais, nomeadamente do ponto de vista da satisfação das necessidades básicas, existentes na população.

Posteriormente, entre a década de 70 e 80, este conceito foi ampliado, tornando-se prioridade correlacionar o bem-estar com o desenvolvimento social, designadamente, uma preocupação com a melhoria dos padrões educacionais, de saúde e lazer (Tavares, 2011).

Já no que se refere à década de 90, recorre-se à definição da OMS, que define QV como “a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (WHOQOL, 1995).

Apesar da existência desta definição, a verdade é que continua-se a encarar este conceito como abrangente e complexo, devido à forma como evoluiu e às diferentes visões e campos de atuação na qual é utilizado, como também por causa de todas as interligações que lhe estão subjacentes, nomeadamente os aspetos materiais e imateriais, aspetos individuais e coletivos e os aspetos objetivos e subjetivos.

Em relação aos aspetos materiais, estes dizem respeito às necessidades básicas do ser humano, ou seja, o acesso a saneamento básico, condições de habitabilidade, sistema de saúde – questões que muito se interligam com aspetos físicos e estruturais. Fazendo uma retrospectiva histórica e ainda hoje em dia para as sociedades que são menos desenvolvidas, é de fácil percepção que estas questões eram e são centrais e estavam e estão no foco das discussões sobre QV. Os aspetos imateriais, têm atingido, hoje em dia, um papel mais fundamental, na medida em que se relacionam com o ambiente, o património cultural e o bem-estar (Santos & Martins, 2002 & Tavares, 2011).

Os aspetos individuais relacionam-se muito mais com aspetos da ordem pessoal e familiar do indivíduo, bem como as suas relações pessoais e condições económicas. Já no que concerne aos aspetos coletivos, estes estão mais ligados aos serviços básicos e serviços públicos (Santos & Martins, 2002 & Tavares, 2011).

A QV é aqui percecionada como a condição humana resultante de parâmetros individuais (hereditariedade e estilo de vida) e sócio-ambientais (segurança, habitação, transportes, educação, lazer, assistência médica), que são modificáveis (ou não) e que caracterizam as condições em que vive o ser humano (Gordia *et al.*, 2009). Com isto entende-se que a QV depende das condições de existência mas também do acesso que é disponibilizado a esses bens e serviços.

Por último, os aspetos objetivos e subjetivos estão muito relacionados com a visão quantitativa e qualitativa. Ou seja, enquanto os primeiros têm essa visão quantitativa, os segundos estão mais relacionados com a percepção que o indivíduo tem sobre a sua QV. Na perspetiva qualitativa a questão é bastante subjetiva, na medida em que varia de indivíduo para indivíduo, mediante uma série de fatores relacionados à sua vivência (estrato social, condições económicas), adquirindo diferentes traduções (Santos & Martins, 2002).

Na verdade, em nada estes aspetos se excluem uns aos outros, pelo contrário, interligam-se e tornam possível uma análise (precisamente pela necessidade de uma interdependência), conjugando todos os níveis entre si.⁹

Adicionalmente e citando Gordia *et al.*, (2009) apreende-se que a QV transita num campo semântico polissémico, porque tanto se relaciona com os estilos e condições de vida, como inclui preocupações no âmbito do desenvolvimento sustentável e ecológico e no âmbito dos direitos humanos e da democracia.

Apesar de tudo isto, outra questão que merece realce na reflexão sobre a QV é a interligação entre expectativas & realidade, sendo que quanto menor for a distância entre ambas, melhor será para o indivíduo e para o seu bem-estar. Tanto pode existir um alcance de um bom nível de QV, diminuindo as expectativas que tem, como aumentando a busca das realizações que anseia, surgindo a resignação e o sucesso, respetivamente. Na realidade, a opção por uma ou outra depende em muito da personalidade do indivíduo em causa e da sua cultura. Aqui, a QV está diretamente relacionada com aquilo que é definido pelo indivíduo, como sendo domínios preponderantes a concretizar para alcançar o seu bem-estar e, além de ser bastante subjetiva, está também muito associada às expectativas que depositam nessas necessidades (Fleck, *et al.*, 2008).

3.3. Saúde: Qualidade de Vida & Bem-estar

Para a OMS, a QV diz respeito à percepção que o indivíduo tem sobre a sua posição na vida, mediante os seus objetivos e expectativas. Já a Saúde é definida como sendo um estado de completo bem-estar físico, mental e social (WHOQOL, 1995).

Nesta perspetiva, salienta-se que os dois conceitos estão relacionados entre si, pois é considerada a consciência pessoal do indivíduo sobre a sua saúde, mas atendendo às suas exigências culturais, pessoais, aos seus valores pessoais, metas, expectativas e preocupações.¹⁰

⁹ Derbli (2010) relembra que: “nas sociais-democracias, procurou-se definir um conjunto mínimo de indicadores sociais para estabelecer o estado de bem-estar social (*welfare state*). No modelo escandinavo [ou países nórdicos], por exemplo, os indicadores se basearam em três verbos considerados básicos à vida humana: ter, ser e amar. O primeiro se refere às condições materiais suficientes para uma vida distante da miséria; o segundo refere-se à formação de laços sociais; e o último, à integração do cidadão à sociedade e à natureza e a sua participação nas decisões coletivas”.

¹⁰ A aproximação dos conceitos pode ser vista na definição de QV da OMS: “Quality of life is an individual’s perception of their position in life in the context of the culture and value systems in which they live and in relation to their goals, expectations, values and concerns incorporating physical health, psychological state, level of independence, social relations, personal beliefs and their relationship to salient features of the environment quality of life refers to a subjective evaluation which is embedded in a cultural, social and environmental context.” (WHOQOL, 1995).

Por outro lado, torna-se essencial dar abertura a um outro conceito: Bem-estar, até porque a concepção de saúde inclui bem-estar como um conceito chave e, por sua vez, falar de QV também implica falar de bem-estar e vice-versa, porque o conceito de bem-estar resulta de uma perspectiva subjetiva de QV. Estes três conceitos estão intrinsecamente relacionados entre si, como se constata neste capítulo.

É importante perspetivar o bem-estar em relação ao indivíduo em si e em relação com os demais, visto que é determinado tanto por fatores biológicos e cognitivos, como por fatores sociais. Tal como Diener & Ryan (2009) referenciam, o temperamento e a personalidade de cada pessoa são cruciais na determinação da capacidade de predisposição para o bem-estar. Por um lado, o meio ambiente desempenha um papel na expressão genética, por outro lado, as características hereditárias têm um efeito substancial sobre os níveis de bem-estar das pessoas.¹¹

Ao falar do bem-estar surgem algumas questões: “For example, to what extent is well-being an individual difference? What is the role of emotions in well-being? and to what extent is physical health intertwined with well-being?” (Ryan & Deci, 2001, p. 148).

Segundo os mesmos autores, há fatores inter e intra pessoais que se relacionam com o bem-estar mas esta também não é uma questão linear, porque pode variar mediante o tempo ou lugar, por exemplo, em diferentes períodos de desenvolvimento e em diferentes culturas. Aqui surgem novamente novas questões: “What type of people are likely to be well or happy? and are there people who can be characterized as being happy or well? In other words, are there personality factors that consistently relate to well-being, and can well-being itself be thought of as a personality variable?” (Ryan & Deci, 2001, p. 149).

Ryan & Deci (2001) apresentam um estudo de Ryan & Frederick (1997), em que avaliaram a vitalidade subjetiva e descobriram que a mesma não se relaciona apenas com fatores psicológicos mas também com a autonomia pessoal, os relacionamentos sociais e os sintomas físicos. Sendo assim, importa desenvolver um pouco mais estas questões, perspetivando o bem-estar na visão juvenil.

Segundo referências teóricas, observa-se a existência de duas perspetivas teóricas do bem-estar: o bem-estar subjetivo e o bem-estar psicológico (Ryan & Deci (2001), Siqueira & Padovam (2008), Diener & Ryan (2009)).

O primeiro visa compreender mais as dimensões afetivas e cognitivas que o sujeito faz de si e da sua vida, ou seja, requer uma auto-avaliação, o que faz com que só possa ser observado e expressado pelo próprio indivíduo e esta auto-avaliação é apoiada nas suas

¹¹ “Therefore, while the environment plays a role in the expression of genetics, it is clear that heritable traits have a substantial effect on the well-being levels of individuals” (Diener & Ryan, 2009: 395).

próprias expectativas, valores, emoções e experiências prévias (Siqueira & Padovam, 2008). O bem-estar subjetivo tornou-se um importante indicador de QV porque foi precisamente na busca de indicadores de QV para analisar mudanças sociais e implementar políticas sociais que, em 1950, surgiu este conceito. Porém, este já tem vindo a ser desenvolvido desde a antiga Grécia (Siqueira & Padovam, 2008). O bem-estar subjetivo inclui, também, um balanço entre duas dimensões emocionais: emoções positivas e emoções negativas. Neste aspeto, não se trata de identificar uma presença contínua destes sentimentos em toda a sua vida mas de tentar detetar se, em grande maioria, as experiências são pautadas por sentimentos positivos ou negativos (Siqueira & Padovam, 2008). Acresce sublinhar que este conceito inclui uma dimensão cognitiva, diretamente relacionada com a satisfação que o indivíduo tem da sua vida (Siqueira & Padovam, 2008). Assim, é fácil perceber-se que quanto menor for a discrepância existente entre aquilo que é a perceção do indivíduo sobre as suas realizações na vida e o seu padrão de referência, maior é a satisfação que ele tem com a vida e vice-versa.

Relativamente ao bem-estar psicológico, este surge de algumas críticas feitas ao modelo de bem-estar subjetivo, pois consideravam-no muito restrito, afirmando que o bem-estar é mais do que satisfação com a vida e mais do que afectos positivos e ausência de afectos negativos (Remédios, 2010).

É aqui que Ryff & Keys (1995) introduzem um modelo baseado em seis dimensões: Auto-aceitação, Relacionamento positivo com outras pessoas, Autonomia, Domínio do ambiente, Propósito de vida e Crescimento pessoal.

Citando agora Siqueira & Padovam (2008), relativamente a estas dimensões, especifica-se em que se baseiam cada uma delas: a auto-aceitação é uma característica que revela um elevado nível de autoconhecimento e, por sua vez, maturidade. Atitudes positivas sobre si mesmo emergem como uma das principais características do funcionamento psicológico positivo; o Relacionamento positivo com outras pessoas é descrito como fortes sentimentos de empatia e afeição por todos os seres humanos, mostrando uma capacidade de amar, de manter amizades e identificação com os demais; a Autonomia é o indicador que o indivíduo tem de se auto-avaliar, mostrando uma independência perante as aprovações externas da sociedade; o Domínio do ambiente é a capacidade do indivíduo para escolher ou criar ambientes adequados às suas características, onde possa participar ativamente; o Propósito de vida é a capacidade do indivíduo em criar e manter os seus objetivos de vida e as suas intenções perante a mesma, encontrando sempre um significado para a vida e, por fim, o Crescimento pessoal, onde o indivíduo terá a necessidade de um constante crescimento e aperfeiçoamento pessoal, abertura a novas experiências, podendo vencer os desafios que se vão apresentando ao longo das diferentes fases da vida.

O bem-estar é multidimensional e as concepções e as componentes que o integram variam mediante a idade. (Ryan & Deci, 2001). Não obstante, segundo Diener e Ryan (2009), a satisfação da vida geralmente aumenta ou pelo menos não diminui com a idade e ao falar das juventudes percebe-se que é uma predisposição fortemente consistente de bem-estar.

Apesar de o conceito poder ser estudado nas diversas faixas etárias, aqui importa analisá-lo no caso específico das juventudes, que é o público-alvo do estudo.

Na realidade, as juventudes representam “um período de riscos mas também um período de oportunidades, onde é possível atingir uma estabilidade emocional e onde se pode promover o bem-estar” (Sampaio, 1994). É crucial uma atenção perante esta realidade, na medida em que é possível por parte de diversos profissionais, uma promoção de bem-estar e, conseqüentemente, de saúde. Nas juventudes, as competências pessoais e sociais estão também associadas ao bem-estar. “A aquisição (...) [de] recursos pessoais, nomeadamente as competências sociais aumentará a capacidade de estabelecer relações sociais saudáveis o que se poderá reflectir num maior bem-estar psicológico” (Remédios, 2010, p. 30).

Assim sendo, a construção da identidade é uma das principais tarefas que caracteriza esta fase de desenvolvimento. É durante este período que o/a jovem aprende novas condutas sociais e tanto o contexto familiar, como o social (envolvendo o grupo de pares) são cruciais para estas mudanças e adaptações (Remédios, 2010).

Em suma, o bem-estar varia consoante o relacionamento que os/as jovens conseguem adquirir das suas relações sociais e a capacidade de domínio faz deles/delas autónomos/as e com objetivos de vida, fazendo com que consigam enfrentar desafios nas diversas fases da vida. Esta questão é preponderante para o bem-estar e para a própria saúde, em geral.

3.4. Jovens e a sua relação com a Saúde

“O bem-estar e a qualidade de vida relacionada com a saúde (...) [do/a jovem] devem ser considerados sob uma perspectiva ecológica que foca múltiplos níveis de análise [os/as jovens], os pais e a família, os pares, a comunidade e a sociedade” (Harding, 2001).

Nos pontos anteriores foram sendo abordadas questões relacionadas com a QV e o bem-estar. Aqui importa falar da saúde, intimamente relacionada com as juventudes, visto que como se referenciou atrás, estas questões acarretam conseqüências nos/as jovens e na saúde pública global.

A saúde não é apenas a ausência de doença. Saúde é definida, pela OMS, como sendo um estado de completo bem-estar físico, mental e social.¹²

O estado de saúde das juventudes está relacionada com os comportamentos tomados e, por isso, deve-se encontrar o caminho mais adequado para promover comportamentos saudáveis e poder modificar atitudes prejudiciais à saúde física e mental. Para que isto seja concretizável é essencial conhecer os estilos de vida dos/as jovens, seja ao nível de interações, hábitos rotineiros, fatores psicológicos e sociais, até porque segundo a OMS, os/as jovens merecem uma especial atenção. Aliás, a saúde nas juventudes têm um grande impacto em todo o ciclo de vida, *à posteriori*.

“The life-course provides an important perspective for public health action. Events in one phase of life both affect and are affected by events in other phases of life. Thus, what happens during the early years of life affects adolescents’ health and development, and health and development during adolescence in turn affect health during the adult years and, ultimately, the health and development of the next generation” (WHO, 2014).

Por conseguinte, segundo o mesmo relatório, percebe-se que o desenvolvimento de intervenções eficazes durante as juventudes protegem os investimentos de saúde pública e, o mais importante, possibilitam uma prevenção de danos e de impactos negativos na saúde futura dos/as jovens, chegando também a influenciar os seus circuitos de socialização. Um trabalho que se foca nos itinerários juvenis e, conseqüentemente, nas interações sociais, numa perspectiva de EpS deve ter em conta que existem fatores protetores ou prejudiciais de saúde, em todos os seus diferentes níveis. Sendo assim, conclui-se afirmando que enfrentar todos os fatores ambientais e sociais implica um esforço tanto da saúde como da educação, porque “os resultados em saúde dependem de quem se é e do lugar onde se vive” (Nogueira, *et al.*, 2007, p. 128).

¹² <http://www.who.int/trade/glossary/story046/en/>

Parte II – CAMINHOS METODOLÓGICOS

CAPÍTULO I – Desafio científico presente na investigação

“A coerência e a interação permanentes entre o modelo teórico de referência e as estratégias metodológicas constituem dimensões fulcrais do processo investigativo” (Aires, 2011).

Na parte anterior pretendeu-se refletir e esquematizar questões sobre conceitos chave relacionados com as Juventudes, os Espaços Urbanos e a Saúde, do ponto de vista da Qualidade de Vida e Bem-estar. Perante a complexa e dinâmica realidade social, surgem questionamentos sobre o corpo teórico, mas é perante as escolhas metodológicas que se mostra o rumo a dar à investigação.

Nesta fase, torna-se crucial refletir perante a metodologia a utilizar para a construção de conhecimento científico.

“O conhecimento científico é uma construção social (...) [onde estão presentes] teorias, conceitos, métodos, protocolos e instrumentos que simultaneamente tornam possível o conhecimento e definem os seus limites” (Santos, 2002, p. 1).

Deste modo, é propósito salientar as opções metodológicas como matriz de todo o desenvolvimento da investigação, sabendo que é através do processo de investigação que se consegue produzir reflexões e descobrir realidades, mesmo que parciais.

Importa ainda referenciar Bourdieu (1999 citado por Boni *et al.*, 2005, p. 76) quando afirma que:

“a escolha do método não deve ser rígida mas sim rigorosa, ou seja, o pesquisador não necessita seguir um método só com rigidez, mas qualquer método ou conjunto de métodos que forem utilizados devem ser aplicados com rigor”.

1.1. Existe discussão paradigmática?

Captar a informação da opção pelo Paradigma Pós-Moderno

“Todo o conhecimento, por mais empírico que se afigure, é de facto abstracção e construção.” (Nunes, 1984, p. 43).

Para o/a investigador/a, aquando do novo início de um trabalho investigativo, existe a necessidade de questionar-se a si, refletir perante o objeto de estudo e sobre os pressupostos que estão em análise. As escolhas a deliberar durante a investigação, nomeadamente a posição paradigmática é bastante fundamental. São as escolhas que o/a investigador/a tomam que regulam todo o processo.

Os paradigmas podem ser definidos como o conjunto de princípios básicos que regem uma determinada forma de “fazer” conhecimento. Para Thomas Kuhn (1989), os paradigmas

são diversas formas de ver o mundo e a realidade. Não é apenas um entendimento sobre a ciência e o pensamento científico, pois estrutura, também, a forma de compreender a vida em sociedade. O modo como se encara a objetividade no Paradigma Pós-Moderno tem de ser distinta daquela que é pensada quando o posicionamento se centra no Paradigma Moderno. A identificação de um/a autor/a num determinado paradigma, influencia a construção do conhecimento científico, pois a produção de conhecimento é feita com diferentes intencionalidades. Há uma tentativa de colocar as ciências exatas numa posição completamente oposta à das outras atividades racionais humanas, ou seja, uma oposição entre as “ciências naturais” e as “ciências exatas”, todavia não é uma questão linear, sendo uma realidade bastante complexa. Sendo assim, torna-se prioridade defender

“a ideia de que a ciência pode ser organizada segundo regras fixas e universais é utópica e prejudicial. No entanto, da rejeição dessa ideia não se segue que em ciência ‘vale tudo’. (...) De facto, nos processos de investigação científica todos os meios são admissíveis. (...) No entanto, a justificação das teorias deve ser racional, mesmo que essa racionalidade não possa ser codificada de uma forma definitiva” (Sokal & Bricmont, 1997).

Nesta investigação, considera-se crucial clarificar o posicionamento paradigmático aqui defendido: Paradigma Pós-Moderno, que tem como princípio o não afastamento do senso comum para se alcançar a objetividade. Há que reconhecer que é praticamente impossível eliminar as marcas de subjetividade, na medida em que, na formulação de qualquer recolha de informações, o/a autor/a da mesma reflete sobre os objetivos que pretende alcançar e o modo como será mais fácil e credível alcançá-los. O importante é colocar a tónica num outro prisma, ou seja, reconhecer a não neutralidade científica e a objetividade e assumi-las como parte do processo de investigação, até porque objetividade não implica neutralidade. Tal como afirma Santos (2002), não existe conhecimento neutro, pois todo ele se poderá situar histórica e socialmente.

O conhecimento científico é uma prática socialmente organizada e, por isso, todo o conhecimento pode traduzir-se em autoconhecimento. Aliás, o posicionamento do/a investigador/a num determinado paradigma define o género de problemas a serem estudados, os critérios através dos quais uma solução pode ser avaliada e os procedimentos considerados aceitáveis.

Nesta lógica de pensamento, esta investigação pretende seguir estes princípios pois não pode, de modo algum, ignorar por completo a história construída e a carga de subjetividades que acarreta, pelo contrário, deve valorizar os saberes locais dos/as jovens em estudo. Tal como Bourdieu afirma “a objectividade é um produto social (...)” (2004, p. 100). No entanto, os factos sociais nem são uma realidade objetiva nem são estáveis, prontos a serem conhecidos.

Compreender e conhecer os fenómenos implica relacionar-se com os sujeitos, “mergulhando” nos contextos. Por isso, considera-se que não faça sentido ignorar os pareceres recolhidos na relação criada com os/as participantes, pois “não há maneira mais real e mais realista de explorar a relação de comunicação na sua generalidade”, do que através da “interacção entre o pesquisador e aquele ou aquela que ele interroga” (Bourdieu, 1998, p. 693).

Ou seja, aquilo que se verifica é que este novo paradigma científico é acompanhado de um novo paradigma sócio-moral: construção local e participada do saber e do diálogo entre diferentes racionalidades – esclarecimento do saber comum.

Tal como Bourdieu e Parson defendem o objetivo principal é compreender e interpretar o social a partir da recolha de diversas perspectivas, até porque “o objeto da investigação social interpretativa é a acção e não o comportamento” (Erickson, 1986 citado por Lessard-Hébert, *et al.*, 1990). O que se verifica neste paradigma interpretativo é a compreensão e a explicação, porque em termos metodológicos, neste paradigma “o objectivo primordial da investigação centra-se no significado humano da vida social e na sua clarificação e exposição por parte do investigador” (Erickson, 1989, p. 196).

1.2. Um processo centrado na Investigação Qualitativa: A presença da triangulação empírica

“Inspirados no paradigma interpretativo da investigação educativa, os estudos qualitativos abrangem todas as situações em que as preocupações do investigador se orientam para a busca de significados pessoais, para o estudo das interacções entre as pessoas e contextos, assim como formas de pensar, atitudes e percepções dos participantes no processo de ensino e aprendizagem” (Coutinho, 2006).

Tendo por base os objetivos do estudo, foi claro perceber a centralidade na natureza qualitativa, utilizando uma triangulação empírica. Esta “é adotada quando se utilizam diferentes métodos de investigação para a recolha de dados e a análise do objeto em estudo (Figaro, 2014, p. 128). Neste caso concreto, a abordagem adotada neste estudo envolvia: as entrevistas semiestruturadas, a observação participante e o *e-focus group*. É propósito alcançar uma complementaridade e não uma dicotomia entre os diferentes instrumentos de análise. Diferentes reflexões adquiridas em momentos de análise diferentes não implicam omitir dados, pelo contrário, a sua complementação beneficia na análise.

A utilização do termo - triangulação empírica - não é nova e a sua utilização já era usual para testar empiricamente tanto dados qualitativos como quantitativos (Duarte, 2009). Segundo o mesmo autor, pode-se observar aquela que é a principal vantagem disto: a “obtenção de dados de diferentes fontes e a sua análise, recorrendo a estratégias distintas,

melhoraria a validade dos resultados” (2009, p. 21). No fundo, aquilo que se pretende com isto é tentar assegurar de forma mais profunda a compreensão do fenómeno em estudo, numa tentativa de promoção de maior complexidade e rigor relativamente ao objeto de estudo, ou seja, ambiciona-se propiciar análises mais sólidas.

Nesta lógica de pensamento, faz todo o sentido salientar esta expressão que expõe que “a metodologia serve à pesquisa, ao problema e aos objetivos que se quer alcançar. Não há método certo ou errado. Há método adequado ao que se quer saber” (Figaro, 2014, p. 130).

A opção por uma investigação interpretativa revelou-se ser a mais indicada para corresponder aos objetivos do estudo, porque sempre foi interesse salientar o significado e os pontos de vista humanos perante a vida social e a análise interpretativa no contexto. Ou seja, não é uma questão de querer estudar o acontecimento em si, mas o seu significado e impacto nos demais envolvidos no contexto em causa. A pesquisa qualitativa visa descrever e decodificar os significados, expressando o sentido dos fenómenos do mundo social.

Concomitantemente, pretende-se uma envolvimento com técnicas e procedimentos interpretativos, ou seja, aspira-se codificar e traduzir muito mais os sentidos do que os quantificar, sendo realizado um contacto mais direto entre o/a pesquisador/a e o objeto de estudo – interação dos sujeitos no seu próprio terreno de ação através da sua própria linguagem e discurso. Esta opção qualitativa pressupõe um processo de pesquisa indutivo e não pretende testar a realidade, bem pelo contrário, o interesse encontra-se na perspectiva reflexiva sobre a realidade, em que o sentido das ações e o modo como se desenrolam se tornam a causa explicativa. Não obstante, o método qualitativo explica-se através do sentido das ações e, por isso mesmo é que, neste estudo, não foi definido *à priori* os conceitos e categorias que estão em análise. Tudo foi aguardado pelos resultados encaminhados pelo contexto, tentando analisar a realidade que se observa e não a forma como o/a investigador/a supõe que seja.

1.3. Opção pelo Método Etnográfico

“Uma das qualidades do método etnográfico é a expectativa de nos confrontarmos com o inesperado (Silva, 2011).

A etnografia tem como principal instrumento de investigação o/a próprio/a investigador/a, que observa e interage com a unidade em estudo, quebrando de certa forma a ideologia presente no distanciamento entre o/a investigador/a e o seu objeto de estudo. Consequentemente, este distanciamento pode fazer o/a investigador/a confrontar-se não

com o inesperado, não com uma nova realidade, mas com tudo que pode ser pensado e refletido de um outro modo daquele que era inicialmente provável (Silva, 2011).

“A etnografia [permite-nos] aproximar das circunstâncias práticas que contêm sempre um grau de imprevisibilidade e de risco. Muitas vezes, exigem-se reajustamentos no trabalho de campo, na metodologia, nas orientações da investigação, originando a escolha de determinadas pessoas, de determinadas situações e a rejeição de outras” (Burgess, 1997 citado por Silva, 2004, p. 48).

Tendo em conta a citação supra indicada e aliando a isto uma das expressões descritas nas notas de terreno, é possível perceber, de forma clara, qual o impacto do papel do/a investigador/a no terreno e quais os pensamentos que surgem durante todo este processo de observação e recolha.

“A observação nesta fase inicial é, sem dúvida, um misto de dúvidas e adrenalina. Dúvidas pelo desconhecimento do que o contexto de rua me poderá oferecer e também do que eu serei capaz de captar; adrenalina precisamente por essa falta de certezas. É um contexto em constante mutação e, por esse mesmo motivo, considero que o meu olhar no contexto de rua irá sempre dar conta de uma parte daquilo que é a realidade em si”. (NT – 4/02/2015)

Na verdade, é fulcral que o acesso ao terreno exija uma perceção holística e uma familiarização crescente do/a investigador/a com o contexto (Fernandes, 1990), que deve deambular, falar com as pessoas e/ou observá-las, participar em atividades próprias do local. Todavia, para não acarretar problemas metodológicos, é importante ter presente as questões éticas a serem evidenciadas pelo/a investigador/a. É essencial a consciência clara que a observação no contexto não é nem uma questão linear nem imparcial.

“Esta é uma fase difícil em todo este trabalho, não pela sua complexidade nem pelo desconhecimento do contexto mas por também me sentir parte do público que observo; por analisá-lo enquanto jovem e por visualizar comportamentos que também eu os pratico, sendo-me difícil este afastamento da realidade”. (NT – 19/02/2015)

A etnografia é uma opção presente na orientação metodológica, até porque recorre a um conjunto de técnicas utilizadas, como é o caso da observação participante (principal técnica em que a etnografia se assenta) e respetivas notas de terreno, bem como as entrevistas semiestruturadas. É a etnografia que permite compreender as interações em situações reais, vividas pelos atores em ação – uma compreensão próxima ao terreno, sendo um contributo no que se refere aos pensamentos e ideais práticos presentes na maneira como os/as jovens “justificam e argumentam a sua acção, a forma como elaboram o sentido de si e dos/ outros/as (...) ou como tomam determinadas decisões analíticas e interpretativas sobre a realidade que os/as cerca” (Silva, 2004, p. 40 e 41).

Este é um dos indicadores importantes da investigação, pela tentativa de descobrir que aspetos do ambiente urbano gratificam os/as jovens, quais os seus percursos pela cidade do Porto. Contudo, os locais em análise não foram um acaso mas fruto daqueles que

foram referenciados pelos/as jovens no momento da entrevista semiestruturada, como sendo os locais que identificavam e/ou gostavam de frequentar na cidade. Foi propósito da investigação observar estes locais precisamente para tentar refletir e perceber o que se encontrava neles, que comportamentos se observava e que atrações eram identificadas pelos/as jovens nestes locais que os/as fizessem frequentá-los com agrado.

Nesta lógica de pensamento, os procedimentos de investigação são predominantemente descritivos e baseiam-se nos aspetos a que o/a investigador/a consegue ter acesso. Posto isto, é através das notas de terreno que se mostra, de forma escrita, as observações realizadas. É caracterizada por ser exaustivamente detalhada, de modo a mostrar aquilo que foi observado no terreno, sendo uma preocupação e um esforço real do/a investigador/a para ser o mais fiel e o mais próximo da realidade observada.

1.4. Justificar a Observação Participante

*“Nada na ciência está permanentemente estabelecido, coisa alguma, nela, é inalterável”
(Magee, 1974, p. 28 e 29).*

A observação é uma das estratégias presentes na pesquisa de terreno, como já anteriormente se referenciou, visto que permite a recolha de informações de forma sistemática, através do contacto direto com situações específicas no terreno (Aires, 2011).

Do mesmo modo, a observação participante é simultaneamente instrumento de recolha e de tratamento de dados, exigindo a entrada e partilha do contexto em estudo (Neves, 2006).

Acresce salientar a poderosa utilização desta técnica, quando é orientada em função de um objetivo que já foi previamente delineado. É necessário que seja um instrumento planificado, precisamente para se poder atingir os locais de interesse e o grupo-alvo em estudo. Todavia, planificar a utilização desta técnica não implica que a mesma se torne rígida, bem pelo contrário, a maior vantagem da sua utilização no campo qualitativo reside no seu carácter flexível e aberto (Aires, 2011).

Existe uma complexidade quanto ao papel do/a investigador/a no contexto, sendo que esta foi uma das suas características básicas utilizadas – o seu não intervencionismo (o/a observador/a não manipula nem estimula os atores sociais). Assim, o/a investigador/a vive uma dicotomia entre fazer parte do contexto – pertencer ao contexto - e, por outro lado, estar fora do contexto – não pertencer ao contexto (Neves, 2006). O facto de pertencer ao contexto diz respeito à naturalização da presença do/a investigador/a naquele contexto, facilitando o acesso não só ao local em estudo como também às pessoas que o estruturam e estar fora do contexto refere-se ao facto de não fazer “normalmente parte do território que

vai procurar estudar e é, à partida, um intruso num terreno que não é o seu” (Neves, 2006, p. 67). Logo, é necessário que se parta para um contexto com a capacidade de ultrapassar estes antagonismos, de forma a sentir-se claro os pressupostos a realizar-se no trabalho, sendo que são também estas dicotomias que marcam a opção metodológica pela observação participante, em particular e pela etnografia, em geral.

Como em qualquer outra técnica, a sua utilização subentende potencialidades e inconvenientes.

No que concerne ao primeiro, aquilo que se verifica é que com esta técnica é possível observar dinâmicas e relações grupais e as informações internas ao grupo que daí advém, não seriam possíveis através de outras técnicas, como é o caso da entrevista. Por conseguinte, existe garantia quanto à credibilidade das observações e suas notas de terreno, porque este trabalho é feito numa relação próxima com os/as intervenientes, onde se adquire facilmente informações não-verbais (Aires, 2011).

Relativamente aos inconvenientes, o mais evidente é certamente a subjetividade proveniente da observação do/da investigador/a e a perda da capacidade crítica face a uma possível identificação com o grupo em análise (Aires, 2011).

A técnica da observação participante permite comparar aquilo que se diz (ou não), com aquilo que na realidade se vê fazer. Segundo Graue & Walsh (2003, p. 127 e 128), a observação participante proporciona “uma descrição mais completa da parte do mundo social que está a ser investigada”. Como exemplo, descreve-se, através de duas expressões das notas de terreno, aquilo que se vivenciou num dos momentos de observação.

“Enquanto estive mais alguns minutos ali sentada, verifiquei, de forma clara, os olhares reprovadores e fixos (vindos tanto de jovens como de pessoas adultas) que faziam às jovens que estavam sentadas na escadaria de mãos dadas e abraçadas, acontecendo mesmo ter visto pessoas a parar à frente delas enquanto olhavam fixamente, e que iam depois embora a falar sozinhas e a abanar que não com a cabeça”. (NT – 05/03/2015)

“Naquele momento senti-me mal por ver que as jovens que, no meu ponto de vista, nada de mal estavam a fazer, estavam a receber tantos olhares reprovadores”. (NT – 05/03/2015)

Viveu-se realmente uma descrição pormenorizada daquilo que os olhares relatam e de como se pode tirar ilações do mundo social através dos mesmos. O terreno não é de todo imparcial, nem para os/as participantes que o estão a viver na sua essência, nem para o/a observador/a, que não consegue ficar indiferente a determinadas situações que observa. Contudo, o importante é que as relate e demonstre realmente como o contexto está em constante mutação e o quanto todos se encontram envolvidos no mesmo.

1.5. A Entrevista como método da investigação

*“Procedimento de investigação científica que utiliza um processo de comunicação verbal para recolher informações relacionadas com a finalidade fixada”
(Grawitz, 1986, p. 58).*

As entrevistas exploratórias permitem ajudar na descoberta de pistas de reflexão, ideias e hipóteses de trabalho e, neste momento, importa compreender e interpretar o social a partir de uma fusão de perspetivas recolhidas – compreensão hermenêutica. A entrevista nasce da existência de uma necessidade que o/a investigador/a “tem de conhecer o sentido que os sujeitos dão aos seus actos e o acesso a esse conhecimento profundo e complexo é proporcionado pelos discursos enunciados pelos sujeitos” no decurso das entrevistas (Aires, 2011, p. 29). Esta relação dialógica entre investigador/a (“eu”) e os/as participantes (“o outro”).

Por conseguinte, o processo de recolha de saberes através da entrevista situa-se em dois pólos. Por um lado, a presença de saberes implícitos (códigos linguísticos e culturais, regras sociais e modelos de intercâmbio oral) e, por outro, a existência de saberes explícitos (saberes que constituem a base das primeiras interações entre o/a entrevistador/a e o/a entrevistado/a e que partem daqueles que são os objetivos da investigação) (Alonso, 1995).

Quanto à caracterização atribuída a esta técnica: as entrevistas variam consoante a sua estrutura, podendo ser denominadas estruturadas, semiestruturadas ou não diretivas.

As entrevistas estruturadas são compostas por questões fechadas, com um sistema de codificação previamente estabelecido e, por isso, adquirem uma maior uniformização no tipo de informações recolhidas, mais objetivas e sem abertura para imprevistos.

No que diz respeito às entrevistas semiestruturadas, estas caracterizam-se por permitir selecionar as temáticas para aprofundamento. Neste tipo de entrevista existe um guião que é previamente preparado, no entanto não exige uma ordem rígida nas questões e, ao contrário do anterior, neste, o/a entrevistador/a adapta-se ao/a entrevistado/a e ao desenrolar de toda a entrevista.

Por último, nas entrevistas não estruturadas, dada a sua natureza qualitativa, não é proveniente um guião estruturado *à priori*, o que faz com que as questões surjam com o decorrer da conversa e, no fundo, a utilização deste tipo de entrevistas prende-se mais com métodos biográficos.

1.5.1. A condução da Entrevista Semiestruturada

Como esta investigação se centra numa maior exploração da temática, importa referenciar que se considerou essencial utilizar uma entrevista semiestruturada, no sentido de explorar novos conceitos sobre a temática. Neste tipo de entrevista, assume-se o/a entrevistado/a como sujeito no processo de exploração, até porque aquilo que se pretendeu foi, através deste método, “(...) recolher dados válidos sobre as crenças, as opiniões e as ideias dos sujeitos observados” (Lessard-Hébert, *et al.*, 1990, p. 160) num ambiente de “(...) troca, durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas percepções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências (...)” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 192).

Numa primeira fase foi executado o guião da entrevista semiestruturada que, por sua vez, após algumas leituras foi sendo reformulado, com o intuito de ter sempre presente a importância da coerência, clareza e pertinência das questões. Neste guião (que se encontra no apêndice 2), existiu a preocupação de direcionar as perguntas para o público-alvo em causa, as juventudes, com uma linguagem também ela adaptada.

Sendo assim, as questões seguiam uma estruturação lógica, sendo que as primeiras interpelavam os/as jovens sobre o conceito de bem-estar e de que modo é que o mesmo estava, ou não, presente nas suas vidas. Depois o modo como eles/elas encaravam aspetos fundamentais como a saúde e o meio familiar e, adicionalmente, as questões da socialização juvenil também estiveram aqui presentes de forma bastante forte. Seguidamente foi questionado os espaços de lazer reconhecidos e/ou frequentados na cidade do Porto e a importância que a mesma possui nas suas vidas. Terminando, assim, com uma reflexão sobre a influência da sociedade na construção das juventudes e o modo como as juventudes também influenciam a sociedade, tendo como foco as questões históricas, sociais, culturais e económicas.

Consequentemente, pode-se afirmar que as 10 entrevistas realizadas se desenrolaram de um modo muito natural. Antes das mesmas se iniciarem, existiu uma pequena conversa entre mim (enquanto investigadora) e o/a entrevistado/a e só depois é que se principiaram. A duração das entrevistas não foi exatamente a mesma, sendo que a mais pequena tinha aproximadamente 15 minutos e a mais longa 35 minutos, totalizando 230 minutos, aproximadamente 4 horas.

No momento da realização da entrevista foi fornecido às/aos entrevistadas/os um consentimento informado (que se encontra no apêndice 1), de modo a manter o anonimato da informação ali descrita, bem como a autorização para que a mesma fosse gravada, tranquilizando-os/as sobre a confidencialidade da informação que seria posteriormente

dada. Todos/as leram e assinaram, tendo ficado uma cópia comigo (investigadora) e outra com o/a entrevistado/a (jovens participantes), assinado por ambas as partes.

No que diz respeito ao local onde as entrevistas se realizaram foi sempre mediado com as disponibilidades/lugares mais “familiares” para os/as participantes, tendo como foco principal serem estruturas sossegadas, para não existir precisamente distrações durante todo o processo de realização e recolha de informações.

Nas entrevistas semiestruturadas, apesar de o guião ser o mesmo para todos/as os/as participantes, a verdade é que os resultados serão sempre diferentes. A forma como se desenrola depende em pouco do/a entrevistador/a mas, principalmente, das idiosincrasias de cada um, presentes nas suas respostas, porque ao longo da entrevista, em algumas situações, existiu a necessidade de clarificar as questões e reformulá-las por outras palavras para um melhor entendimento do que ali estava a ser questionado.

Em suma, esta é a técnica adequada a este estudo, pois permite recolher as informações necessárias aos objetivos do estudo, sem ser invasivo para os/as participantes, no que concerne à sua vida pessoal.

1.6. Electronic Focus Group

A complementar as técnicas anteriormente referenciadas, considerou-se importante a recolha de dados através de outra técnica: o *e-focus group*.

O grupo de discussão focalizada permite a partilha, a comparação, o confronto de opiniões, envolvendo os/as participantes na exploração e discussão de diferentes ideias, até porque como afirma Morgan (1997, p. 46), “até interagirem com os outros num tópico, os indivíduos não têm muitas vezes conhecimento das suas próprias perspectivas implícitas”. Deste modo, criam-se “linhas de comunicação”. Ao contrário da entrevista, esta técnica permite uma interação entre o grupo e a atenção centra-se no que acontece durante este processo, na forma como a informação é construída. Por conseguinte e como Wilkinson (1998, p. 338) afirma, “the focus group is an opportunity to observe the construction of meaning in action”.

Nesta investigação optou-se pelo *e-focus group*. A internet abre novas portas e possibilidades para adaptar aquilo que são instrumentos tradicionais de recolha de dados (*focus group*) e aquilo que é a modernização, por vezes necessária, destes mesmos instrumentos (*e-focus group*). Neste caso, o *e-focus group* é considerado uma instância de técnicas participativas com base em tecnologias de informação (Pereira & Rosa, (s/d)).

É incipiente a literatura, mesmo internacional, que aborda esta técnica, caracterizando-a e descrevendo-a na sua aplicação online. Todavia, é reconhecida como tal e é necessário deixar bem claro que apesar de se utilizar o *e-focus group*, não se encara este instrumento

como sendo um substituto universal válido do *focus group*, mas que deve receber o seu devido e merecido destaque.

Esta técnica envolve, normalmente, 6 a 10 participantes e a discussão dos tópicos é realizada com o auxílio a ferramentas na modalidade online e é por aí que a comunicação entre o grupo de pessoas é realizada (Schröder & Klering, 2009).

No caso concreto desta investigação, este grupo envolvia 9 participantes.

Os/As participantes já tinham sido previamente avisados aquando do pedido de participação no estudo, bem como lembrados no momento em que a entrevista semiestruturada foi realizada. A plataforma utilizada é bastante reconhecida por todos/as os/as jovens e a vantagem é que todos/as têm fácil acesso à mesma – Facebook© - sendo que apenas foi necessário serem adicionados/as por mim, investigadora, ao grupo secreto que foi criado, denominado Viver (n)a Cidade do Porto. Inicialmente foi colocada uma breve explicação dos objetivos do grupo e do que era esperado por parte de cada um/a, sendo que esta plataforma tinha a grande vantagem de mostrar se os/as tinham visto (ou não) as questões lançadas.

Posto isto, foi previamente elaborado um guião (que se encontra no apêndice 3), com um encadeamento progressivo entre as questões, sendo que à medida que as mesmas estavam a ser realizadas, existia sempre uma atenção para perceber se seria necessário clarificar/acrescentar alguma pergunta, caso que aconteceu entre a 1 e a 3 questão. Todas as questões só eram colocadas no término da anterior, o que permitia precisamente ter em atenção todas estas perguntas. Do mesmo modo que se evitou formalismos excessivos e, principalmente, a referência elogiosa ou depreciativa a comentários específicos de alguns/algumas participantes. Pela minha parte, enquanto investigadora, apenas era colocado um “gosto” em todas as respostas, para demonstrar que as suas participações estavam a ser seguidas e lidas com atenção.

Este cuidado permitiu evitar uma divisão artificial entre os tópicos e pode-se sublinhar que apesar da existência de um roteiro previamente estabelecido, toda a sua condução foi realizada de forma rigorosa, mas não rígida.

Como todos os métodos, este acarreta algumas vantagens no seu uso, mas também desvantagens, tendo todas elas pesado na escolha deste instrumento, em detrimento do tradicional.

Na realidade, no que diz respeito às suas vantagens, identificam-se como pontos fortes: (1) permitem envolver os/as participantes que se encontram geograficamente distantes, apenas necessitam de acesso à internet; (2) como estes encontros não são presenciais, outra das vantagens é tornarem-se mais baratos (não é necessário nem as despesas do/a moderador/a nem dos/as participantes); (3) a discussão entre os/as participantes é realizada em formato escrito e, por sua vez, para o/a investigador/a a

vantagem centra-se essencialmente no facto de aquando da análise de resultados, as transcrições já se encontrarem em formato escrito; (4) esta forma de comunicar eletronicamente permite incentivar os/as participantes a expressar as suas opiniões com rápida facilidade e, além disso, reduz, aparentemente, o risco de inibição e ansiedade dos/as mesmos/as, relativamente àqueles que podem ser os julgamentos dos/as restantes participantes, permitindo que sejam compartilhadas informações antes vistas como embaraçosas; (5) permite que se estabeleça um acesso restrito, ou seja, apenas os/as participantes previamente autorizados possuem acesso à página onde o *e-focus group* se realiza (Armenteros *et al.*, 2012 & Schröder & Klering, 2009).

Como qualquer instrumento de recolha de dados, tem também as suas limitações. Através do *e-focus group*, (1) só apenas quem tiver acesso à Internet é que pode ser recrutado e, posteriormente, participar ativamente no grupo; (2) as taxas de frequência de resposta não são tão rápidas e as informações presentes nos sinais não-verbais não podem ser aqui analisados; (3) como é realizado numa plataforma da internet, os temas de discussão e as dinâmicas aí colocadas estão mais estruturadas e mais limitadas; (4) o papel do/a moderador/a é mais reduzido, devido à falta de contacto visual com os/as participantes; (5) o facto de se realizar de forma assíncrona na maioria das vezes torna o processo mais lento (Armenteros *et al.*, 2012 & Schröder & Klering, 2009).

Pretende-se salientar como exemplo uma experiência vivida nesta investigação. Uma das limitações salientada acima é a pouca influência do/a moderador/a na produção do discurso e apesar da estruturação de um guião, no fundo é dada toda a liberdade para a participação livre dos/as participantes, mesmo correndo o risco de viés de resposta. Isso aconteceu concretamente numa das questões formuladas. Inicialmente a pergunta encontrava-se estruturada para obter uma determinada resposta padronizada e esta abertura e liberdade, permitiu adquirir outros pormenores, que não tinham sido inicialmente pensados mas que eram igualmente interessantes. Portanto, nem todas as limitações se tornam uma desvantagem na produção de discurso.

Por conseguinte, como não existia uma obrigatoriedade de resposta/discussão no imediato, é importante deixar-se claro que, conscientemente, se assume a possibilidade de se obter uma reflexão e uma transmissão de informação mais reflexiva e prudente e, conseqüentemente, um maior autocontrolo sobre o uso de uma linguagem cuidada, que tira espontaneidade ao discurso.

Apesar desta situação, os resultados não deixam de ser válidos, visto que o objetivo não é a generalização dos resultados, mas a produção de informações. Utilizar esta plataforma é uma maneira de motivar os/as participantes a construir uma personalidade participativa (Armenteros, *et al.*, 2012).

1.7. A presença dos aplicativos móveis: A tecnologia como um veículo para as trajetórias juvenis

Atualmente tem existido uma verdadeira evolução tecnológica. As tecnologias móveis estão a moldar a vida de toda a população, mas especialmente dos/as jovens em todo o mundo, até porque são relativamente baratas, bastante portáteis, de fácil acesso e uma tecnologia comercialmente disponível.

A tecnologia não é um fim em si mesmo, apesar disso e como este estudo é feito de e para jovens, decidiu-se incorporar um aplicativo móvel – *Endomondo* - que permite definir uma atividade à escolha, reproduzir música enquanto se treina, bem como utilizar o telemóvel normalmente sem que a utilização do aplicativo atrapalhe, conseguir seguir o treino atual ou visualizar registos de treinos anteriores e partilhá-los com os/as amigos/as.

Por outro lado, como é uma ferramenta vasta nas suas funcionalidades, neste estudo os/as participantes utilizam-na com o objetivo final de permitir aceder à informação dos seus percursos juvenis, para posteriormente se criar conhecimento relativo a esta temática.

Os/As jovens instalaram gratuitamente esta funcionalidade nos seus telemóveis *Android* ou *Smartphone*. Iniciavam o seu percurso (quando saíam de casa) e como o registo do percurso era feito com base na distância, o GPS era ativado, do mesmo modo que o acesso à internet também necessitava de o ser, no início e no fim do percurso (quando regressassem para casa). Após terminarem, selecionavam a opção Parar e Guardar.

Para que os seus percursos fossem visualizados, posteriormente à instalação, selecionaram a opção Ativar envio automático (opção necessária para enviar e partilhar automaticamente todos os percursos). Os dados eram guardados e calendarizados no próprio site do aplicativo Endomondo.

No geral, foram 6 os/as participantes que realizaram esta técnica. Como se pode ver e ao contrário das outras técnicas de recolha de dados, neste houve alguma impossibilidade por parte dos/as outros/as 3 participantes. Os motivos foram diferentes entre si: num dos casos, o seu telemóvel bloqueava sempre que o aplicativo era ativado e por isso teve problemas no seu real funcionamento; noutra caso o participante iniciou a recolha de dados mas logo nos primeiros dias o telemóvel avariou e entretanto não o voltou a adquirir a tempo de realizar este aplicativo e, por último, a participante em causa não possuía um telemóvel compatível com a instalação do Endomondo, sendo que isto foi uma falha detetada apenas no momento da entrevista e, por esse motivo, já não se excluiu a participante do estudo.

No que diz respeito ao número de trajetórias, nota-se que cada um/a dos/as participantes fez um total de 20 dias, recolhendo no final 120 mapas.

Como todas as técnicas, esta também tem as suas vantagens e desvantagens. Por um lado, e como foi problematizado no Capítulo I, a vida para muitos/as jovens é uma

constante de espaços e tempos de obrigações e normas e, por outro lado, de interações sociais e lazer. Assim, para termos acesso às mesmas, este pareceu ser o melhor método, visto que é prático, exato e não causa “desconforto” para o/a jovem que o utiliza. Outra das vantagens é poder articulá-lo com outras técnicas qualitativas, porque o aplicativo dá acesso aos percursos exatos realizados pelos/as jovens, mas são as entrevistas e o *e-focus group* que permitem saber realmente quais desses percursos são de lazer e promotores de socialização e quais são percursos “obrigatórios”, nomeadamente entre a casa onde residem e a escola que frequentam.

No entanto, acarreta também algumas desvantagens. Para ser utilizado, é necessário ser ativado e, por vezes, pode ocorrer esquecimentos, ou mesmo que estes não ocorram e a aplicação seja ativada, durante o dia a bateria do telemóvel pode ficar descarregada e todos os dados recolhidos naquele dia até àquele momento serão apagados automaticamente.

Outro aspeto decisivo a destacar é os dias em que este aplicativo foi realizado. Inicialmente estava calendarizado dias específicos para serem efetivados mas por impossibilidade de alguns/algumas participantes, nomeadamente por não saírem de casa nesses dias, foram compensando em diferentes dias, pelo que nem todos/as fizeram exatamente nos momentos programados mas aproveitaram e ligaram sempre que saíam de casa e, assim, não alteraram os seus percursos propositadamente para o estudo.

Posto isto, finalizada a recolha de todos os mapas executou-se, numa primeira fase, a obtenção manual de todas as coordenadas de cada percurso efetuado. Recorreu-se ao *Google Maps*, onde daí se retirou as coordenadas de cada percurso (exemplo no apêndice 4).

Posteriormente a isso, colocaram-se esses dados numa aplicação Web, uma vez que era necessário agregar e sobrepor os dados fornecidos pelo aplicativo. Para que isto ocorresse, utilizou-se o *Google Maps* que é uma ferramenta criada pela equipa de desenvolvimento da empresa Google, que é utilizada para a visualização de mapas na Internet. Além disso, o *Google Maps* possui várias formas de exibição, entre elas, a de Mapa que foi o modo aqui utilizado e que é disposto como um mapa político com estradas e ruas e seus respetivos nomes.

Para o objetivo a que se propunha o estudo tornou-se importante criar uma aplicação Web com recurso à API externa do *Google Maps*. A API (*Application Programming Interface*) do Google Maps é um conjunto de padrões de programação que permite a construção de aplicativos e a sua utilização e, conseqüentemente, a construção desta API permitiu sobrepor os dados num mapa personalizado do Google. A sua principal vantagem é ser um serviço gratuito, estando disponível para todos aqueles que estejam interessados em usá-lo (Damasco, 2010).

Neste caso, tanto o aplicativo Endomondo como a API do Google Maps são a técnica de recolha de dados utilizada, dando como resultado final os mapas que se encontram na Parte III - Análise dos Resultados e no Apêndice 6 e 8.

1.8. Rumo a uma Cartografia Social - O campo das trajetórias juvenis

“A cartografia consiste numa espécie de abertura ao finito ilimitado das possibilidades da existência humana” (Júnior, 2011, p. 55).

Tendo em conta que esta investigação envolve a análise de mapas - trajetórias obrigatórias vs lazer - seria desprovido de sentido não fazer uma breve análise cartográfica daqueles que foram os trajetos vivenciados por estes/as jovens. A Geografia ganha aqui um enfoque na análise destes circuitos juvenis, visto que o objetivo com esta pequena análise cartográfica é o de analisar os movimentos constantes de cada participante, podendo, no fim, constituir mapas com identidades, significados dinâmicos, formando o plano social que tanto interessa e move esta investigação. Aqui, particularmente, não foram realizadas metas específicas nem caminhos traçados, especificamente porque o desafio era descobrir itinerários juvenis, questionando sempre quais os trajetos juvenis fomentados pela Sociedade (subentendendo sociedade todas as relações de sociabilidade envolvidas a cada jovem e seus recursos, tanto ao nível socioeconómico, geográfico e cultural).

Descreve-se como especificidade do método cartográfico a atenção sensível (Kastrup, 2009) que o/a cartógrafo/a deve deter. Portanto, ao transportar esta realidade para o mundo psicossocial está-se *à priori* a assumir a presença de um instrumento que permite construir e reconstruir as trajetórias, os afetos que atravessam as intencionalidades presentes nos mesmos e a apreender daí uma realidade do ser – ainda que provisória – sob o aspeto de territorialidade (Júnior, 2011).

1.9. O contexto e os sujeitos de investigação

1.9.1. O investigador numa “perspetiva multimetódica”

O olhar do/a investigador/a é filtrado pela linguagem, género, classe social, etnia, pelo que não existem observações objetivas mas, sim, observações situadas socialmente. Esta realidade leva à adoção de uma perspetiva multimetódica do/a investigador/a. (Aires, 2011). É crucial que o/a investigador/a consiga desafiar-se a si próprio, consiga gerir a diversidade ao seu redor e que tenha consciência desta realidade, para assumi-la como parte do seu processo de investigação.

Outro aspeto que se deseja referenciar é o modo como se pretende olhar para a investigação. O objeto do estudo não é novo. O modo como está a ser estudado é que sim, permitindo olhar para a realidade de um outro prisma. Este facto cria um entusiasmo e um desafio em se esmiuçar o objeto de estudo e poder transmitir aos Outros aquela que é a realidade observada por mim, enquanto investigadora.

"O principal objetivo da Educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram" (Jean Piaget).

1.9.2. Olhar para o contexto em estudo

O contexto em estudo é a cidade do Porto. Quando se fala nesta cidade é necessário referenciar alguns dos marcos nela vividos, bem como os seus pilares mais essenciais.

A cidade do Porto tem cerca de 2 479 000 habitantes. É a cidade que deu o nome a Portugal (no ano 200 A.C.). Nessa altura designava-se *Portus Cale*. Atualmente é reconhecida como a Cidade Invicta e/ou a Capital do Norte, mas foi no ano de 417, que a constituição das suas origens a levou a cidade (CM do Porto, 2014).

Na imagem abaixo, encontra-se o brasão representativo da cidade.



Figura 1 - Marco representativo da cidade "Antiga, mui nobre sempre leal e invicta cidade do Porto"¹³

Em termos históricos mais recentes, os séculos XIV e XV assistiram a um enorme crescimento da cidade e o Porto era o monopolizador da economia regional. Já nos finais do século XVIII, o crescimento da cidade do Porto dirigia-se para fora das muralhas. Foi em 1996 que perante a irrefutável riqueza histórica da cidade, a UNESCO conferiu à cidade o estatuto de "Cidade Património Mundial". Anos depois, em 2001, foi considerada Capital Europeia da Cultura e à cidade começaram a acorrer milhares de turistas. Outro dos galardões obtidos foi em 2014, com a eleição do Porto a Melhor Destino Europeu, já adquirido em 2012. Já no ano passado, em Setembro de 2014, foi lançado o *logótipo* da CM do Porto, que se insere num sistema vasto de comunicação da cidade, denominado "Porto".

¹³ <http://www.portoxxi.com/back/fotos/historia/bra.jpg>

Esta marca serve como instrumento de promoção nacional e internacional da cidade do Porto (CM do Porto, 2014).



Figura 2 - Logótipo da cidade do Porto

Ao falar na cidade do Porto é também objetivo referir as preocupações e objetivos divulgados pela Câmara Municipal do Porto, tanto para a juventude, como para a população, em geral. As áreas em destaque são: (1) Ambiente, (2) Cultura, (3) Educação, (4) Economia, (5) Habitação, (6) Segurança, (7) Social, (8) Urbanismo, bem como a identificação do Património mais emblemático da cidade.

Em relação ao ambiente, a Câmara Municipal atribui uma atenção especial. O ambiente é fundamental para a qualidade de vida dos cidadãos e para a promoção do turismo. Assim, a cidade tem vindo a melhorar a rede de saneamento e a construção de sistemas de drenagem de águas pluviais. Também os parques da cidade ocupam boa parte das preocupações da CM do Porto considerados espaços de excelência para usufruir da natureza em plena cidade. Mais ainda, a presença de árvores no meio urbano é cada vez mais assumida como um fator determinante à garantia da saúde da cidade, ultrapassando já o clássico conceito de simples elementos estético (CM Porto, 2014).

“A cultura é entendida pela Câmara Municipal do Porto como dos pilares da sua sociedade. É fator de coesão social e dinamizadora da economia e do turismo. O Porto sempre foi um lugar de cultura e de artes” (CM Porto, 2014).

A educação é aqui entendida como um dos fatores mais decisivos no desenvolvimento humano.

“e merece da parte da Câmara Municipal do Porto uma atenção muito particular. Às autarquias está reservada a gestão das escolas do Primeiro Ciclo, o que não significa que no Porto, a autarquia, esqueça a interacção e o desenvolvimento de programas destinados a todos os ciclos do ensino. Em particular, a Câmara Municipal do Porto possui vários protocolos e desenvolve programas em que se relacione com a Universidade do Porto e com outras universidades instaladas na cidade. A autarquia vê, por isso, a educação como algo que vai muito além da escola e da leccionação curricular” (CM Porto, 2014).

No que concerne às preocupações com a economia, a CM Porto (2014), refere que a cidade se desenvolve

“através de políticas de atracção de investimentos e promoção. Numa altura em que o investimento interno escasseia, a Câmara Municipal do Porto aposta no setor do turismo e no desenvolvimento de parcerias que lhe permitam tornar-se numa cidade mais atrativa e interessante. Uma Cidade inovadora, capaz de aproveitar os recursos humanos oriundos da sua rica Academia”.

Quanto à habitação, a CM do Porto gere um parque habitacional de bairros municipais e, atualmente, decorrem grandes intervenções, com o objetivo de melhorar as condições de vida dos inquilinos municipais (CM Porto, 2014).

Em relação à segurança da cidade, é preocupação da CM Porto cumprir o seu slogan: “Uma cidade segura é uma cidade acolhedora”. Para isso, é afirmado que “o sistema de protecção civil do Porto possui todas as condições e planos para atuar de acordo com mais modernos padrões de segurança” (CM Porto, 2014).

Outro dos fatores de destaque dado pela CM Porto é a coesão social.

“Um Município moderno, livre e democrático não pode virar as costas aos seus cidadãos mais necessitados. Sendo o Estado responsável pelas políticas de inclusão e de apoio aos mais carenciados, a Câmara Municipal do Porto dedica uma boa parte dos seus recursos à área social” (CM Porto, 2014).

O Porto é uma cidade histórica, possuindo grandes referências arquitectónicas tanto históricas como contemporâneas. A sua escola de arquitectura destaca-se internacionalmente, sendo considerada pela UNESCO como Património Mundial.

Destacar estes fatores é importante quando em estudo se encontra o bem-estar das juventudes.

1.9.3. Grupo de participantes em análise

A escolha dos/as participantes foi um passo crucial na investigação e relaciona-se intrinsecamente com os objetivos do estudo. Como tal, aquando do início deste processo investigativo, decidiu-se trabalhar com uma pequena parte, não representativa, dos elementos que compõe o universo das juventudes.

Neste processo de seleção de participantes, a técnica utilizada foi a de amostragem não probabilística, especificamente uma amostra por conveniência.

Muitas vezes a necessidade de se optar pela utilização de uma amostra não probabilística deriva da inacessibilidade a toda a população. Quando esta situação ocorre o/a investigador/a é forçado a colher a amostra na parte da população que lhe é acessível (Monteiro, 2012). Por outro lado, as amostras por conveniência têm a vantagem de permitir que as escolhas dos/as participantes seja relativamente fácil. Apesar disso, este tipo de amostras não garante que sejam produzidos nem bons nem maus resultados. Nenhum

procedimento estatisticamente justificável possibilita uma análise de probabilidade e inferência sobre a qualidade dos resultados da amostra (Monteiro, 2012).

Adicionalmente, cresce divulgar que a representatividade não era um objetivo e, como tal, considerou-se que esta seria a técnica mais adequada a utilizar, tendo consciência que a variabilidade amostral pode não estar estabelecida com precisão, mas ainda assim, assumindo as vantagens e os inconvenientes da sua utilização.

Posto isto, criou-se critérios de inclusão. Selecionou-se jovens entre os 17 e 20 anos, residentes no Grande Porto (mas enquanto estudantes na cidade) e que possuíssem um telemóvel (android ou smartphone) compatível com o programa previamente escolhido para a utilização do aplicativo – Endomondo. O número de participantes a incluir no estudo foi delineado desde o início, 10 participantes.

A escolha dos/as jovens participantes dentro desta faixa etária está associada ao grau de ensino que por norma se encontram a frequentar – ensino secundário a superior – bem como a características muito vincadas e próprias desta faixa etária.

A “adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive. (...) Os limites cronológicos da adolescência são definidos pela OMS entre 10 e 19 anos (...) e pela ONU entre os 15 e 24 anos (...). Usa-se também o termo jovens adultos para englobar a faixa etária de 20 a 24 anos de idade (...). Atualmente usa-se (...) agrupar ambos os critérios e denominar adolescência e juventude ou adolescentes e jovens (...) em programas comunitários, englobando assim os estudantes universitários (...)” (Eisenstein, 2005, p. 6).

Numa fase inicial selecionou-se jovens do género feminino e masculino que correspondessem às características inicialmente escolhidas. Foi feita a proposta a cerca de 25 participantes. Estes, que são apresentados abaixo, foram os/as 10 participantes que aceitaram cooperar no estudo, sendo que as recusas se refletiram em questões de ordem de gestão de tempo, justificando que não poderiam estar presentes numa entrevista presencial, outros por falta de telemóvel compatível com os objetivos do projeto e, ainda, alguns por questões pessoais, por falta de autorização do companheiro/a amoroso/a.

Esta amostra por conveniência pode acarretar situações de desconforto ou de mediação de conflitos por parte de algum/a participante com a investigadora (“eu”), tendo sempre presente a necessidade de saber gerir os problemas que possam surgir ao longo da investigação.

Como em qualquer estudo, a participação é voluntária. Posteriormente à realização da entrevista, uma das participantes desistiu de continuar a ser incluída no estudo, porém a sua participação foi validada até ao momento da sua desistência. É a participante número 3 pelo

que se encontram abaixo algumas falhas de dados, nomeadamente na escolaridade do pai e da mãe.

Em resumo, os dados a apresentar circunscrevem-se à presença de 10 participantes nas entrevistas semiestruturadas, de 9 participantes no *e-focus group* e de 6 participantes no aplicativo móvel - Endomondo.

Por outro lado, gostava também de salientar que são considerados/as participantes deste estudo todos/as aqueles/as que direta e indiretamente estiveram presentes no mesmo, porque como já se referenciou, utilizaram-se diferentes instrumentos de análise e, como tal, diversos/as jovens estiveram direta e indiretamente envolvidos no estudo, como é o caso de todos/as aqueles/as que num dado momento específico encontravam-se no local da observação.

É propósito, nesta secção, apresentar um pequeno retrato de cada um dos/as 10 participantes que fizeram parte desta investigação, tanto ao nível pessoal como familiar. O objetivo é perceber um pouco as suas origens regionais, o grau de ensino que frequentam e, além disso, o meio socioeconómico em que o agregado familiar vive. Os/as jovens participantes foram numerados de 1 a 10, sendo que são sempre interpelados como tal ao longo de toda a dissertação.

Participante nr. 1

Género: Masculino

Idade: 20 anos

Escola que frequenta: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da UP

Local de Habitação: Vila Nova de Gaia

Habilitações Literárias: 12º ano – a frequentar o 3º ano da Licenciatura

Habilitações Literárias Mãe: Licenciatura

Habilitações Literárias Pai: 12º ano de escolaridade

Participante nr. 2

Género: Feminino

Idade: 18 anos

Escola que frequenta: Faculdade de Letras da UP

Local de Habitação: Perafita - Matosinhos

Habilitações Literárias: 12º ano – a frequentar o 1º ano da Licenciatura

Habilitações Literárias Mãe: Pós-Graduação

Habilitações Literárias Pai: Ensino Secundário

Participante nr. 3

Género: Feminino

Idade: 18

Escola que frequenta: Faculdade de Letras da UP

Habilitações literárias: 12º ano – a frequentar o 1º ano da Licenciatura

Participante nr. 4

Género: Feminino

Idade: 20 anos

Escola que frequenta: Escola Superior de Artes e Design

Local de Habitação: Valongo

Habilitações Literárias: 12º ano – a frequentar o 3º ano da Licenciatura

Habilitações Literárias Mãe: 12º ano de escolaridade

Habilitações Literárias Pai: 4º ano de escolaridade

Participante nr. 5

Género: Feminino

Idade: 19 anos

Escola que frequenta: Escola Superior de Enfermagem Santa Maria

Local de Habitação: Vila Nova de Gaia

Habilitações Literárias: 12º ano – a frequentar o 2º ano da Licenciatura

Habilitações Literárias Mãe: 6º ano de escolaridade

Habilitações Literárias Pai: _____

Participante nr. 6

Género: Feminino

Idade: 20 anos

Escola que frequenta: Escola Superior de Artes e Design

Local de Habitação: Gaia – Devesas (natural de Aveiro)

Habilitações Literárias: 12º ano – a frequentar o 3º ano da Licenciatura

Habilitações Literárias Mãe: Licenciatura

Habilitações Literárias Pai: 12º ano de escolaridade

Participante nr. 7

Género: Masculino

Idade: 17 anos

Escola que frequenta: Escola Secundária Carolina Michaelis

Local de Habitação: Carvalhido, Porto

Habilitações Literárias: 9º ano – a frequentar o 10º ano de escolaridade

Habilitações Literárias Mãe: 5º ano de escolaridade

Habilitações Literárias Pai: Licenciado

Participante nr. 8

Género: Feminino

Idade: 19 anos

Escola que frequenta: Escola Superior de Educação - IPP

Local de Habitação: Freixeiro - Matosinhos

Habilitações Literárias: 12º ano – a frequentar o 2º ano da Licenciatura

Habilitações Literárias Mãe: 4º ano de escolaridade

Habilitações Literárias Pai: 6º ano de escolaridade

Participante nr. 9

Género: Masculino

Idade: 18 anos

Escola que frequenta: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar

Local de Habitação: Folgosa - Maia

Habilitações Literárias: 12º ano – a frequentar o 1º ano da Licenciatura

Habilitações Literárias Mãe: Licenciatura

Habilitações Literárias Pai: 12º ano de escolaridade

Participante nr. 10

Género: Masculino

Idade: 18 anos

Escola que frequenta: Escola Superior de Enfermagem do Porto

Local de Habitação: Folgosa - Maia

Habilitações Literárias: 12º ano – a frequentar o 1º ano da Licenciatura

Habilitações Literárias Mãe: Licenciatura

Habilitações Literárias Pai: 12º ano de escolaridade

Tabela 1 - Caracterização dos/as participantes em estudo

1.10. Análise de Conteúdo

“Os observadores qualitativos não estão limitados por categorias de medida ou de resposta, são livres de pesquisar conceitos e categorias que se afiguram significativas para os sujeitos” (Aires, 2011, p. 25).

A análise de conteúdo é um

“conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis) destas mensagens” (Bardin, 1977).

Nesta lógica, aquilo que se procura através da análise de conteúdo é extrair informação, por meio da utilização de uma chave de análise que lhe concede credibilidade e permite rigor científico. O objetivo é transformar os dados obtidos na entrevista semiestruturada, na observação participante, no *e-focus group* e nos aplicativos móveis em objeto de análise. Esta é a etapa mais crucial de todo o processo.

Por conseguinte, importa afirmar que nesta fase são definidas as categorias, subcategorias e seus significados, bem como os conceitos de análise.

A análise de conteúdo é um processo que permite organizar os dados recolhidos.

“O lugar ocupado pela análise de conteúdo na investigação social é cada vez maior, nomeadamente porque oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e

testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 227).

De seguida, apresenta-se um quadro com as categorias e subcategorias de análise, encontradas *à posteriori* através das entrevistas realizadas, da observação participante e do *e-focus group*, onde é posto em evidência o que se considera estar presente em cada uma delas e quais as suas palavras-chave.

Ao construir-se as categorias, teve-se por base a preocupação que salienta Vala (2003). Na verdade, o/a investigador/a, ao construir as suas categorias e subcategorias de análise de conteúdo deve procurar assegurar-se da sua exaustividade e exclusividade. Desta forma, pretende-se que todas as unidades de registo possam ser colocadas numa das categorias e, por sua vez, que uma mesma unidade de registo apenas só possa caber numa categoria (Vala, 2003).

Categorias	Subcategorias	Definição	Conceitos
Conceção de Bem-Estar & Saúde	Conceito Bem-estar na visão dos/as jovens	Nesta categoria, o objetivo é perceber o que é que os/as jovens concluem como sendo bem-estar, o que é bem-estar nas suas vidas e qual o impacto que os fatores demográficos, de género e económicos acarretam no bem-estar dos/as mesmos/as. Por outro lado, pretende-se também ter uma visão abrangente do papel que a saúde possui nas suas vidas.	<ul style="list-style-type: none"> · Bem-estar; · Influência do Outro e da Sociedade no bem-estar do indivíduo; · Importância da saúde; · Saúde e seus comportamentos.
	Influência do Bem-estar nos fatores: demográficos, de género e económicos		
	Lugar que a saúde ocupa na vida dos/as jovens e qual a importância que possui		
	Comportamentos juvenis associados à saúde		

Impacto Meio Familiar na vida juvenil	Importância das relações familiares	Nesta categoria, o objetivo é perceber qual a relação familiar e quais os comportamentos dos/as jovens na família, bem como perceber qual a influência do meio familiar na convivência dos/as jovens nos seus grupos de pares.	<ul style="list-style-type: none"> · Autonomia; · Responsabilidade; · Influência familiar.
	Lugar que a autonomia ocupa na vida social dos/as jovens		
	Comportamento dos/as jovens nas suas relações familiares		
Influência do grupo de pares na socialização	Motivações na integração em grupos de pares e na prática de atividades juvenis	Nesta categoria, o objetivo é perceber qual a influência que um ou vários grupos têm na vida e nos comportamentos juvenis.	<ul style="list-style-type: none"> · Dinamismo; · Integração Social; · Influência grupo pares.
	Importância do grupo de pares na Integração Social		
	Comportamentos no grupo de pares		
Impacto do meio escolar na vida juvenil		Nesta categoria, o objetivo é perceber qual o papel e a influência que o meio escolar tem na vida dos/as jovens e que importância tem o meio escolar para o bem-estar.	<ul style="list-style-type: none"> · Integração escolar e social
Perspetivas do Lazer e dos Espaços Urbanos	Influência da cidade nos lugares ocupados pela Juventude	Nesta categoria, o objetivo é perceber quais os espaços que a cidade do Porto disponibiliza para os/as jovens e qual o significado que os mesmos lhes atribuem. É, também objetivo desta categoria evidenciar quais as características presentes nos jovens quando se fala na cidade.	
	Espaços utilizados pelos/as jovens na cidade		
	Significado atribuído aos locais ocupados pelos/as jovens		
	Características evidenciadas pelos/as jovens, relativamente à cidade do Porto		

Questões relacionadas com a vivência na cidade do Porto	Porto enquanto Cidade Educadora	Nesta categoria, o objetivo é perceber se os jovens reconhecem a cidade do Porto enquanto cidade Educadora; perceber o que os/as jovens consideram necessário ser alterado e quais os motivos que os faziam continuar a viver nesta cidade.	
	Alterações para a cidade do Porto, do ponto de vista dos/as jovens		
	O que faz os/as jovens quererem viver (ou não) na cidade		
	O futuro da cidade do Porto no ponto de vista dos/as jovens		
Perspetivas sociais sobre a Sociedade e a Juventude		Nesta categoria, o objetivo é perceber de que forma é que a sociedade constrói e influencia a juventude e vice-versa.	
Processo de Investigação		Nesta categoria, o objetivo é perceber de que forma se percecionam as dificuldades do processo investigativo.	
Caracterização dos Contextos		Nesta categoria, o objetivo é perceber o olhar da investigadora perante o contexto real em análise e quais as interações aí apresentadas pela juventude.	

Tabela 2 - Categorias da análise de conteúdo

1.11. Questões Éticas

“Devemos desenvolver uma responsabilidade moral e bom senso para com os sujeitos do estudo em primeiro lugar, com o próprio estudo, em segundo, e só por último, com nós próprios” (Fontana & Frey, 1994).

A ética é um elemento crucial no processo investigativo, porque além de ser um trabalho realizado no âmbito da EpS, é também efetuado no contacto direto com jovens.

A primeira de todas prendeu-se com o facto de se submeter este projeto à Comissão de Ética do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP) para ser avaliado pela mesma. Após a sua aprovação outras questões éticas se levantaram.

Aquando da comunicação com os/as participantes, o facto de existir um consentimento informado para ser assinado por eles/elas, concedendo-lhes o direito de escolha da participação (ou não) no estudo, permitiu eticamente uma maior segurança com as situações que daí adviessem.

Enquanto investigadora, estas questões éticas atravessaram todo o processo investigativo; primeiro, porque sempre referi aos/às participantes o meu papel enquanto investigadora e a contribuição deles/as na participação num estudo académico. Por outro lado, foi necessária uma constante auto reflexão, durante o decorrer do mesmo, sabendo *à priori* que o/a investigador/a não pode, de modo algum, fazer juízos de valor sobre o objeto de estudo e, por isso, mesmo perante algumas situações mais difíceis, tinha consciência que não devia nem podia assumir uma postura exterior avaliativa mas sim interpretar os seus significados.

Faz sentido afirmar que este caminho de preocupações éticas passa por desenvolver um conjunto de pressupostos estratégicos que permitam, enquanto investigadora, antever as diversas circunstâncias que possam acontecer durante a investigação.

Acresce salientar outro assunto bastante importante quando se fala em questões éticas nesta investigação. No momento da extração dos mapas dos aplicativos móveis foi tido em atenção o anonimato e a confidencialidade da vida destes/as participantes e em momento algum mesmo se levanta, isto porque não será dada a identificação da localidade exata destes/destas participantes, pelo que os seus trajetos apenas mostram os locais com maior período de tempo parados. Além disso, também não será facultado o programa que permite ampliar e ter acesso exato às moradas dos/as participantes.

Estas foram, sem dúvida, as questões em evidência, tendo eticamente consciência que os Outros são mais do que aquilo que se evidencia.

PARTE III – ANÁLISE DOS RESULTADOS

III – Prefácio: Retomar ao Objeto de Estudo

*“Nunca se estuda um objeto na sua primeira versão, dependendo assim de vários encontros que originam co-emergências de sujeito e objeto”
(Blandin, 2002 citado por Silva, 2008, p. 36).*

Ao entrar-se na discussão do conhecimento empírico, resultado da análise do material recolhido ao longo da investigação, mostra-se relevante lembrar e reformular o objeto e objetivos do estudo, descritos na primeira parte, colocando em evidência as preocupações voltadas para o bem-estar.

Foi o desenvolver da investigação que permitiu agora refletir de um modo um pouco diferente. Esta necessidade de reformulação tem a ver com o facto de ser verdade que pré-existe um objeto de estudo mas a sua versão final resulta das percepções do sujeito que se investiga. “O contexto não pré-existe ao objecto, na medida em que ambos se definem e se transformam mutuamente (Semprini, 1995 citado por Silva, 2008, p. 35).

Posto isto, a questão principal deste estudo foi organizada de forma a ser possível discutir o conceito de Bem-estar a partir dos sentidos que os/as jovens atribuem às suas experiências nos espaços urbanos e apropriações de lugares significativos para si.

De forma a alcançar este objetivo principal, o estudo foi organizado de modo a entender-se (1) de que modo é que a cidade do Porto e os contextos sociais se tornam preponderantes para a promoção do bem-estar dos/as jovens, (2) quais os espaços que os/as jovens identificam como propiciadores de lazer ou por servirem como meio de socialização e bem-estar, no espaço da cidade do Porto. Outro aspecto relevante deste estudo foi compreender o papel da EpS para contribuir para as políticas urbanas que promovam a qualidade do espaço para as suas populações e especificamente para os/as jovens.

Os capítulos que se seguem caracterizam-se por patentear novamente conceitos teóricos acerca da temática, articulando e trabalhando com o material empírico resultante dos discursos diretos dos/as participantes e das observações da investigadora. Daqui tanto se manifesta uma articulação das informações como um cruzamento de dados que contrapõem com a teoria previamente apresentada.

Uma das aspirações com esta investigação é dar a conhecer a visão dos/as jovens que vivem (n)a cidade do Porto, relativamente às suas relações com os espaços sociais (família, escola, grupo de pares e a própria sociedade) e consigo mesmo; bem como aos espaços urbanos preponderantes para estes/as jovens, desde os que identificam, aos que têm um significado para eles/as. Pretende-se perceber e dar enfoque ao impacto que todos estes espaços sociais e urbanos adquirem no bem-estar dos/as jovens e como discutir este conceito à luz dos sentidos juvenis.

CAPÍTULO I – Saúde e Bem-estar Juvenil

1.1. Preâmbulo

A procura do bem-estar, da promoção da saúde e da qualidade de vida tem sido um campo cada vez mais estudado, ao qual é dada mais relevância pela comunidade científica. Por outro lado este é uma dimensão que se enquadra à luz de inúmeras teorias, modelos e correntes.

Apresenta-se abaixo uma visão que encara a dimensão do bem-estar como sendo mutável em relação ao tempo, local, pessoa e contexto cultural (Tavares, 2011) e, por isso, é pensada numa visão holística e perspectivada como sendo uma construção social.

Além disso, acresce salientar que estas questões do bem-estar têm sido tratadas por Ryan & Deci, 2001; Siqueira & Padovam, 2008; Diener & Ryan, 2009 e nestes autores são referenciadas duas perspetivas teóricas: o bem-estar subjetivo e o bem-estar psicológico.

Sendo assim, este debate tem implicações tanto teóricas como práticas, pois o modo como se define e caracteriza o bem-estar vai influenciar a visão do indivíduo perante a vida (Remédios, 2010), tanto a nível comportamental como emocional.

Por seu turno, sendo esta investigação voltada para as juventudes, o modo como atuam na envolvimento em comportamentos de risco e o modo como lidam e enfrentam as vicissitudes da vida torna-se preponderante para o bem-estar e a saúde em geral. Os domínios aqui colocados em evidência são o bem-estar numa perspetiva geral, para alcançar a sua conceptualização, mas a mesma não seria possível se em causa não estivessem as diversas relações e interações familiares, escolares, com o grupo de pares e atividades de lazer.

1.2. A compreensão do conceito Bem-estar

As questões relacionadas com o bem-estar têm sido tratadas por alguns autores anteriormente salientados. Nesta fase agora recorre-se às perceções dos/s próprios/as participantes deste estudo, tentando perceber através das suas expressões, o que os/as faz sentir bem e, por sua vez, o que contribui para um melhor e maior fortalecimento do seu bem-estar pessoal e social. Lembra-se ainda que estes conceitos trabalhados empiricamente foram todos eles abordados pelos/as jovens participantes como contribuindo (ou não) para o bem-estar deles/as.

“O bem-estar constitui um campo de estudos que procura compreender as avaliações que as pessoas fazem de suas vidas” (Siqueira & Pavodam, 2008, p. 202). Não obstante,

esta dimensão depende de uma considerável conjugação de inúmeros fatores, tornando-se determinante as singularidades de cada indivíduo.

Como é descrito nas expressões recolhidas abaixo, existe uma diversidade de aspetos culturais e sociais que fazem estes/estas participantes sentirem-se bem.

“Quando vou sair à noite ou quando faço outras coisas que me engrandecem a minha cultura, nomeadamente ler um livro, ver um filme, ouvir música”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

“Gosto de fazer desporto, silêncio, (...) depois é os hobbies, estar com os amigos, namorar, ir ao cinema, a despreocupação”. (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

“Sossego, Música (...) Espaços verdes, desenhar”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

Faz-me sentir bem ouvir música, faz-me sentir bem (...) ir para a praxe, sair”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

“No geral o que me faz sentir melhor é a música”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

Percebe-se, então, que existe uma enorme diversidade de fatores e que a

“sensação de bem-estar ou de satisfação com a vida é intimamente ligada à forma como o indivíduo é capaz de lidar e absorver a ocorrência de episódios de sua vida, alguns destes inerentes ao próprio curso da mesma” (Silva, *et al.*, 2007, p. 1113).

Ou seja, o bem-estar depende da forma como cada jovem encara o que lhe vai acontecendo, seja positiva e/ou negativamente.

Como exemplo disso, tem-se também o exercício proposto no *e-focus group*, evidenciado na imagem se encontra abaixo. Neste é demonstrado um enorme conjunto de fatores propiciadores (ou não) de bem-estar, nomeadamente um encontro familiar, o convívio com amigos, quer através dos meios de comunicação, como através de atividades de lazer, como o exemplo da praia, ou na partilha de comportamentos, como é o caso do álcool e do tabaco. Outra das imagens salientada centra-se nos problemas existentes entre diferentes indivíduos, despoletados através de discussões.



Figura 3 - Questão 1 do *e-focus group*

Sabendo-se, através dos dados recolhidos nas entrevistas, que estes eram alguns dos momentos salientados pelos/as participantes como propiciando bem-estar e funcionando como pólos de desenvolvimento, tentou-se, com outra técnica de recolha, perceber, através de imagens, qual a que mais os/as caracterizava e que, por sua vez, mais os/as fazia sentir bem e qual a que menos os/as caracterizava e, logo, os/as fazia sentir mal. Com esta questão obteve-se alguns resultados similares no que diz respeito aos fatores quer positivos, quer negativos. Por isso, abaixo são apresentados a ordem pela qual cada participante colocaria estes fatores, do que mais o/a caracteriza e contribui para o seu bem-estar, para o que menos o/a caracteriza.



Com base nos resultados apresentados, percebe-se que o enfoque mantém-se no grupo de amigos e na música (como aspeto cultural em destaque) e, sobressai também, a família e o convívio entre as diferentes gerações familiares.

O bem-estar é uma dimensão crucial nas juventudes, nomeadamente porque as reações que os/as jovens têm

“às condições em que decorre a sua socialização, podem ter repercussões importantes nas suas perspetivas de futuro. A avaliação que os jovens fazem da sua experiência social, bem como o grau de satisfação que manifestam em relação à vida” (Ferreira, 1989, p. 11)

são elementos a considerar no modo como é atingido o bem-estar. Por isso, é fundamental a análise destas questões, nomeadamente porque a realização destas atividades, sendo elas importantes para os/as participantes, acarretam momentos de lazer determinantes para o bem-estar. Por outro lado, a ocorrência destes momentos de menor interesse para cada

um deles/as, pode levar a momentos de baixo bem-estar, que influenciarão todo o decorrer do curso de vida destes/as jovens. Em todo o caso, “a conjugação destes e doutros aspectos, directa ou indirectamente relacionados com a auto-percepção do indivíduo em relação ao bem-estar, manifesta-se de forma cognitivo-valorativa e de forma afectivo-emocional” (Silva, *et al.*, 2010, p. 40).

Neste seguimento, torna-se essencial evidenciar dois exemplos que afetam a vida de duas participantes, tanto a nível cognitivo como afetivo.

Sendo que 9 dos/as 10 participantes pertencem ao ensino superior, realça-se uma das realidades evidenciada neste estudo – de que modo a entrada na universidade influencia a vida destes/as jovens, no geral e o bem-estar, no particular.

Teixeira *et al.*, (2008), refere que o modo de integração dos/as estudantes no ensino superior influencia tanto a formação profissional, quanto o desenvolvimento psicossocial. Uma boa ou má integração dita muito daquele que é o “sofrimento” deste processo de construção juvenil.

Pelas palavras de uma participante, percebe-se que no momento em que a sua entrevista foi realizada, o seu bem-estar encontrava-se, de certo modo, afetado e, por consequência, as suas relações familiares também, por se estar a adaptar a um contexto escolar novo – o ensino superior.

“Sim, [o facto de não estar tão bem no meio escolar, porque é uma novidade, vai implicar a relação com a família e a minha saúde], porque também é uma novidade para eles e não sabem muito bem como lidar e até agora foi sempre tudo muito fácil e eu sempre me saí sozinha nunca precisei muito da ajuda deles e agora de repente levei assim um choque” (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

Como se tem vindo a afirmar, o bem-estar é afetado pelas interações sociais dos/as jovens, acabando por os/as afetar em todos os microssistemas em que se inserem.

Outro dos exemplos evidenciados por parte de uma outra participante refere-se a um acontecimento marcante na sua vida que declara ter afetado momentaneamente o seu desenvolvimento pessoal e social - o *bullying*. Isto porque esta realidade está muito relacionada com a auto-confiança e a auto-estima dos/as jovens.

“Isto foi sobretudo na minha primária e eu aí fui um bocado vítima de bullying psicológico, portanto teve uma influência muito forte, portanto quando mudei de escola aproveitei e comecei a fazer desporto comecei a emagrecer e consegui estar mais à vontade com as pessoas e a defender-me, portanto também não deixava que gozassem tanto comigo e que me pusessem a baixo”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

O *bullying* é visto como um comportamento malicioso e agressivo que tem como objetivo intimidar o outro, que pode não ser mais fraco fisicamente mas tem alguma

característica que o torna mais vulnerável (Camacho, 2011). Por sua vez, esta realidade do *bullying* pode afectar o bem-estar físico e psicológico dos/as jovens.

As interações juvenis podem ter este efeito negativo na convivência social, mas existem também muitos aspetos enriquecedores de desenvolvimento pessoal e grupal.

Segundo Diener & Ryan (2009), as interações diárias entre as pessoas e os efeitos dos laços sociais são um fator causal no alto bem-estar subjetivo, porque permite criar relações de apoio. É igualmente afirmado que a melhor parte do seu dia-a-dia das pessoas são os momentos envolvidos em interação social. De uma forma geral, as pessoas são mais felizes quando convivem com outros/as.

Através das expressões dos/as jovens participantes, observa-se exatamente isso.

“De uma forma geral aquilo que contribui para o meu bem-estar é as relações que tenho com os meus amigos e com as pessoas mais próximas (...) o facto de poder estar com elas, de me proporcionarem bons momentos e eu poder proporcionar a elas também” (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

“Estar com os meus amigos (...). O que me faz sentir bem (...) estar bem com a minha família, ter bons laços familiares...” (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“Estar com os meus amigos, também estar com a minha família porque gosto bastante porque sinto-me mesmo à vontade, posso falar com eles e então faz-me sentir bem, com os meus amigos é igual.” (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

“Para o meu bem-estar contribui a minha família, estar com ela e com os meus amigos, mais nada” (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

“Ter um grupo de suporte de amigos e família que me compreendem, que me apoiam”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

Com base no exposto, impõe-se uma necessidade de reflexão (que será apresentada mais à frente) sobre estes momentos de interação social, tanto ao nível familiar, como com o grupo de pares, tentando perceber as implicações que estas interações acarretam na vida de cada um e de que modo podem contribuir para o crescimento e desenvolvimento do indivíduo jovem. Outro contexto a não esquecer é o escolar, sendo ele um momento fundamental que atravessa esta fase da juventude e que se caracteriza por ser “propenso ao desenvolvimento da convivalidade e das relações de amizade” (Ferreira, 1989, p. 33). Por este motivo, este contexto social é refletido mais à frente, tendo como referência a sua importância no desenvolvimento tanto a nível formal, como não-formal.

1.3. Influência dos Contextos de Desenvolvimento

Quando se fala em bem-estar é crucial referenciar-se variáveis que o influenciam, uma vez que não se pode abordar esta realidade sem ter em conta o contexto em que o indivíduo

se encontra em permanente interação. Como fatores de influência, apresentam-se os seguintes: nível socioeconómico, fatores demográficos e de género.

1.3.1. Relação existente com a variável socioeconómica

Fazendo-se uma retrospectiva às informações recolhidas dos/as participantes pode-se descrever que esta não foi uma questão linear vista do mesmo modo por todos/as.

Segundo estudos realizados por Souza *et al.*, (2012) e Silva *et al.*, (2007), o sentimento de bem-estar é influenciado pelo nível socioeconómico, sendo afirmado que as questões económicas relacionam-se com um melhor *status* funcional de saúde e influenciam o bem-estar ou as possibilidades de alcançarem esse estado de bem-estar.

Pelas palavras de alguns/algumas participantes verificou-se precisamente isso.

“Eu neste momento vivo sozinho porque os meus pais emigraram recentemente e eu acho que o fator económico, neste caso, pesa um bocadinho porque como eu não estou com os meus pais o meu modo de vida se calhar alterou-se um bocadinho, nomeadamente o facto de ter de viver um bocado mais regrado, mais poupado e portanto não me posso dar a tantas extravagâncias”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

As questões económicas relacionadas não só com o jovem participante, mas com o seu agregado familiar alteraram-se devido a fatores de empregabilidade e, conseqüentemente, permitem a este jovem crescer e atribuir uma maior relevância ao dinheiro. Aliás, segundo a OMS (2010), o emprego e as condições relacionadas com o trabalho têm efeitos poderosos (sejam eles positivos ou negativos) sobre a saúde e a igualdade na saúde.

Confrontando a realidade por outro prisma de análise, torna-se fundamental refletir sobre a perspetiva de bem-estar, relacionada com o nível socioeconómico.

A cidade do Porto sendo um centro urbano desenvolvido, já não leva estes/as participantes a falarem em cuidados de saúde primários, até porque estes/as jovens se centram, na sua maioria, na chamada classe média. Por isso, as necessidades baseiam-se mais em questões relacionadas com o consumo de bens e serviços e do quanto contribuem para um estado mais harmonioso de bem-estar.

Tal como afirma Campbell (2007), as atividades geralmente associadas ao “consumo” são importantes para satisfazerem as necessidades e desejos do indivíduo e, como forma de constatar isso, realça-se a opinião destas jovens participantes, relativamente a este fator.

“Os económicos [influencia] porque dão-me possibilidade de frequentar, ou não, concertos, festivais ou até bares”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“Os fatores económicos claro que também têm influência porque se eu quiser sair para tomar uma bebida ou ir a alguma festa ou qualquer coisa, há sempre gastos,

portanto influencia sempre a decisão do vou ou não vou”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

“Sim, sem dúvida, principalmente os fatores económicos, por muito que uma pessoa diga que não são necessários, são necessários sim para nos sentirmos bem connosco próprio e com o que nós fazemos, para fazermos aquilo que gostamos, não podemos só gostar e fazer, é necessário outros fatores e por isso influenciam a nossa vida. Para me sentir bem eu tenho que fazer aquilo que eu gosto, ou seja, para estar aqui na [faculdade] é necessário que eu tenha essa disponibilidade económica”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

Como se pode verificar, o ir ou não ir, o comprar ou não comprar está muito condicionado com a disponibilidade económica. “Uma maior disponibilidade económica permitirá satisfazer uma parte importante das aspirações e necessidades juvenis, condicionando deste modo o nível de satisfação” (Ferreira, 1989, p. 15).

Por seu turno, há ainda quem identifique este poder económico como tendo uma influência indireta, porque tanto os pais como o grupo de pares resolvem a situação. Aparentemente sem grandes constrangimentos, por parte do participante.

“[Os fatores económicos] acho que não, não influenciam por aí além. Mesmo que não tiver dinheiro posso sair à vontade que os meus pais dão ou os meus amigos emprestam, há essa compreensão por parte de todos”. (*Participante 9, rapaz, 18 anos*)

Por último, verifica-se, por parte de alguns/algumas participantes, uma visão contrária àquela que é referenciada na literatura, na medida em que os/as participantes afirmam que os fatores económicos não têm uma importância relevante no bem-estar deles/as.

“Não (...) Aquilo que eu gosto de fazer não é prejudicado ou favorecido (...). São coisas banais como estar com os meus amigos e a minha família e acho que nenhum desses fatores influencia isso”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

“Não. Porque o facto de estar com quem gosto passa por cima desses fatores” (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

Neste trabalho não seria possível falar de fatores económicos sem falar dos/as participantes em causa. Não se pode deixar de situar a recolha destes dados relativamente à classe social a que estes/as jovens pertencem – a uma chamada classe média – até porque, como já se viu na secção anterior, mediante os dados que foram fornecidos pelos/as participantes, pode-se estar perante um viés socioeconómico na análise dos dados.

Ora decifrando um pouco o nível escolar obtido pelos pais destes/as participantes, verifica-se que existem: 1 com o 4º ano de escolaridade, 1 com o 6º ano de escolaridade, 5 com o 12º ano e 1 com a licenciatura. No que concerne aos estudos obtidos pelas mães, encontramos 1 mãe com o 4º ano de escolaridade, outra com o 5º ano e outra com o 6º ano de escolaridade, 1 mãe com o 12º ano de escolaridade, 1 mãe com a pós-graduação e 4 mães com a licenciatura.

Esta questão por si só não se esgota nem é suficiente para justificar a presença destes/as jovens e destes agregados familiares na referida classe média. Afirma-se então esta questão através dos sinais externos de riqueza (nomeadamente o dispositivo móvel utilizado com capacidade para recolher as trajetórias individuais) que, por sua vez, se interligam com o consumo. Pensando-se nesta questão do consumo e no impacto que o mesmo conduz na sociedade, encará-lo como um ato de prazer, em que possuir produtos e serviços é ser feliz, é o mote aqui presente. “Consumir qualquer coisa é uma espécie de passaporte para a eternidade, consumir freneticamente é ter a certeza de ser um peregrino em viagem ao paraíso” (Rocha, 2005 citado por Lima, 2013, p. 31). Ora, tendo agora esta consciência, sabe-se ainda que as pessoas tentam escolher produtos que comunicam e representam o seu *status* na sociedade. Aliado a isto percebe-se que

“o desenvolvimento psicológico é mais favorecido pelo nível socioeconómico alto do que pelo baixo. Este facto é interpretado fundamentalmente em termos das maiores expectativas e oportunidades de desempenho de papéis associadas ao nível socioeconómico mais elevado” (Dias, 1996, p. 229).

Conclui-se assim que, apesar de 2 participantes não evidenciarem a variável socioeconómica como propiciadora de bem-estar, no restante grupo de participantes esta variável mostrou ter repercussões na satisfação juvenil e, conseqüentemente, impacto na socialização e na forma como vivem e encaram o presente e o futuro. De uma forma geral, no bem-estar juvenil.

1.3.2. Relação existente com o fator demográfico

Outro fator de influência a ter em conta é o fator demográfico. Quando se fala nesta variável está implicitamente presente o conceito de desenvolvimento local e as conseqüências quer positivas, quer negativas que daí advém.

Como conseqüência positiva presente no quotidiano destes/as jovens, encontra-se o exemplo de desenvolvimento e crescimento pessoal de um jovem participante. Ele refere que:

“O facto de morar mais longe da faculdade (...) criou em mim um maior sentido de responsabilidade, ter que acordar a umas certas horas para chegar a tempo às aulas, só mesmo nesse sentido”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

Vendo este fator demográfico por outro prisma, cita-se outro exemplo que é apresentado por parte de uma participante, comparando a cidade do Porto (onde vive) e a cidade de Évora (onde habitualmente passa férias).

“Acho que onde vivo também ajuda porque eu tenho uma casa em Évora e quando passo lá temporadas aquilo é uma seca, não se passa nada, principalmente quando

não estão lá os estudantes da universidade, aquilo é paradisssimo, não há movimento cultural, não há tantas oportunidades também. Eu que vivo na cidade do Porto quando vou para Évora sinto essa diferença”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

De acordo com as palavras destes/as jovens participantes, está pressuposto um conceito de espaço social e uma base territorial, onde constroem a sua identidade. Consequentemente, está expresso esta “escala de inter-relações pessoais” que vai sendo construída ao longo da vida quotidiana e que afeta necessariamente o bem-estar. Como exemplo disso, procura-se exemplificar os sentimentos de uma outra participante do estudo.

“O local onde nós vivemos também, temos que nos sentir bem quer onde vivemos, Os fatores demográficos influenciam o nosso bem-estar e aquilo que nós queremos”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

Por seu turno, é “fundamental observar que o território adquire um destacado papel enquanto condição e fator de desenvolvimento” (Martins & Bosco, 2002). Um dos exemplos maioritariamente citado por estes/as participantes centra-se nos obstáculos (principalmente ao nível dos transportes na periferia da cidade do Porto) encontrados para se deslocarem ao centro da mesma.

“Quando quero sair à noite, estar com os amigos à noite no Porto, como moro num sítio que não tem transportes noturnos e como não tenho carta de condução, nem carro o que é que acontece, eu quero e posso mas não consigo”. (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

“O local onde vivo (...) dificulta o acesso a algumas atividades inclusive atividades da faculdade e, por exemplo, por nunca ter andado na parte escolar mais recente (...), não ser lá [na terra onde vive] era mais complicado porque acabo por fazer amigos mais longe e não ter tantos transportes tornava-se complicado para estar com eles”. (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

“O facto de eu estar (...) numa zona isolada onde eu estou a morar, noto que, quando eu estou mais perto de casa, tenho menos convívio com algumas pessoas. Tenho de me deslocar, por exemplo, ao centro da cidade ou uma coisa assim”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

Neste seguimento, outro fator presente nesta “falta de mobilidade sentida por parte dos/as participantes” (que é perceptível nas palavras das participantes acima enunciados), relaciona-se com as relações de sociabilidade que poderão, de certa forma, ficar afetadas e que trazem consequências para o bem-estar juvenil.

Este é assim um desafio para este centro urbano do Porto, que com a sua evolução e crescimento, precisa de pôr em evidência soluções de maior e melhor mobilidade. Este trabalho tem vindo a ser desenvolvido mas percebendo através das inquietações das jovens participantes, muito trabalho pode ainda estar a precisar de ser feito para se continuar a chamar os habitantes da Metrópole do Porto para o centro da cidade. Não descorando as questões ambientais (que têm um enorme impacto na saúde de todos/as), as sociabilidades,

em destaque as juvenis e a sua promoção possibilitam mais trocas sociais entre os/as jovens e o alcance de um maior e melhor estado de bem-estar.

1.3.3. Relação existente com a variável Género

Pretende-se situar esta problemática da variável género para enquadrar melhor o estudo e perceber se existe relação entre o fator de género e o bem-estar juvenil.

Pelo que se pode observar pelas expressões dos/as jovens participantes é sabido que não se obtiveram diferenças significativas entre o género feminino e o masculino. Todavia considera-se essencial apresentar duas realidades diferentes que foram apresentadas por parte de dois participantes, o primeiro do género feminino e o segundo do género masculino.

A primeira apresenta o seu pensamento e relata o seguinte:

“Em relação ao facto de ser mulher, acho que uma mulher está sempre sujeita a demasiado assédio sexual e isso é irritante e prejudicial ao meu bem-estar e também de insegurança porque os casos de violação incidem quase todos sobre as mulheres e dá sempre um certo medo andar sozinha durante a noite... nem é andar sozinha durante a noite, é chegar a casa no autocarro e ter que fazer aquele percurso de 5 minutos até à porta de tua casa, é sempre uma constante aflição, porque lá está ser assaltado, as pessoas levam as tuas coisas e tudo bem. Mas a violação é o teu corpo e traz transtornos sem dúvida e isso é uma preocupação grande principalmente para as mulheres e faz com que as mulheres... as raparigas se retraiam quando saem à noite, retraem-se em sair sozinhas, em chegar sozinhas a casa... é sempre aquele mau estar”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

Urge refletir sobre estas preocupações juvenis e o quanto podem ser perturbadoras para a saúde de um/a jovem.

A ocorrer (ou até mesmo a sua tentativa), este ato é uma brutal violação de direitos humanos e é considerado um problema de saúde pública pelo impacto que acarreta para a mulher (Drezett, *et al.*, 2004).

Apesar de não ser o foco do estudo em causa, dá-se um pequeno realce a esta questão, pois é uma das preocupações que deve existir, porque além da importância da segurança a manter nos centros urbanos (para que os/as jovens se sintam seguros), estas situações acarretam graves problemas de saúde, como já se referiu, nomeadamente ao nível do bem-estar físico, psicológico e social.

Não relacionado com este exemplo mas sendo este também um fator de género, realça-se outra situação possível aquando da reflexão sobre juventudes e géneros.

Os comportamentos juvenis e as relações sociais que são frequentemente desenvolvidos e determinados pelo ambiente social são cruciais para raparigas e rapazes. Neste estudo, tal como no estudo de Ferreira (1989) em habitat urbano verificou-se que esta situação é mais diluída entre os géneros.

As palavras abaixo deste jovem compreendem precisamente este entendimento.

“O facto de seres rapaz, eu não tenho nenhuma irmã, somos todos rapazes mas acho que não, acho que os meus pais deixavam sair, talvez com mais atenção mas deixavam sair, desde que soubesse com quem estava e para onde fosse, acho que deixavam”. (*Participante 9, rapaz, 18 anos*)

Ou seja, os/as jovens não identificam de forma clara diferenças de género mas percebem que essas diferenças podem existir no seio familiar.

Embora não seja possível verificar isto no relato de todos/as os/as participantes, tendo agora como ponto de comparação o estudo de Dubow *et al.*, (1987), encontram-se diferenças nos comportamentos parentais: os pais são mais permissivos em relação aos rapazes do que às raparigas (Dias, 1996) e isso, de certa forma, encontra-se nas palavras do jovem quando refere “talvez com mais atenção mas deixavam sair”. Ou seja, esta situação pode até ser mais diluída mas não implica que seja inexistente.

A variabilidade que se pode descobrir nas diferenças entre os géneros encontra a sua razão na socialização, na influência que o contexto familiar exerce no desenvolvimento dos mesmos e no próprio contexto urbano. Portanto, a construção social do género feminino e masculino varia mediante uma diversidade de fatores, que influenciam a vivência na sociedade.

1.4. Importância que a Saúde detém nas Juventudes: perspetiva dos/as jovens

O conceito de saúde vem sofrendo ao longo dos tempos transformações na sua conceptualização. Muitas vezes é interpretado única e exclusivamente como ausência de doença e isso é verificável nas palavras dos/as participantes do estudo:

“Nunca fui uma pessoa, aliás, de ter muitos problemas de saúde”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

“Sem saúde não consigo estar bem nos outros dois [meio familiar e escolar], não se faz nada sem saúde”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“Com saúde uma pessoa consegue fazer várias coisas e dura mais tempo. Se uma pessoa tiver uma doença terminal, ou assim, não vai conseguir viver”. (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

Aqui, verifica-se uma visão de que a ausência de doença permite ao/à participante e aos restantes espaços sociais (meio familiar e escolar, neste caso) viver melhor e durante mais tempo se não estiverem fisicamente doentes.

Todavia, a constituição da WHO (1946) vai mais longe e define saúde como:

“states that good health is a state of complete physical, social and mental well-being, and not merely the absence of disease or infirmity. Health is a resource for everyday life, not the object of living, and is a positive concept emphasizing social and personal resources as well as physical capabilities”¹⁴.

Nas palavras dos/as participantes, a saúde é...

“(...) a maneira como nos sentimos, acordamos de manhã, se estivermos bem passamos à partida o dia bem e conseguimos ir para a cama à noite bem, ou seja, se alguma dessas coisas falhar o resto acaba sempre por falhar”. (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

“(...) o mais importante, porque sem saúde não se faz mais nada”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

Partindo desta premissa, é crucial salientar a opinião de mais participantes, que evidenciam uma visão abrangente do conceito de saúde.

“Sem saúde e sem nos sentirmos bem não conseguimos alcançar os nossos objetivos, se calhar nem conseguimos defini-los e é importante para nos realizarmos pessoalmente e conseguirmos ajudar a realizar os outros”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

“Sim. Porque se não tivermos saúde não vamos conseguir fazer muita coisa e não vamos conseguir realizar a nível pessoal”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

Posto isto e tendo em conta esta visão ampliada do conceito de saúde, pode-se ter em conta uma série de fatores de influência social, que afetam a vida juvenil, tanto positiva como negativamente. Portanto, sabe-se que “as relações interpessoais têm grande importância ao longo da vida” (Tomé *et al.*, 2015, p. 31), tanto ao nível da saúde física como para o bem-estar psicológico. Exemplo disso são as palavras das participantes.

“Porque sem saúde não posso fazer aquilo que mais gosto, não posso sair, não posso por ventura ir às aulas. E mesmo que possa não estou no meu melhor. Estou condicionada”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“Uma pessoa que está muito doente não é capaz de sair para conviver com os amigos... eu das poucas vezes que estou doente não vou pedir a alguém, “olha vem ter comigo que eu estou doente e posso-te apegar”, portanto também influencia um bocado”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

Em suma, é perceptível que se a saúde estiver afetado, as relações interpessoais acabam por sair prejudicadas, porque a primeira está relacionada com a segunda. Sendo a saúde um recurso para a vivência diária das juventudes, é perceptível que para um pleno bem-estar estas capacidades sociais devem ser interpretadas positivamente, bem como as capacidades físicas.

¹⁴ Retirado de: <http://www.who.int/trade/glossary/story046/en/>

1.5. Influência do Meio Social: relação familiar e escolar

O suporte familiar e escolar são dois microsistemas cruciais quando se pretende fazer uma reflexão sobre o desenvolvimento juvenil.

Primeiramente é abordada a importância e influência das relações familiares e, em seguida, o contexto escolar.

Através do testemunho de uma participante, pode-se perceber como em poucas palavras a família adquire uma importância fundamental naquele que é o seu dia-a-dia.

“A família é com quem nós estamos todos os dias”. (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

As relações familiares desenvolvidas durante a infância influenciam os comportamentos das juventudes e revelam ser importantes no bem-estar dos/das jovens (Tomé, *et al.*, 2011). Isto é revelado claramente nas palavras de um jovem participante do estudo, quando aborda o quanto se torna essencial para o seu bem-estar psicológico, a boa comunicação que exerce com a sua família.

“No meu bem-estar psicológico (...) por exemplo se eu não estiver no meio familiar, o meu bem-estar psicológico ficará afetado porque não estou com as pessoas que mais gosto e sei que me fazem falta (...) já me vinculei com elas desde que nasci portanto há que estreitar os laços familiares, trata-se de uma questão de vínculo, uma questão relacional e portanto tenho de estar com o meu meio familiar para me sentir bem”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

Não obstante, o papel dos pais é novamente evidenciado, revelando a enorme importância que têm no bem-estar dos seus/suas filhos/as jovens, necessitando, de modo a sentirem-se bem, de uma boa comunicação com os seus pais (Tomé, *et al.*, 2011). Mas não só o núcleo familiar, os avós são evidenciados aqui como tendo uma importância na educação dos/as seus/suas netos/as.

A relação entre avós netos e pais oferece benefícios para todos. “A ligação intergeracional entre netos e avós traz consequências para as relações familiares a longo prazo” (Rodrigues, 2013, p. 9). Além disso, “os netos têm uma grande importância na vida dos avós, podendo o contacto entre ambos ser essencial para a integração emocional” (Rodrigues, 2013, p. 9), tanto dos avós que se encontram num processo de envelhecimento, como dos/as próprios/as jovens, na construção da sua personalidade e na percepção a adotar dos valores e ideais.

Denota-se a importância da família nos mapas abaixo salientados porque como se observa, ambos os/as participantes necessitam de se deslocar de carro para se fazerem chegar à casa de familiares, neste caso específico, os avós. Na participante 5, verifica-se

que a mesma se desloca de Vila Nova de Gaia até Perafita – Matosinhos, onde fica cerca de 1h30m. Pelo uso continuado da aplicação percebeu-se que este era o seu trajeto habitual de todos os domingos. Quanto ao participante 9, a mesma realidade é observada. Verifica-se que este na casa dos seus avós e na zona envolve durante todo um dia do seu fim-de-semana.



Figura 4 - Descrição do percurso efetuado pela participante 5 (rapariga, 19 anos)

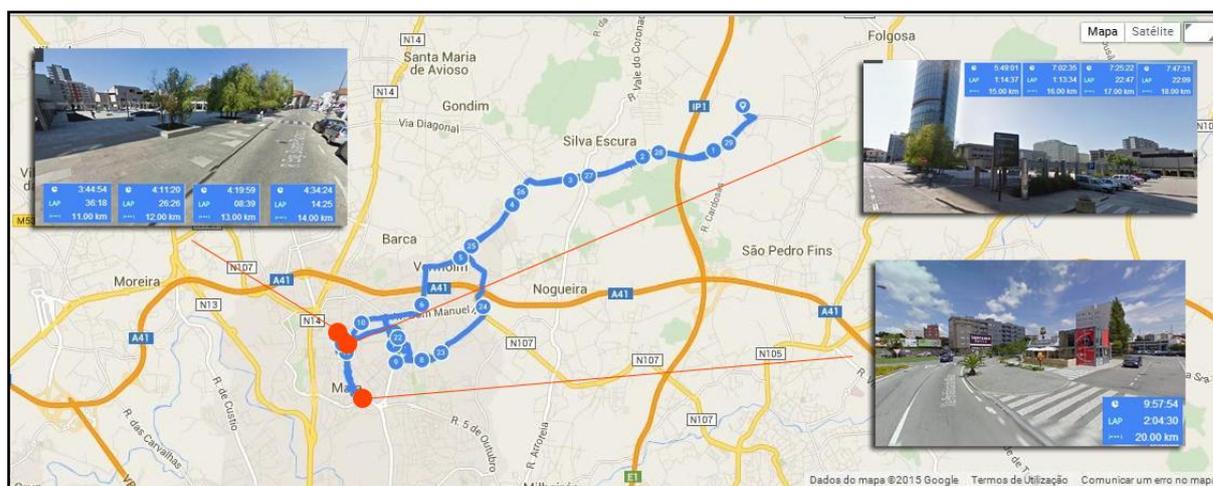


Figura 5 - Descrição do percurso efetuado pelo participante 9 (rapaz, 18 anos)

Hoje em dia, é possível encontrar mudanças drásticas nas famílias, nomeadamente ao nível da falta de tempo e dos desencontros que a vida familiar origina entre os locais de trabalho dos pais e o local de estudo dos/as filhos/as e por isso os avós são evidenciados como um local onde as relações e o convívio familiar tem enfoque.

Por outro lado, estas questões tornam-se fulcrais para reflexão porque se por um lado se necessita de trabalho e, conseqüentemente, de dinheiro; por outro, sem saúde e sem família/amigos, a humanidade e a convivência social vai-se desmantelando. É necessário aqui um equilíbrio entre o ritmo frenético a que a sociedade obriga e o tempo disponibilizado

no seio familiar, para continuar a incrementar relações agradáveis e confiáveis, propiciadoras de bem-estar (Casarin, 2007).

Esta realidade é apresentada por um participante, afirmando mesmo ser “órfão de pais vivos”.

“Costumo dizer que “sou órfão de pais vivos”, porque como já disse saio de casa muito cedo e eles ainda estão todos a dormir, chego a casa e não está ninguém, porque estão a trabalhar e depois só nos vemos à hora de jantar, porque é a hora de convívio social e de resto estou a estudar. “Sou órfão de pais vivos” porque sei que eles lá estão mas raramente estou com eles”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

Concomitantemente, urge refletir sobre o papel fundamental que a família exerce no desenvolvimento global, porque mesmo que o tempo seja reduzido, o importante é a qualidade do tempo passado em “convívio social”. À família está associada a “influência na educação, na socialização, na prestação de cuidados, na transmissão de crenças e valores e (...) na saúde e bem-estar dos seus elementos” (Tomé, *et al.*, 2011, p. 747) e, por isso, acabam por ser a base de apoio, mesmo na juventude, a que os jovens recorrem.

“Aquilo que eu acho que é certo também se calhar está de acordo com aquilo que os meus pais acham que é certo”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

“Não acho que haja uma grande diferença porque acho que os meus valores também acabaram por ser muito moldados pelos meus pais”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

Por isto mesmo é que se percebe, com base na análise dos dados deste estudo que “a imagem de uma família atravessada por irresolúveis conflitos intergeracionais e de valores, não se ajusta ao nível de satisfação que os jovens experimentam neste domínio” (Ferreira, 1989, p. 22). A comunicação entre pais e filhos, bem como as regras de conduta encontram-se aqui muito patentes.

Continuando neste sequência de pensamento, isto é verificável nos comportamentos que os/as jovens admitem ter de ter no contexto escolar para poderem ter autorização por parte da família para usufruírem do que mais lhes dá prazer na vida. Com isto, é possível afirmar que “os pais são o primeiro nível de socialização e se são bons modelos, definem regras e limites e ao mesmo tempo permitem a autonomia e a auto expressão do jovem” (Tomé, *et al.*, 2015, p. 25). Um exemplo prático disso encontra-se abaixo, na expressão do participante.

“Tenho de ter noção que tenho de ter futuro, não posso estar sempre a sair, tenho de estar atento nas aulas, principalmente. Se tiver boas notas, os meus pais confiam mais em mim, deixam-me sair mais vezes e vai influenciar no meu bem-estar”. (*Participante 9, rapaz, 18 anos*)

Por estes/as participantes, aquando das entrevistas é dado uma grande relevância e importância à família, mas é também referido o contexto escolar como propiciador de bem-estar.

“São. Se eu não estiver bem, por exemplo, com a família, ou na escola, não me sinto interiormente, tento estar bem com tudo para estar bem. Se algum desses fatores faltar já não estou bem, tenho de melhorá-lo”. (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

“Acho que o que mais se vê dentro da família e do meio escolar é a saúde porque está sempre presente na pessoa. No seio familiar e no meio escolar acabamos por ter duas realidades diferentes”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

Nesta linha de pensamento, Silva *et al.* (2010), ao falar dos contextos de referência para as juventudes, afirma que a família e a escola constituem-se sobretudo como espaços educativos e de promoção da excelência e que, por isso, deverão fomentar o desenvolvimento de competências afetivas, emocionais e cognitivas para que se possa lidar com as alterações biopsicossociais e culturais, de forma saudável e fortalecedora, até porque não estar bem num desses contextos irá influenciar o envolvimento nos restantes contextos.

“A minha saúde, a escola e a família... Quando tudo isso está bem, aí eu estou bem. Agora se uma coisa correr mal, por exemplo se a faculdade me correr mal não estou 100% bem e acho que isso interfere com o meu bem-estar, sim”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

Tendo em conta o percurso escolar dos/as participantes, baseia-se esta reflexão no contexto universitário.

A entrada no ensino superior é uma fase da vida do/a jovem com uma importância extrema e lidar com esta situação nem sempre é fácil. Isso é verificável nas palavras referidas pela participante abaixo.

“Sinto-me bastante perdida, porque até agora tinha um objetivo que era entrar na faculdade e agora entrei e então... é um mundo novo e sinto-me completamente perdida. É complicado, a avaliação é diferente e depois para além disso o curso onde eu estou também tem uma forma de avaliar bastante diferente dos outros cursos, basicamente ainda não tivemos testes de nada, só trabalhos que ainda não foram apresentados, ou seja, ainda ando para ali um bocado perdida, é mesmo essa a palavra”. (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

Como é observado, o meio escolar está a ter um grande impacto no bem-estar da jovem em causa, porque tal como ela o refere, o ensino superior é um “mundo novo” ao qual ainda terá de se adaptar para se sentir integrada. Não obstante, a verdade é que quantos mais problemas existirem nesta transição, mais potenciais repercussões poderão ocorrer, nomeadamente a nível psicológico que afetará todo o bem-estar social e psicológico.

Na realidade, apesar de não ser clara, existe uma relação direta entre as relações familiares e escolar, na medida em que “a qualidade da relação que o universitário tem com

seus pais, durante e mesmo antes do ingresso no ensino superior, é um fator que também influencia a adaptação à universidade” (Teixeira, *et al.*, 2008, p. 186 e 187). De forma explícita encontra-se isso nas palavras de uma participante e verifica-se a confusão que isto acarreta no desenvolvimento daqueles que são os seus pressupostos futuros.

“No meu caso tenho suporte familiar para algumas coisas tenho, para outras nem por isso. Por exemplo, este é um exemplo que se divide. A minha mãe quer muito que eu ande na faculdade e que tenha uma licenciatura. Pelo meu pai eu já estava a trabalhar, porque para ele isso não é minimamente importante, o que é importante é ganhar dinheiro e ter independência e casar e esse tipo de coisas... para a minha mãe, como também se separaram muito cedo, ela teve que começar a viver sozinha e ser independente e educou-me nesse sentido, para ser uma mulher independente e não ter aquela necessidade de casar, ter filhos e... depender de alguém. (...) De certa forma confunde-me. Por um lado concordo com a minha mãe, por outro também concordo com o meu pai”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

Para esta participante, o exemplo da independência da mãe e da não dependência de outrem tem influência nos seus objetivos de vida mas, por outro lado, tem a opinião do pai, que também, muito ou pouco, interfere na criação dos seus próprios pressupostos futuros. Acresce salientar que, para a participante, entre os valores educativos e os valores familiares, “não há uma visível indiferença a nenhum destes valores e aos mundos que representam”. Pelo contrário, “há uma distinção entre estes dois universos e as exigências de cada um deles torna-os incompatíveis” (Silva, 2008, p. 285).

Esta “confusão” sentida por parte da participante está relacionada com a visão que a mesma tem sobre o ensino superior. Continuando a falar do ensino superior, esta participante explicita a sua experiência neste meio escolar e o quanto isso a transtorna.

“Eu também sou contra algumas coisas que se passam no ensino superior, como são dadas as aulas... é decorar teorias e nem sequer se pensa na reflexão do estudante, nunca aparece isso num exame “a sua reflexão sobre um tema”, nunca aparece, é só espetar lá o que se decorou e depois aparecem pessoas com 20 porque têm memória fotográfica e nem reflete o que sabem, ou não, sobre o assunto. Na minha opinião, a matéria é importante porque temos que nos basear em alguma coisa para darmos a nossa opinião, mas é importante a impressão do que fica do que nos foi dado, não propriamente saber debitar uma teoria. E acaba também por me afetar psicologicamente porque a motivação também é completamente diferente”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

Como se pode observar, existem motivos que fazem com que a participante não concorde com aquilo que é realizado, principalmente no seu curso.

Em suma, estas representações sobre o futuro surgem associadas às modalidades de socialização, nomeadamente às origens sociais. Em causa pode estar o fator progressivo em direção à autonomia e todas as indecisões relativas ao decorrer da vida futura.

Pensa-se agora no contexto escolar como um espaço fulcral nas juventudes. Percebe-se ainda que para estes/as jovens, este é um contexto onde dedicam muito do seu tempo.

Esta inferência só é possível ser realizada, fazendo uma retrospectiva às trajetórias dos/as participantes. Posto isto, relaciona-se esta questão com os mapas abaixo.

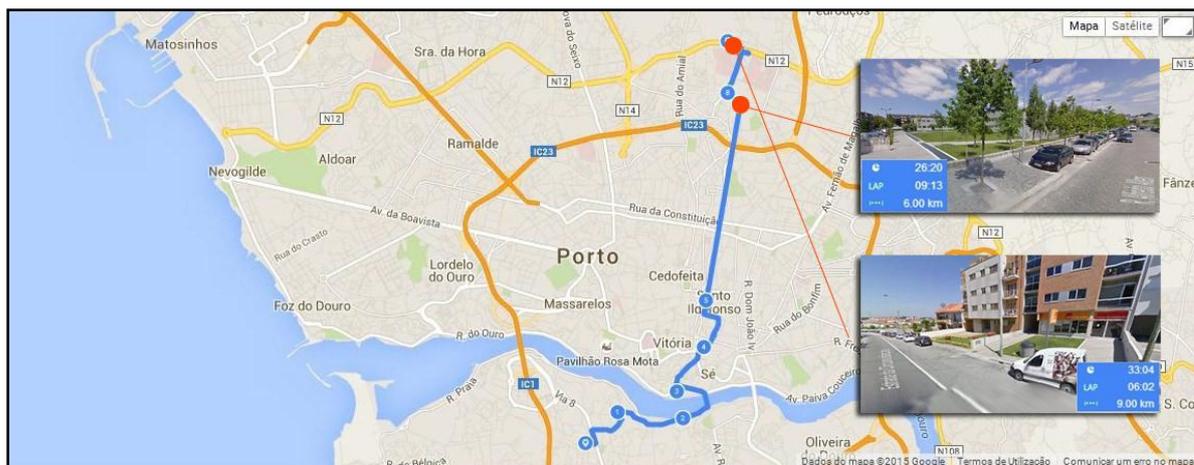


Figura 6 - Descrição do percurso efetuado pelo participante 1 (rapaz, 20 anos)

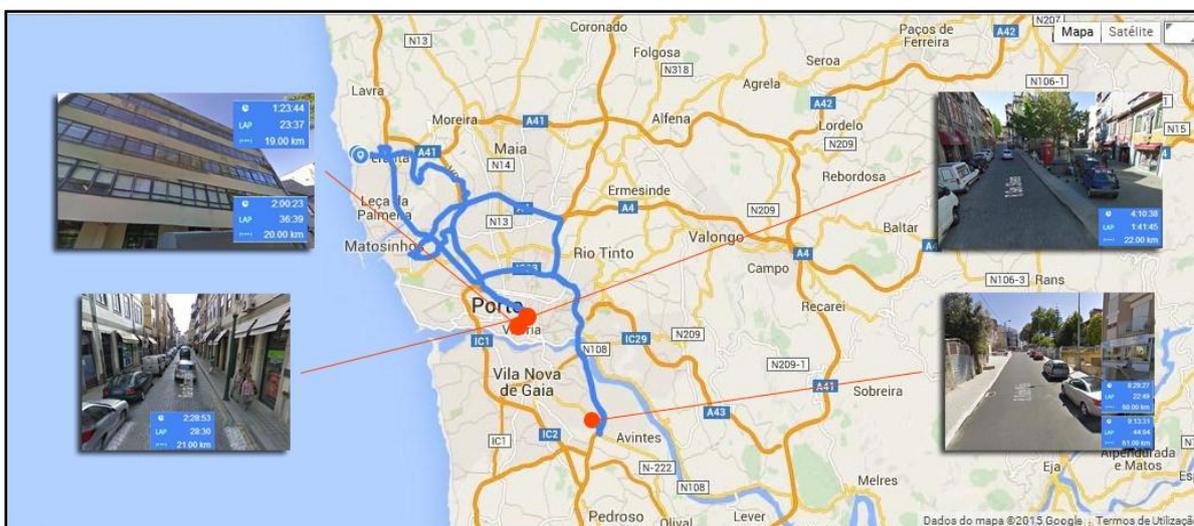


Figura 7 - Descrição do percurso efetuado pela participante 2 (rapariga, 18 anos)

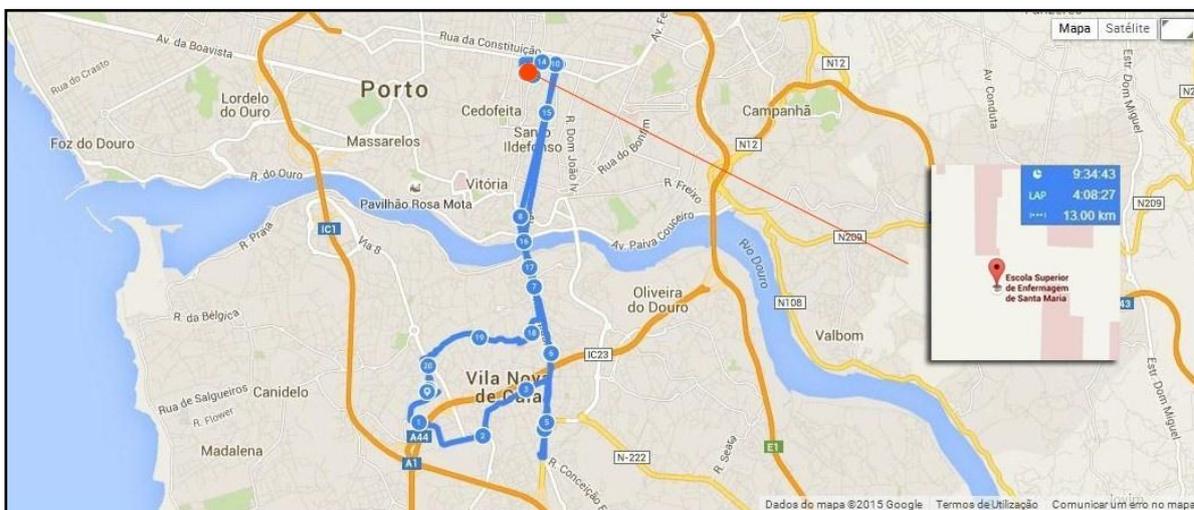


Figura 8 - Descrição do percurso efetuado pela participante 5 (rapariga, 20 anos)

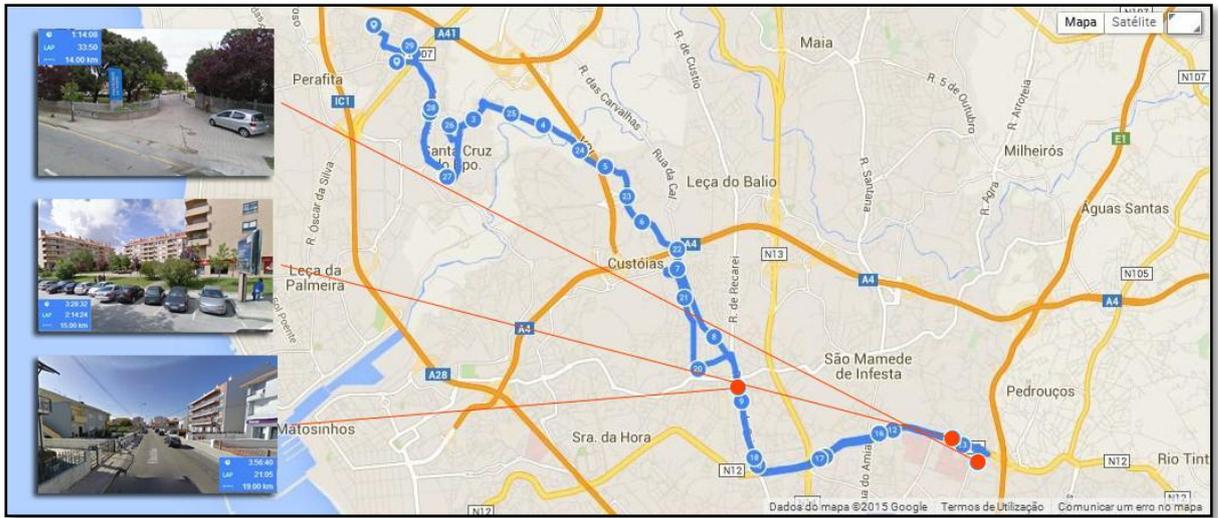


Figura 9 - Descrição do percurso efetuado pela participante 8 (rapariga, 19 anos)

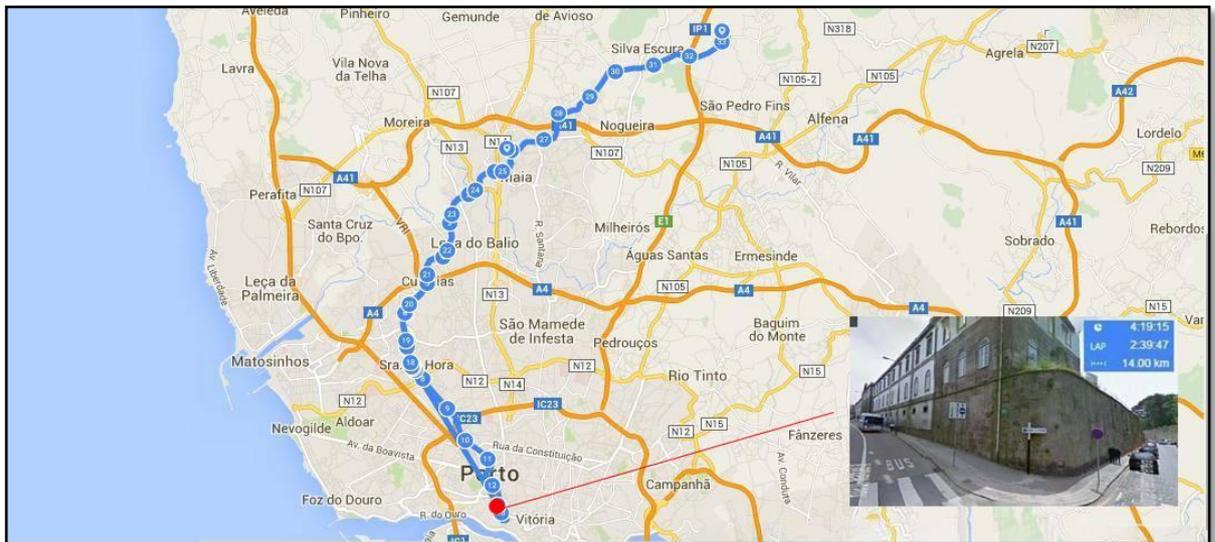


Figura 10 - Descrição do percurso efetuado pelo participante 9 (rapaz, 18 anos)

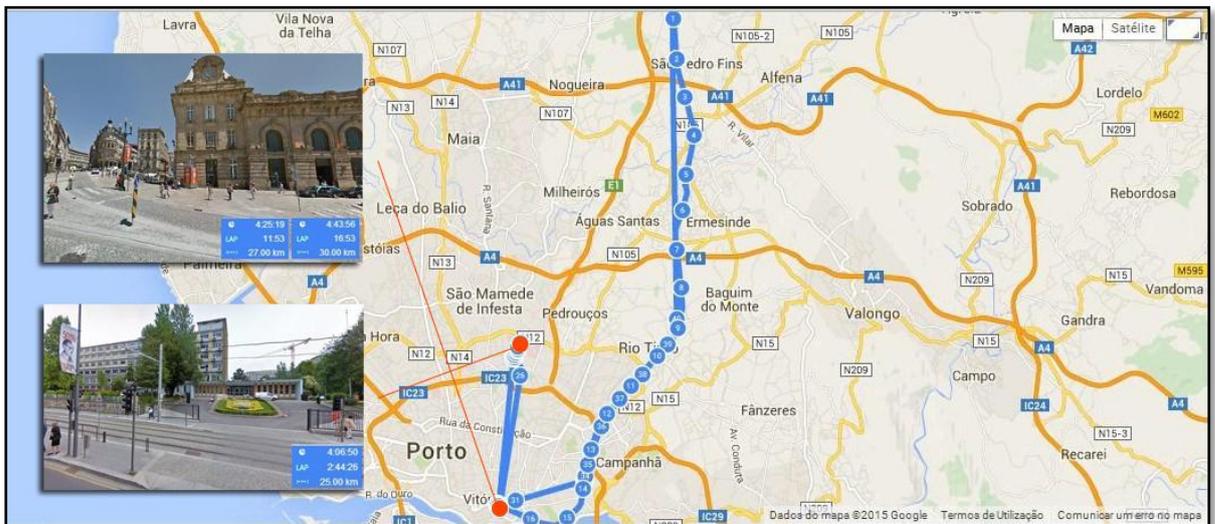


Figura 11 - Descrição do percurso efetuado pelo participante 10 (rapaz, 18 anos)

“Tenho um grupo de amigos que conheci num festival de música e sempre que estamos juntos é mais para falar de música ou para combinar ir a algum lado ver algum concerto, partilhar essas opiniões. Com outros é mesmo só estar, fazer palhaçada, ir para o café, passar a tarde a jogar cartas” (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

“Acho que toda a gente precisa de se sentir integrado de alguma forma para se sentir bem. Acho que promove uma maior integração social porque sem os meus amigos eu não vou aos mesmos sítios, sem os meus amigos não ia a festivais, nem a concertos, nem a bares, nem a coisa que se pareça”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

Como se verifica, sentir-se integrado num grupo implica partilhar momentos, comunicar. No caso concreto da música, esta torna-se um “elemento importante da cultura juvenil”, visto que se apresenta “como aglutinadora de sociabilidades” (Martins, 2005).

Citando novamente Martins (2005, p. 41), percebe-se que “os jovens criam espaços próprios de sociabilidade que se transformam em territórios culturalmente expressivos nos quais diferentes identidades são elaboradas”. Aliás, cultura, nestas ocasiões

“aparece como espaço social privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais que os jovens buscam para demarcar uma identidade. Na esfera cultural se processam sociabilidades, práticas coletivas e se põem em jogo interesses comuns” (Martins, 2005, p. 41).

Esta realidade vai-se observando em todos os discursos dos/as participantes, aquando da importância da integração de grupos juvenis, nomeadamente para a promoção de bem-estar social.

“Acho que o grupo de amigos é importante (...). Eu acho que o grupo de amigos serve para isso mesmo, para nos integrar. (...) Imagina, (...) quando eu cheguei à faculdade não conhecia ninguém dali, acabamos por, nas primeiras semanas, no primeiro mês, criar um grupo de amigos, mais restrito, conhecemos toda a gente e tal, mas criamos um grupo mais próximo e isso fez com que nos integrássemos melhor ali porque tínhamos alguém com quem contar...O primeiro ano tem imensas dificuldades e sabíamos com quem contar, se acontecesse alguma coisa sabíamos a quem recorrer ali dentro e se não tivesse esse grupo de amigos, se calhar era mais complicado”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

“É importante ter um bom grupo de amigos com que me dê bem, para falar com eles, para falar das minhas coisas, para poder espairer, não estar sempre metido em casa”. (*Participante 9, rapaz, 18 anos*)

Continuando nesta linha de pensamento, o contrário também se verifica. A solidão é um fator de mau estar entre as juventudes, que acaba por ter repercussões no desenvolvimento do/a jovem no decorrer da sua vida.

“Se tiver sozinha e não tiver amigos posso ter muita coisa para dizer e se calhar até penso de mais mas essas coisas ficam para mim e não são partilhadas”. (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

Ao falar-se da importância e das repercussões que a presença ou a falta do grupo de pares representa, é de acrescentar que é este grupo que permite um maior à vontade e faz com que a interação entre todos/as crie momentos de desinibição. Esta realidade pode e acontece, na perspectiva destes/as participantes, para os dois lados, mediante o/a jovem que estiver integrado no meio social. Como exemplo disso, explicita-se abaixo a visão dos/as jovens.

“Eu de um modo geral sou envergonhada quando estou num ambiente novo portanto se eu tiver ao meu lado um amigo convém puxarem por mim e mesmo ao contrário, quando sou eu que estou integrada e trago alguém comigo, consigo puxar por eles para se sentirem mais à vontade”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

“Eles são pessoas sociáveis e conhecem tudo também e com eles tanto estou a conhecer coisas novas como pessoas novas (...) Sinto-me mais sociável” (*Participante 7, rapaz, 17 anos*).

“Sim, sem dúvida que eles permitem essa integração e eu permito-lhes a eles e isso é importante, sim. A forma como eu convivo com os meus amigos ajuda-me a integrar. Ou seja, se eu integrei-me naquele grupo, é porque realmente somos amigos e sinto-me bem lá. Para o nosso bem-estar, ou seja, nós não vivemos sozinhos, precisamos dos outros para nos sentirmos bem também e eles contribuem para o meu bem-estar e eu acho que contribuo para o deles, através da comunicação e de outros aspetos. Se nós não estamos bem com alguma pessoa não nos sentimos bem connosco”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

“Sim porque tenho o meu grupo, (...) já estou inserido num meio social e o facto de os meus amigos conhecerem esses amigos vai acabar por... por trazer mais pessoas à minha rede social (...). O facto de conhecer mais pessoas (...) dá-me mais abertura para as minhas escolhas, para outras realidades. Sinto-me mais integrado com um grupo de amigos”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

Quando questionado a estes/as participantes quais os grupos juvenis em que se integravam, exceptuando o exemplo abaixo de um jovem participante, verifica-se que todos os outros identificavam como grupos, aqueles que faziam parte das atividades que frequentaram no passado e as demais atividades que ainda frequentam.

Neste sentido, este jovem participante identifica claramente como grupo de amigos, todos aqueles que se encontram nas diversas cidades por onde vai passando, e também os grupos que pertencem às diferentes atividades que frequentou/frequenta.

“Tenho o grupo de amigos de Gaia, tenho o meu grupo de amigos dos escuteiros que frequento ainda hoje, tive o meu grupo de amigos dos vários desportos que já frequentei, nomeadamente futebol, natação, remo, o grupo com quem mais me dou atualmente é o do remo, os outros, pronto, com o passar do tempo, os rumos da vida, infelizmente não se cruzam e portanto as pessoas acabam por se afastar mais um bocado mas depois também tenho o meu grupo de amigos daqui da faculdade e provavelmente terei o meu grupo de amigos lá de baixo do Algarve (...).Tenho o grupo de pessoas com quem me dou das aulas e tenho ainda o grupo de pessoas da praxe.” (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

Mostrando agora o exemplo dos/as outros/as participantes, demonstra-se a diversidade de atividades que experimentaram ao longo da sua infância e ainda, hoje, nas juventudes.

“Já fiz teatro, frequentei o grupo de teatro, da catequese, andei na natação, um grupo com muitos desportistas, agora frequento, não sei se lhe posso chamar grupo, o grupo da praxe”. (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

“Joguei andebol mas já não jogo, joguei até ao ano passado. frequentei a praxe mas agora já não, agora já saí”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“Natação. Dança. Pintura” (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

“Já fiz natação, já andei no teatro e (...) catequese também”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

“Estive em desporto: badmington, estive no basquetebol, estive na natação. Depois tive sobretudo com música, tive em dois coros, numa banda, 3 orquestras e ainda um outro grupo de música assim para saídas de vez em quando (...) e estava numa classe de conjunto que entretanto acabou, portanto (...). [Atualmente] Estou num dos coros, estou nas orquestras ainda e estou agora na tuna também” (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

“Sem ser o box não vejo mais nenhum. Fui fazendo algumas artes marciais mas nada de muito tempo”. (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

“Tive num grupo de dança na altura da escola. E também tive no ginásio mas só ia com pessoas amigas, não era bem um grupo, era diferente”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

“Andava no karaté, com um clube, (...) mais nada. (...) [Na natação] (...) na altura era pequenino, ainda não tinha entrado para a escola, e não ia para nenhuma competição mas andei bastante tempo.” (*Participante 9, rapaz, 18 anos*)

“Já andei na piscina e no karaté e agora estou numa indecisão entre a praxe.” (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

Assim sendo, torna-se crucial salientar que

“a participação em atividades culturais pode (...) oferecer aos jovens a possibilidade de exprimirem a sua energia criativa e contribuir para incentivar a cidadania ativa. Além disso, as atividades culturais são susceptíveis de promover a inclusão e facilitar o diálogo entre as gerações e entre as culturas, uma vez que permitem tecer laços entre as pessoas e ajudam a transcender a identidade nacional” (CCE, 2007, p. 10).

Esta realidade é sentida também por uma jovem participante, que pelas suas palavras descreve a autonomia que adquiriu nos grupos juvenis que frequentou/frequenta.

“A influência dos dois ajudou-me a ser uma pessoa mais autónoma e menos envergonhada, estar mais à vontade. Quando era pequenina era muito, muito envergonhada. O facto do desporto ajudou-me porque eu era um bocadinho “cheiinha” de mais e consegui ganhar um bocado de forma e senti-me mais à vontade para estar em público. Na música com as atuações aprendemos a estar mais à

vontade e a falar ou a atuar em presença de muitas pessoas, portanto deixa-me mais à vontade, nesse aspeto noto que mudei muito”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

No entanto, para que isto realmente ocorra é necessária a existência de uma verdadeira motivação. O fenómeno da motivação é muito complexo e é fruto das diferenças individuais; das experiências acumuladas e liga-se diretamente à história de cada um/a. Além das motivações intrínsecas, há também os fatores extrínsecos ao indivíduo que (direta ou indiretamente), o motivam às suas ações e escolhas (Truccolo *et al.*, 2008).

“Ao mesmo tempo que frequentava os desportos também fui conhecendo outras pessoas e isso também de um certo modo me motivou sempre a fazer mais desportos a fim de conhecer mais pessoas. Quanto aos escuteiros, eu entrei nos escuteiros, porque tenho uma irmã que já tinha aderido aos escuteiros primeiro e eu vi como aquilo tinha ajudado a minha irmã a conhecer mais pessoas e a fazer um grupo de amigos com quem ela ainda hoje também se dá (...) e na altura foi o que me motivou a entrar nos escuteiros até pelas atividades que eles descreviam e realizavam”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

Como forma de exemplificar esta realidade e a presença deste jovem nesta atividade do escutismo, apresenta-se abaixo um mapa que demonstra a pertença neste contexto social e cultural.



Figura 13 - Descrição do percurso efetuado pelo participante 1 (rapaz, 20 anos)

Acrescenta-se, a seguir, os restantes exemplos dos/as participantes que dão continuidade ao raciocínio anterior.

“Um foi o gosto pela música e pelo ambiente dos festivais, o outro acho foram as pessoas, o tipo de humor é compatível com eles, algumas atividades que não são compatíveis, ou seja, que não são as mesmas e acaba por ser interessante porque estamos lá a falar sobre isso”. (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

“A natação (...) estávamos lá todos pelo mesmo que era para treinar e o que me levou a ficar com eles: primeiro tinham os mesmos objetivos que eu e depois porque

ao terem os mesmos objetivos que eu à partida associamos sempre como sendo pessoas com bons princípios e portanto dei-me sempre bastante bem com eles. No teatro foi o gosto pelo que fazíamos e pelo que ainda se faz, sei lá, estarmos lá todos juntos, encarar personagens, tinha sempre alguma piada”. (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

“[Motivação] Alguns, os de desporto (...) pela saúde e porque eu gostava e pintura é o que eu quero fazer da minha vida”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

“[Motivação] Gosto pessoal. (...) Sim, todos. Gostava e depois ouvia sempre a opinião dos meus pais mas eram todos aquilo que eu gostava de fazer”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

“O meu pai já tinha praticado isso e eu senti aquele bichinho para fazer também e para experimentar, para ver se gostava, se era aquilo que eu queria (...). Eu comecei a gostar e ele depois foi-me motivando”. (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

“Muito tempo livre na altura e vontade de fazer algum desporto e as minhas amigas também foram e eu também queria ir, uma forma de me integrar naquele grupo”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

É notória a existência de uma diversidade cultural e social e isso é de valorizar. Os vários desportos, a música, os escuteiros

“compõem um vasto património cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado. Além disso, esse conhecimento contribui para adoção de uma postura não preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e às pessoas que dele fazem parte” (Paim & Pereira, 2004, p. 160).

Como se pode verificar de seguida, sem motivação a permanência nestes grupos não se consegue manter, porque não existem verdadeiros fundamentos na frequência destas atividades e grupos. A motivação implica investigar quais as razões que influenciam um determinado comportamento, levando em consideração que “todo o comportamento é motivado, é impulsionado por motivos” (Paim & Pereira, 2004, p. 160).

“O andebol foram os meus pais que me puxaram para isso. Nunca tive grande vontade de ir por minha própria vontade, eram os meus pais que gostavam que eu praticasse. A praxe foi a necessidade de experimentar, para saber como era”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“Não me estava a sentir muito integrado e então achei que não era muito bem aquele o grupo onde eu queria estar. Ou escolho outro ou deixo de fazer o que tenho para fazer. Ou seja, o facto de eu gostar da atividade não implica que eu vá gostar das pessoas que a estão a fazer”. (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

“Porque não consigo conciliar as duas coisas, entre a escola, ter que estudar e a praxe.” (...) “A piscina foi por obrigação – pais/médicos, o karaté por gosto e a praxe foi só mesmo para experimentar coisas novas, ver como é que era.” (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

Mais do que motivação, nas palavras desta jovem participante abaixo, encontra-se presente o condicionalismo socioeconómico à acessibilidade da atividade da pintura.

“Falta de tempo, também se calhar, porque por exemplo, a pintura a mensalidade era muito cara e também era insuportável. (...) E porque eu agora já sou mais velha, torno-me autodidata e consigo aprender por mim mais facilmente do que quando era mais miúda”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

Citando Ferreira (1989, p. 45), “o tipo de actividades de tempo livre que se pratica ou o acesso aos “lugares” onde se praticam essas actividades estão naturalmente condicionados pela acessibilidade económica”. Todos estes fatores inter-relacionam-se entre si.

Outra realidade detetada neste estudo é a frequência e quantidade de actividades frequentada na infância e agora nas juventudes.

No que diz respeito à vida atual destes/as jovens, quando é questionado aos/às participantes se ainda frequentam alguma atividade, a questão temporal é citada como uma das causas para a não realização das mesmas.

[Atualmente] Não, faço por mim só, não tenho um grupo. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

[E atualmente?] “Nada.” [Nem na faculdade?] “Não tenho tempo para isso.” (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

Este fator é importante de ser analisado, na medida em que é preciso desmistificar, através das próprias palavras dos/as jovens, qual o papel que os/as mesmos/as ocupam na sociedade. Tal como é referido por Charlot (2005), deve-se “levar em consideração o sujeito na sua singularidade de sua história e atividades que ele realiza” (citado por Pinto, 2012, p. 130), visto que “participar é estar envolvido, tomar parte ou influenciar (...) nas atividades num contexto ou campo de ação em particular” (Queiroz, 2013, p. 32), possibilitando assim o desenvolvimento pessoal e o desenvolvimento crítico do/a jovem. Na verdade, quanto mais esta participação fizer parte da vida das juventudes de forma saudável, mais se atenta ao verdadeiro alcance do bem-estar.

1.7. Diferenças comportamentais na envolvência com o meio familiar e o grupo de pares

Ao longo da presente investigação apreende-se que para estes/as participantes, as relações familiares adquirem especial destaque. Agora a questão aqui em destaque é se existem/identificam diferenças comportamentais quando se encontram com os seus pais ou os seus grupos de pares.

Como já anteriormente se viu, “os pais desempenham um papel vital para o bem-estar e para o ambiente saudável dos jovens” (Jornal Oficial da UE, 2008, p. 2) e este bom relacionamento é uma das características apresentadas na opinião dos/as jovens participantes.

Na certeza de que a questão se relacionava com a família, numa perspetiva geral, ao serem interpelados sobre a relação que estabelecem com a mesma, percebe-se que as respostas obtidas direcionam-se essencialmente para o núcleo mais restrito - os pais. A explicação pode estar no facto de ser com eles que estabelecem uma relação de maior proximidade.

Não obstante, há quem assuma *à priori* a existência de diferenças comportamentais entre a família e o grupo de pares, como se pode ver nas palavras abaixo:

“Eu com a minha família se calhar tenho um maior à vontade, como já os conheço à mais tempo e por outros fatores, nomeadamente o carinho e o amor para que tenho com eles, se calhar a minha relação é um bocadinho diferente”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

“Não, com a minha família muitas vezes tenho de ser um bocadinho mais cordial, porque estou a lidar com pessoas mais velhas e nem sempre podem entender a mentalidade que eu tenho, portanto tenho de ter cuidado para me adaptar nesse aspeto”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

“Na ESE, com os meus amigos, é sempre um ambiente mais descontraído, não digo descontraído, mais próximo. Enquanto no meio familiar também é um ambiente muito próximo mas talvez mais tranquilo, aqui não. Eu acho que sou mais ponderada, acho que sou mais calma em casa. Os amigos da faculdade como os outros são mais agitados, mais confusão. Aqui [na ESE] com a convivência com as pessoas da nossa idade, nós conseguimos ser mais explosivas”. (*Participante 8, rapariga 19 anos*)

“Gosto de dizer que não mas ao fim e ao cabo o comportamento que eu vou ter com a minha família não vai ser o mesmo que vou ter com os meus amigos”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

Estas diferenças são justificadas, muitas vezes, pelas relações que se estabelecem. Os sentimentos pela família e pelos amigos são, de certa forma, diferentes (embora não se descure a importância de ambos). Mas quando os/as jovens precisam de “falar acerca dos seus sentimentos pessoais, preocupações ou segredos, tendem a procurar os seus melhores amigos ou os seus companheiros amorosos” (Santos, 2008, p. 79). Aliás, as temáticas que são desenvolvidas com cada um destes dois grupos são diferentes. Pelas especificidades que os/as jovens identificam em cada um entende-se esta realidade.

“Pela aproximação das faixas etárias. Como nós aqui temos coisas que nos suscitam mais histeria. No meio familiar, é tudo mais calmo, temos diferentes faixas etárias, diferentes formas de pensar, é o hábito, também torna as coisas mais calmas”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

“Porque são ambientes diferentes, são respeitos que temos que ter, enquanto os amigos estamos sempre com eles, estamos a passar pelas mesmas coisas, a família já por lá passou ou ainda vai passar portanto temos que falar com eles de uma outra maneira”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

“Porque o respeito que temos dentro da família é completamente diferente do respeito que temos com amigos, com amigos também temos respeito mas como eles estão

sempre ao mesmo nível e conseguem ver as coisas como nós as vemos também”
(*Participante 10, rapaz, 18 anos*).

As diferenças encontradas não se restringem aos pais, em particular, nem à família, em geral, mas também às pessoas “de faixa etária superior” que se vão cruzando na vida destes/as jovens. Como exemplo disso, cita-se as palavras de uma das participantes que refere que existem diferenças, dando o exemplo que vive na sua turma da faculdade.

“Por exemplo, com os nossos pais a nossa atitude muda mas por exemplo na minha turma eu tenho pessoas de faixa etária superior à minha, ainda um bocado, 40 e tal anos e então a forma como eu falo com os meus colegas, os da minha idade, é um bocado diferente com a que eu falo com elas. Com o mesmo nível de respeito mas é um bocado diferente no à vontade. É um bocado por aí”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

Mas também “não parece razoável admitir que a influência dos pais seja “anulada” unicamente porque os jovens socializam com um grupo de pares” (Santos, 2008, p. 81), até porque os/as participantes identificam as relações estabelecidas com ambos mas referem-nas como sendo: “diferentes formas de pensar”, “ambientes diferentes”, “respeitos diferentes”. E, por isso mesmo, os tempos que coabitam com ambos também têm de ser mediados de forma a não criar atritos entre as duas realidades tão cruciais nesta fase da vida: pais e amigos.

“Sei distinguir quando é para estar com os meus amigos e quando é para estar com os meus pais e com a minha família em geral e pronto. (...) Há mais aquela coisa do ‘vamos sair com os amigos, vamos estar com os amigos’, mas acho que também tem de haver sempre um tempo para os pais”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

“Agora estou mais algum tempo com eles [amigos] mas também há alturas em que eu prefiro estar com a família e digo ‘olha não quero ir sair agora, que eu quero estar com os meus pais que até estou fora durante a semana’”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

De acordo com as palavras desta última participante (*rapariga, 20 anos*) percebe-se que a sua opinião está relacionada com a relação que a mesma estabelece com o seu núcleo familiar. Quanto mais confortável o/a jovem se sentir com a sua família, mais tempo vai tentar dedicar à mesma.

Quando se fala em relações sociais pressupõe-se que seja uma realidade complexa e por isso nem todos/as os/as participantes constroem uma opinião linear. Continuando na linha de pensamento até então desenvolvida sobre a existência de diferenças ou não entre os grupos, verifica-se a presença de participantes que referem a não existência dessas diferenças na relação entre o grupo familiar e o grupo de partes e ainda quem não as assuma diretamente e o afirmem de forma implícita.

“Em casa estamos todos muito à vontade, conversamos muito, fazemos piadas, às vezes piadas que também faço com os meus amigos portanto não sinto assim muita diferença”. (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

“Não. Em termos de comportamento reajo de igual nos dois, só não fumo em frente aos meus pais, como é óbvio. De resto é tudo igual. Quer dizer, varia no sentido em que tenho muito mais à vontade com os meus amigos, mas não diria que é uma diferença muito grande, se a minha mãe fosse uma mosca e tivesse a ver-me como me comporto com os meus amigos ela ficasse completamente chocada. Claro que é diferente. Agora em termos de linguagem é um bocadinho diferente, às vezes lá vai uns palavrões quando estou com os meus amigos que com os pais não acontece, mas também não sou muito de palavrões. Mas também vai mais da aproximação da idade e compreendem melhor as situações em que estou”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“Primeiro, a minha família também são os meus amigos, por isso... o meu comportamento também é igual. Claro que se calhar com os meus amigos estou mais à vontade para falar de certos assuntos, mas acho que com a minha família também estou à vontade para falar sobre tudo”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

“Se tiver que me divertir com os meus pais e com os meus amigos também, se tiver que ser mais séria com os meus amigos também o sou...” (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

“Eu tenho a minha família quase como se fossem meus amigos, eu tenho uma relação muito próxima com eles todos, portanto acho que é muito semelhante como me dou com eles”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

“Não. O meu comportamento em casa e com o meu grupo de amigos não varia, é igual. Quer dizer, com o meu grupo de amigos posso ajavardar mais mas com os meus pais também posso falar do que quero, é igual”. (*Participante 9, rapaz, 18 anos*)

Depois de tudo que anteriormente foi referenciado, importa salientar que tanto o grupo de pares como o seio familiar podem ser tanto um fator de risco, como um fator protetor, mediante o impacto e influência que ocupar na vida do/a jovem. Por este motivo, as interações desenvolvidas nestes grupos podem constituir-se simultaneamente uma oportunidade de desenvolvimento de competências e uma fonte de apoio, como também uma predisposição para comportamentos impulsivos e para assumirem posturas influenciadas, que levam a uma maior exposição ao risco.

1.8. A conquista gradual da Autonomia: a negociação com base no diálogo parental

1.8.1. Construção gradual da Autonomia

É crucial olhar para a autonomia (comportamental e emocional) dos/as jovens como possibilitadora de uma perspectiva de desenvolvimento pessoal e social e pensar no contributo que conduz para o bem-estar e integração social.

No início desta análise que conjuga simultaneamente o diálogo parental e a conquista de autonomia por parte dos/as jovens, importa explicitar o motivo deste subtítulo e nada melhor do que citar uma das participantes, exemplificadora da opinião geral dos/as jovens do estudo.

“No meu caso (...) não foi tipo, tens idade agora vais ser tipo, mais (...) autónoma. Não, foi acontecendo, foi gradual”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

Como é visível nas palavras dos/as participantes verifica-se que a autonomia foi sendo um processo gradual, que teve na sua base as questões relacionadas com a “confiança” e “responsabilidade”.

“Os meus pais comigo sempre tentaram que fosse uma coisa gradual, que não fosse repentina: não tens nada e agora tens a liberdade toda porque foi uma coisa de cada vez (...). Havia algumas alturas em que eu queria sair à noite e o meu pai “ok mas às 8 horas vou-te buscar”, mais tarde foi, “pronto, às 10h” e agora dá-me alguma liberdade e “quando chegares simplesmente avisa para sabermos que chegaste bem”. Portanto, foi uma coisa mais gradual e não senti aquele repentino e foram-me habituando devagar”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

“Sim, se calhar, eu não notei muito, lá está, eu não notei essa liberdade. (...) Essa liberdade sempre foi dada e não houve essa diferença. Se calhar houve uma gradação, um aumento dessa liberdade ao longo dos anos mas eu não a notei muito”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

A autonomia relaciona-se com questões de interação social que, inevitavelmente, proporcionam e incentivam uma independência (mesmo que relativa), que leva a uma maior participação e responsabilidade. Como todos estes fatores estão relacionados é notório um maior crescimento do/a jovem enquanto indivíduo. “A autonomia, enquanto habilidade que expressa tanto a relação com o outro quanto a relação consigo mesmo, pode ser uma dessas expressões afirmativas da juventude contemporânea” (Barbosa, 2014, p. 28).

“Sempre fui bastante independente em relação aos meus pais, à medida que o tempo passa eu vou sentindo cada vez mais, sem dúvida. Por exemplo, agora tenho de tratar tudo sozinha, ir ao banco. Esse tipo de coisas que parecem assim pequeninas”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“O facto de sair de casa ou chegar a casa e não está lá ninguém, ainda estão a dormir ou ainda estão a trabalhar (...) criou-me uma maior independência, já me estão a preparar melhor, mesmo pelo facto de, por exemplo ter que chegar a casa e ter que fazer o almoço porque não há, tenho que começar a criar (...) essa autonomia”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

Esta realidade é salientada pelas expressões destes dois participantes que relatam dois momentos diferentes de autonomia.

Esta conquista gradual da autonomia nas vidas destes/as jovens, tem vindo a obter sucesso por toda a construção de práticas, objetivos e obrigações que tiveram de mostrar que conseguiam cumprir para, conseqüentemente, alcançarem uma maior confiança por parte dos pais. Como exemplo disso, usufrui-se das expressões abaixo:

[Atitudes que demonstravam que os meus pais poderiam confiar em mim] “Tirar boas notas, chegar sempre a horinhas a casa, quando as tinha e não os desrespeitar acima de tudo.” (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“Se calhar primeiro começar por fazer as coisas em casa e eles viam que eu era capaz de fazer lá, também tipo era capaz de ser mais autónoma, tipo nas outras coisas”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

“Por exemplo, andar sozinho, ou guardar coisas importantes e não as perder e acho que eles foram ganhando essa confiança, se eles disserem para chegar aquela hora tenho que chegar se não da próxima vez já não vou”. (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

“Dão-me liberdade porque sabem que eu sou (...) mais responsável, já tenho consciência das decisões, das conseqüências das decisões que tomo, portanto”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

“O facto de poder sair à noite e não chegar a casa embriagado ou... noutros estados, confiavam até desconfiarem também porque se um dia chegar a casa nesse estado vão restringir muito mais as minhas saídas. Sempre fui demonstrando que era responsável”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

A expressão “Confiar até desconfiarem” mostra que esta autonomia e liberdade não é um dado adquirido e que é através dos comportamentos que ou a vão alcançando, ou não, podendo-a perder *à posteriori* por falta de responsabilidade. Isto faz com que os/as jovens estejam atentos/as e se preocupem sempre com os comportamentos que têm. Por um lado para cumprirem com as regras dos pais e, por outro, não perderem a autonomia que até então já lhes foi concedida.

A conquista da autonomia é um construto importante nas juventudes, que é influenciada pelos estilos parentais, pelo contexto sociocultural do ser humano, pelo estilo/forma de apego/afeto, dentre outras variáveis que se associam a este fenómeno (Barbosa, 2014), inclusive o cumprimento das regras impostas pelos pais, muito salientada pelos/as participantes deste estudo.

“No início quando comecei a sair à noite muito provavelmente eu devia de estar em casa no máximo até à meia-noite e agora acho que tenho uma maior liberdade para poder estender um bocadinho esse horário”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

“Até aos 18 tinha que chegar a casa a uma certas horas e não podia sair à noite sequer. Mas depois quando entrei na faculdade mudou completamente”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“Se eles diziam, por exemplo, ah não sei quê, não venhas tarde, imagina, tens de estar às três horas em casa e eu estava, se pudesse até estava antes. Foi sempre assim esse tipo de coisas. Eles diziam-me qualquer tipo de coisa e eu tentava cumprir que era para eles me irem dando mais liberdade. E acho que isso é mesmo importante porque só assim é que os pais vão conseguir confiar em nós. Eles dizem uma coisa a nós e se nós cumprimos, eles vão se calhar na próxima vez... em vez de ser às 3 horas é às 4, por exemplo. Acho que é um bocado por aí”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

“Das primeiras vezes que vou sair com os meus amigos é sempre diferente, tinha de estar sempre a avisar se está tudo bem, mas agora não. Confiam e portanto é mais fácil, basta dizer com quem estou e para onde vou (...) Mandar mensagens ao longo da noite a dizer que estava tudo bem e onde estava e chegava. Horários no início eram mais controladores, tinha hora de recolha e sempre cumpri. E foi isso que possibilitou que eles agora confiassem mais em mim”. (*Participante 9, rapaz, 18 anos*)

Continuando na linha de pensamento da autonomia, este não é um construto linear como já anteriormente foi referenciado e por isso não ocorre nem é interpretado de forma igual na vida dos/as jovens. Assim sendo, existem participantes que não identificam momentos específicos de maior autonomia, como é o caso das palavras explicitadas abaixo pela jovem participante.

“Eu não notei essa liberdade. Há pessoas que saem do secundário para a faculdade, ou mesmo do 9º para o 10º ano, porque saem da localidade, no meu caso de Perafita para Matosinhos, talvez aí um bocado de menos controlo. Do secundário para a faculdade há pessoas que sentem essa grande liberdade, eu não senti, para mim continuou tudo igual, o que fazia no secundário, faço na faculdade, por isso acho que não houve grandes alterações”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

Outros, ainda, apresentam os vários ciclos de estudo como uma possibilidade de alcançarem aquilo que tanto ansiavam. Um dos momentos mais notório é a entrada no ensino superior e a possibilidade de frequentar todas as atividades noturnas que até então não tinham autorização.

“Acho que chegaram à conclusão que finalmente tinham que me dar alguma liberdade. Ainda por cima nessa altura andava na praxe e precisava de algumas noites para a praxe e acho que comecei a habituá-los nessa direção”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“Muda um bocado, pelo facto de se calhar poder estar mais tempo com eles ou poder fazer coisas que se calhar alguns já faziam e que eu não, mas não muda assim de uma forma radical. É em certos pormenores, é eu poder fazer aquilo que se calhar

alguns já faziam, ou poder ir onde alguns já iam, esse tipo de coisas”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

Apesar de tudo isto, a conquista gradual da autonomia não pressupõe que com o passar do tempo a situação mude, ou seja, maior autonomia não subentende uma menor preocupação dos pais com os/as seus/suas filhos/as.

É assim os meus pais apesar de confiarem mais, porque também... com o passar do tempo, os meus pais notam que cheguei a horas a casa, nunca lhes passei o pé, passando a expressão, mas no entanto nunca deixaram de ser eles mesmo nem nunca deixaram de atuar enquanto pais, isto é, continuam a perguntar a que horas cheguei a casa, continuam a estar preocupados onde fui e com quem fui, portanto nunca se descartaram das suas funções, se é que assim posso dizer”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

Aliás, pelo contrário, é possível que “os estilos parentais sob os quais os jovens são criados apresentem relação com os valores que mais tarde serão considerados importantes pelos indivíduos” (Teixeira & Lopes, 2005, p. 52), estejam eles relacionados com as relações interpessoais ou com o bem-estar. O certo é que tudo isto não seria possível se não existisse um diálogo familiar estável.

1.8.2. Importância do diálogo familiar

Ao falar do seio familiar, é de especial importância abordar a diversidade de relações que se estabelecem. Abaixo são apresentadas as conceções dos/as jovens acerca destas questões comunicacionais e a visão deles/as sobre o seu próprio núcleo familiar e a socialização existente.

Na verdade, a comunicação que se estabelece entre pais e filhos/as torna-se uma peça fundamental para potencializar e auxiliar o estabelecimento de relações mais satisfatórias e saudáveis (Wagner, *et al.*, 2002). Isso é perceptível no bem-estar realçado nas palavras dos/as participantes.

“Lembro-me que sempre tive muitas conversas sobre as notícias e não sei quê, e acho que os meus pais tinham a noção que eu era uma pessoa responsável e que tinha bom senso e que sabia distinguir o certo do errado, que normalmente quando somos crianças é difícil. A partir do momento em que eu consegui mostrar-lhes isso, eles souberam não havia problema nenhum”. (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

“Os meus pais foram-me sempre acompanhando no meu crescimento e alertavam-me para certos perigos, problemas ou situações com que me poderia deparar. Deixaram-me sempre muito à vontade para falar com eles sobre tudo e, assim, mesmo nas alturas que cometi alguma asneira (toda a gente as comete), eu era capaz de lhes dizer porque sabia que a reação deles não seria só chatearem-se comigo e “fecharem-me numa torre para sempre”. Chamavam-me à razão e tentaram sempre que eu aprendesse com essas situações para que de futuro não se repetissem”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

Como se verifica foi o diálogo familiar criado ao longo deste tempo que permitiu uma maior autonomia das participantes citadas e confiança para falarem tanto dos problemas da sociedade como dos seus próprios erros.

Continuando a detetar esta importância do diálogo, acresce referenciar que, mediante as situações da vida, este pode ocorrer “além fronteiras”. Os meios de comunicação, especialmente a internet, potenciam a aproximação e a diminuição da “distância” entre a família. Não é este distanciamento físico que causa problemas nas relações criadas entre os elementos familiares, bem pelo contrário. É através da internet que o jovem tem a possibilidade de manter um contacto permanente com a sua família, como se pode ver pelas suas palavras.

“Há, muito mesmo [diálogo familiar]. (...). Eu acho que este processo de confiança e de diálogo entre mim e os meus pais, acho que se estreitou e fortaleceu com o facto de eu morar sozinho porque acho que a preocupação deles uma vez que não estão presentes comigo aumentou e acho que é normal porque nunca se sabe o que pode acontecer do outro lado da Europa (...). Nós neste momento estamos muito mais comunicativos, os mass media, neste caso, ajudam (...) nunca houve qualquer problema de os informar do que ia fazer ou como ia fazer e, portanto, consequentemente, eles (...) não me tiveram que negar nada até agora”.
(*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

Portanto, percebe-se que o diálogo está bastante patente nestes/as participantes e que o facto de os pais serem compreensivos, permite-lhes terem uma abertura diferente e uma partilha da vida e dos problemas que vão surgindo ao longo dos tempos, “associados a uma comunicação clara e direta”. Posto isto, por parte dos pais também existe uma necessidade de “reorganização nos padrões de funcionamento familiar”, porque esta maior independência permite simultaneamente o favorecimento “da confiança, aceitação e afeto entre pais e filhos. Nesta forma de comunicarem-se, os limites se apresentam nítidos e permeáveis para cada um dos membros do sistema familiar” (Wagner *et al.*, 2002, p. 77).

“Há coisas em que eu lhes digo que quero fazer e efetivamente só as faço, se puder, este se puder depende da autorização deles porque eu não vou fazer uma coisa que vai contra a vontade deles mas, muitas vezes, são coisas que eles não concordam mas que, no entanto, eles apesar de não concordarem, eles sabem que era uma coisa que eu até gostava muito de fazer e portanto ponderam sobre isso e no fim acabam por deixar. Portanto, eu nunca vou... e nunca faço nada que vai contra a vontade deles mas ao fim e ao cabo sempre pude fazer tudo aquilo que sempre quis, nunca violando os limites, se é que assim posso dizer”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

“Sempre que há uma coisa que eu quero fazer eu tento discutir com eles e se eles acharem que não está bem tentam-me explicar o porquê e eu tento explicar o meu ponto de vista e normalmente tentamos chegar a um acordo, claro que há sempre aquelas fases da adolescência em que “fogo, o meu pai não me deixa fazer isto, mas qual é o mal?”, há sempre algumas situações dessas mas agora, há medida que vou

crescendo e olho para trás, vejo que realmente os meus pais tinham razão ou também digo ao meu pai, "oh pai aqui exageraste, não havia necessidade, eu acho que era perfeitamente capaz". Mas normalmente estamos em sintonia, tentamos". (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

Aliado a estas expressões, propõe-se refletir sobre a citação apresentada abaixo, que salienta que,

“o processo de crescimento do jovem implica em contrariar, às vezes de forma intensa, a autoridade paterna, para, a partir daí, reconhecer-se a si mesmo como um indivíduo único e diferenciado. Graduar este processo implica em reorganizar o espaço familiar de forma a aumentar a flexibilidade das fronteiras sem que seja comprometida a autoridade dos pais” (Wagner *et al.*, 2002, p. 80).

Para a existência de um crescimento mútuo nas relações estabelecidas entre pais e filhos/as, estabelecendo os comportamentos a ter em cada um destes papéis sociais, por vezes são necessários estes confrontos de opiniões e perspetivas. Não que seja inexistente um conhecimento de causa dos pressupostos a cumprir em cada um, mas porque o anseio em alcançar determinados objetivos torna-se maior. Aliás, estes pressupostos são conhecidos, porque curiosamente, há ainda quem encare isto como um “dar e receber” em que para se ter o que se deseja, necessita de se dar aquilo que, à partida, os pais anseiam. Isto exemplifica-se pelas palavras do participante abaixo:

“Para poder sair tenho de ter boleia dos meus pais portanto tenho que me dar bem com eles e acho que ter um bom grupo de amigos também ajuda”. (*Participante 9, rapaz, 18 anos*)

Estas relações necessitam ser bem mediadas para que o bem-estar esteja assegurado tanto por parte das juventudes, como por parte do seio familiar.

1.9. A autonomia como construto relevante na convivência com o grupo de pares

1.9.1. A importância e influência da identificação, convivência e proximidade com o grupo de pares

A identificação com o grupo de pares e com a convivência que se cria é fortalecedora de aprendizagem e bem-estar. Falar de autonomia relacionada com o grupo de pares pressupõe ressaltar a importância que de o/a jovem atribui a essa realidade.

Sabe-se que “o grupo é uma entidade de socialização, na qual os adolescentes adquirem valores e competências que lhes servem de guia para o seu comportamento”

(Pereira, *et al.*, 2000, p. 191). Mas isto não é linear, tudo depende da forma como encaram este adquirir de valores e competências e se se deixam influenciar.

Neste estudo encontram-se jovens que afirmam diretamente já se terem influenciado pelo grupo de pares e quem implicitamente também afirme essa influência. Exemplo desta realidade:

“Agora já não, mas quando tinha uns 15 anos, sem dúvida que era porque necessitava de aprovação do meu grupo de amigos, sentia mesmo essa necessidade. Na altura sentia uma maior pressão por parte do meu grupo de amigos. (...) Cada um tornou-se mais autónomo e começamos a pensar mais pela nossa própria cabeça sem ligar tanto, faz parte do crescimento das pessoas”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“Sim [há influência do nosso grupo de amigos] mas acho que é mais no início da adolescência, 15, 16 anos. Chega-se aos 19, 20 anos e começa a amenizar”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“Claro que cada um tem a sua opinião e o que quer fazer mas... não sei nenhum exemplo prático... mas se alguém me mostrar melhores razões para eu fazer outra coisa, eu certamente seguirei, se concordar seguirei esse caminho. Eu tenho a minha opinião e muitas vezes sigo o que eu acho, mas podem-me revelar fatores mais positivos para mim e não vou fazer o que acho mas vou fazer o que as pessoas dizem porque se calhar tem mais sentido do que aquilo que eu pensei”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

“Há um limite e nunca vão para lá do que posso fazer e os meus pais iam deixar de confiar em mim (...). Nunca faço nada do que não devo. Aliás porque o meu grupo de amigos não vai para lá do que não devem. Ficam sempre no legal”. (*Participante 9, rapaz, 18 anos*)

É de uma relevância extrema falar deste último participante que nos realça primeiro que não faz nada do que não deve e salienta “aliás” porque o seu grupo também não o faz. Aqui verifica-se a importância que o grupo de pares tem no comportamento juvenil.

“A construção da identidade grupal [realiza-se] num contexto relacional específico, em que as avaliações dos grupos e as auto-imagens resultam de um processo de interação, de recíprocas comparações e categorizações sociais” (Pereira, *et al.*, 2000, p. 192) que, nesta fase, são fundamentais para as juventudes, para a própria aceitação no grupo juvenil pretendido. Nenhum/a jovem gosta de se sentir excluído ou isolado, visto que afeta diretamente o seu bem-estar e a perceção que tem sobre si próprio e o lugar que ocupa na sociedade.

“A saúde social depende da conectividade social, bem como do grau em que a comunidade valoriza a diversidade, apoia e inclui e proporciona oportunidades para que todos possam participar na vida da comunidade, bem como a quantidade e a qualidade (...) das relações que uma pessoa tem” (Reichel, 2014).

Mais do que participar, que tem a sua importância, descreve-se como essencial a qualidade desses relacionamentos sociais.

Posto isto, dá para perceber que a convivência num grupo de pares é determinante para o desenvolvimento pessoal dos/as jovens e isso é identificado por um jovem participante.

“Dos grupos que integrei eu assisti a diferentes tipos de pensar e diferentes formas de agir e de um certo modo influenciou as minhas escolhas porque eu se calhar de um lado via os meus pais a pensar de uma forma, o que claro, influencia a todos, mas por outro lado o nosso grupo de amigos também nos influencia a aderirmos a outro tipo de posições, (...) a deixarmo-nos levar por outras coisas que possamos fazer ou possamos aderir e portanto eu acho que (...) a maioria das coisas que fiz até hoje muito provavelmente se não tivesse integrado estes diferentes grupos sociais não tinha feito tantas atividades e não tinha tido tantos momentos que me tivessem proporcionado esta maior autonomia e seleção de posições e de modos de pensar que ganhei hoje”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

Esta convivialidade é constituída pelas juventudes como tendo um grande enfoque e privilégio, tanto ao nível da autonomia, como também ao nível da construção do pensamento.

Por outro lado, presentes num outro prisma, encontram-se jovens que afirmam claramente que a sua opinião prevalece acima da opinião de qualquer amigo/a e que a sua vontade própria é mais importante.

“É assim eu sempre tive amigos equilibrados como eu, no que toca às saídas à noite, mas também sempre tive outros amigos que (...) chegavam mais tarde a casa ou iam para discotecas ou outros locais de convivência e de lazer mais noturnos, portanto mais horas e muito provavelmente eu ficava naquela... ficava numa posição, não desconfortável mas tive grande parte deles a dizer: “então, não vieste sair ontem? Podias ter ficado até mais tarde, aquela altura é que foi, devias ter lá estado”. É assim eu nunca me senti mal com isso, sentia-me mal sim se tivesse efetivamente ficado e quando chegasse a casa, os meus pais estivessem tristes e preocupados comigo, em saber porque é que eu não fiz o que eles me pediram. Agora, sim sempre tive amigos que foram um bocadinho mais autónomos do que aquilo que eu fui, mas não creio que isso (...) tenha sido benéfico para eles”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

“Eu penso que geralmente não (...). É quando saímos à noite porque quase todos os amigos gostam de beber álcool e eu não gosto e alguns amigos tentam insistir comigo mas como eu não gosto normalmente mantenho. De resto nós temos mentalidades relativamente semelhantes ou conseguimos aceitar as diferenças. Há algumas situações em que tentam pôr um bocadinho de pressão, mas também não insistem”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

“Cada um tem a capacidade de perceber se quer fazer aquilo ou se não quer. No meu grupo de amigos ninguém é obrigado a fazer nada, ninguém leva a mal se não fumares, é igual. Ninguém obriga ninguém a nada”. (*Participante 9, rapaz, 18 anos*)

“Não. Sinto que mesmo que o restante grupo não queira o que eu quero, eu consigo dizer que não e seguir a minha ideia”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

Justificam isto afirmando que é uma questão de personalidade.

“Não. Acho que também tem a ver com a personalidade e... agora acho que não se precisa de ser influenciada pelo teu grupo para seres aceite, acho que isso já passou”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

“Nada do que eles façam me vai influenciar a mim, eu faço aquilo que eu achar que está bem para mim (...). Eu se vou fazer aquilo que quero, vou-me sentir bem com aquilo que quero, mas se for para o lado deles posso já não me sentir tão bem, posso-me estar a sentir como uma obrigação”. (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

Independentemente de uma influência explícita (ou não) por parte do grupo de pares, a verdade é a proximidade entre os diferentes elementos de um grupo contribui para uma perceção de maior e melhor integração social. Esta aproximação ocorre maioritariamente pelas semelhanças que existe entre os/as jovens:

“Em relação aos meus amigos, por acaso não acho que os princípios deles sejam muito diferentes dos meus. Até acho que nós damos-nos bem porque temos princípios semelhantes, o que eu acho que quero eles também querem por isso não noto muito essa diferença”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

Não ocorrendo isto e sendo maiores as diferenças do que as semelhanças entre os elementos dos grupos, acaba por não existir uma identificação com o mesmo e, conseqüentemente, ocorre um afastamento e rutura de amizades.

Como exemplo descreve-se as palavras da e do jovem participante, respetivamente.

“Por exemplo no andebol as mentalidades são um bocado diferentes, parece que se aglomeram um tipo de mentalidades diferentes e quando saí senti uma grande diferença. Uma liberdade para ser quem sou, basicamente. Para estar mais à vontade sem ter que negar ou esconder; para poder pensar pela minha própria cabeça sem ser julgada. Quando olho para trás: ‘eu fiz aquilo só porque eles achavam que era bom’ e agora olho para trás ‘eu não me acredito que fiz aquilo, é uma vergonha’”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“Comecei a conhecer pessoas novas e aquele tipo de pessoas não é o que eu gosto realmente numa pessoa e então fui-me afastando”. (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

Aqui os/as participantes, ao fazerem uma retrospectiva, percebem o quanto se influenciaram e se anularam enquanto jovens, com vontades próprias. Este ambiente que se vivia nos dois exemplos era falso e adulterado e isso estava a prejudicar a verdadeira inserção dos/as participantes, o que fez com que se afastassem.

Neste seguimento, salienta-se a expressão de uma participante do estudo, que não sendo tão drástica, também evidencia uma outra perspetiva de lidar com as diferenças dentro dos vários grupos que frequenta.

“Por exemplo, estamos todos juntos e é preciso por música se estou com um grupo que gosta mais de um estilo de música e com o outro preferem outro se calhar se eu me identifico mais com o primeiro se estiver no segundo não me vou oferecer para por música porque já sei que as pessoas não se vão identificar”. (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

Este é um exemplo prático de como a

“capacidade de transformação do jovem e de acordo com o grupo ou com o ambiente não significa conflito de personalidade, mas competência de adaptação aos diversos contextos onde estiver inserido mesmo que temporária ou transitoriamente. Assim, ser camaleão é ter a possibilidade de constituir múltiplas identidades” (Martins, 2005, p. 52).

Além disso, ter a capacidade de perceber que semelhanças e diferenças existem dentro do próprio grupo em relação às preferências individuais e perceber em que momento a sua intervenção promove uma maior interação grupal ou, ao invés disso, uma separação proveniente dos gostos pessoais.

O importante a reter é o enfoque da auto-estima do/a jovem. Seja na inserção completa, seja em exprimir determinadas opiniões, a qualidade de vida deve estar sempre como foco principal. Diferenças existem sempre e contribuem para o desenvolvimento das juventudes, o modo como se lida com elas é que vai levar à inserção ou isolamento social e contribuir para o bem-estar ou solidão, respetivamente.

1.9.2. As decisões no contexto familiar relativamente ao grupo de pares

Já tem vindo a ser explicitada a importância que a família tem ao longo do crescimento e desenvolvimento das juventudes, nomeadamente nas regras e valores a transmitir. Verifica-se precisamente isso na expressão de Romanelli (1998, p. 129), que realça que

“é no interior [do] quadro de experiências que pais e mães transmitem aos filhos seja pelas suas práticas, seja mediante orientações explícitas, um matrimónio cultural que inclui orientações, valores e modelos culturais para orientá-los na esfera pública e na vida privada”

Falando concretamente no impacto do grupo de pares, refere-se o quanto é crucial o olhar que os pais têm sobre os grupos de pares dos/as seus/suas filhos/as, nomeadamente porque quanto melhores forem as relações estabelecidas com os/amigos/as dos/as seus/suas filhos/as, maior será o à vontade em permitir que o/a seu/sua filho/a saia com esse grupo. Pelos dados dos/as participantes percebe-se que tudo depende dos/as amigos/as. Como se verifica nas expressões abaixo.

“Os meus pais preocupam-se muito se eu tenho como vir embora, isso é que importa, não querem que eu ande sozinha à noite. Se, por exemplo, os meus amigos, se algum deles me puder vir trazer porque eu não tenho carro, está tudo bem, digo vou ali e está tudo bem”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

“Depende dos amigos, depende de quem for. Se for uma pessoa que eles confiam e que até conhecem, os pais ou... se não conhecem confiam no meu amigo e dão-se bem com ele. Se eu disser ah mas oh mãe ela vai ficar até mais tarde, será que posso ficar? Ah pronto está bem, se ele fica. Se for outras pessoas que eles não têm

tanta confiança e tanta ligação... ah mas... é um bocado por aí, depende muito de quem for a companhia, de quem for o amigo que vai ficar ou que vai fazer, tem a ver com isso". (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

"Claro que havia alturas que eu chamava um bocado à atenção para o sentido de responsabilidade, por exemplo, eu tenho um colega que o meu pai sabe que é muito responsável e até é mais velho que eu mas eu estou sempre com eles e nós fazemos sempre tudo bem, e nunca teve problemas connosco e eu "oh pai, ela vai, ela é mais velha que eu, ela também se responsabiliza um bocado por mim, sabes que não há problemas, os pais dela responsabilizam-me por me virem buscar" e às vezes aí eles cediam". (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

"Antigamente sim (...) um pai dizia que não e não íamos ou um dizia que sim e o outro dizia que não e acabávamos por não ir, porque uns iam e os outros não iam, antigamente certamente que sim, agora não, acho que existe um grau de confiança que permite que... e isso antigamente afetava o nosso bem-estar porque ficávamos chateados". (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

Outro exemplo salientado (além do discurso direto das participantes), é o verificado na observação participante realizada no terreno. Como exemplo disso, encontra-se abaixo uma das notas de terreno que evidencia esta influência do grupo de pares nas decisões dos pais e do quanto se torna importante para o jovem que o seu amigo vá. Não tanto pela sua companhia, mas porque a mãe só permitia que ele fosse acompanhado.

"Entretanto, dois amigos estavam a conversar e achei pertinente salientar esta conversa, em que um deles pedia ao amigo para o acompanhar a uma festa. Contudo, a mãe só o deixaria ir se ele fosse com o amigo, mas como o amigo dele não podia ir porque tinha treino o outro rapaz estava a tentar fazer pressão para lhe mudar as ideias e poder ter companhia para a festa". (NT – 05/02/2015)

Porém, nem todos são de acordo com esta perspetiva e duas jovens participantes apresentam a realidade em que vivem e referem que esta questão não influencia absolutamente nada as decisões que os pais tomam perante as autorizações de saírem ou não.

"Se eu disser aos meus pais que devia ir porque eles também vão isso para os meus pais não quer dizer nada. Portanto..." (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

"Não, definitivamente não. O meu pai dizia "os outros são os outros, tu és minha filha e os outros não são". (...). Agora [dizer] simplesmente: "Pai, posso ir àquela festa porque a Maria vai e ela é pior aluna que eu e ela vai e eu não vou porquê?" Isso aí eles não cediam". (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

Como se vê, estas particularidades estão muito vincadas na educação que os pais transmitem aos/às seus/suas filhos/as, sendo que nestes dois exemplos não se encontra essa flexibilidade. Como se percebe, quem continua a educar são os próprios pais delas e não os pais dos/as amigos/as, pelo que aquilo que os/as outros/as fazem não lhes diz respeito.

Este padrão familiar é de difícil operacionalização teórica, porque as interações aqui realizadas são complexas. Encontra-se presente mais uma capacidade de adaptação da família em ser flexível, dentro de um quadro de valores, aos vínculos e amizades dos/as seus/suas filhos/as e, conseqüentemente dos/as filhos/as em perceber as preocupações dos pais (Baptista, 2005). A comunicação está mais uma vez aqui em destaque pela capacidade de escuta reflexiva aqui necessária. Este suporte familiar está intimamente confrontado com a satisfação pela vida. Pelo que deve existir atenção tanto por parte dos pais como dos/as filhos/as para que este nível de satisfação se encontre estável.

1.10. Comportamentos Juvenis: visão centrada nos comportamentos de risco e nos comportamentos protetores

As juventudes não são vividas de igual forma entre todos/as os/as jovens; varia mediante a relação estabelecida nas relações familiares, no grupo de pares e na relação que cada jovem estabelece consigo mesmo, ou seja, nas mudanças físicas e psicológicas que surgem nesta fase da vida. Por este motivo, percebe-se que a iniciação e a manutenção de comportamentos de risco ou de comportamentos protetores variam mediante as particularidades de cada um/a. Torna-se, então, fundamental ao nível das juventudes refletir sobre estas questões e a importância que acarretam no quadro da EpS.

1.10.1. Comportamentos de Risco ou Comportamentos Protetores? Consumo de Tabaco e Álcool

As temáticas a analisar neste tópico relacionam-se o consumo de tabaco e álcool, como sendo um comportamento de risco ou protetor.

Sendo assim, tenta-se perceber quais os motivos que levam os/as jovens a começarem a fumar e/ou beber e as conseqüências ao nível da saúde.

Tendo em conta os/as jovens participantes deste estudo, realça-se, desde já que, no que diz respeito ao ato de fumar, 4 dos/as participantes fumam e 6 não fumam. No que concerne ao ato de beber: 7 dos/as participantes bebem e 3 não bebem.

O envolvimento, ou não, em comportamentos de risco, pode ocorrer como uma tentativa de integração num grupo de pares ou manutenção de amizades (Camacho, 2011).

Por um lado, o exemplo abaixo, mostra que nem tudo que é conseqüência do social é linear e, por isso, existe efetivamente jovens que fogem às “regras sociais” de iniciação de comportamentos lícitos. Nas palavras de uma participante, a mesma explicita não se ter interessado por iniciar este processo de “aventura” e “experiência” pois o facto de praticar

desporto e de já se sentir integrada num grupo de desportistas que também não fumava fê-la perceber que este não era o seu caminho.

“Por exemplo, (...) o grupo da escola. Na altura, naquela idade em que se começa a experimentar fumar e não sei quê, e beber muito. Por exemplo, eu por estar inserida num grupo de desportistas que era o grupo da natação, nunca vi interesse naquilo mas tenho noção que se calhar se não estivesse na natação tinha visto as coisas com outros olhos e se calhar tinha arriscado, como via todos a fazer e nunca me motivou”. (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

Depreende-se a complexa realidade aqui envolvida e percebe-se que um grupo de pares pode ser um fator de risco ou um fator de proteção, como foi o caso.

Por outro lado, nas expressões abaixo explicitadas, de dois dos/as participantes, encontra-se a realidade maioritariamente descrita na literatura. Tem-se em evidência dois pontos: o primeiro relata de forma muito clara as questões de ordem social, uma vez que o participante teve a preocupação de começar afirmando que não era uma questão de ordem social, mas logo a seguir afirma-o que o faz só em momentos de lazer.

“Não se trata de uma questão social como muitas pessoas gostam de apelidar, que é o fumar por estar com os outros ou o beber por estar inserido noutros grupos sociais (...). Eu efetivamente gosto de beber e gosto de fumar mas só o faço em alturas mais festivas, pronto, em alturas de maior lazer”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

O segundo exemplo encontra uma participante que afirma claramente que foi a experiência com o seu grupo de pares que a motivou a experimentar.

“[Motivação] “experiência” [com o grupo de amigos]. Não sei se não foi mais a curiosidade... acho que foi mais por aí.” (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

Pelas palavras da participante, é perceptível a realidade que se tem constatado de que o grupo de pares que fuma tem uma grande influência no início do hábito de fumar. Esta pressão, considerada uma das causas do início do hábito de fumar, pode ser demonstrada de forma implícita ou explícita e, por sua vez, a iniciação do hábito de fumar dos/as jovens associa-se tanto a fatores pessoais como sociais (Camacho, 2011).

Neste seguimento, verifica-se o peso que o grupo de pares tem nos comportamentos juvenis e isso pode ser constatado precisamente nas palavras das participantes abaixo.

“Fumo e bebo muito raramente. (...) Uma vez por mês. (...) Quando saio à noite, em socialização com os outros, mas nem sempre”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“Bebo quando saio e fumo às vezes. (...) Às vezes... como é que hei-de explicar... é assim, basicamente fumo todos os dias mas nunca em contexto familiar”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

Retomando as palavras da participante 5 (*rapariga, 19 anos*): “*fumo todos os dias mas nunca em contexto familiar*”, dá para depreender o impacto da família nestes

comportamentos de risco. Assim, acresce salientar a importância dos comportamentos adotados pelos pais, tendo em conta que são modelos para os/as seus/suas filhos/as. Uma boa comunicação parental é crucial para combater comportamentos de risco, na medida em que quanto maior for a preocupação dos pais perante o grupo de pares dos/as seus/suas filhos/as e os comportamentos adotados nos mesmos, menor é a inserção nestes comportamentos de risco (Camacho, 2011). Ou seja, aquele que é um comportamento de risco pode tornar-se um comportamento protetor se associado a um efeito positivo de coesão familiar (Matos, 2008).

Continuando na linha de pensamento desta autora, este tema pode-se tornar relativa porque mesmo com o exemplo dos pais, as consequências associadas ao consumo de tabaco, podem continuar a ser percebidas como positivas pelos/as jovens e podem constituir uma motivação para o aumento do consumo de tabaco (Camacho, 2011). Aliás, existe, por parte dos/as jovens, uma necessidade de ter um conjunto de experiências novas, variadas e intensas que os/as leve a reportarem comportamentos de risco, com o intuito final de alcançarem essas sensações.

Aquando de uma análise ao terreno verificou-se precisamente o que se tem vindo a afirmar da influência do social no consumo de tabaco.

“Durante essa meia hora nada mais se passava a não ser conversarem e fumarem, até que depois metade dos jovens foram-se embora. Este tempo passado entre todos não parecia ser mais do que um momento de convívio entre amigos, onde podem estar à vontade ao ar livre, sem regras e controlo”. (NT – 05/02/2015)

“Por baixo da escadaria principal encontravam-se 4 jovens a conversar e a fumar”. (NT – 19/02/2015)

Outra forma de exemplificar isso, encontra-se abaixo a expressão de um dos participantes.

“Há que cometer as loucuras, não posso ser certinho. Há que me comprometer também um bocadinho, principalmente o figado, com tudo, bebidas alcoólicas quando vou sair... e é isso”. (*Participante 9, rapaz, 18 anos*)

Apesar de ter consciência das consequências do consumo de tabaco para a sua saúde, este não parece ser um fator de grande preocupação para o jovem. As maiores consequências do consumo são negativas, porque estão relacionadas com as doenças cardíacas, com o cancro, nomeadamente o do pulmão. Estas consequências são identificadas como ocorrendo a longo prazo, o que não invalida que não existam também a curto e médio prazo para os/as consumidores/as jovens. E isso começa a ser compreendido e a ser assumido por parte de alguns/algumas jovens.

“Não fumo e não bebo. (...) Não, porque tenho consciência dos riscos que eles têm... mais para a frente nas pessoas, no futuro, no momento podem-nos fazer sentir bem mas não trazem coisas boas”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

Associado ao consumo de tabaco nas juventudes, por vezes encontra-se também o consumo de bebidas alcoólicas, sendo este um dos maiores problemas de saúde pública (Kosterman, *et al.*, 2000 citado por Camacho, 2011).

“De vez em quando bebo um bocadinho com os meus colegas, nada de mais, controlado” (*Participante 7, rapaz, 17 anos*).

“Álcool muito esporadicamente, só mesmo em festas”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

“Bebidas alcoólicas unicamente quando vou sair”. (*Participante 9, rapaz, 18 anos*)

Os principais motivos para o consumo de álcool apresentados pelos/as adolescentes estão relacionados com situações sociais, nomeadamente festas que geralmente acontecem na companhia do grupo de pares. É nestas circunstâncias que deve haver especial atenção para o combate do consumo que, inevitavelmente, trazem consequências diretas, a curto, médio e longo prazo na saúde física e psicológica do/a jovem.

A atuação deve ser realizada a todos os níveis até porque estes comportamentos de risco, tanto ao nível do tabaco como ao nível do consumo de bebidas alcoólicas pode ocorrer em todos os segmentos de todas as sociedades (Carvalho, *et al.*, 2009). A EpS tem assim um papel fundamental na prevenção de comportamentos de risco e promoção de comportamentos saudáveis nas juventudes.

1.10.2. Comportamentos de Risco ou Comportamentos Protetores? Prática de Desporto e Alimentação Saudável

É impossível esquecer a importância associada à prática de exercício físico e às consequências que acarreta na vida e saúde do/a jovem. É a relação entre uma vida fisicamente ativa (tornando a prática do desporto um comportamento protetor) ou um estilo de vida sedentário (e encara-se a falta de prática desportiva como um comportamento de risco).

Portanto, o lugar que o comportamento ocupa está intimamente relacionado com a sua efetiva prática e com os benefícios que a mesma traz para a saúde física e psicológica dos/as jovens, pois uma das tarefas a realizar para mudar os comportamentos e hábitos de risco que afectam a saúde do indivíduo é o de incrementar a atividade física e o exercício regular na vida das pessoas (Vasconcelos, 2001). Não importa admitir a sua importância se efetivamente a prática de atividade física não for devidamente incrementada na vida dos/as jovens.

Em relação aos/às participantes deste estudo, aquilo que se observa é um número muito reduzido de jovens com atividade física regular. Aliás esta realidade apenas se observa por parte do jovem participante abaixo.

“Sim, faço exercício físico regularmente, quase todos os dias”. (*Participante 9, rapaz, 18 anos*)

Por um lado, quando o mesmo já é praticado e é interpretado como essencial, ao ocorrer a sua ausência, esta é sentida com mais intensidade. Isso é claramente verificável nas palavras da participante.

“Em relação a saúde é complicado porque o cansaço é um fator importante para a saúde e com a mudança de vida tenho-me sentido bastante cansada e sinto que não tenho grande tempo para fazer desporto o que me faz sentir pior um bocado”. (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

Por parte de outra participante, percebe-se uma prática esporádica e sazonal.

“Atividade física não pratico, no Verão o que eu mais faço é andar de bicicleta, ao fim-de-semana, em tempo de aulas quase nada. Na alimentação tento ser equilibrada, às vezes há sempre aqueles excessos”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

Outros já efetuaram um desporto mas atualmente não o realizam. Há também quem procure motivos sociais para a ausência de atividade física, entre elas a entrada no ensino superior e a falta de tempo, como foi o caso do exemplo apresentado. A opinião da participante abaixo refere:

“Acima de tudo é essencial (...) fazer desporto porque é isso que nos proporciona uma esperança de vida maior. (...) Já pratiquei mais, já fui um atleta federado, neste momento não sou, mas nunca deixei o desporto de lado”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

Pelas trajetórias individuais do participante acima, percebe-se que esta prática de desporto continua efetivamente a ser efetuada pelo mesmo. Exemplo disso é o mapa abaixo que mostra a sua presença no ginásio da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

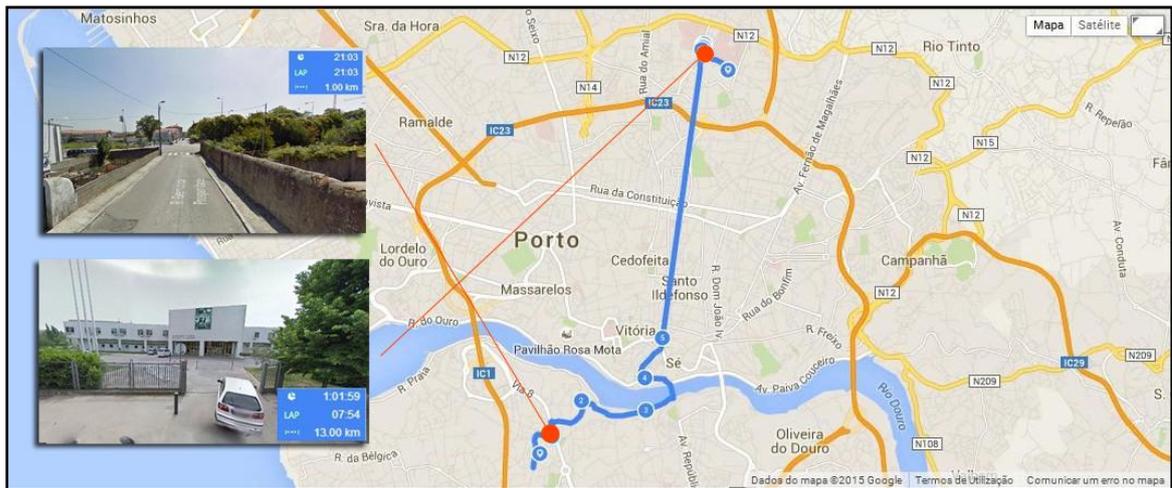


Figura 14 - Descrição do percurso efetuado pelo participante 1 (rapaz, 20 anos)

Continuando nesta análise iniciada acima, descreve-se a opinião dos/as restantes participantes:

“Já não faço exercício agora mas costumava fazer”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“Atividade física... Esse é um ponto que eu tenho a melhorar, vou começar a ir para o ginásio (...) é a minha resolução de ano novo”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

“Desporto fazia antes de entrar para a faculdade, agora não tenho tido tempo”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

“Costumava treinar box”. (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

“Não tenho tempo para fazer atividades físicas”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

Em relação à alimentação, esta é uma questão extremamente subjetiva mas foi importante questionar os/as jovens sobre esta realidade para tentar perceber quais as suas opiniões relativamente aos seus próprios hábitos alimentares. A perceção dos/as participantes encontra-se nas expressões abaixo.

“Acima de tudo é essencial uma pessoa ter uma alimentação equilibrada”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

“Tenho muito cuidado com a alimentação”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“Para começar sou vegetariana, acho que isso é o mais importante”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

“A alimentação mais ao menos, às vezes não dá muito, porque na faculdade e tal...pouco tempo para almoçar... como qualquer coisa”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

“A alimentação tento sempre ter cuidado”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

“Alimento-me bem. Sobretudo a alimentação tento ser controlado”. (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

“Neste momento só faço uma boa alimentação”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

Por um lado, esta percepção de que “tudo se encontra bem” no âmbito da alimentação e “não há nada a alterar” pode traduzir a verdade, mas também acarretar consequências graves, pois este pensamento pode não corresponder à verdadeira realidade e encaminhar a problemas de saúde. Acima de tudo, estas são preocupações que devem estar sempre presentes quando se realizam estudos no âmbito da saúde juvenil, porque influenciam sem dúvida os seus comportamentos.

1.11. Síntese Final

Como foi referido ao longo do capítulo, o bem-estar juvenil e as relações sociais são inevitáveis para um desenvolvimento social saudável e possuem uma enorme importância naquelas que são as relações de sociabilidade das juventudes, nomeadamente as relações restritas: com o contexto familiar e com o grupo de pares. Importa, ainda, que estas relações sejam criadas num equilíbrio positivo (Tomé *et al.*, 2011).

Ao longo da análise percebe-se que estas questões não são lineares nem interpretadas da mesma forma por todos/as, na medida em que dependem “do contexto, dos pressupostos, das expectativas sociais e da influência do ambiente em geral em que decorrem esses processos” (Dias, 1996).

Relativamente ao papel da EpS, a primeira premissa é sempre a prevenção e promoção e esta é e será ininterruptamente o melhor caminho.

Este trabalho já tem vindo a ser desenvolvido nos últimos anos junto dos/as jovens (nomeadamente na prevenção do consumo de tabaco e álcool), pois neste período é sabido que existe uma maior probabilidade de os/as jovens experimentarem e iniciarem hábitos tabágicos e hábitos de consumo de álcool que se podem prolongar por toda a vida e afetar a saúde (Camacho, 2011).

O certo é que continua a ser de enorme importância pensar e atuar numa perspetiva de EpS, prevenindo ou mesmo promovendo práticas saudáveis, pois efetivamente a eficácia destas medidas continua a ser escassa. Para isso é preciso continuar a dar voz às juventudes, no geral, e atuar nesse sentido. Entre aqueles que são os gastos económicos com a remediação, pois que se usem esses gastos numa prevenção efetiva, pensando não nas consequências a longo prazo (que não está em causa a sua importância) mas nas consequências a curto e médio prazo, que está mais presente na vida e nas preocupações que os/as jovens carregam consigo.

“Investir na saúde do jovem é investir no futuro, o que garante às populações benefícios para a saúde e também benefícios financeiros e sociais” (Matos, 2008, p. 27).

CAPÍTULO II - Circuitos Juvenis: A presença geográfica no Espaço Urbano e nos Contextos de Lazer

2.1. Preâmbulo

Falar das trajetórias juvenis é falar de vivências sociais, de locais urbanos frequentados pelos/as jovens. Nesta secção torna-se fundamental refletir e perceber quais os motivos que levam os/as jovens a organizarem de um determinado modo o seu tempo de lazer. É um campo de estudo bastante complexo, uma vez que

“a satisfação (...) é um importante instrumento para o estudo do lazer, ou (...) do tempo livre. A percepção do indivíduo em relação aquilo de que se ocupa em seu tempo livre, no sentido de entender o que mais o satisfaz, traduz-se [n]um importante conhecimento para o pretendido entendimento a cerca das ocupações de tempo livre” (Cantorani, 2009, p. 63).

Deste modo as questões que se colocam são, os espaços de lazer diferenciam-se dos outros locais, onde os/as jovens circulam? De que outros espaços se fala? No tempo escolar (como local predominante de vivência dos/as jovens) e no tempo livre (enquanto instância que envolve obrigações familiares e fisiológicas)? Existem espaços com a única finalidade de lazer e, pelo contrário, locais com preocupações centradas nos tempos escolares? A ocupação dos espaços processa-se de forma igual, com ou sem companhia?

Nesta fase introdutória e para dar sentido ao espaço-tempo, isto é, às questões relacionadas com o lazer e o espaço urbano do Porto, cita-se abaixo uma expressão retirada das notas de terreno realizadas. Nela evidencia-se a diversidade de locais e fatores associados às trajetórias juvenis.

“Dá, então, para perceber (...) que as razões dos jovens estarem na cidade é por diversos motivos: uns foram em atividade escolar, outros usam o espaço no tempo entre aulas e outros por lazer”. (NT – 05/02/2015)

Isto foi o que o contexto de rua me ofereceu mas, é com base nesta frase, que se dá voz aos vários mapas que os/as participantes foram realizando e que abaixo são analisados e pormenorizados.

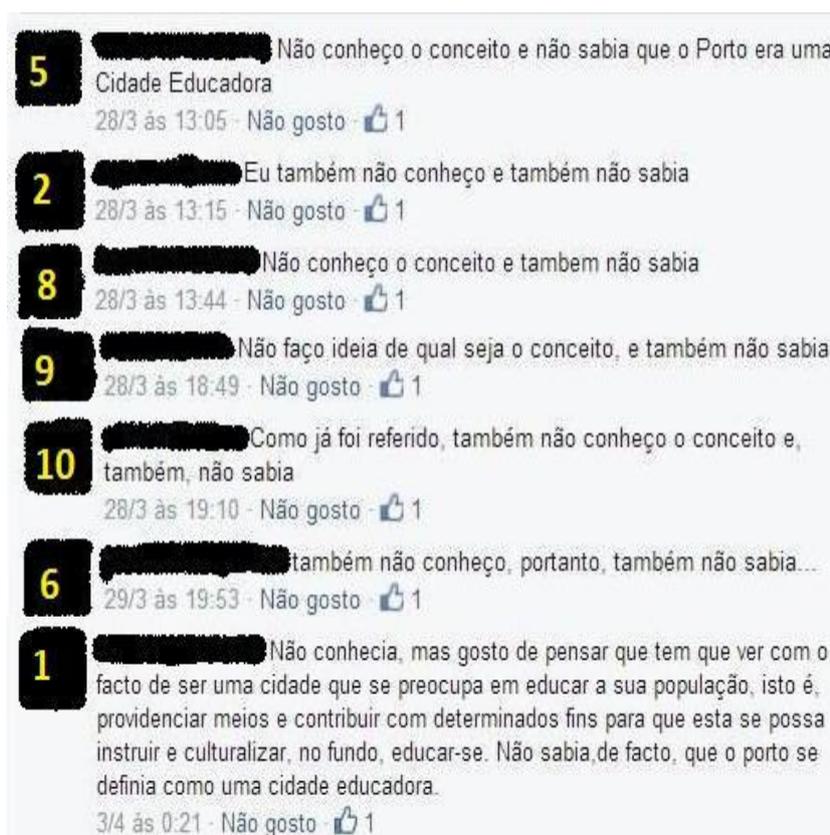
2.2. A perspetiva juvenil das dinâmicas da Cidade do Porto: o património como processo de identidade

A cidade do Porto tem tido, nos últimos anos, uma preocupação e um crescimento significativo relativamente às dinâmicas que desenvolve, à cultura e à educação que

promove e ao lazer que incrementa. Esta realidade já foi anteriormente apresentada aquando da caracterização do contexto em estudo.

Posto isto, neste contexto, falar da cidade do Porto implica falar da percepção dos/as jovens participantes relativamente ao facto do Porto ser uma cidade educadora.

Previamente apresentou-se este conceito e percebeu-se que o Porto estava incluído nos princípios que se estabelecia, mas quando se questiona os/as participantes relativamente a esta questão, conclui-se que este não é um conceito enraizado nos/as mesmos/as e que, por isso, pouco ou nada é reconhecida pelos/as jovens.



Esta percepção de cidade que trabalha a escola como espaço comunitário e a cidade como grande espaço educador, em que existe a necessidade de aprender na cidade, com a cidade e com as pessoas não é reconhecida pelos/as jovens e este é sem dúvida um ponto a ter em consideração.

Concomitantemente, sendo este um estudo que se debruça sobre a cidade do Porto e as juventudes que vivem (n)a cidade, realça-se a importância de discutir estes temas (nomeadamente os espaços urbanos, atributos e lazeres juvenis) tendo em conta as questões do espaço-tempo onde os/as jovens se inserem e, por sua vez, não deve ser transportado para outras realidades pois pode-se cair no erro de atribuir a outras realidades o sentido que se atribuiu apenas ao Porto.

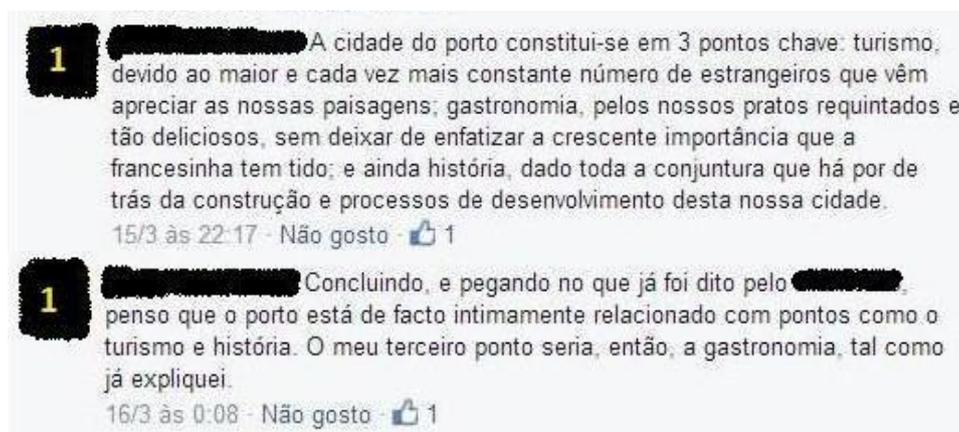
Acresce afirmar ainda que

“o sistema temporal de uma sociedade articula[-se] em tempos sociais distintos que definem sua arquitetura. Esses tempos sociais formam, pois, uma estrutura que está constituída por um tempo dominante (ou tempo estruturante) que impregna mais ou menos de sua estrutura os outros tempos sociais” (Sue, 1995 citado por Aquino, 2003, p. 6)

Estes tempos sociais não são mais do que a representação, construção e interações nas relações sociais, como é o caso da família, grupo de pares, escola e lazer. Contudo, como as mesmas ocorrem num dado espaço, com características próprias, considera-se fundamental, primeiramente, abordar as questões relacionadas com a visão e caracterização que os/as jovens atribuem à cidade e posteriormente a isso debruça-se a questão nos aspectos de lazer específicos destes/as.

Deste modo, tendo em conta o *e-focus group* foi pedido aos/às participantes que descrevessem a cidade do Porto em três palavras. Os resultados apresentam-se abaixo.





Concluindo, dá para perceber que os dois pontos mencionados por todos/as foram o “Turismo” e a “História”. Como terceiro ponto foram mencionados o “Futebol”, a “Gastronomia” e a “Afetividade – calor característico das pessoas da invicta”. No entanto, aquele que mais foi mencionado foi a “Afetividade”. Na perspetiva destes/as jovens, a cidade caracteriza-se como sendo: Turismo, História e Afetividade.

Continuando a pensar no Porto enquanto espaço, foi também solicitado aos participantes a descrição da cidade numa imagem.

Como resultados obtivemos as seguintes imagens:



5

Algo que é de destaque na cidade do Porto é a zona da beira rio, uma vez que é um local sempre agradável para passear ou tomar um copo, assim como apreciar a bela paisagem do rio douro. Sem duvida que é um sitio que todos os portuenses devem aproveitar pois para além de ser lindíssimo também promove contacto com outras pessoas nomeadamente turistas e promove ainda a diversão, sendo a ribeira um dos locais mais associado a uma das maiores noites do ano, o são João do porto. É um dos meus locais de eleição 😊



28/2 às 15:34 · Não gosto · 1

2

Quando penso na cidade do Porto ocorre-me imediatamente a imagem da torre dos clérigos. Provavelmente, por ser um ícone da invicta, até a nível turístico, mas também porque acho que é um local muito bonito a qualquer hora do dia, principalmente quando visto dos jardins da cordoaria.



6

O que mais associo quando penso no Porto é no cais de Gaia... Primeiro de tudo, porque é do que tenho mais próximo e onde vou mais frequentemente quando quero ir "descontrair" um bocado com alguns amigos ao ar livre; para além disso, acho que é uma zona lindíssima, com uma grande atracção turística e um ambiente fantástico 😊



4/3 às 22:06 · Não gosto · 1

10

uma imagem que, na minha opinião, descreve a cidade do Porto, seria da avenida dos aliados, pois dá acesso a cafés, onde se pode desfrutar uma boa tarde, a bares, onde podemos passar a noite com amigos, existe, também, restaurantes de todo o tipo e, para mim, é o coração da cidade, da avenida dos aliados podemos ir a qualquer lugar do Porto



5/3 às 18:11 - Não gosto - 1

9

a ribeira, para mim, é um dos locais que melhor representa a cidade do Porto pois é um local extremamente bonito e agradável para se passear durante o dia e, atrativo durante a noite devido aos vários cafés existentes.



1

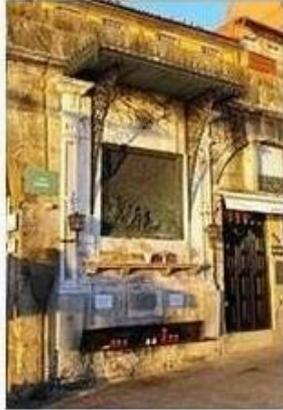
Se eu tivesse que descrever o porto com uma imagem, seria esta a escolhida para tal efeito, visto que o Porto é uma cidade bela de todo o tipo de perspectivas e feitiços, mas se há algo que se destaca é a sua dimensão arquitectónica que é tão interessante, tão simples e ao mesmo tempo tão fascinante e que tantos turistas atrai a vê-la nos seus diversos pontos históricos e monumentais.



5/3 às 0:30 - Não gosto - 1

7

Se tivesse que descrever o porto numa imagem seria esta. A famosa ponte das barcas que na história como sabemos não deixou que a nossa cidade fosse dominada pelos franceses deixando assim o porto uma cidade invicta e histórica.



8/3 às 20:58 - Editado - Não gosto -  2

4

esta é a imagem que na minha opinião representa o porto, não só pela vista sobre o rio, a ribeira e gaia mas também porque é um dos meus locais favoritos. Para além disso é um sítio de convivência e para mim uma das características mais importantes no porto é a atitude e a simpatia das pessoas, que para mim não se iguala em nenhum outro lugar.



8/3 às 20:56 - Editado - Não gosto -  1

Depois desta descrição aprofundada da cidade importa salientar que de uma forma geral, os jovens reconhecem a cidade como sendo um importante centro de vida cultural e histórica, possuindo uma vertente muito humanizada. Além disso, os espaços relacionais (sendo eles um espaço público, um jardim, um café) são também vinculados como característicos desta cidade, além da gastronomia típica do Porto.

É as expressões manifestadas pelos/as participantes que permitem concluir que existe um sentimento de ligação positiva deles/as à cidade.

A cidade do Porto é um espaço turístico-cultural com identidade, memória e património. Na verdade “é através do património cultural que as identidades se afirmam. (...) O património constitui a componente da cultura que é proveniente do passado, permitindo-nos afirmar que a identidade de uma sociedade é em grande medida baseada no seu

património” (Sousa, 2011, p. 14) Por isso, se considera o património como intrínseco à cultura e à história, uma vez que se congrega na pertença a um passado. “Neste ponto de vista, tem-se em conta que o património, enquanto legado, pode ser acumulado, perdido ou transformado de uma geração para a outra” (Sousa, 2011, p. 14).

Por seu turno, o património não diz respeito apenas aos “vestígios tangíveis” da história (Sousa, 2011, p. 14), porque as relações sociais e culturais que têm sido criadas pelos seres humanos têm uma existência e importância significativa num determinado espaço e tempo. Sendo assim, afirma-se que “o objectivo do património é garantir a sobrevivência dos grupos sociais e também interligar umas gerações com as outras” (Sousa, 2011, p. 14).

Pelas respostas que foram sendo dadas pelos/as participantes, percebe-se que cada um/a atribuiu um valor diferente à cidade do Porto. Uns centraram-se em classificar o valor do património numa visão de “uso”, referindo-se a uma “dimensão utilitária do objecto histórico” (Sousa, 2011, p. 15), satisfazendo a necessidade material do conhecimento histórico, como é o caso da referência feita à Torre dos Clérigos.

É ainda possível classificar a cidade, centrando-a numa presença de “valor forma”, onde o objeto “é valorizado segundo a atracção que desperta, pelo prazer que proporciona e pelo mérito que o caracteriza” (Sousa, 2011, p. 15). Esta perspectiva é apresentada pelos/as participantes, dando como exemplos a Ribeira, o Cais de Gaia e o Jardim das Virtudes.

Concomitantemente, encontra-se patente uma visão de “simbólico-significativo”, onde se reporta “ao valor simbólico que os objectos do passado possuem, enquanto ligação da relação entre as pessoas ou grupos que os produziram ou utilizaram com as pessoas ou grupos que o utilizam hoje” (Sousa, 2011, p. 15). Os objetos aqui atuam pelo tempo e pelo testemunho passado nos factos do passado. Como exemplo apresentado pelos/as participantes, encontra-se a dimensão arquitetónica característica da cidade e a ponte das barcas.

Como quarto elemento, salienta-se a gastronomia portuense, assumindo o valor de património cultural imaterial. “O ambiente único vivido à volta da arte de aromas e sabores constitui uma experiência de cultura local e uma forma de melhor a entender, sendo uma das atividades que mais atrai” (Araújo, 2014, p. 11). É sabido que a cultura portuguesa tem nas suas tradições gastronómicas um valor inestimável, que muito tem contribuído para a valorização da oferta turística do país e, no caso concreto da cidade do Porto, o mesmo é verificável e salientado por uma das participantes, através da referência à francesinha, como característica da invicta.

Neste sentido, “o património é uma construção social”, sendo que aquilo que é considerado património

“depende do que, para um determinado grupo colectivo se considera socialmente digno de ser legado a geração futuras. Trata-se de um processo simbólico de legitimação social e cultural de determinados objectos que conferem a um grupo um sentimento colectivo de identidade” (Peralta, 2008 citado por Sousa, 2011, p. 15).

Tendo sempre como foco a cidade do Porto, mas desviando o pensamento da noção de património, é tempo agora de centrar a investigação nas questões voltadas para o ponto de vista da cultura, lazer e espaços urbanos.

“O Porto felizmente é uma cidade que promove muitos eventos ao longo do ano, (...) nomeadamente de carácter gastronómico, cultural, sei lá, cinematográfico, fotográfico, portanto tem sempre estas vertentes que as pessoas podem explorar e que o próprio Porto investe e acho que é muito bom e muito importante para uma pessoa poder aprender de uma forma não tão formal. (...). Neste momento, os eventos que o Porto promove não são só direccionados para os jovens mas para todo o tipo de pessoas, desde os mais novos até aos mais velhos (...) eu acho que é continuar a apostar neste tipo de atividades e de eventos de cariz cultural e que tanto cativa os jovens, nomeadamente concertos, festivais de música, festivais de artes, que acho que é das coisas que mais atrai as pessoas da minha idade”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

“A cidade já tem alguns eventos que chamam, por exemplo, o d’bandada chama imensa gente, se houvesse mais desses eventos ao longo do ano chamaria ainda mais mas acho que não está mal”. (*Participante 9, rapaz, 18 anos*)

Pela descrição realizada é perceptível a visão positiva que os/as participantes têm da cidade enquanto promotora de dinâmicas culturais e de lazer.

No entanto, apesar de isso ter sido identificado pelos/as participantes, foi fundamental entendê-la através do contexto de rua – a presença enquanto investigadora no terreno permitiu olhar para o contexto e interpretá-lo à luz das observações.

Este tema não se esgota aqui na medida em que existe uma variadíssima presença de dinâmicas comunicacionais, quer entre as juventudes, as culturas juvenis, quer entre gerações. Apesar disso, deve-se apresentar alguns exemplos que remontam a momentos vivenciados no decorrer desta investigação. Seguem-se abaixo alguns momentos exemplificadores. O primeiro diz respeito à Avenida dos Aliados.

“Chegada à Avenida dos Aliados, mais precisamente à entrada do Mcdonald’s, viam-se muitos jovens sentados na esplanada a comer gelados. A movimentação era alguma, desde mímicos na rua a tirar fotografias com turistas, a engraxadores de calçado. Por outro lado, encontravam-se também alguns jovens sentados à volta das estátuas que se encontram no centro da avenida. Enquanto dava uma volta pela avenida dos Aliados, apareceu a Tuna feminina da Faculdade de Direito da Universidade do Porto que começou a sua atuação ali. Ouvi um pouco daquilo que estava a ser a prestação delas e decidi seguir em direção ao Teatro Rivoli. Quando lá cheguei vi vários grupos de jovens que se encontravam à entrada do teatro a conversar e, minutos depois, entraram. Estava neste dia a decorrer o Fantasporto 2015, pelo que se deviam encontrar naquele espaço com esse propósito”. (NT – 05/03/2015)

Esta é a visão alargada da permanência e vivência das juventudes neste espaço da Avenida dos Aliados. No caso concreto dos/as participantes deste estudo, verifica-se também a presença dos/as mesmos/as nestes espaços. Como exemplo disso, seguem-se abaixo mapas que exemplificam estas trajetórias.

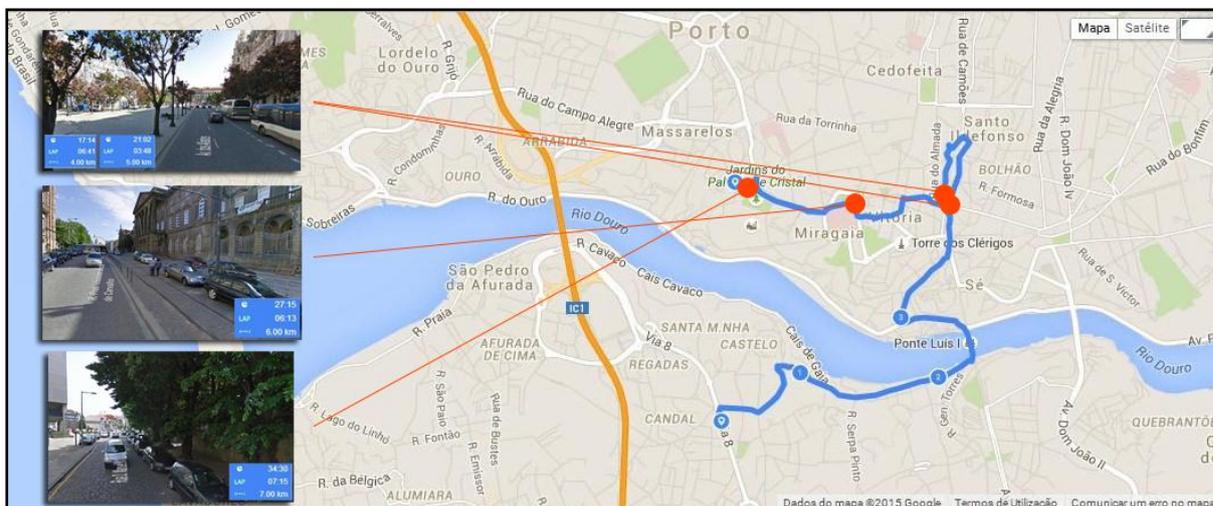


Figura 15 - Descrição do percurso efetuado pelo participante 1 (rapaz, 20 anos)

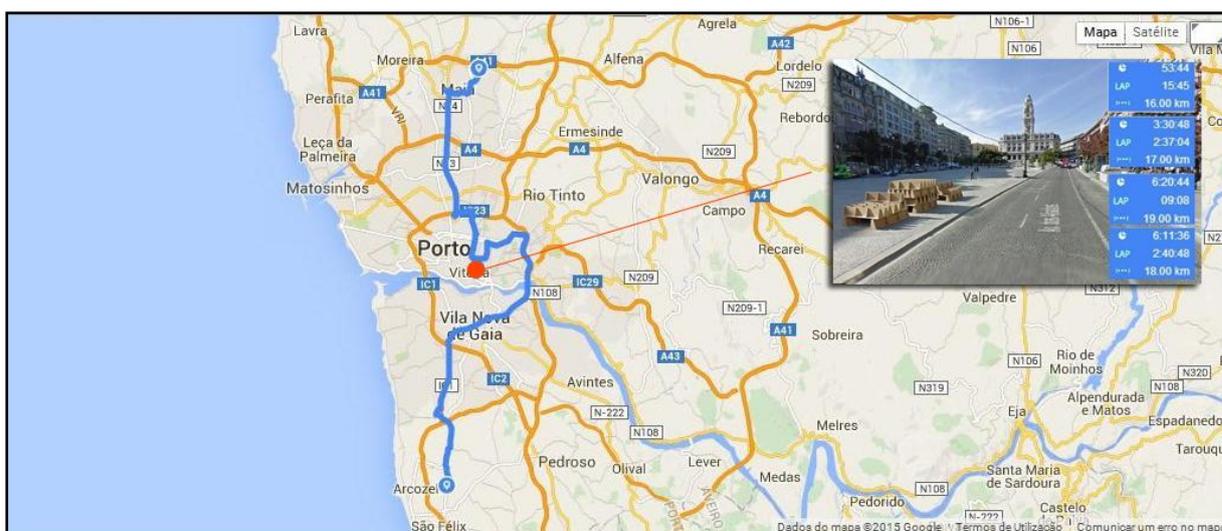


Figura 16 - Descrição do percurso efetuado pelo participante 9 (rapaz, 20 anos)

Ao destacar as dinâmicas da cidade que se tornam, conseqüentemente, espaços urbanos de lazer para as juventudes, considera-se necessário elencar outro contexto: o de praxe académica. Durante a observação, presenciou-se sessões de praxe, percebendo que este é um mundo com significado académico para muitos dos seus estudantes.

“Durante o tempo em que ali estive, observei sessões de praxe a ocorrer, estando caloiros a cantar e a berrar enquanto passavam com os seus doutores por aquela rua”. (NT – 05/03/2015)

Forma de exemplificar isso nos/as participantes do estudo, é o exemplo vivenciado por uma jovem, que se apresenta no mapa abaixo.



Figura 17 - Descrição do percurso efetuado pela participante 5 (rapaz, 20 anos)

Variadas são as questões em destaque até porque a vida da e na cidade encontra-se em constante mutação. Uma questão que contribui para isso é o crescimento exponencial de turistas na cidade e a nova vida que trazem à mesma. O turismo “é um facto social total e também um processo social, económico e cultural no qual participam vários agentes sociais” (Pérez, 2009, p. 10).

Exemplificador destas interações na cidade, é o exemplo que se apresenta:

“Ao chegar ao Centro Português de Fotografia observei um grupo grande de jovens a jogar futebol. Sentei-me para perceber o que estava ali a acontecer e minutos depois apercebi-me que eram dois grupos: um grupo constituído por jovens do Porto (...) e um grupo de estrangeiros. Encontravam-se num jogo amigável, com um ambiente muito bom entre eles. No mesmo espaço onde se encontravam a jogar, um pouco afastadas estavam um grupo de raparigas estrangeiras que acompanhavam os jovens que estavam a jogar”. (NT – 05/03/2015)

Pelas palavras acima percebe-se que o turismo é visto como uma relação de intercâmbio entre turistas e receptores de turistas - “anfitriões” e “convidados” (Smith, 1989 citado por Sousa, 2011, p. 7). Estas interações em muito contribuem para o desenvolvimento juvenil, pelas relações comunicacionais criadas e, conseqüentemente, para a cidade e para a vivência social e cultural na mesma.

2.3. Influência da Cidade nos lugares ocupados pelas Juventudes

A questão voltada para a influência da cidade prende-se com o facto anteriormente apresentado. Tenta-se perceber até que ponto as dinâmicas e as interações da cidade são propiciadoras de mais interação juvenil na cidade e vice-versa.

Diversos fatores, como são exemplo as condições socioeconómicas e os valores culturais da família, condicionam, em grande parte, o lazer. “Poder-se-á considerar, também, que o lazer se encontra associado com o processo de urbanização e desenvolvimento das cidades” (Pedro, 2005, p. 9).

Deste modo, apresentam-se seguidamente as percepções recolhidas das participantes, que consideram que existe essa influência, mostrando que não se pode esquecer o papel que a cidade tem em mantê-la como um forte atrativo para as juventudes. Esta opinião positiva encontra toda ela a sua génese com género feminino.

“Os espaços disponíveis para os jovens influenciam a presença dos jovens. Não sei, tipo a biblioteca e museus e assim, acho que acabam por abrir um bocado a mente às pessoas e dá-lhes uma sensibilidade artística. Os bares claro é uma coisa mais para lazer mas o lazer também é importante para o bem-estar, obviamente”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“Sim (...). Porque por exemplo se a cidade for muito movimentada se calhar os jovens também, depende do que preferirem, ou procuram um sítio mais movimentado ou um sítio mais sossegado e aí vai influenciar os lugares (...) mais ocupados”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

“Sim acho que sim, se tivermos mais acesso a mais coisas, a tendência para sair será maior”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

“Os concertos, as festas, as saídas à noite cativam os jovens para o centro da cidade. Acho que é mais esses aspetos, não acho que seja tanto exposições ou museus. Lá está, eu acho que vês mais atracção dos jovens universitários para exposições e essas coisas e há outro tipo de jovens que vai só para discotecas. Há um bocado dos dois”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

Por seu turno, verifica-se uma opinião contrária à apresentada anteriormente que identifica a existência dos locais mas não como sendo propiciados pela cidade. Esta opinião é tecida pelo género masculino.

“Acho que não. Não influencia muito. (...) O grupo é que decide para onde vai, pode ficar no centro, pode ficar nos aliados, pode ir para um café. A cidade não tem assim grande influência na escolha”. (*Participante 9, rapaz, 18 anos*)

“A cidade tem os bares e tem as esplanadas e tem as discotecas mas... acaba por não ser responsável porque os jovens vão para onde querem”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

Na literatura não se encontra diferença entre os géneros mas ressalta-se a importância dessa diferença como ponto fundamental e central desta parte da análise e esta realidade afirma-se tendo por base as entrevistas realizadas e citadas acima.

2.4. Espaços urbanos estimulantes na cidade do Porto na perspetiva juvenil: significados atribuídos

Antes de descrever e analisar toda a envolvimento com os lugares urbanos, apresenta-se uma tabela de cariz quantitativo que evidencia todos os locais referenciados pelos/as jovens, dando assim uma visão geral da envolvimento na cidade.

Tabela Geral	
Locais de Lazer	Número de vezes referido
Casa da Música	2
Fundação Serralves	1
Casa Soares dos Reis	1
Palácio de Cristal	3
Museus	2
Museu Carro Elétrico	1
Bibliotecas	1
Biblioteca Almeida Garrett	1
Cafés/Bares/Restaurantes/Discotecas (no geral)	8
Galerias Paris	2
Piolho	4
Ribeira	2
Cais de Gaia	2
Casa da Juventude	1
Leões	1
Espaços Verdes	2
Jardim da Cordoaria	2
Rotunda da Boavista	1
Parque da Cidade	3
Jardim das Virtudes	2
Jardim da Praça de Lisboa	1
Aliados	3
Clérigos	2
Coliseu do Porto	2
Centros Comerciais - <i>Shoppings</i>	3
Via Catarina	1
Zona Arrábida	1
Marginal Leça	1
Praias	2
Campos de Futebol	1
Cinema	1
Teatros	1
Festivais/Concertos	1

Tabela 3 - Tabela geral com dados quantitativos extraídos das entrevistas dos/as participantes, relativos aos locais de lazer da cidade do Porto

Neste sentido, é essencial dar sentido a estes resultados. Percebe-se que quando se fala em locais de lazer, por um lado apresenta-se uma perspetiva geral, os locais que identificam, por outro lado mostra-se os locais que realmente frequentam. Esta distinção é feita porque se percebe nos discursos dos/as participantes que diferenciam aqueles que são os espaços que conhecem e os espaços que realmente frequentam. Contudo, apenas é analisada a questão do ponto de vista da frequência, mostrando através dos mapas das trajetórias juvenis, a presença dos/as mesmos/as nesses espaços.

Outra questão a referir desde já é o conceito de lazer. O lazer é composto de

“o lazer é o conjunto de ocupações, às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais” (Dumazedier, 1979 citado por Silva, *et al.*, 2011, p. 16).

Além disso, é referenciado também como “uma auto-gestão do tempo livre, com vista à satisfação pessoal, melhorando a qualidade de vida, nomeadamente o bem-estar físico, mental e social. A noção de lazer deve relacionar-se com a noção de satisfação” (Pedro, 2005, p. 9).

Seguidamente apresentam-se exemplos de locais, ocupados pelos/as participantes nos seus momentos de lazer, mostrando a participação dos/as mesmos/as através dos mapas exemplificadores.

“É os **cafés**, é o normal. Há a **casa da juventude**, que é o sítio onde podemos estar assim mais à vontade (...). **Jardins** quando está bom tempo, **cafés**. Temos o **piolho**, os **leões**, o **jardim da cordoaria**, os **aliados** tem umas estátuas boas para nos encostarmos, e acho que basicamente é isso”. (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

“**Espaços verdes**... espaços de lazer pode ser os **cafés**... claro que os sítios para sair à noite... mas acho que os melhores são mesmo os espaços verdes porque é onde as pessoas estão mais à vontade e podem realmente socializar-se (...). **Parque da cidade**... tem um parque que também gosto muito que é (...) **Jardim das Virtudes**, também é muito calmo que não está lá quase ninguém. O jardim à beira do Costa Café também é bonito, é recente”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

“Espaços de lazer... **bares**... No geral, acho que é isso que os jovens gostam de fazer”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

“É mais a **zona do Cais**. Quando venho com os meus pais costumo ir mais para a zona da **Via Catarina** e para a **zona do Arrábida**, que são as zonas que a gente conhece melhor”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

“**Parque da cidade, praia, shoppings** (...). Que eu conheça e que frequente às vezes são esses”. (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

“Os **shoppings** é inevitável, a **marginal de Leça**, os **bares**, onde passamos muito tempo no verão, o **Parque da Cidade**, onde fazemos lá piqueniques, mas é muito raro, uma vez por ano. Agora de noite quando queremos sair à noite é muito raro e

não fazemos isso muitas vezes, quando é, é por volta dos **Clérigos e Aliados**. Não sei se tem muito a ver, mas por exemplo... **Campos de futebol... Praias...**". (Participante 8, rapariga, 19 anos)

"No meu grupo é mais **cafés**, ficamos pelos cafés, pelas galerias (...). Aqui no Porto maioritariamente é o **Piolho** ou as **Galerias**". (Participante 9, rapaz, 18 anos)

"**Bares, discotecas, shoppings, parques ao ar livre**" (Participante 10, rapaz, 18 anos)

Nada melhor que unir as palavras dos/as participantes, aos seus verdadeiros trajetos. Como cada participante salienta vários locais, opta-se por demonstrar os diversos mapas, separadamente dos seus discursos.

Os mapas abaixo dizem respeito aos *shoppings*, salientados também como um local frequentado pelos/as participantes. Ilustram-se pelas imagens, o Marshopping, El Corte Inglés e Arrábida Shopping, respetivamente.

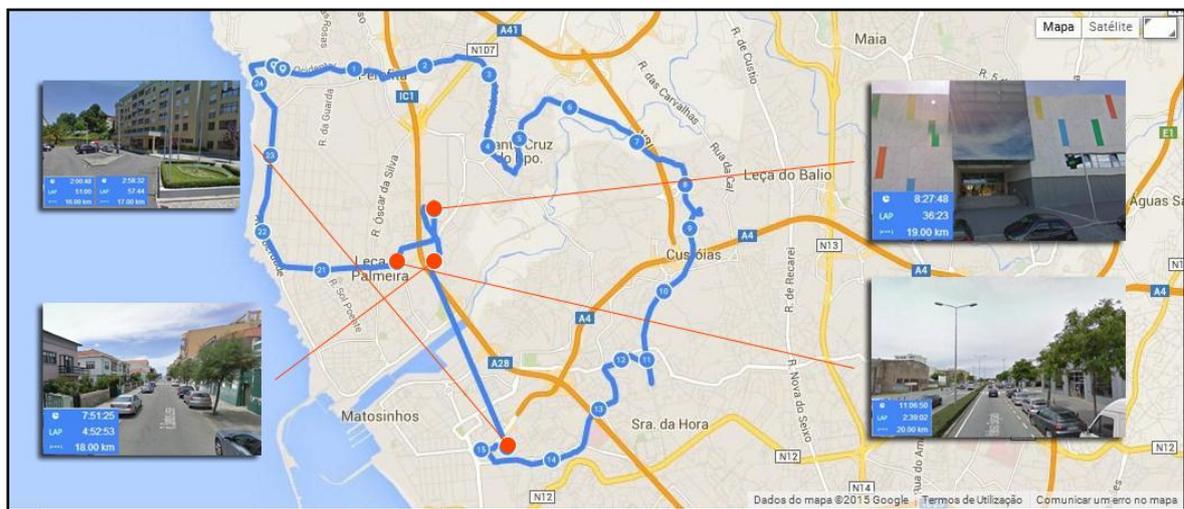


Figura 18 - Descrição do percurso efetuado pela participante 2 (rapariga, 18 anos)



Figura 19 - Descrição do percurso efetuado pela participante 5 (rapariga, 19 anos)

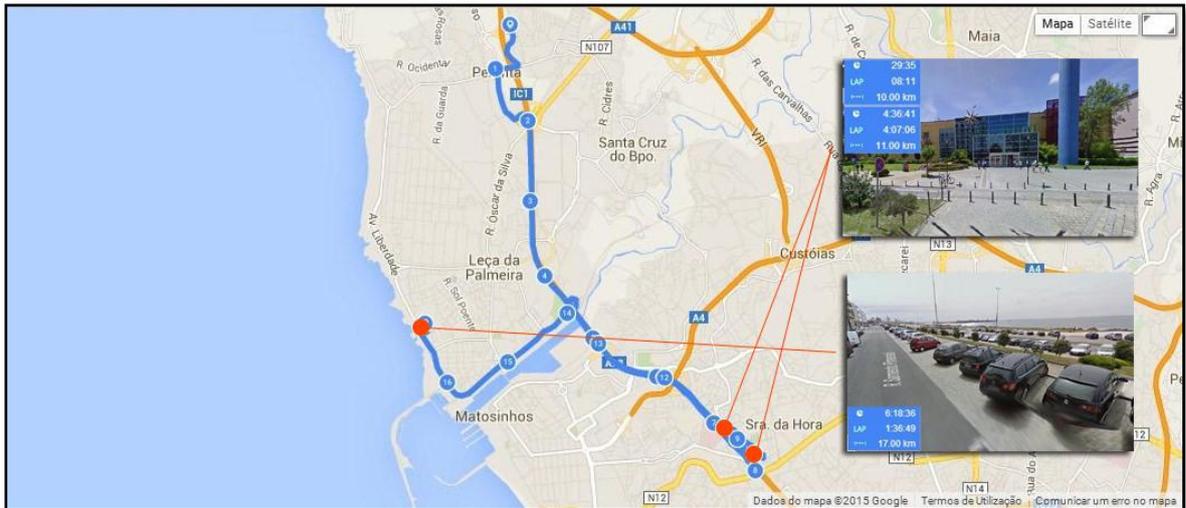


Figura 20 - Descrição do percurso efetuado pela participante 5 (rapariga, 19 anos)

Os locais à beira-mar, nomeadamente a zona de Vila Nova de Gaia e a Marginal de Leça da Palmeira e de Matosinhos são destacadas como locais de lazer, frequentados pelos/as participantes do estudo. Na imagem acima apresenta-se a Marginal de Leça e nas duas imagens subsequentes a Marginal de Matosinhos. No mapa 23, Vila Nova de Gaia.

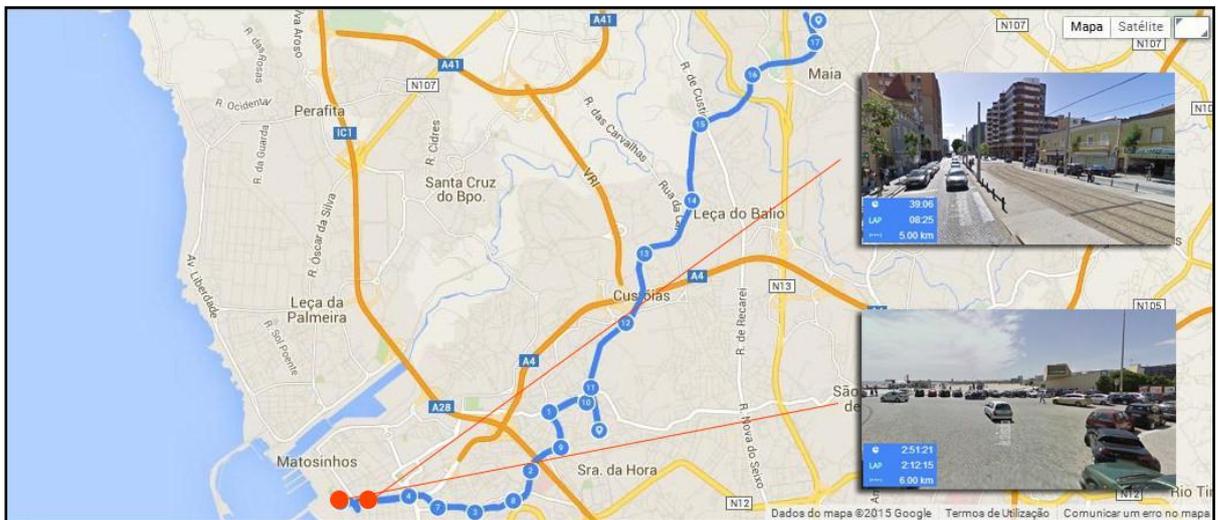


Figura 21 - Descrição do percurso efetuado pelo participante 9 (rapaz, 18 anos)

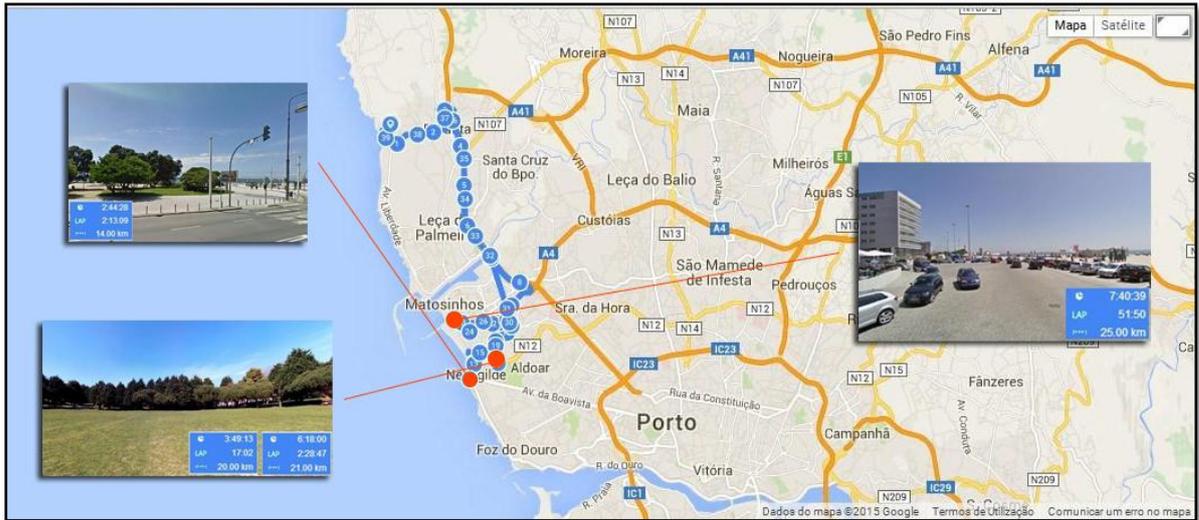


Figura 22 - Descrição do percurso efetuado pela participante 2 (rapariga, 18 anos)

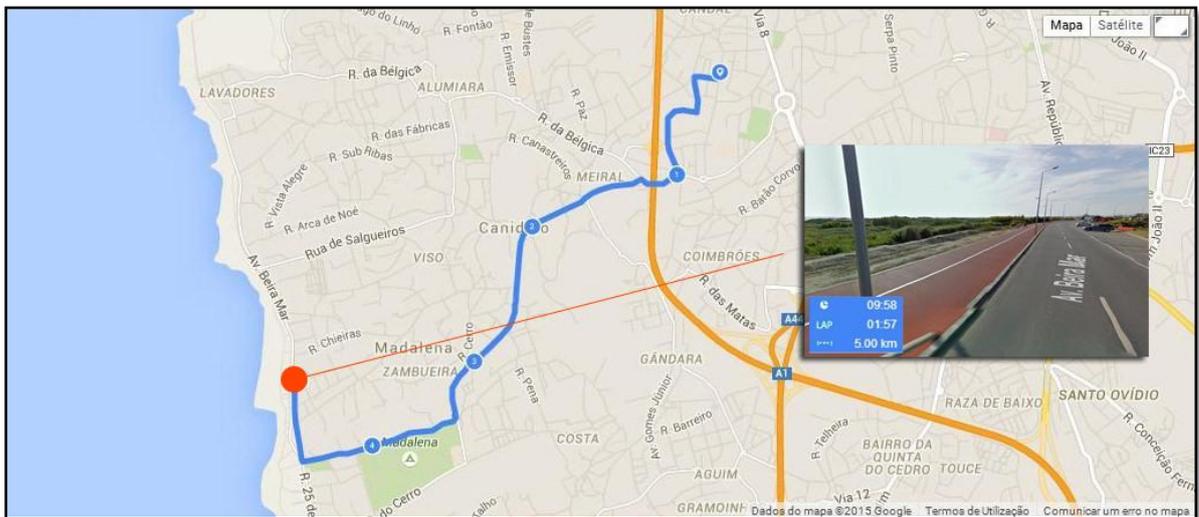


Figura 23 - Descrição do percurso efetuado pelo participante 1 (rapaz, 20 anos)

Na imagem 22, percebe-se a presença da participante no Parque da Cidade, local anteriormente detacado como sendo frequentado por este conjunto de participantes.

Além de todos estes locais específicos foram numerados os cafés, como sendo um local de convívio entre o grupo de pares. O mapa que se segue apresenta na segunda imagem, a zona envolvente do Piolho, na Praça de Parada Leitão, Porto, bem como a zona da Maia onde os participantes 9 e 10 frequentam habitualmente os cafés com o seu grupo de pares.



Figura 24 - Descrição do percurso efetuado pelo participante 9 (rapaz, 18 anos)

Estes mapas por si só não esgotam o cerne da questão. Como tal, associados a si e às expressões dos/as participantes, relativamente aos espaços, encontra-se os significados que têm na vida de cada um destes/as participantes.

Os espaços urbanos têm vindo a ter maior incidência no modo de vida das pessoas e as relações criadas em seu redor influenciam os grupos sociais. Posteriormente a esta perceção dos espaços, referida nas palavras dos/as participantes, recorreu-se à observação participante, com o objetivo primeiro de perceber até que ponto estes locais se tornavam preponderantes para as juventudes.

Sendo assim, recolheram-se e apresentam-se algumas perceções vivenciadas.

“Aquilo que observei na utilização do espaço envolvente à rotunda da Boavista (...). Muitas pessoas utilizam a rotunda para atravessar de uma parte para a outra de forma mais rápida, outras sentam-se nos bancos para aproveitar e para namorar”. (NT – 19/02/2015)

“Enquanto aqui estava sentada pensava no quanto era interessante o que estava em meu redor: encontrava-me num local reconhecido pelos jovens como sendo um local de cultura na cidade, porém aquilo que frequentam por lazer é o seu espaço exterior e não os acontecimentos culturais no interior. Ou seja, a Casa da Música torna-se um local de convívio com os jovens que por ali se encontram”. (NT – 19/02/2015)

“Quando lá cheguei sentei-me um pouco no espaço e ao meu redor observei alguns casais de jovens a sentados a namorar nos bancos do jardim. Olhando para a Casa da Música vi ainda lá os 4 skaters e os 4 jovens debaixo da escadaria principal a fumar. Observei também jovens sentados no jardim e outros na relva que se encontra ao centro da rotunda. Deixei-me estar um pouco naquele espaço, vendo um grupo de praxe em atividades”. (NT – 19/02/2015)

“Encontrei um grupo de praxistas sentado a jogar cartas (reconhecendo-os pelo traje académico que traziam vestido), outros jovens sentados na esplanada a comer gelados e a beberem sumos, enquanto conversavam em grupo. Mais ainda, encontravam-se também muitos nas compras e a aproveitarem os últimos saldos,

vendo muitos a passarem com sacos de compras de marcas de lojas que se encontram naquela rua”. (NT – 05/03/2015)

Para a compreensão do mundo social juvenil é necessário ter em conta os seus interesses.

Para os/as jovens os diferentes espaços ganham um significado especial, a nível cultural e social relacionados com as atividades e com quem os frequenta. (Pais, 1996 citado por Vale, 2011, p. 32). Por exemplo, o ir ao café reveste-se de um significado especial pelas sociabilidades que nele acontecem e isso é notório nas expressões e também naquilo que o contexto de rua foi capaz de oferecer.

“Aquilo que observei foi que todas as mesas que estavam ocupadas por jovens, uns fumavam, outros ouviam música, outros namoravam e outros ainda estavam a ler enquanto tomavam o seu café”. (NT – 05/02/2015)

“Como era um dia de sol, aquilo que observei foram vários jovens a aproveitar o espaço verde daquele jardim. Viam-se casais a namorar, outros deitados na relva enquanto o sol ali batia e como naquela praça existe um café, era visível também a presença de alguns jovens sentados na esplanada a ouvir a música ambiente que o mesmo estava a disponibilizar, o que dava um ambiente acolhedor ao espaço”. (NT – 05/02/2015)

“Como já estávamos perto da hora do lanche, (...) o movimento (...) no Costa Coffee, (...) tinha muito mais movimento, tanto na esplanada, como no interior, já que muitos eram os jovens que estavam a aproveitar o espaço não só para lanchar mas também para estudarem, tanto sozinhos como em grupo”. (NT – 05/02/2015)

Estando exposta esta problemática, ambiciona-se compreender se os espaços se revestem da mesma participação se os/as jovens participantes se encontrarem sozinhos ou com o seu grupo de pares e, por sua vez, que significados lhes atribuem. Pelos discursos abaixo percebe-se as diferenças e as justificações dos/as participantes.

“Eu se tiver acompanhado com o meu grupo de amigos sou capaz de ir para um bar ou uma discoteca, (...) não vai ser um ambiente em que a gente fale tanto mas ao fim e ao cabo estamos juntos e acabamos por dançar e evidentemente que poderemos beber também”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

“Sozinha sinto-me completamente constrangida. A presença deles é importante para me sentir bem nesses espaços”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“Um bar é para divertir e para divertir acho que é preciso estar lá os amigos. Há maneiras de divertir diferente, é verdade, mas para nos divertir naquilo que um bar pretende e naquilo que é o significado de ir a um bar, ou ao Piolho, ou a esse tipo de espaços, é necessário os amigos, só assim é que nos vamos conseguir divertir”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

“Normalmente quando estou sozinha não saio tanto, acabo sempre por ficar por casa, quando estou com amigos saio sempre mais”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

“Ir sozinha para um local onde não se está tão à vontade, é como eu disse no início, o facto de estar num grupo de amigos ajuda a integrar, portanto se for sozinha sinto-me um bocado deslocada, não estou à vontade”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

“Porque acho que com amigos... Vou estar lá e o tempo vai passar mais rápido, vou estar lá a divertir e não sei quê. Sozinho vai ser um bocado monótono. Estar só a ouvir musica, sei lá”. (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

“Sozinha nem tanto porque eu não gosto de andar sozinha”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

“Indo sozinho nem tanto. Sou capaz de ficar em casa ou a estudar ou a jogar (...). Sozinho não me motiva a ir. (...) Tem sempre alguma piada estarmos com alguém que nós conhecemos, mesmo que seja só mais um elemento, tem sempre a sua piada, estarmos com quem queremos, falarmos do que queremos e sozinhos não acontece, não é tão apelativo”. (*Participante 9, rapaz, 18 anos*)

“Não, porque se estou sozinho é um momento para mim e não uso esses espaços que estão mais direccionados para um convívio”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

As razões apresentadas centram-se maioritariamente no “estar junto”, “para divertir é preciso estar com os amigos”, porque “ajudam a integrar” e assim “o tempo passa mais rápido”. O que na opinião dos/as participantes não acontece se estiverem sozinhos/as. Acresce juntamente aos fatores referidos, a visão de estar sozinho/a como sendo um momento em que não se sentem à vontade”, é “constrangedor” e “monótono”.

Todo o sistema de relações inscreve-se num espaço e a este se associa o lugar, o social e o cultural. Trata-se, então, das representações do espaço físico como construção social operada pelos diversos grupos (Fernandes, 1992).

O espaço e a vivência nele assumem figurações diferentes mediante os indivíduos, uma vez que na sua base se encontra a construção social. Neste exemplo concreto percebe-se isso. Há participantes que sozinhos/as e/ou com o grupo de pares vivem a cidade e os espaços de um outro modo. O indivíduo “não se separa do grupo e a consciência pessoal se identifica com a consciência colectiva, a falta é (...) essencialmente comunitária” (Fernandes, 1992, p. 64).

Abaixo demonstra-se o exemplo de outros/as jovens que referem frequentar espaços urbanos diferentes quando estão sozinhos/as ou com o grupo de pares.

“Se tiver sozinho (...) não frequento se calhar estes espaços de dança e música, (...) mas sou capaz de entrar, por exemplo, num bar um pouco mais calmo e ir beber um copo ou simplesmente tomar um café, (...) e, sim, de vez em quando gosto de ir à noite sozinho, já não seria a primeira vez”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

“Não vou sozinha aos bares, de resto acho que sim. Às vezes vou passear sozinha, ou para a praia”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

“Sozinho raramente, só quando vou andar de bicicleta ou andar por aí sozinho... algumas vezes é que frequento agora... com amigos frequento mais”. (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

Por seu turno, importa ainda referir que apenas uma participante mostra que não existe diferenças para si nos locais que frequenta sozinha ou acompanhada.

“ “Sim, por norma sim” ” [sozinha ou acompanhada são os mesmos espaços] “Não” [não inibe ir sozinha a lado nenhum]” (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

Sendo assim, percebe-se que

“o próprio espaço físico é (...) construção do imaginário individual e colectivo. Pode dizer-se que a relação com o meio ambiental é mediatizada por representações. Existe aqui uma circularidade: constrói-se como se representa e representa-se como se constrói” (Fernandes, 1992, p. 62).

Estas questões relacionam-se também com o significado atribuído aos espaços urbanos. Como se pode verificar nas expressões abaixo.

“Qualquer prática do quotidiano é também iminentemente cultural daí o entendimento que os quotidianos juvenis não devem ser entendidos como quotidianos de alienação, porque são tempos/espaços onde se cria/recria e comunica sentido/significado, onde há histórias que os jovens contam a respeito de si próprios e das suas vidas” (Hack, 2005, p. 69).

Esta realidade é citada por uma das jovens participantes:

“Olha, o Piolho por exemplo e todos aqueles bares à beira do piolho têm um significado... Eu e o meu grupo de amigos adoramos a praxe e gostamos mesmo de viver aquilo e então o Piolho tem muito o significado de praxe e muito ligado a tudo aquilo que passamos no ano de caloiro. o nosso ano de caloiro foi o ano passado e temos muitas memórias ali. É muito importante e gostamos imenso de lá estar, todos juntos, porque acabamos por reviver um bocadinho daquilo que vivemos o ano passado. Os aliados, por exemplo, também têm essa ligação e... e foi um dos primeiros sítios que nós fomos (...).São aqueles sítios onde começou e onde criamos a amizade que temos agora e o grupo que somos agora”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

Outros sentimentos são também apresentados por parte dos/as demais:

“Depende, são muito diferentes, uns é paz e sossego, outros é festas e festarolas”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

“Sobretudo o Cais, que é o local onde eu convivo mais com eles, apesar de tudo, é mais um momento para estarmos entre todos, falarmos, é um momento mais de paz e não pensar nos problemas, estar mesmo para relaxar, é por aí”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

“É uma zona que inspira calma e depois tem a zona da restauração ao lado e bebidas, (...) se alguma coisa for preciso, para estar a conviver e há música ambiente e tudo e é um ambiente agradável”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

“São espaços que outros jovens frequentam também e então encontramos todos (...). São o nosso divertimento. O nosso espaço de nos sentirmos nós. Podemos fazer (...) aquilo que nós gostamos, contar piadas, divertirmo-nos, estarmos com as nossas namoradas e é isso”. (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

“Talvez a diversão, descontração, relaxamento, um bocado mais de refúgio ao que nós fazemos durante a semana, um lugar de convivência, comunicação”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

“Talvez por serem mais perto de casa, mais acessíveis, onde convivem mais gente da nossa idade, um local onde nos encontremos todos, sabemos que tem mais gente conhecida, não vamos estar só nós... talvez. Eu quando vou para esses sítios é uma forma de convivemos uns com os outros porque fora isso, ao fim-de-semana não há mais nada”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

Os espaços constroem as cidades a sua identidade e afirmam a sua diferença (Fernandes, 1992). Contudo, dois jovens participantes não encontram significado para os locais que utilizam frequentemente, pelo menos não de um modo direto.

“Nada de especial, é um local para lazer mesmo”. (*Participante 9, rapaz, 18 anos*)

“Não têm nenhum. Vamos tomar café, acabamos por tomar café sempre num sítio perto que dê para toda a gente... para a maior parte do nosso grupo de amigos poder ir... mas sem ser isso é só um sítio de maior facilidade, mais nada”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

Percebe-se que identificam como sendo um local de lazer e onde convivem com os amigos, mas perante a questão da sua significância não a identificam.

Não era possível terminar esta temática sem referenciar a pertinência dos mapas que se encontram e que podem ser consultados no apêndice 8, pois são representativos das trajetórias desenvolvidas por cada um/a dos/as participantes. Os primeiros 6 representam os/as participantes individualmente, por ordem crescente de participação e o último reúne as trajetórias de todos/as, mostrando as periferias da cidade do Porto mas também a maior presença juvenil no centro urbano do Porto. Mesmo estando perante jovens que vivem na periferia, a centralidade continua a ser o centro da cidade, onde as maiores trocas sociais se realizam.

A cidade constrói-se na produção e reprodução de relações. Por esta razão, é possível afirmar que “não há realidade urbana sem um centro”, mas “esta centralidade não se mantém (...) sempre com a mesma configuração, nem (...) se afirma com exclusividade”. Por este motivo, tem-se vindo a assistir “no mundo contemporâneo (...) a movimentos dialéticos, de deslocamentos de centralidade” (Fernandes, 1992, p. 70), sejam eles circuitos obrigatórios ou de lazer.

Independentemente disso, os diversos cruzamentos que se observam nas trajetórias destes/as participantes potenciam as suas próprias formas de centralidade, ou seja, os espaços vividos demonstram a circulação de “emoções, afectos e símbolos, o espaço onde se inscreve a memória colectiva, o espaço em fim que permite a identificação” (Fernandes,

1992, p. 88 e 89). Estes espaços sociais e urbanos, inscritos nas trajetórias balizam um território onde estes/as participantes se identificam.

2.5. Síntese Final

Todas as questões realçadas neste capítulo dizem respeito ao caso concreto destes/as jovens e ao meio urbano em que se situam, o Porto.

Retomando a pergunta inicial deste capítulo, conclui-se que os espaços urbanos acarretam uma significância de liberdade diferente daquela que é atribuída a outros espaços, nomeadamente o espaço escolar e familiar. Por seu turno, a presença das juventudes está intimamente relacionada com a identidade do espaço mas principalmente com a convivência com o grupo de pares, uma vez que se denota muito a pertença a determinados espaços de convívio social apenas com a presença de outros, concretamente o grupo de pares.

Relacionando com o bem-estar juvenil, salienta-se o facto de os/as jovens exprimirem os estímulos que sentem da realidade onde pertencem, bem como a possibilidade de troca de experiências, autoconhecimento, crescimento pessoal e grupal, integração na sociedade, o que permite que se criem sentimentos de bem-estar (Furlani & Bomfim, 2010).

Este é um dos desafios da sociedade, estar atento às vivências juvenis no seio dos espaços urbanos e sociais (uma vez que se influenciam mutuamente), visto que só uma relação estável entre ambos permite o alcance de bem-estar.

CAPÍTULO III – Refletir sobre as mudanças na Cidade do Porto: o Presente e o Futuro

3.1. Preâmbulo

Falar de qualidade de vida e bem-estar pressupõe uma reflexão perante os contextos sociais onde as juventudes vivem, tentando perceber como promover saúde num contexto urbano em constante crescimento e desenvolvimento social, cultural, económico e político.

Sabe-se que “a cidade é pólo de criação e produção cultural” (Reis, 2011, p. 7) e por isso deve existir um realce perante a preocupação de conhecer a cultura da cidade e o modo de vida urbano, nomeadamente na vertente juvenil

. Tenta-se compreender, pela visão dos/as jovens, quais as alterações que fariam no centro urbano do Porto e como o imaginam o seu futuro, enquanto pólo em desenvolvimento. Além disto, é intuito questionar os/as participantes do modo como acreditam ou anseiam que seja o futuro deles/as enquanto cidadãos/cidadãs participativos/as, em crescimento. Culmina-se, assim, numa visão ampla de refletir as relações entre as juventudes e a sociedade.

Todas estas perceções dos/as jovens participantes podem-se tornar formadoras para as juventudes.

3.2. Alterações necessárias na cidade: o ponto de vista juvenil

Refletir perante as necessidades do centro urbano do Porto é simultaneamente pôr em evidência o olhar e as perspetivas dos/as jovens participantes perante este aspeto.

Verdade é que “os espaços públicos são espaços de encontro social, estando dotados de um papel importante na interação social urbana” (Reis, 2011, p. 25). Por isso, devem ser considerados três aspetos: o/a jovem, enquanto indivíduo; o/a jovem e a sua relação com os demais e em terceiro ponto pensar no próprio ambiente. A valorização do espaço é subjetiva, porque varia consoante o indivíduo que a frequenta.

Não obstante, ao pensar-se sobre as questões que podem trazer impacto para o bem-estar juvenil nos centros urbanos, colocam-se algumas reflexões do ponto de vista dos/as jovens, com o objetivo de perspetivar medidas práticas a alterar na cidade do Porto.

Primeiramente são apresentados alguns exemplos de propostas dos/as jovens, apreendidas dos seus próprios discursos e algumas de forma sumária, com o objetivo de pensar nos contributos que trazem para a cidade.

A questão central é pensar no quanto afetam o bem-estar dos/as jovens no centro urbano do Porto.

As medidas apresentadas pelo participante 1 (*rapaz, 20 anos*) referem-se a: (1) mais espaços de estudo durante a noite, equipados com máquinas de comida e bebida; (2) maior segurança na baixa do Porto, para colmatar os incidentes de violência que continuam a ocorrer.

As medidas apresentadas pela jovem participante 2 (*rapariga, 18 anos*) resumem-se a: (1) um espaço de convívio gratuito e sem comprometimento para os/as jovens, onde possam livremente passar o seu tempo livre. Os motivos para a necessidade deste espaço encontram-se nas palavras abaixo:

“Por exemplo, quando está a chover e nós queremos sair da faculdade e queremos ir para algum lado é complicado, às vezes os cafés temos de consumir, na faculdade, no meu caso, ando numa faculdade pequena porque é um pólo independente, não nos interessa estar lá dentro a conversar, até temos espaço lá dentro, mas não nos interessa porque passamos lá o dia todo, até queremos ir para algum lado, mas trazemos todos lanche de casa e não queremos tomar café, se calhar um espaço com que não nos tivéssemos de comprometer quando estamos lá” (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

Como (2) medida encontra-se a importância da limpeza da cidade, desde as fachadas dos edifícios, aos becos e às cabines telefónicas. Em (3), a participante melhorava a comunicação da marca Porto. Salienta-se abaixo os motivos para o fazer:



Recorrendo a uma outra participante, esta salienta a necessidade que sente em existir uma maior divulgação cultural.

“Às vezes vou dando com coisas mas é quase aos trambolhões, ou por mero acaso. Não encontro assim um site ou qualquer coisa ligada à cidade do Porto que diga o que vai exatamente acontecer, em vários aspetos, não só cultura mas também de desporto e assim. Ter um local, neste caso, utilizando as novas tecnologias que divulgasse tudo que ia acontecendo na cidade do Porto, pelo menos o mais importante”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

Este local na realidade existe, no mundo online (como é salientado pela participante como sendo uma necessidade da cidade) particularmente no site www.portolazer.pt (criado em 2014) e na página de facebook © Porto Lazer (fundada em 2012), o que de certo modo representa falta de pesquisa ou pesquisa incorreta por parte da participante. Apesar da

informação existir, a mesma continua a não saber procurá-la nos melhores locais e por isso sente esta lacuna ao nível da divulgação.

Quanto à jovem participante descrita abaixo, esta destaca como medidas: (1) mais espaços verdes, (2) restauro das fachadas e casas antigas no Porto, (3) limpeza da cidade, (4) espaços próprios cedidos para *graffitis* e, por último (5):

“Uma coisa que ninguém vai dizer que é... cafés onde possam entrar animais de estimação que acho que é importante porque quando vais passear o teu cão estás com amigos e ou vais para o parque porque não podes ir tomar café porque não dá para ele entrar lá e acho que isso poderia haver”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

De acordo com as palavras da jovem participante 5 (*rapariga, 19 anos*), as medidas solicitadas são as seguintes: (1) mais espaços de estudo, como o *e-learning*, mas abertos 24 horas, (2) espaços de convívio com as faculdades onde os jovens se pudessem associar, para usufruírem do espaço, (3) segurança e, por último, (4) um conceito diferente da noite do Porto porque para a participante:

“O conceito associado à noite do Porto, acho que está muito ligado a beber álcool até cair e esse tipo de coisas e acho que isso era uma coisa que deveria ser mudado, eu sei que tem a ver com a mentalidade mas se calhar também não só dos jovens, também existe outras pessoas, ah e tal vamos sair à noite, vamos sei lá para o piolho, ah e tal vais sair de lá toda bêbeda (...) acho que faz falta outro conceito para o Porto e para os jovens que vão para a noite do Porto, para a cidade do Porto (...)”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

Continuando nesta descrição, é apresentada por outra participante apenas uma medida (também já salientada por outros participantes) que é a segurança, sobretudo à noite, pois explicita mesmo: “confesso que não me sinto propriamente à vontade em algumas zonas da cidade” (*Participante 6, rapariga, 20 anos*).

O participante 7 (*rapaz, 17 anos*) evidencia também mudanças já referidas, como é o caso da reestruturação de casas abandonadas, que na sua perspetiva estragam um pouco a imagem da cidade. Além disso, vai ao encontro do que a participante 4 (*rapariga, 20 anos*) referiu, sendo que sente e refere a necessidade de criar mais locais próprios para *graffitis* (para a cidade não andar toda pintada) e criaria mais *skate* parques.

Pode-se afirmar que a opinião da participante 8 (*rapariga, 19 anos*), em análise abaixo, também se enquadra em alguns pontos anteriormente apresentados, nomeadamente os espaços gratuitos para os/as jovens (*evidenciado pela participante 2, jovem, 18 anos*) e as preocupações com a limpeza e segurança da cidade (*semelhante à opinião dos/as participantes 1, 2, 4, 5 e 6*). Para além disso, propunha a criação de workshops “mas que realmente fossem ao encontro dos interesses dos jovens” e acrescenta, na sua opinião, a necessidade de mais atividades.

“Mais atividades, não digo a nível de desporto, porque ainda existe (...) mas mais atividades de (...) entretenimento ao fim-de-semana. Mais atividades que nos desenvolvam. Senti dificuldades em encontrar mais espaços voltados para os jovens, talvez ao ar livre. Desportos em equipa...era uma coisa que se o meu grupo de amigos quisesse entrar eu entrava”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

Continuando, o jovem participante 9 (*rapaz, 18 anos*) apresenta como medidas: (1) mais transportes noturnos, nomeadamente o Metro e salienta de novo as questões da segurança e convívio na cidade.

Para o participante 10 (*rapaz, 18 anos*) deve-se continuar a “encontrar estratégias de atração” para a cidade, se bem que salienta as medidas referenciadas pelos anteriores participantes: criação de espaços juvenis para o estudo e lazer e segurança noturna na cidade.

Pelo que anteriormente foi referenciado, de forma sumária, apresenta-se as medidas:

- (1) Espaços de convívio gratuito e sem comprometimento para os/as jovens, onde possam livremente passar o seu tempo livre, em lazer e convívio com amigos/as
- (2) Espaços de estudo aberto 24 horas
- (3) Maior segurança noturna na cidade
- (4) Maior limpeza na cidade
- (5) Restauros das fachadas e casas antigas no Porto
- (6) Criação de mais skate parques e locais apropriados para graffitis
- (7) Criação de mais espaços verdes
- (8) Existência de mais transportes públicos noturnos
- (9) Mais workshops voltados para os interesses dos jovens

No fundo, na perspetiva destes/as jovens, é importante que se continue a investir na cidade e em estratégias de atração que suscitem a presença de mais pessoas na cidade.

Trabalhar com jovens implica ouvi-los/as, perceber os seus interesses mas também assumir a existência de falta de proatividade na procura da informação. Esta premissa pretende mostrar de que modo as mudanças na cidade contribuem para o bem-estar das juventudes.

O “direito à cidade” intimamente relaciona-se com o “direito à vida urbana”. Com isto depreende-se que muito mais do que um direito de acesso ao que já existe na cidade, a liberdade é o direito de poder mudá-la, de acordo com os desejos de cada um/a (Harvey, 2013).

Esta questão não se vê finalizada aqui, uma vez que surgiu a importância de salientar os benefícios do contributo juvenil para a cidade e de como se podem tornar atores ativos no meio social, de modo a combater as fragilidades da mesma.

Posteriormente, como exemplo de preocupações, salienta-se as palavras deste jovem participante.

“Eu acho que neste momento, uma coisa que eu... que o Porto poderia apostar, no que toca à utilização dos jovens, era para nós podermos melhorar os índices de pessoas que se encontram desabrigadas e a viver na rua, isto é, eu noto que aqui à uns anos acho que o número de pessoas desempregadas e a viver na rua está cada vez maior e acho que poderiam apostar nos jovens, sobretudo, para assegurar funções de distribuir alimentação, promover eventos que pudessem ajudar este tipo de pessoas, porque era da forma também que não só melhorava o curriculum dos jovens mas também os ajudava a ajudar, passo a redundância, estas pessoas que mais necessitam nesta altura e que, infelizmente, o Porto não consegue dar resposta aos pedidos de socorro deles mesmo”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

Pode-se assim assegurar que “através do voluntariado, os jovens desenvolvem valores como a compreensão mútua, o diálogo e a solidariedade” (CCE, 2007, p. 10) e, além disto, contribuem para o bem-estar da cidade e da população que se encontra mais desfavorecida.

No seio da conceptualização de cidade, é preciso avaliar continuamente o que cada um/a de nós pode fazer, enquanto indivíduos singulares, assim como em relação com os outros. Continuando nesta linha de pensamento, Robert Park afirma que a cidade é

“a mais consistente e, no geral, a mais bem sucedida tentativa do homem de refazer o mundo onde vive (...). Porém, se a cidade é o mundo que o homem criou, então é nesse mundo que de agora em diante ele está condenado a viver. Assim, indiretamente (...) ao fazer a cidade, o homem refez a si mesmo” (Harvey, 2013, p. 1).

É possível e tem-se o direito de “mudar de rumo e de buscar refazer” a vida de cada um/a, segundo a construção de um tipo de cidade qualitativamente diferente. “A questão do tipo de cidade que desejamos é inseparável da questão do tipo de pessoas que desejamos nos tornar” (Harvey, 2013, p. 1) e isto explica claramente o papel do bem-estar no espaço urbano, no que as mudanças acarretam na vida de cada um/a e no estímulo para se alcançar mais e melhor, porque faz parte do papel de cada ser humano refazer-se a si e à sua cidade (Harvey, 2013).

Rematando, as mudanças são aqui interpretadas como estruturais mas subtilmente aparece esta presença de trabalhar com as juventudes. Sendo assim, cabe a cada um/a deles/as (em particular) e a cada indivíduo que o habita (no geral) estruturar essas mudanças e lutar para o alcance das mesmas. Mais que uma questão de setores políticos (e assume-se a importância da sua estruturação em muitas destas questões a alterar) deve denotar-se a importância da participação de todos/as.

3.3. Viver n(a) Cidade do Porto

3.3.1. O Futuro incerto das Juventudes

A preocupação voltada para os espaços das juventudes teve o seu enfoque atrás. Agora ambiciona-se pensar sobre as perspetivas do futuro destes/as participantes.

Quando se fala na vivência destes/as jovens na cidade do Porto realça-se dois aspetos: por um lado, os motivos que os/as faziam/fazem continuar a viver nesta cidade e, por outro, os motivos que os/as fazem pôr em causa a sua permanência.

Esta questão é transversal a todos os/as participantes e, como tal, apresenta-se abaixo apenas alguns exemplos das preocupações e incertezas sentidas, que transparecem nos seus discursos.

- 1** Quanto aos motivos que me fariam continuar aqui, penso que se devem não só ao facto de ter nascido e estudado no Porto, o que por si só já me prendem imenso a esta cidade, mas também o facto de querer trabalhar na minha área enquanto cientista da educação nesta cidade aliando as minhas funções à cultura, isto é, estar integrado ou ser responsável pela gestão de eventos culturais e consagrá-los enquanto motores de educação altamente produtivos e importantes para o desenvolvimento e evolução da nossa sociedade. Penso que não há nada que me faça querer abandonar esta cidade, independentemente dos defeitos que possa ter.
3/4 às 0:28 - Não gosto ·  1
- 10** [redacted] como vivi e estudei sempre no porto, sinto, naturalmente, uma grande ligação a este cidade, mas devido ao estado económico tanto da cidade como do país respetiva à área de enfermagem, sair do porto e, claro está, de portugal é uma forte possibilidade para mim. Continuar a viver nesta cidade se essas condições se alterassem.
3/4 às 10:51 - Não gosto ·  1
- 7** [redacted] Nasci aqui no Porto obviamente que gostava de cá ficar mas o problema por vezes não é a cidade mas sim o proprio país. Penso acabar os estudos e ficar por cá mas se tiver melhor oportunidade fora porque não tentar, apesar de tudo o Porto continua a ser a minha cidade.
4/4 às 2:09 - Não gosto ·  1
- 9** [redacted] Vivi e estudei sempre no porto, e como tal gostava de permanecer na cidade, mas pensando em termos profissionais e tendo em conta a situação económica do país terei de sair se quiser ter melhores oportunidades.
6/4 às 14:34 - Não gosto ·  1

- 8** [Redacted] Sempre vivi e estudei no Porto, e portanto, gostava de poder exercer cá minha profissão. Contudo, estar ligada ao ramo da educação faz com que essa hipótese em Portugal seja quase excluída e, por isso, se encontrar uma proposta de trabalho fora da minha cidade, ou fora do meu país, certamente a aceitarei. Por fim, os motivos que me fariam continuar no Porto eram o facto de estar perto dos meus familiares e amigos e claro, de ser a cidade onde sempre vivi.
8/4 às 17:53 · Não gosto ·  1
- 5** [Redacted] Vivo e estudo no Porto e adoro a minha cidade e tudo que de melhor me tem dado (que efetivamente tem sido imenso) e como é óbvio gostava de poder continuar nela. Mas a realidade é que não me permito a mim mesma depois de todo o esforço para entrar e continuar na faculdade, tirar uma licenciatura para poder ter um futuro melhor, ficar num país que muito pouco tem para me retribuir (depois de tudo que os estudantes lhe dão), principalmente na profissão que escolhi. Daí, por uma questão profissional imagino a abandonar a cidade do Porto e o próprio país. Mas com certeza que o Porto será sempre a minha cidade, a melhor, a que vivi os melhores momentos, a que cresci, a que aprendi, a que ri e chorei. Adoro o Porto, a cidade em si, as pessoas, os sítios tudo e como tal é com muita pena que diga que a vou ter que deixar. Mas com certeza a levarei sempre comigo.
11/4 às 11:51 · Não gosto ·  1
- 4** [Redacted] Os motivos pela qual gostava de continuar a viver no porto são porque é a cidade onde cresci e tenho as pessoas que gosto, por gostar do ambiente da cidade, da simpatia da frontalidade e do á vontade das pessoas, para além de ter alguns locais que me fazem sentir completamente em casa. Os motivos pelo qual poderia querer sair da cidade é pela baixa probabilidade de vir a arranjar emprego na área que estudei.
15/4 às 20:13 · Não gosto ·  1

Depois da descrição acima, pode-se afirmar que “a relação pessoa - lugar deve ser vista como um fenómeno complexo e dinâmico” (Reis, 2011, p. 24). A identidade juvenil é criada na relação dos/as participantes com esses locais, mas também moldada pelas relações interpessoais que neles decorrem (Reis, 2011).

Todos/as os/as participantes abordam a questão da permanência na cidade pelas relações sociais que estabeleceram e o facto de ser a “cidade berço” deles/as. Todos/as falam com um sentimento forte à invicta e por isso se salientam tantos trechos do discurso deles/as, porque cada um/a, à sua maneira, explica o sentimento que tem pela cidade e a possibilidade próxima de abandoná-la.

Estes pensamentos ainda pesam na consciência destes/as jovens, contudo quando a questão se relaciona com as perspetivas do futuro profissional a situação altera-se e encontramos-os perante um paradoxo, visto que as perspetivas de inserção no mundo do trabalho são incertas e a emigração é dada como solução.

Aqui o nível de satisfação manifesta níveis mais baixos, precisamente pela indecisão que se apresenta nestas questões. De facto,

“poder-se-á pensar que devido a níveis de instrução mais elevados os estudantes beneficiarão de perspectivas profissionais mais positivas. Contudo, a evolução da satisfação segundo o nível de instrução não revela a existência de uma relação directa entre estas duas variáveis. A um nível de instrução mais elevado não corresponde sempre uma maior satisfação. (Ferreira, 1989, p. 52)

Pelas palavras acima, é claro que os/as jovens apresentam a incerteza da inserção no mercado de trabalho e como solução para o seu futuro profissional a saída da cidade e até do país, mesmo estando presente uma panóplia de áreas de intervenção diferentes. Pensa-se que a questão não esteja tão relacionada com as oportunidades de emprego da cidade do Porto, mas com toda a situação económica que se vive atualmente em Portugal - um problema que é local mas essencialmente nacional. Esta contextualização com o contexto político-social salienta, assim, que

“pensar os jovens em Portugal implica levar em conta a enorme diversidade contextual e sociocultural existente. Esta diversidade acentua-se no contexto de uma crise pela qual passa a sociedade portuguesa, com reflexos nas instituições” (Couto, 2009, p. 7).

Por isto, deve haver especial atenção às necessidades das juventudes.

Por seu turno, percebe-se o quanto é crucial situar este trabalho no tempo e espaço. Estes dados dão uma visão do momento pelo qual as juventudes se encontram a passar, sendo que estudam já a perspetivar um futuro que passa pela emigração, com o intuito de se realizarem pessoalmente e profissionalmente na sua área. Contudo, ainda têm esperança que isso não aconteça e que depois de se concretizarem profissionalmente, possam viver e contribuir para o crescimento e desenvolvimento - cultural, educacional, das artes, ao nível da saúde - da cidade “deles/as”.

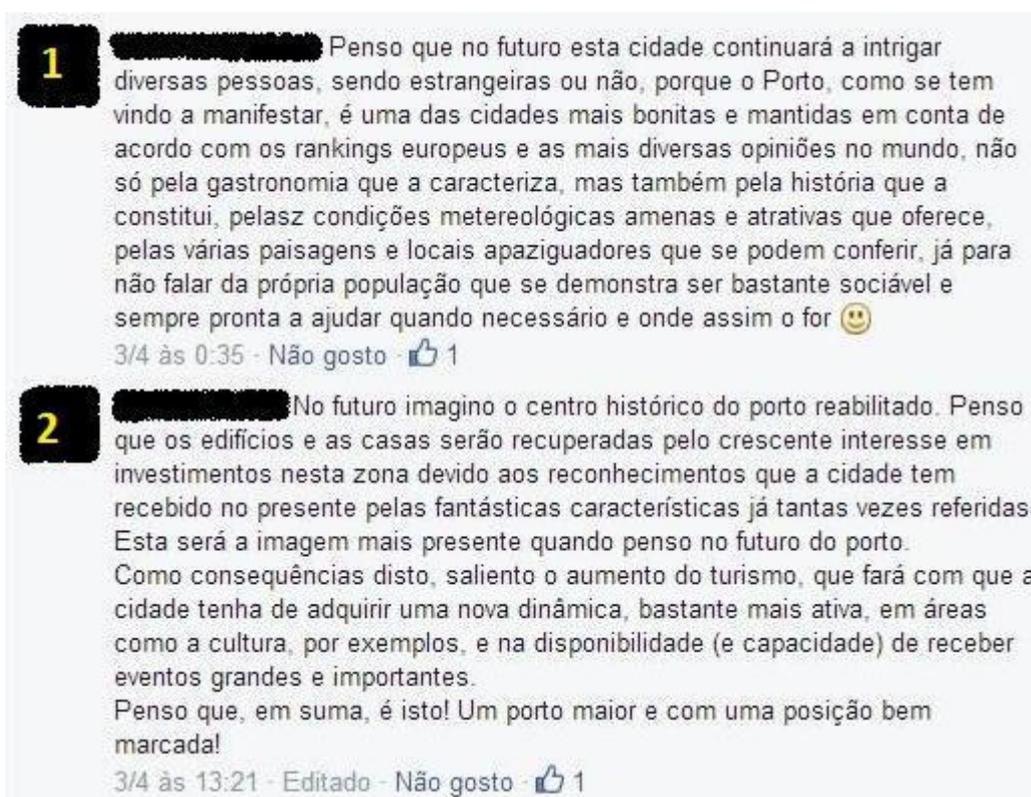
Num outro campo da vida dos/as jovens, a realidade não se torna diferente. Alcançar “autonomia económica e constituir a sua própria família, sejam quais forem os significados que tal [assumam] hoje em dia, apresenta-se como uma situação não atingida rápida nem facilmente pela grande maioria dos jovens” (Guerreiro & Abrantes, 2007, p. 7). As questões económicas e de empregabilidade estão muito vincadas na vida do/a jovem, porque se as juventudes são um processo progressivo e se passam por diversas conquistas, nomeadamente a autonomia económica, então é normal que vejam o acesso a revelar-se mais comprometido. É de exprimir que este é um problema estrutural do país e não uma questão de género. A maioria dos/as jovens vê na obtenção de um emprego a possibilidade de autonomia financeira como um elemento determinante do processo de passagem à vida adulta mas, reconhecem as dificuldades de encontrar esse emprego. “A possibilidade de fazer uma carreira profissional em país estrangeiro, a flexibilização do trabalho e o risco de desemprego são também aqui analisados” (Guerreiro & Abrantes, 2007, p. 10).

Por tudo isto, verifica-se que apesar da crise já não ser um facto novo, a verdade é que “o efeito desta sobre o bem-estar dos jovens é uma questão que ainda não foi estudada de forma aprofundada pelos investigadores da área” (Guerreiro & Abrantes, 2007, p. 7) e que se torna fundamental continuar a questionar-se tendo em conta o impacto desta realidade: na saúde, bem-estar, qualidade de vida, relacionamentos sociais, perceções pessoais sobre as suas próprias capacidades.

3.3.2. O futuro da cidade do Porto no ponto de vista dos/as jovens

É inquestionável a importância que a cidade adquire, como já se foi constatando. É nela que se vive, mergulhado em profundas dinâmicas e é através da cidade que se procura dar respostas às necessidades, procurando alcançar desejos. Mas como fazê-lo quando se vive perante a instabilidade, nomeadamente económica? A visão perante a cidade altera-se ou por seu turno existe uma visão positivista por parte dos/as jovens?

Abaixo reflete-se sobre o que estes/as consideram que será a cidade no futuro, como acham que se irá desenvolver e que benefício trará para a população.



1 [Redacted] Penso que no futuro esta cidade continuará a intrigar diversas pessoas, sendo estrangeiras ou não, porque o Porto, como se tem vindo a manifestar, é uma das cidades mais bonitas e mantidas em conta de acordo com os rankings europeus e as mais diversas opiniões no mundo, não só pela gastronomia que a caracteriza, mas também pela história que a constitui, pelas condições meteorológicas amenas e atrativas que oferece, pelas várias paisagens e locais apaziguadores que se podem conferir, já para não falar da própria população que se demonstra ser bastante sociável e sempre pronta a ajudar quando necessário e onde assim o for 😊
3/4 às 0:35 - Não gosto - 👍 1

2 [Redacted] No futuro imagino o centro histórico do porto reabilitado. Penso que os edifícios e as casas serão recuperadas pelo crescente interesse em investimentos nesta zona devido aos reconhecimentos que a cidade tem recebido no presente pelas fantásticas características já tantas vezes referidas. Esta será a imagem mais presente quando penso no futuro do porto. Como consequências disto, saliento o aumento do turismo, que fará com que a cidade tenha de adquirir uma nova dinâmica, bastante mais ativa, em áreas como a cultura, por exemplos, e na disponibilidade (e capacidade) de receber eventos grandes e importantes. Penso que, em suma, é isto! Um porto maior e com uma posição bem marcada!
3/4 às 13:21 - Editado - Não gosto - 👍 1

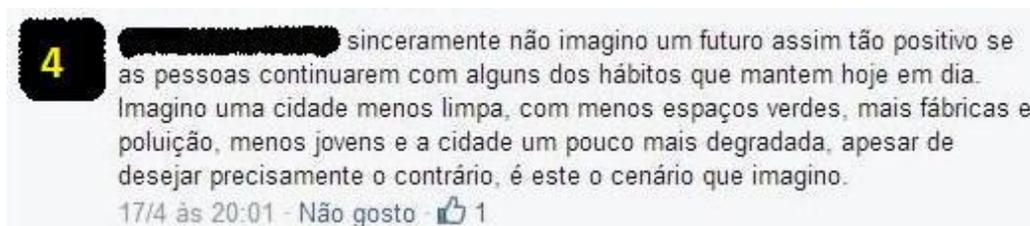
- 10** [redacted] imagino um porto com uma maior afluência de turistas, onde grande parte das habitações mais antigas tenham sido restauradas, como já tem vindo a acontecer. Mais dinâmico, ou seja, com um carácter mais ativo para receber projetos de escala mundial. Também, gostava de acreditar que a situação dos sem-abrigo estivesse melhor resolvida, na medida em que houvesse alojamento para todos e para aqueles que escolhem viver na rua, haver espaços destinados para tal efeito, com o mínimo das condições. Em suma, o porto maior, mais dinâmico e mais solidário
3/4 às 10:57 - Não gosto - 👍 1
- 7** [redacted] Imagino uma cidade mais limpa e recuperada porque seria uma pena deixar cair na ruína uma história e uma cidade tao bonita como a do porto. E claro mais turistas
4/4 às 2:12 - Não gosto - 👍 1
- 8** [redacted] No futuro imagino a cidade do Porto muito mais desenvolvida, quer ao nível do comércio, devido ao aumento de turistas com interesse em conhecer a nossa cidade, quer ao nível da tecnologia. Para além disso, imagino ver parte dos edificios restaurados e inovados e com maior cuidado ambiental (maior preocupação com a reciclagem; utilização de transportes ecológicos).
8/4 às 17:45 - Não gosto - 👍 1
- 5** [redacted] Imagino a cidade do Porto com ainda mais turistas, com mais espaços dedicados aos jovens, com mais apoios para os estudantes quer a nível financeiros como a nível de espaços de estudo. Imagino também uma cidade mais segura. Mas, infelizmente, com menos jovens portugueses, que com o tempo têm sido obrigados a emigrar.
11/4 às 11:54 - Não gosto - 👍 1

Apresentados os discursos dos/as participantes na primeira pessoa, realça-se agora esquematicamente os resultados daí extraídos. São deste modo levantadas uma série de questões que não podem ser meramente descritas e descritivas pelos/as participantes, mas que são merecedoras de análise.

Sendo assim, perspetiva-se, no futuro, uma cidade: (1) com mais turismo, cativando ainda mais estrangeiros, (2) com atenção aos rankings europeus, mantendo-se sempre presente nos mesmos, (3) que continua a cativar pela sua gastronomia, história, condições meteorológicas, paisagens e afetividade das pessoas que vivem na invicta, (4) com um centro reabilitado, com preocupação na manutenção das casas, (5) com mais eventos e de maior impacto, (6) mais solidária, em que a situação dos sem-abrigo se encontre resolvida ou mais colmatada com a possibilidade de alojamento, (7) com mais cuidados ao nível ambiental (maior preocupação com a reciclagem e maior utilização de transportes ecológicos), (8) mais desenvolvida ao nível do comércio e da tecnologia, (9) com mais espaços dedicados as juventudes e, por último, (10) com mais apoios para estudantes (exemplo: ao nível financeiro).

Em suma, “um Porto maior com uma posição bem marcada” (*Participante 2, rapariga, 18 anos*).

Apesar de a maioria imaginar um cenário mais agradável e desenvolvido para a cidade do Porto, a verdade é que o mesmo não ocorre na parte final da expressão da participante 5 (*rapariga, 19 anos*), quando refere um Porto “infelizmente, com menos jovens portugueses, que com o tempo têm sido obrigados a emigrar” e na posição clara da participante 4 (*rapariga, 20 anos*). Descreve-nos assim um Porto no futuro:



Posto isto, pensa-se agora um pouco sobre estas questões da cidade e do lugar do indivíduo na mesma. É cada um, individualmente e/ou coletivamente, que constrói a cidade, através das suas ações diárias e compromissos, ao nível político, intelectual e económico. É o posicionamento que se adota mediante o contexto que reflete algum do comportamento desenvolvido ao longo dos tempos. Esta visão dos/as jovens participantes apresenta uma imagem “fantasiosa” do futuro da cidade, mas será que é realmente o que imaginam (como lhes foi questionado) ou o que desejam? A participante citada acima refere que “apesar de desejar precisamente o contrário, é este o cenário que imagino”. Contudo esta não deixa de ser uma pergunta a pensar, é precisamente uma pergunta retórica.

Esta questão teve como propósito posicionar os/as jovens numa perspetiva de imaginar a cidade do futuro.

“Da futuridade da cidade, conhecemos, a fundo, apenas o caos e a incúria que a antecedem. Queremos fazer melhor. Queremos alcançar o caminho do futuro da cidade. Não o conhecemos com exatidão – não se deixa ler – apenas o queremos mudar” (Fortuna, 2011, p. 1).

Esta é a vontade presente nas palavras dos/as jovens participantes. Não esquecem os tempos instáveis pela qual a cidade do Porto e o próprio país estão a passar e enunciaram isso no ponto anterior. Apesar disso, também se verifica o amor que têm pela mesma. Por isso, justificar-se-á pensar que estão a

“tentar construir (ou a desenhar?) um futuro urbano que dure para sempre. Fantasia. Um futuro urbano construído com a dignidade de sabermos “viver juntos na diferença”. Resgatando do passado os patrimónios urbanos com futuro e apenas esses (Fortuna, 2011, p. 2).

Pensar no futuro das cidades pode tornar-se uma tarefa utópica mas, de certo modo, imprescindível para continuar a lutar pelo desenvolvimento social e pela saúde das juventudes, que são o motor principal no futuro da possibilidade deste desejo.

3.4. Dinâmicas entre Juventudes e Sociedade: Contributos para o Desenvolvimento

Sabe-se que as juventudes se iniciam com grandes e profundas mudanças e os papéis sociais são também “moldados” pela inserção na sociedade. Aqui a questão não é a influência da família, nem do grupo de pares ou contextos sociais em que se envolvem mas, a sociedade num todo, uma análise integral que englobe conhecidos e não conhecidos, os olhares, as palavras, os atos em si, ou seja, a comunicação verbal, não-verbal e para-verbal. Esta é uma parte da reflexão. A outra diz respeito às juventudes e à influência (e a falta dela em termos práticos também é influência) que emerge das relações que os/as jovens conseguem criar e dos valores que transmitem aos demais. Mais do que falar deles/as e supor opiniões e valores sociais, o importante é ouvi-los, perceber o que sentem, os seus anseios, objetivos, desejos, o trabalhar com.

Pela análise abaixo percebe-se que na opinião dos/as participantes a sociedade vai-se alterando mas como é salientado: “vai alterando um bocadinho mas ainda há muito caminho a percorrer, muito” (*Participante 4, rapariga, 20 anos*).

Desde sempre que “os conflitos” são vistos como “inerentes às relações humanas”, mas isto é originado pelo “convívio em sociedade [que] impõe à pessoa direitos e deveres e, principalmente, a responsabilidade de coexistir, interagindo com as demais, [n]um ambiente saudável, de respeito mútuo” (Costa, 2015, p. 38). Neste caso a relação entre juventudes e sociedade. Abaixo descreve-se, através das palavras dos/as jovens participantes, como sentem este desenvolvimento e influência mútua.

“Se a juventude não existisse a própria sociedade não se desenvolvia e ao fim e ao cabo a própria sociedade também influencia a juventude portanto acho que não há um desenvolvimento normal se ambos não estiverem em sintonia, tanto um como o outro se ajudam a desenvolver e se nós formos a ver as coisas deste prisma acho que não pode haver só pessoas velhas (...) a fazer este mundo mover. Portanto as pessoas novas também têm de ser valorizadas (...) que ao fim e ao cabo vão contribuir para o desenvolvimento da própria sociedade”. (*Participante 1, rapaz, 20 anos*)

“Sim, nós construímos a sociedade através das nossas ações, do que fazemos, do que damos para a sociedade, do que estudamos. (...) Ao estudarmos estamos a tentar fornecer algo à sociedade, mas ela também nos fornece algo a nós, a convivência entre as pessoas, faz com que nós aprendamos, ajudamos também os outros a aprender alguma coisa connosco, ou seja, damos-nos mutuamente, a sociedade dá-nos a nós e nós damos à sociedade, acho que é um bocado assim (...). Acho que ajudam a que o bem-estar seja mútuo”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

Os/as jovens participantes acreditam que sem juventudes a sociedade não se desenvolvia e o próprio desenvolvimento das pessoas e espaços, a nível local, nacional e internacional influencia os comportamentos e perspetivas de futuro. Por isso, eles/elas

entendem que se está perante um pressuposto baseado numa relação dialética entre a sociedade e juventudes; numa relação mutuamente influenciadora.

Com forma de elucidar isto, apresenta-se abaixo um exemplo onde se encara a família como sendo um produto da sociedade e que está também em mudança.

“E isso foi alterando ao longo dos tempos. Se pensarmos na altura dos nossos pais... O que eu faço agora os meus pais não faziam, nem tiveram a oportunidade de estudar, por exemplo, que eu tive. Ou seja, a sociedade também altera ao longo dos tempos e nós vamos alterando com ela”. (*Participante 8, rapariga, 19 anos*)

Neste caso o exemplo centra-se apenas nas questões escolares e a participante em causa apresenta as diferenças que ela vê serem atribuídas a ela, que outrora os pais não tiveram oportunidade. Ou seja, percebe-se que como a família

“se tem produzido através de um processo histórico, como fenómeno complexo, apresenta fases diferentes nos seus aspectos políticos, económicos, sociais e culturais. A família tem vindo, assim, a ser influenciada, mudando simultânea e contemporaneamente a sua estrutura e dinâmica interna e externa” (Dias, 2000, p. 90).

Continuando nesta linha de pensamento e voltando a falar genericamente na sociedade como um todo, atende-se à existência de “uma interação dialética estabelecida entre a juventude e a sociedade, na qual integra o conjunto das relações sociais” (Pinto, 2012, p. 228). Pelas palavras dos/as jovens participantes evidencia-se precisamente esta influência.

“A juventude é o futuro da sociedade, por isso acaba por ser a base, acaba por ser o que é mais importante na sociedade. Por outro lado, se a sociedade não tiver bons exemplos, a juventude vai basear-se nos maus exemplos que a sociedade dá, por exemplo, vai ser complicado assegurar uma sociedade nova, com bons exemplos para a juventude que virá a seguir”. (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

“Haver influência da sociedade na juventude há sempre. Os nossos comportamentos são regidos pelo que temos à nossa volta, pelos nossos exemplos, normalmente vêm das pessoas mais velhas, temos de ter algum tipo de orientação para saber o que é correto. Agora se os jovens influenciam a sociedade... até certo ponto sim mas se calhar não até ao ponto que deviam”. (*Participante 3, rapariga, 18 anos*)

“A sociedade por um lado também tipo constrói a juventude porque por um lado influencia e às vezes não é pelas boas coisas e se calhar também reprime um bocado e (...) vai moldando e (...) se não houvesse essa sociedade, se calhar os jovens agora eram diferentes, pelos bons e maus exemplos”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

“Sim. Se for para motivar os jovens a crescer, é positivo. Se for para levar os jovens por caminhos que... a não ensiná-los a crescer devidamente, como eles têm que crescer, é mau”. (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

Tal como assegura Foucault (1999), ao viver-se em sociedade, está-se “sujeito” a qualquer tipo de ação dos outros. Porque se por um lado pode existir uma influência positiva

(se é que assim pode ser entendida), por outro esta influência pode ser compreendida pela repressão:

“Afinal de contas, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos de poder” (citado por Pinto, 2012, p. 228).

Por isto entende-se que esta relação, ora é entendida numa troca recíproca entre dar e receber, ora é interpretada como uma relação de oposição.

De acordo com Groppo (2010) “a condição juvenil é dialética porque está assentada sobre uma relação de contradição entre sociedade e juventudes. Esta contradição se expressa historicamente em ações” que oscilam

“no duplo movimento que envolve integração versus inadaptação, socialização versus criação de formas de ser e viver diferentes, papéis sociais versus identidades juvenis, institucionalização versus informalização, homogeneização versus heterogeneidade e heterogeneização, cultura versus sub-culturas” (citado por Pinto, 2012, p. 228).

No momento anterior obtiveram-se percepções de desenvolvimento “saudável”, ou seja, onde se apresentou o papel fundamental dos dois lados e as vantagens desta ligação pelas especificidades das várias faixas etárias em interligação com as juventudes.

Abaixo descreve-se pelas palavras de uma jovem participante a “ideia depreciativa” que sente por parte da sociedade.

“Se a juventude constrói a sociedade, não sei, acho que vai mudando algumas ideias mas há sempre “ai os jovens isto, os jovens aquilo” (...). Agora também acho que os jovens, ao mesmo tempo, são um bocado influenciados pela sociedade, pela maneira que a sociedade nos faz viver (...). Acho que a sociedade em geral tem uma ideia mais depreciativa (...) dos jovens. É mais (...) “Ah, no meu tempo não era isto, ah porque os jovens fazem isto, porque os jovens fazem aquilo” (...). Enquanto nós jovens temos uma ideia também um bocado mais liberal das coisas (...) e acho que também chocam um bocadinho esses conflitos. (...) Os nossos avozinhos ainda estão cá e as coisas são diferentes e acho que devia de haver algo que estimulasse essa comunicação e essa compreensão por ambas as partes (...). A verdade é que os jovens são o futuro deste país e daquilo que a sociedade tanto quer e acho que se calhar deveríamos ser mais ouvidos e mais (...) compreendidos”. (*Participante 5, rapariga, 19 anos*)

A última frase da presente participante refere o sentimento do trabalho a realizar. Ou seja, a jovem sente que as juventudes são o futuro impulsionador do país e que por isso devem ser “mais ouvidas e mais compreendidas”.

Deste modo é possível falar do conceito de Pais (1993): o conceito de juvenilização no que respeita à influência exercida pelos/as jovens na sociedade.

Torna-se fundamental perceber como as juventudes trazem o inovador, o diferente, o contraditório e o complexo à sociedade. Daí que, a discussão deste conceito deva também

ser feita de maneira inovadora, diferente, contraditória, complexa e sem perder de vista quer o dinamismo da sociedade quer o dos/as próprios/as jovens (Barros, 2010).

“[A] juventude agora (...) começam a ter novas mentalidades, através da televisão e da internet e começam a alterar a sociedade” (*Participante 9, rapaz, 18 anos*).

Todavia, na visão destes/as jovens continua a ser a sociedade a ter um maior impacto. Sentem que as juventudes no geral influenciam a sociedade mas que não têm todas as oportunidades que gostariam e essa influência não se efetiva totalmente, na opinião deles/as.

“Há alturas em que eu posso acreditar que sim, porque há mentalidades novas e têm ideias novas, mas por outro lado nem sempre a sociedade dá muitas oportunidades aos jovens (...). Acho que mais depressa a sociedade tem influência nos jovens, do que o contrário, atualmente”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

Continua afirmando,

“Acho que depende do termos oportunidades ou não. Há muitas situações em que eu acho que até poderia falar ou ajudar, mas o facto de ser mais nova... “ah, tu és nova, não sabes nada disto” e acho que é um bocado a mentalidade das pessoas mais velhas que não aceitam tanto e acho que por aí é que nos dificultam mais”. (*Participante 6, rapariga, 20 anos*)

Esta razão pode estar relacionada com a “oportunidade” para mudar. As palavras da jovem participante explicitam precisamente esta determinação e “vontade de”. Todavia, sente que tem essa oportunidade dificultada por causa da “maturidade” que os outros assumem que ela ainda não tem, devido à sua idade.

Percebe-se então que não é uma tarefa fácil e a persistência juvenil é extremamente crucial. Ser jovem e querer mudar o mundo pode parecer ingénuo, mas faz parte do imaginário de muitos/as jovens e daqueles/as que fazem parte. Deve ser o mote para o colocarem em prática.

“Nos jovens existe a força que pode mudar o rumo do mundo, da consciência ecológica, ética, política, sociológica e antropológica. É o jovem que pode, agora, mudar o destino do planeta. (...) O jovem é o maior interessado em mudanças. Este é o momento para quem está vivo, e bem vivo, agir” (Santos, 2013, p. 108).

Por outro lado, os/as jovens sentem a imensa influência que a sociedade tem nas suas vidas. Apresenta-se, abaixo, dois exemplos, um descrito por uma participante e o outro observado por mim, enquanto investigadora, no terreno.

“A sociedade influencia imenso a juventude e no meu caso eu digo porque tipo o cabelo e isso, acho que as pessoas não aceitam, as pessoas olham, as pessoas parece que não têm o direito de ser elas mesmas e isso é mau, é muito mau. Eu tento ser à minha maneira, não quero que ninguém me influencie e espero continuar assim, não é quando eu for trabalhar... não quero cortar o cabelo, não vou cortar o cabelo

(...). Acho que as pessoas têm direito de se expressarem e serem elas mesmas. Acho que por toda a gente ser diferente é que vamos se calhar conseguir uma coisa melhor, não é por ser toda a gente igual que leva a lado nenhum. Isso só nos reprime cada vez mais, só torna as coisas pior e as pessoas revoltam-se por não conseguir estar bem com o que elas são”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

“Cada um é como é, cada um é que faz a sua normalidade, o que é normal para mim pode não ser normal para ti”. [E os/s jovens] “Acho que têm de lutar por aquilo que acreditam, por aquilo que são e deixarem de ligar àquilo que os outros dizem porque não os vai levar a lado nenhum”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

Esta jovem mostra claramente que se apropriou do seu corpo e deu-lhe uma configuração estética ao seu próprio gosto e, por isso, “negam que o corpo seja um espaço neutro e afirmam-no. Procuram ser únicos ao mesmo tempo que se incluem num universo juvenil que valoriza determinadas formas de apresentação” (Silva, 2008, p. 415). Aliás, percebe-se claramente pelas palavras da participante que o seu corpo “é espaço de orgulho e de síntese de estilos e personalidades, de afirmações e de reconhecimento” (Silva, 2008, p. 415). A mesma autora afirma ainda que “é a partir do que fazem com o seu corpo (...) que procuram mostrar quem são e a sua relação com o mundo” (Silva, 2008, p. 415).

Agora de que modo é que o mundo encara quem não é tipicamente “normal” (se é que aqui se pode falar de normalidade)?

Há jovens que não podem e nem querem viver com os “padrões prevalecentes da sociedade”. “O conformismo assusta-os. Ou a possibilidade de serem engessados em ‘moldes de comportamento’. Negam-se a serem tomados como marionetas penderes de fios de aço de políticas de juventude que apenas os pretendem ‘enquadrar’” (Pais, 2005, p. 66).

“Eu estou bem comigo própria e sinto-me bem como estou. E agora, acho que agora é que me sinto bem com aquilo que sou e também sou mais velha e aprendo (...) a lidar com as outras pessoas porque acho que já não importa o que elas dizem, oh pá, sou assim, aceitem-me, tipo, faço as coisas que faço bem e esforço-me para isso portanto acho que ninguém tem de julgar aquilo que eu sou pela minha aparência”. (*Participante 4, rapariga, 20 anos*)

Ora, esta descrição apresenta a realidade vivida diariamente por esta jovem. Segundo Catani & Gilioli (2004), os “bens culturais” influenciam as culturas juvenis mas enquanto para os/as jovens as “roupas desajeitadas, gírias e agressividade” são consideradas “expressões de liberdade” e “rebeldia da idade”, para a sociedade em geral são aspetos negativos presentes na fase da vida das juventudes e as pessoas estereotipam o/a jovem que se apresenta ali na sua frente.

No que diz respeito ao exemplo que se vivenciou no contexto de rua foi visível outro momento influenciador: os olhares discriminatórios e insultuosos das pessoas na rua, desta vez devido a preconceitos relacionados com a orientação sexual.

“Enquanto estive mais alguns minutos ali sentada, verifiquei, de forma clara, os olhares reprovadores e fixos (vindos tanto de jovens como de pessoas adultas) que faziam às jovens que estavam sentadas na escadaria de mãos dadas e abraçadas, acontecendo mesmo ter visto pessoas a parar à frente delas enquanto olhavam fixamente, e que iam depois embora a falar sozinhas e a abanar que não com a cabeça”. (NT – 05/03/2015)

Este preconceito social é um traço importante no modo como estas jovens encaram a sua vida e o bem-estar, porque em muito o mesmo fica afetado. A razão prende-se com o facto de a sexualidade continuar a ser

“um tabu em nosso meio, sendo acentuado apenas o que é negativo e prejudicial do sexo. Aquilo que é biológica e psicologicamente positivo, que constitui a base do amor, do prazer, da convivência, da família e da própria sobrevivência humana é relegado” (Brêtas & Silva, 2005, p. 332).

Esta é uma questão que tem vindo lentamente a ser refletida pelas várias forças da sociedade mas ainda se encontra longe da igualdade e até da aceitabilidade. E como anteriormente se citou Pais (2005), nem todos/as os/as jovens têm de seguir os “padrões prevalentes da sociedade” e conformarem-se, pelo contrário, neste contexto social e político, os/as jovens devem lutar pelas suas vontades e desejos, pela possibilidade de serem eles/as próprios/as e sentirem-se bem no local onde habitam e onde criam relações de sociabilidade.

Seja por este ou outros fatores, a verdade é que:

“Há jovens que não se sentem bem onde estão e se fosse feita alguma coisa para que eles se integrassem com as pessoas e fizessem amigos e conhecessem pessoas novas se calhar ia integrá-los mais na sociedade”. (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

Relativamente a esta questão anteriormente salientada, importa ainda referir que quem sai fora dos padrões pode ser por opção e por identidade juvenil ou realmente por comportamentos socialmente identificados como impróprios, seja por fumarem, roubarem, entre outros. Contudo, o corpo novamente não é razão para concluir quem pertence a esse grupo e quem não pertence, na medida em que não é o aspeto exterior que dita a personalidade de cada um/a. Aliás, um jovem participante explicita precisamente isso:

“A sociedade quando vê, por exemplo, (...) um gunga, anda de chapéu e calças para baixo, a sociedade vê esse gunga como um delinquente. E depois vê outra pessoa que é totalmente diferente mas ao contrário, que se veste de outra maneira, mas que anda aí a vandalizar as coisas e pode ser completamente o contrário; um certinho, e calcinha e pólo... E se vive num bairro é delinquente, traficante e tudo... excluiu um bocado essa parte da sociedade”. (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

A razão está no facto de se atribuir às juventudes determinados comportamentos.

“Uma coisa que eu sinto muito é que os mais velhos às vezes não respeitam muito os mais novos, o que pode levar a juventude a ficar um bocadinho revoltada com isso e se calhar a não ter tanto amor pela sociedade em que está inserida e depois acabam

por ficar um bocado revoltados pelo que vêm acontecer à volta e não têm vontade de mudar e se calhar têm vontade de mudar de cidade (...). Se calhar se a sociedade tivesse um papel mais positivo na vida dos jovens os jovens conseguiam ter um papel mais positivo na vida da sociedade". (*Participante 2, rapariga, 18 anos*)

"De certa forma a sociedade faz o modelo do que acha correto e do que não acha. Maioritariamente os grupos que têm capacidade para pensar, podem tomar as suas decisões, podem tentar mudar o critério, o modelo da sociedade. Por exemplo o uso de tatuagens é criticado pela sociedade. Em Portugal é. E acho que os jovens agora estão a tentar mudar essa mentalidade. (...) Por exemplo, o modo de vestir também é completamente... bem e mal visto pela sociedade. Alguém que usa roupas largas pode não ser visto como bom aluno, o que é errado e quem se veste de camisa e pólo, pode ser mau aluno e fazer coisas más e pronto" (*Participante 9, rapaz, 18 anos*)

"A sociedade (...) vai ter um pensamento já estabelecido do que é (...) juventude, são estereótipos que já têm, certos conceitos, preconceitos feitos (...) que a juventude só faz certas coisas, toma certas atitudes, são irresponsáveis, só fazem estragos e assim. No entanto, a juventude continua a ser grande parte da sociedade, continua a fazer parte (...) está inserida na sociedade, portanto". (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

Muitos/as jovens sentem-se injustiçados/as por toda a sua classe ser vista assim e por eles próprios não concordarem. Com isto não quer dizer que não o haja, como em todas as idades e estratos sociais. Não se pode é generalizar situações particulares como as que são apresentadas em seguida sendo o comportamento geral de toda a classe juvenil, na medida em que não é de todo uma questão linear.

"Percebia-se claramente que existia um pouco de gozo destes 4 jovens perante o senhor mais velho com que eles estavam, até porque o discurso se baseava em expressões, como: "chuta, oh boi"; "anda andor". Aquilo que estavam a fazer enquanto proferiam estas palavras era jogar ao meio, em que arranjavam sempre forma de ser o senhor a fazê-lo e, posteriormente, atiravam a bola contra a parede do Centro Português de Fotografia, fazendo de baliza uma das portas laterais e quem fazia sempre de guarda-redes era esse senhor, que na maioria das vezes fugia da bola devido à força com que a atiravam, que se via perfeitamente que era com o objetivo de o magoarem, até porque se riam sempre que ele fugia, pedindo-lhe para se manter lá". (NT – 05/03/2015)

"Alguns jovens, por exemplo, fazem coisas que não deviam fazer, tipo, como... vandalizam a cidade, roubam, e isso faz com que a sociedade... e ao falarem dos jovens falam de todos os jovens e nem todos são assim. Há alguns que andam só por aí com o grupo de amigos e até gostam de usar assim uma roupa mais livre e são logo culpados". (*Participante 7, rapaz, 17 anos*)

Curiosamente, ao contrário dos/as outros/as jovens, apresenta-se aqui uma visão contrária, que encara a evolução das juventudes como algo que não deveria ter ocorrido desta forma, tendo um discurso muito idêntico àquele que os/as outros/as relatam como sendo o pensamento da sociedade em geral. Aliás, o jovem não fala de si enquanto jovem, desviando-se do seu próprio papel.

“Sim porque se os jovens decidiram mudar, na minha opinião mudaram para pior do que era antigamente mas... sim. Por exemplo, antigamente havia um respeito maior para com os adultos e neste momento já não se verifica tanto... Não é raramente mas muito poucos mantêm um respeito e uma seriedade para com as pessoas mais velhas, é mais nesse sentido (...). Se a juventude decidir mudar a sua forma de comportamento, ser mais responsável, não tomar tantas decisões erradas, porque errado para mim pode ser certo para outro, mas pronto... ter um melhor senso comum a sociedade acabará por aceitá-los melhor, definir outros objetivos, talvez melhorar a educação, pronto, atingir outro nível”. (*Participante 10, rapaz, 18 anos*)

É uma análise superficial a que se faz a este pensamento juvenil mas que mesmo assim se considera fundamental apresentar.

No geral, fazendo uma retrospectiva, entende-se que estes/as jovens pretendem tentar pensar em maneiras de atuar nos contextos sociais em que se envolvem; moverem-se e mudarem-se, mantendo o compromisso que fizeram consigo mesmos e com aquilo que acreditam possibilitar a realização dos seus sonhos pessoais.

3.5. Síntese Final

Pensar sobre as juventudes na cidade do Porto e refletir sobre a própria cidade é uma questão complexa, por todo o desenvolvimento mútuo inerente, que foi sendo refletido ao longo deste capítulo. O primeiro tópico a destacar é o acesso à cidade. Estas preocupações com o centro urbano não se devem centrar apenas nas questões de acesso, mas também no direito ativo de fazer diferente. Além disto, é necessária verdadeira vontade de lutar. Cabe a cada um/a lutar por um melhor bem-estar pessoal e social, no que diz respeito à sua cidade.

“Todos somos, de um jeito ou de outro, arquitetos de nossos futuros urbanos. O direito à mudança da cidade não é um direito abstrato, mas sim um direito inerente às nossas práticas diárias, quer estejamos cientes quer não” (Harvey, 2013).

Outra questão a ser realçada diz respeito às perspectivas de futuro. Acredita-se que se o “nosso mundo urbano foi imaginado e feito, então ele pode ser re-imaginado e refeito” (Harvey, 2013), de modo a alcançar-se mais e melhor. Para ser (re) é pressuposto a existência de interações sociais e desenvolvimento. Isto invoca o pensamento salientado na fase final desta análise. A necessidade de uma permanência ligação entre a sociedade no seu todo e as juventudes, tentando aliar as potencialidades de cada faixa etária, com o objetivo único de conquistar mais e melhor.

CONCLUSÃO

Ao longo dos capítulos precedentes, foram-se antecipando algumas considerações. Nesta fase dá-se resposta aos objetivos do estudo, especificamente a discussão que foi realizada em torno do conceito de Bem-estar, a partir dos sentidos que os/as jovens atribuíram às suas experiências e apropriações de lugares significativos para si, perspetivando o papel da EpS na temática supra referenciada.

Sabe-se que esta investigação não é generalizável mas é replicável e as conclusões aqui referenciadas têm por base os dados e as referências teóricas aplicadas no estudo.

O bem-estar juvenil é seguramente um indicador de desenvolvimento das juventudes nas suas interações sociais em espaço urbano. Com esta investigação percebeu-se que as juventudes não são vividas de igual modo entre todos os/as jovens mas afirma-se a sua importância no que concerne ao futuro do país. São o impulso para trazer o inovador, o diferente, o contraditório e o complexo à sociedade.

De forma conclusiva, apresentam-se os vários fatores que influenciam o bem-estar. Para a maioria dos/as participantes, os fatores económicos têm influência e repercussões na satisfação com a vida. Possuir produtos e serviços é encarado como um indicador importante para a felicidade. Outro fator com impacto é o demográfico, que apresenta um papel importante enquanto fator de desenvolvimento. As rápidas ligações na cidade e a promoção de eventos possibilitam consequências positivas nas juventudes. Assim, o alcance por maior e melhor mobilidade deve ininterruptamente continuar a ser trabalhada. Quanto aos fatores de género, não se encontram diferenças significativas entre aqueles que são os posicionamentos de rapazes e raparigas. Percebeu-se que em contexto urbano, que é o caso desta investigação, estas diferenças são mais diluídas, embora não implique a sua inexistência.

Além destes fatores, é fundamental refletir sobre os espaços sociais. As interações diárias, o efeito dos laços sociais e as relações de comunicação são um fator crucial no bem-estar, tanto no seio familiar, grupo de pares e/ou escolar.

Relativamente à família, estes/as jovens referiram que o papel parental tem impacto no modo como eles/elas encaram a vida e o futuro, porque o diálogo familiar potencia autonomia. Os dados mostram que a autonomia destes/as jovens tem sido alcançada de forma gradual e proporcionam e incentivam ao crescimento e responsabilidade e como é algo que anseiam alcançar, ocasiona momentos de maior harmonia e bem-estar. No entanto, não é estável, não se desenvolve no mesmo espaço temporal, nem com as mesmas características, porque é influenciado pelos estilos parentais e o contexto social.

Já no que diz respeito ao grupo de pares são entendidos como criadores de momentos de desinibição. Pelos dados entende-se que estes grupos são determinantes

para a socialização e desenvolvimento pessoal, dando uma percepção de maior integração social. A inserção e manutenção num grupo percebe-se tendo por base influências de outros elementos do mesmo grupo. Porém, quando levadas ao extremo, anulam a identidade individual e causam mau estar e isso é um fator a ter em conta na investigação juvenil.

É ainda de concluir que se compreendeu que as relações entre o seio familiar e o grupo de pares diferem entre si. Os tempos que coabitam com ambos são mediados e as comunicações aí expostas são diferenciadas. As preocupações ou segredos tendem a ser mais partilhadas com os pares ou companheiros amorosos.

Uma outra questão com relevância para estudos futuros diz respeito aos comportamentos de risco vs. protetores e o impacto que têm na vida juvenil. Nestes/as participantes existe maior prevalência de consumo de álcool que de tabaco. Todavia, este processo de experiência relaciona-se, nos dois casos, com a integração social, embora não seja explicitamente assumido por eles/as como tal. Este consumo não implica que os/as jovens não estejam devidamente informados relativamente às consequências destes atos na saúde.

Não é possível falar de juventudes sem problematizar as questões de lazer. Neste estudo conclui-se que as atividades que frequentaram e frequentam são propiciadoras de energia criativa, inclusão e diálogo e isso é sentido pelos/as jovens, constituindo-se como fundamentais no bem-estar. Para que o bem-estar esteja mais completo nestas questões, a motivação (nos fatores intrínsecos e extrínsecos) é fundamental. Sem ela a permanência dos/as jovens não se mantém, porque os comportamentos são impulsionados por motivos.

Participar é estar envolvido. Como meta para futuros trabalhos deixa-se a questão de pensar no equilíbrio que deve existir entre aquilo que são as atividades organizadas e as atividades informais, de modo a questionar melhor os vários tempos sociais e urbanos. O intuito de harmonização entre o tempo - trabalho, tempo - escola e tempo - família.

As juventudes não se cultivam só sentadas. Necessitam de ser mais ativas, mas não se refere com isto a participação em mais atividades mas a urgência em socializarem, em criarem laços de amizade e em se confrontarem com a realidade. Os espaços urbanos têm vindo a ter maior incidência no modo de vida das pessoas e são importantes para as vivências juvenis, nomeadamente pelas sociabilidades que neles ocorrem. O estudo permitiu entender que a socialização é um fator importante, tendo repercussões na vida futura. Com a investigação deu para entender que as sociabilidades oriundas e desenvolvidas nos grupos juvenis proporcionam momentos de convívio e partilha com o grupo de pares e os espaços são criados por eles/elas como territórios culturalmente expressivos. Os espaços ganham outro significado para cada um/a deles/as, quando ocupados com o seu grupo de pares, apresentando como justificação a integração e o

sistema de relações que se cria com a convivência. Essa integração cria sentimentos de bem-estar. Os espaços e a cidade constroem-se mutuamente e permitem a criação de uma identidade do espaço, onde cada um/a pode atribuir a sua própria centralidade. Ao invés disso, o ato de solidão é encarado como um elemento propiciador de mau estar.

A identidade do lugar é uma dimensão fundamental. A cidade do Porto tem vindo a ter uma preocupação e um crescimento significativo, relativamente às dinâmicas que desenvolve, à cultura, educação, lazer e, sobretudo, o crescente turismo na Invicta. No fim entendeu-se que existia um sentimento de ligação positiva dos/as participantes à cidade. O papel da cidade é trazer para a rua as interações. Mais tempo exterior, no espaço urbano, para mais qualidade de vida. Este trabalho tanto é individual, como comunitário e político, na medida em que a própria cidade deve proporcionar este bem-estar da população.

Enquanto as raparigas consideram que a cidade tem influência no modo como se mantém atrativa para as juventudes, ou seja, nas dinâmicas e interações que propicia para maior interação juvenil, para os rapazes esta realidade já não é identificada.

A análise deste fenómeno social permite concluir que os/as jovens devem ser intelectualmente ativos/as, colocando a cidade no seu centro. A cidade é para ser partilhada pelos/as jovens. A vida da e na cidade encontra-se em constante mutação e é preciso continuamente desenvolver cidades saudáveis, com mais participação e encontro por parte das juventudes, para o desenvolvimento, quer ao nível físico, quer mental.

Neste seguimento, é indispensável que se continue a investir na cidade e em estratégias de atração que suscitem a presença de mais pessoas na mesma. Quanto às juventudes, acredita-se que com intervenções juvenis é possível conseguir-se combater as fragilidades da cidade. Faz parte do papel de cada um/a refazer-se a si e à sua cidade, tendo em conta que implicitamente ao ato de mudança, encontra-se o papel do bem-estar no espaço urbano. São espaços onde se cria e recria, tendo como foco a comunicação.

Na visão dos/as participantes, os/as jovens têm impacto na sociedade. A sociedade vai-se alterando ao longo dos tempos e algum do seu desenvolvimento tem a sua causa nas juventudes. Ser jovem e querer mudar o mundo faz parte do imaginário de muitos/as jovens. Esta relação entre juventudes e sociedade é uma relação dialética e mutuamente influenciadora, pois esta vivência potencia estar-se sujeito a qualquer tipo de ação dos outros. São formas de ser e viver diferentes. Como exemplo disso, percebeu-se que existem jovens que não querem viver segundo os padrões prevalentes da sociedade e isso cria conflitos intergeracionais. Enquanto para os/as jovens são bens culturais e expressões de liberdade, para a sociedade tem um papel depreciativo. O mesmo se observou com a orientação sexual e com os estereótipos tão vinculados na comunicação não-verbal. Assim se resume que a partilha e dinâmica comunicacional entre as juventudes e entre as gerações está marcada nos espaços urbanos utilizados na cidade. Por estes motivos é que se atenta

convictamente numa perspetiva que encara que cabe às juventudes lutar pelo que as faz sentir bem e realizadas.

Relativamente ao futuro juvenil na cidade, encontrou-se nesta investigação, um paradoxo muito vincado. Entre a vontade de permanência devido às relações sociais criadas e, por outro lado, a vontade de perspetivar um futuro profissional melhor, pois a inserção no mundo do trabalho é incerta e a emigração é dada como solução. Este não é um problema da cidade do Porto, é nacional. Hoje em dia, uma situação muito presente na qualidade de vida das juventudes que, por sua vez, traz consequências na constituição da sua própria família, nomeadamente por questões económicas. Sendo assim, importa estudar o impacto que os efeitos da crise económica têm no bem-estar juvenil.

Neste estudo, os/as participantes fantasiam um pouco aqueles que são os desejos de cada um/a para o futuro da cidade, mas não deixa de ser preponderante pensar que se podem tornar realidade se as juventudes lutarem pelo desenvolvimento educacional, social e pela saúde das cidades. Os/as jovens percebem que para desfrutarem de momentos de bem-estar necessitam de possuir objetivos de vida, mantendo este propósito ao longo do seu crescimento.

Nesta fase final, chega-se a um conceito de bem-estar para estes/as jovens e ao papel da EpS nesta dimensão.

O bem-estar é uma dimensão complexa, que inclui na sua definição um conjunto de aspetos muito diversificado, que se relacionam e influenciam entre si e que podem (ou não) modificar-se, como é o caso dos aspetos sociais e biológicos, respetivamente.

Tendo em conta esta diversidade, pelo estudo percebeu-se estar perante: (1) Parâmetros de ordem individual, ou seja, o modo como se aceitam e a capacidade de se autoavaliarem. Percebem que ao terem uma atitude positiva e ao encararem e sobretudo autoaceitarem-se, conseguem alcançar melhores níveis de bem-estar. As avaliações que eles/as fazem às suas vidas, depende das singularidades de cada um/a e da forma como cognitivamente a valorizam e afetivamente se emocionam com as suas vivências. Por seu turno, as mudanças, quando encaradas ou ultrapassadas de forma positiva, traduzem-se em consequências para o bem-estar. (2) Parâmetros de ordem coletiva, onde se encontram os relacionamentos significativos para o bem-estar dos/as jovens participantes: com a família, grupo de pares e grupo escolar. Estes laços sociais e as comunicações aí desenvolvidas são fundamentais para a perceção de inclusão na sociedade. Além disso, existem relacionamentos que o/a jovem estabelece com os demais parceiros da sociedade, que pela linguagem verbal, não-verbal e paraverbal, podem transmitir opiniões/perceções positivas ou provocações que se o/a jovem não tiver autonomia para não se deixar afetar pelas

aprovações (ou falta delas) da sociedade e se não se auto-aceitar pode prejudicar o bem-estar e conseqüentemente as relações sociais.

Esta interconetividade entre relações sociais e espaços urbanos leva a que esta definição inclua outro aspeto. (3) O bem-estar relaciona-se na medida em que os sentimentos atribuídos aos espaços urbanos se interligam com as vivências sociais aí frequentadas e que às vezes são ignoradas ou não compreendidas. O contexto ambiental só é essencial, se com a sua frequência o/a jovem mantiver a capacidade de escolher o ambiente adequado às suas características, onde possa interagir sem a influência do grupo de pares. Em detrimento da aceitação num grupo, pode prejudicar o seu bem-estar psicológico.

As experiências são pautadas por aspetos de ordem social, mas existem outros fatores a incluir nesta definição, pelo impacto que acarretam: (4) o contexto demográfico (bem como a segurança da cidade) e o económico.

As políticas urbanas e a EpS beneficiariam de uma consciência profunda, a fim de promover a qualidade dos espaços urbanos. Para isso é essencial a existência de coragem pública e política para ter em atenção estas questões, nomeadamente porque melhoraria em muito a saúde pública e o bem-estar.

A educação e a saúde são duas áreas de saber destinadas ao desenvolvimento humano e a interligação das mesmas permite uma promoção de saúde baseada num modelo voltado para as reais necessidades da população. Ou seja, permite olhar para a realidade não do ponto de vista única e exclusivamente médico mas do ponto de vista de prevenção e promoção de educação, saúde e bem-estar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramo, H. (Coord.) (2014). *Estação juventude: Conceitos fundamentais - pontos de partida para uma reflexão sobre políticas públicas*. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude.
- Abramovay, M., Andrade, E. & Esteves, L. (Org.) (2007). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: MEC/UNESCO.
- Adriano, J., Werneck, G., Santos, M. & Souza, C. (2000). A construção de cidades saudáveis: uma estratégia viável para a melhoria da qualidade de vida?. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5 (1), 53-62.
- Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Porto: Universidade Aberta.
- Alonso, L. (1995). Sujeto y discurso: el lugar de la entrevista abierta en las prácticas de la sociología cualitativa. In J. Delgado & J. Gutierrez, (Coords.). *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales* (225-240). Madrid: Editorial Síntesis.
- Alves, E. (2011). Qualidade de vida: considerações sobre os indicadores e instrumentos de medida. *Revista Brasileira de Qualidade de Vida*, 3 (1), 16-23.
- API do Google Maps for Work. Acedido em 2 de Maio, 2015, em <https://www.google.pt/intx/pt-br/work/mapsearch/products/mapsapi.html>.
- Aquino, C. (2003). A temporalidade como elemento chave no estudo das transformações no trabalho. *Athenea Digital*, 4, 1-9.
- Araújo, M. (2014). *Valor patrimonial da gastronomia portuguesa. Impacto na satisfação dos turistas no destino Porto*. Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona do Porto, Portugal.
- Armenteros, E., Ruiz, F. & Zamora, M. (2012). Differences between online and face to face focus groups, viewed through two approaches. *Journal of Theoretical and Applied Electronic Commerce Research*, 7 (2), 73-86.
- Baptista, M. (2005). Desenvolvimento do inventário de percepção de suporte familiar (IPSF): estudos psicométricos preliminares. *Pscio-USF*, 10 (1), 11-19.
- Barbosa, P. (2014). *O desenvolvimento da autonomia adolescente: Contexto, valores, estilos educativos e a legitimidade da autoridade parental*. Tese de Doutoramento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Bardin, L. (1977). *A análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

- Barros, M. (2010). Associativismo juvenil enquanto estratégia de integração social: o caso da Guiné-Bissau. *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas*, Lisboa.
- Berger, G. (2009). A Investigação em educação. Modelos socioepistemológicos e inserção institucional. *Educação, Sociedade & Culturas*, 28, 175-192.
- Bomfim, M. (2006). *Juventudes, cultura de paz e violências nas escolas*. Fortaleza: Editora da UFC.
- Boni, V. & Quaresma, S. (2005). Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em ciências sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 1 (3), 68-80.
- Bourdieu, P. (1998). Compreender. In *A Miséria do Mundo* (2.^a ed.) (693-713). Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, P. (2004). *Para uma sociologia da ciência*. Lisboa: Edições 70.
- Brêtas, J. & Silva, C. (2005). Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência. In *Acta Paul Enferm.*, 18 (3), 326-333.
- Camacho, I. (2011). *A influência da família na saúde e nos comportamentos de risco nos adolescentes portugueses*. Dissertação de Doutoramento, Universidade Técnica de Lisboa, Portugal.
- Camacho, I., Tomé, G., Matos, M., Gamito, P. & Diniz, J. (2010). A escola e os adolescentes: Qual a influência da família e dos amigos?. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 1, 101-116.
- Câmara Municipal do Porto (2014). Ambiente. Acedido em 26 de Maio, 2015, em <http://www.cm-porto.pt/ambiente>.
- Câmara Municipal do Porto (2014). Cidade. Acedido em 26 de Maio, 2015, em <http://www.cm-porto.pt/cidade>.
- Câmara Municipal do Porto (2014). Cultura. Acedido em 26 de Maio, 2015, em <http://www.cm-porto.pt/cultura>.
- Câmara Municipal do Porto (2014). Economia. Acedido em 26 de Maio, 2015, em <http://www.cm-porto.pt/economia>.
- Câmara Municipal do Porto (2014). Educação. Acedido em 26 de Maio, 2015, em <http://www.cm-porto.pt/educacao>.
- Câmara Municipal do Porto (2014). Habitação. Acedido em 26 de Maio, 2015, em <http://www.cm-porto.pt/habitacao>.

- Câmara Municipal do Porto (2014). Segurança. Acedido em 26 de Maio, 2015, em <http://www.cm-porto.pt/seguranca>.
- Câmara Municipal do Porto (2014). Social. Acedido em 26 de Maio, 2015, em <http://www.cm-porto.pt/social>.
- Câmara Municipal do Porto (2014). Urbanismo. Acedido em 26 de Maio, 2015, em <http://www.cm-porto.pt/urbanismo>.
- Câmara Municipal do Porto (2014). Patrimónios. Acedido em 26 de Maio, 2015, em <http://www.cm-porto.pt/patrimonios>.
- Campbell, C. (2007). Sociedade de consumo. In L. Barbosa & C. Campbell (2007). (Orgs.). *Cultura, consumo e identidade* (2.^a ed.) (46-64). Brasil: FGV Editora.
- Cantorani, J. (2009). A mobilidade social e as práticas de lazer. *Revista Brasileira de Qualidade de Vida*, 1 (1), 58-66.
- Carta das Cidades Educadoras (2013). Acedido em 26 de Junho, 2015, em <http://w10.bcn.es/APPS/eduportal/pubPaisosAc.do#Portugal>.
- Carvalho, C., Machado, E., Carvalho, K. & Soares, V. (2009). *O uso de bebidas alcoólicas pelos adolescentes: fatores predisponentes e conseqüências*. Monografia, Universidade Vale do Rio Doce, Brasil.
- Casarin, N. (2007). *Família e aprendizagem escolar*. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Porto Alegre, Brasil.
- Castells, M. & Borja, J. (1996). As cidades como atores políticos. *Novos estudos*, 45, 152-166.
- Castro, L., Mattos, A., Juncken, E., Villela, H. & Monteiro, R. (2006). A construção da diferença: Jovens na cidade e suas relações com o outro. *Psicologia em Estudo*, 11 (2), 437-447.
- Catani, A. & Gilioli, R. (2004). *Culturas juvenis: Múltiplos olhares*. São Paulo: Editora UNESP.
- Comissão das Comunidades Europeias (2001). *Livro branco da comissão europeia - Um novo impulso à juventude europeia*. Bruxelas: Comissão Europeia.
- Comissão das Comunidades Europeias (2004). *Seguimento do livro branco - Um novo impulso à juventude europeia. Proposta de objectivos comuns para uma maior compreensão e um maior conhecimento da juventude, na sequência da resolução do conselho, de 27 Junho de 2002, relativa ao quadro para a cooperação europeia em matéria de juventude*. Bruxelas: Comissão Europeia.

- Comissão das Comunidades Europeias (2004). *Seguimento do livro branco - Um novo impulso à juventude europeia: balanço das acções desenvolvidas no quadro da cooperação europeia em matéria de juventude*. Bruxelas: Comissão Europeia.
- Comissão das Comunidades Europeias (2005). *Sobre as políticas europeias de juventudes: Responder às preocupações dos jovens europeus aplicação do pacto europeu para a juventude e promoção da cidadania activa*. Bruxelas: Comissão Europeia.
- Comissão das Comunidades Europeias (2006). *Seguimento do Livro Branco - Um novo impulso à juventude europeia: Realização dos objectivos comuns para a participação e a informação dos jovens com vista à promoção da sua cidadania europeia activa*. Bruxelas: Comissão Europeia.
- Comissão das Comunidades Europeias (2007). *Promover a plena participação dos jovens na educação, no emprego e na sociedade*. Bruxelas: Comissão Europeia.
- Comissão das Comunidades Europeias (2009). *Uma estratégia da UE para a juventude - Investir e mobilizar. Um método aberto de coordenação renovado para abordar os desafios e as oportunidades que se colocam à juventude*. Bruxelas: Comissão Europeia.
- Comissão Europeia (2014). *Erasmus+ Guia do Programa* (versão 3 de 06.2014); trad. European Commission (2014). Erasmus+ Programme Guide.
- Costa, D. (2015). A importância de diferentes olhares (escuta ativa) na mediação familiar: a interdisciplinaridade. *Revista Veras*, 5 (1), 37-44.
- Coutinho, C. (2006). Aspectos metodológicos da investigação em tecnologia educativa em Portugal (1985 - 2000). In *Actas do Colóquio da AFIRSE*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Couto, P. (2009). *Juventude, estilos musicais e transgressão: análise de algumas relações*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Portugal.
- Damasco, C. (2010). *Ferramentas Web com capacidade de visualização espacial e monitoramento de uma rede de TI*. Universidade Federal Fluminense, Brasil. Acedido em 30 de Julho, 2015 em <http://www2.ic.uff.br/Graduacao/files/000033.pdf>.
- Dayrell, J. (2003). O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, 24, 40-52.
- Dayrell, J. (2007). O jovem como sujeito social. In F. Osmar [et al.]. *Juventude e contemporaneidade* (155-176). Brasília: UNESCO/MEC/ANPED.
- Dayrell, J. & Reis, J. (2007). Juventude e escola: Reflexões sobre o ensino da sociologia no ensino médio. In *Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia*. Recife.

- Derbli, M. (2010). Qualidade de vida na medida (in)certa. *Revista ComCiência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*. Acedido em 22 Janeiro, 2015, em <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=57&id=721>.
- Dias, M. (1996). *Tarefas desenvolvimentais e bem-estar psicológico dos jovens*. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Portugal.
- Dias, M. (2000). A família numa sociedade em mudança. Problemas e influências recíprocas. *Gestão e Desenvolvimento*, 9, 81-102.
- Diener, E. & Ryan, K. (2009). Subjective well-being: a general overview. *South African Journal of Psychology*, 39 (4), 391-406.
- Duarte, T. (2009). A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). *Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, ISCTE*, 60, 1-24.
- Drezett, J. [et al.] (2004). Contribuição ao estudo do abuso sexual contra a adolescente: uma perspetiva de saúde sexual e reprodutiva e de violação de direitos humanos. *Adolescência & Saúde*, 1 (4), 31-39.
- Eisenstein, E. (2005). Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Adolescência & Saúde*, 2 (2), 6-7.
- Erickson, F. (1989). Métodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In M. Wittrock (Ed.). *La investigación de la enseñanza II. Métodos cualitativos y de observación*. Barcelona: Paidós.
- Fernandes, J. L. (1990). *Os pós-modernos ou a cidade, o sector juvenil e as drogas: estudo teórico-metodológico e pesquisa de terreno*. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Universidade do Porto, Portugal.
- Fernandes, A. (1992). Espaço Social e suas representações. In *Sociologia*, 2, 61-99.
- Ferreira, P. (1989). Volume IV – Os jovens e o futuro: expectativas e aspirações. In *Juventude portuguesa: situações, problemas, aspirações*. Lisboa: Instituto da Juventude.
- Figaro, R. (2014). A triangulação metodológica em pesquisas sobre a comunicação no mundo do trabalho. *Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos*, 16 (2), 124-131.
- Fischer, R. (2008). Mídia, juventude e memória cultural. *Educação e Sociedade*, 29 (104), 667-686.
- Fleck, M. [et al.] (2008). *A avaliação de qualidade de vida: Guia para profissionais da saúde*. Porto Alegre: Artmed.
- Fontana, A. & Frey, J. (1994). Interviewing: The art of science. In N. Dezin & Y. Lincoln, (Eds.). *Handbook of qualitative research*. London: Sage Publications.

- Fortuna, C. (2011). Para mudar o futuro da cidade. Acedido em 22 de Julho, 2015, em http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_Para%20mudar%20o%20futuro%20da%20cidade.pdf.
- Franch, M. (2002). Nada para fazer? Um estudo sobre atividades no tempo livre entre jovens de periferia no Recife. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 19 (2), 117-133.
- Freire-Ribeiro, I. (2008). A cidadania como a nova prioridade da educação. *Revista Egítania Scientia*, 3, 1-14.
- Furlani, D. & Bomfim, Z. (2010). Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. *Psicologia & Sociedade*, 22 (1), 50-59.
- Gaspar, J. (2007). Cidade, saúde e urbanização: Apontamentos e notas de leitura. In P. Santana (Coord.). *A cidade e a saúde* (23-38). Coimbra: Edições Almedina.
- Google Developers – Google Maps APIs. Acedido em 2 de Maio, 2015 em <https://developers.google.com/maps/>.
- Gordia, A., Quadros, T., Campos, W. & Junior, G. (2009). Qualidade de vida de adolescentes da rede particular de ensino: comparação entre géneros. *Revista Brasileira de Qualidade de Vida*, 1 (2), 16-24.
- Gordia, A., Quadros, T., Oliveira, M. & Campos, W. (2011). Qualidade de vida: contexto histórico, definição, avaliação e fatores associados. *Revista Brasileira de Qualidade de Vida*, 3 (1), 40-52.
- Graue, M. & Walsh, D. (2003). *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Grawitz, M. (1986). *Methods des sciences sociales*. Paris: Dalloz.
- Guerreiro, M. & Abrantes, P. (2007). *Transições incertas: os jovens perante o trabalho e a família* (2.^a ed.). Lisboa: Ministério da Educação.
- Hack, C. (2005). *Lazer e mídia em culturas juvenis: uma abordagem da vida cotidiana*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
- Haraway, D. (1988). Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. *Feminist Studies*, 14 (3), 575-599.
- Harding, L. (2001). Children's quality of life assessments: a review of genetic and health related quality of life measures completed by children and adolescents. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 8, 79-96.
- Harvey, D. (2013). A liberdade da Cidade. In *Cidades rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. Brasil: Boitempo.

- HTC – Treinas com Endomondo (2011-2015). Acedido em 2 de Maio 2015, em <http://www.htc.com/pt/support/htc-rhyme/howto/108088.html>.
- Jacques, A. (1963). Desenvolvimento e funções económicas das Cidades. In *Análise Social*, 1 (4), 581-593.
- Jornal Oficial da União Europeia de 13 de Dezembro. Conselho da União Europeia, 2008. Resolução do Conselho e dos Representantes dos Governos dos Estados-Membros, relativa à saúde e ao bem-estar dos jovens.
- Jornal Oficial da União Europeia de 19 de Dezembro. Conselho da União Europeia, 2009. Resolução do Conselho sobre um quadro renovado para a cooperação europeia no domínio da juventude (2010-2018).
- Júnior, J. (2011). Para uma análise cartográfica da subjetividade na escola, a partir de Nietzsche, Deleuze e Guattari. *Saberes*, 1 (6), 53-64.
- Junior, G. & Vilarta, R. (2004). Inclusão digital, cidadania e construção do conhecimento para a qualidade de vida. In R. Vilarta (Org.). *Qualidade de vida e políticas públicas: saúde, lazer e atividade física* (27-40). Campinas: IPES Editorial.
- Kastrup, V. (2009). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In E. Passos, V. Kastrup & L. Escóssia (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa - intervenção e produção de subjetividade* (32-51). Porto Alegre: Sulina.
- Kluthcovsky, A. & Takayanagui, A. (2007). Qualidade de vida: aspectos conceituais. *Revista Salus*, 1 (1), 13-15.
- Krauskopf, D. (2003). La construcción de políticas de juventud en centroamérica. In O. León (Ed.). *Políticas públicas de juventud en América Latina: políticas nacionales*. Chile: Cidpa.
- Kuhn, T. (1989). *A tensão essencial*. Lisboa: Edições 70.
- Boutin, G., Goyette, G. & Lessard-Hébert, M. (1990). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lima, T. (2013). *A nova classe média brasileira: ter para pertencer*. Monografia, Universidade de Brasília, Brasil.
- Machado, M. (2007). Prefácio. In P. Santana (Coord.). *A cidade e a saúde* (11-12). Coimbra: Edições Almedina.
- Magee, B. (1974). *As ideias de Popper*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Magnani, J. (2005). Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social, Revista de sociologia da USP*, 17 (2), 173-205.

- Martins, C. (2005). Os bailes de charme: espaços de elaboração de identidades juvenis. *Última Década*, 22, 39-62.
- Martins, S. (2002). Desenvolvimento local: questões conceituais e metodológicas. *Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, 3 (5), 51-59.
- Martins, H. & Augusto, M. (2005). Juventude(s) e transições. *Tempo Social, Revista de sociologia da USP*, 17 (2), 1-4.
- Matos, M. (Coord.) (2008). *Consumo de substâncias: estilo de vida? À procura de um estilo*. Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência.
- Minayo, M., Hartz, Z. & Buss, P. (2000). Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5 (1), 7-18.
- Monteiro, J. (2012). *Amostragens probabilística e não probabilística: técnicas e aplicações na determinação de amostras*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil.
- Morgan, D. (1997). *Focus groups as qualitative research* (2.^a ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Neves, T. (2006). *Entre educativo e penitenciário - etnografia de um centro de internamento de menores delinquentes*. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Portugal.
- Nilsen, A. (1998). Jovens para sempre? Uma perspetiva da individualização centrada nos trajectos de vida. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 27, 59-78.
- Nogueira, H. (2007). Privação sociomaterial e saúde na área metropolitana de Lisboa. In P. Santana (Coord.). *A cidade e a saúde* (155-162). Coimbra: Edições Almedina.
- Novaes, R. (2007). Políticas de juventude no Brasil: continuidades e rupturas. In O. Fávero, M. Spósito, P. Carrano & R. Novaes. *Juventude e contemporaneidade* (253-281). Brasília: UNESCO/MEC/ANPED.
- Nunes, A. S. (1984). *Questões preliminares sobre as ciências sociais* (8.^a ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- OMS (2010). *Redução das desigualdades no período de uma geração. Igualdade na saúde através da acção sobre os seus determinantes sociais*. Portugal: OMS. Acedido em 14 de Junho, 2015, em http://whqlibdoc.who.int/publications/2010/9789248563706_por.pdf?ua=1.
- Paim, M. & Pereira, E. (2004). Fatores motivacionais dos adolescentes para a prática de capoeira na escola. *Motriz, Rio Claro*, 10 (3), 159-166.
- Pais, J. M. (1993). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

- Pais, J. M. (2003). *Culturas Juvenis* (2.^a ed.). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Pais, J. M. (2005). Jovens e cidadania. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, 53-70.
- Pais, J., Cairns, D. & Pappámikail, L. (2005). Jovens europeus: Retrato da diversidade. *Tempo Social, Revista de sociologia da USP*, 17 (2), 109-140.
- Pedro, C. (2005). *Identificação das práticas de lazer: Estudo com crianças do 1.º ciclo do ensino básico de Valpaços*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Portugal.
- Peralva, A. (1997). O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*, 5 (6), 3-4.
- Pereira, A. & Rosa, P. (s/d). *Electronic Focus Group*. Acedido em 2 de Setembro, 2015, em http://www.ivm.vu.nl/en/Images/PT1_tcm53-161506.pdf.
- Pereira, M. [et al.] (2000). Dinâmicas grupais na adolescência. *Análise Psicológica*, 2 (18), 191-201.
- Pérez, X. (2009). Turismo cultural: Uma visão antropológica. In *Colección Pasos Edita*, 2. Espanha: Asociación Canaria de Antropología.
- Pinto, E. (2012). Tempo da juventude ou juventude além do tempo? In E. Araújo & E. Duque (Eds.). *Os tempos sociais e o mundo contemporâneo. Um debate para as ciências sociais e humanas* (225-237). Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade/Centro de Investigação em Ciências Sociais.
- Popper, K. (1972). *A Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Queiroz, L. (2013). *Juventude, lazer, políticas públicas e participação. Explorando os limites e potencialidades da participação de jovens na política pública em nível estadual e municipal: um estudo no estado do ACRE, Brasil*. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Portugal.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rede Portuguesa de Cidades Saudáveis (2013). Acedido em 30 de Junho, 2015, em <http://redecidadessaudaveis.com/index.php/pt>.
- Reis, A. (2011). *Os embriagados de vida, ser jovem no palco da cidade: Um estudo etnográfico exploratório sobre a construção identitária num concentrador juvenil*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Portugal.
- Reichel, J. (2014). O isolamento social afeta a saúde, especialmente dos idosos. *Jornal Epoch Times*. Acedido em 10 de Julho, 2015, em

<https://www.epochtimes.com.br/isolamento-social-afeta-saude-especialmente-idosos/#.Vc1FNrJVikp>.

- Remédios, C. (2010). *O bem-estar psicológico e as competências pessoais e sociais na adolescência*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Portugal.
- Rodrigues, S. (2013). *A relação entre avós e netos após a separação conjugal dos pais*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Portugal.
- Romanelli, G. (1998). O relacionamento entre pais e filhos em famílias de camadas médias. *Paidéia*, 8 (14-15), 123-136.
- Rossa, W. & Olaio, A. (2007). Fomos condenados à cidade!. In P. Santana (Coord.). *A cidade e a saúde* (15-22). Coimbra: Edições Almedina.
- Ryan, R. & Deci, E. (2001). On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and Eudaimonic well-being. *Annual Review Psychology*, 52, 141- 166.
- Ryff, C. & Keys, C. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69 (4), 719-727.
- Sampaio, D. (1994). *Inventem-se novos pais*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Santana, P. (2007). *A Cidade e a saúde*. Coimbra: Edições Almedina.
- Santos, B. S. (2002). Prezados Professores. In *Página da Educação*. Acedido em 2 de Setembro, 2015, em <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=112&doc=8798&mid=2>.
- Santos, F. (2013). *Respostas para o jovem PHN*. Brasil: Canção Nova.
- Santos, O. (2008). *Comportamentos de saúde e comportamentos de risco em adolescentes do ensino secundário: Ligações com a família, amigos e envolvimento com a escola*. Dissertação de Mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Portugal.
- Santos, L. & Martins, I. (2002). *A qualidade de vida urbana. O caso da cidade do Porto*. Working Papers, Universidade do Porto, Portugal.
- Santos, C., Scandelari, L., Carvalho, D., Vaz, M. & Santos, M. (2009). Aquisição de conhecimento implícito de indicadores de qualidade de vida. *Revista Brasileira de Qualidade de Vida*, 1 (1), 33-57.
- Schmitt, P. (2013). *Aplicação web utilizando api google maps*. Universidade tecnológica Federal do Paraná, UTFPR. Acedido em 2 de Maio, 2015, em http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1718/1/MD_COADS_2012_2_06.pdf.
- Schröder, C. & Klering, L. (2009). On-line focus group: uma possibilidade para a pesquisa qualitativa em administração. *Cadernos EBAPE.BR*, 7 (2), 333-348.

- Selada, C. (Coord.) (2012). *Índice de Cidades Inteligentes - Portugal*. Lisboa: Europress.
- Silva, A. [et al.] (2007). Bem-estar psicológico e adolescência: fatores associados. *Cadernos Saúde Pública*, 23 (5), 1113-1118.
- Silva, A., Matos, M. & Diniz, J. (2010). Idade, género e bem-estar subjectivo nos adolescentes. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 44 (2), 39-61.
- Silva, D., Stoppa, E., Isayama, H., Marcellino, N. & Melo, V. (2011). *A importância da recreação e do lazer*. Brasília: Editora Ideal.
- Silva, S. M. (2004). *Figuras e configurações da estranheza na escola. Uma etnografia sobre as estratégias e os compromissos de jovens entre grandezas em conflito*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Portugal.
- Silva, S. M. (2008). *Exuberâncias e (trans)figurações de si numa casa da juventude: Uma etnografia de fragilidades e de estratégias juvenis para o reconhecimento e para a dignidade*. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Portugal.
- Silva, S. M. (2010). *Da casa da juventude aos confins do mundo. Etnografia de fragilidades, medos e estratégias juvenis*. Porto: Edições Afrontamento.
- Simões, J. (2007). Construindo a cidade saudável. In P. Santana (Coord.). *A cidade e a saúde* (39-47). Coimbra: Edições Almedina.
- Siqueira, M. & Padovam, V. (2008). Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24 (2), 201-209.
- Sokal, A. & Bricmont, J. (1997). *Impostures intellectuelles*. Paris: Editions Jacob.
- Sousa, C. (2011). Novas linguagens e sociabilidades: como uma juventude vê novas tecnologias. *Revista interações*, 17, 170-188.
- Sousa, N. (2011). *O património como recurso ideológico, cultural e turístico: Belém como espaço cultural de identidade e memória*. Dissertação de Mestrado, Universidade Técnica de Lisboa, Portugal.
- Souza, C. (2004). Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites. *Última década* 20, 47-69.
- Souza, L. (2012). Bem-estar psicológico de jovens de 18 a 24 anos: fatores associados. *Cadernos Saúde Pública*, 28 (6), 1167-1174.
- Tamaki, E. (2000). Qualidade de vida: individual ou coletiva?. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5 (1), 19-31.

- Tavares, F. (2011). Apontamentos sobre o conceito de qualidade de vida: revisões, cruzamentos e possibilidades críticas. *Revista Brasileira de Qualidade de Vida*, 3 (2), 23-32.
- Teixeira, M., Dias, A., Wottrich, S. & Oliveira, A. (2008). Adaptação à universidade em jovens calouros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 12 (1), 185-202.
- Teixeira, M. & Lopes, F. (2005). Relações entre estilos parentais e valores humanos: Um estudo exploratório com estudantes universitários. *Aletheia*, 22, 51-62.
- Tesch, F., Oliveira, B. & Leão, A. (2007). Mensuração do impacto dos problemas bucais sobre a qualidade de vida de crianças: aspectos conceituais e metodológicos. *Cadernos de Saúde Pública*, 23 (11), 2555-2564.
- Tomé, G., Camacho, I., Matos, M. & Diniz J. (2011). A influência da comunicação com a família e grupo de pares no bem-estar e nos comportamentos de risco nos adolescentes portugueses. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24 (4), 747-756.
- Tomé, G., Camanho, I., Matos, M. & Simões, S. (2015). Influência da família e amigos no bem-estar e comportamentos de risco – modelo explicativo, *Psicologia, Saúde & Doenças*, 16 (1), 23-34.
- Truccolo, A., Maduro, P. & Feijó, E. (2008). Fatores motivacionais de adesão a grupos de corrida. *Motriz, Rio Claro*, 14 (2), 108-114.
- Vala, J. (2003). A Análise de Conteúdo. In A. Silva; J. Pinto (Orgs.). *Metodologia das ciências sociais*. (12.ª ed.) (101-128). Porto: Edições Afrontamento.
- Vale, M. (2011). *Circuitos juvenis de lazer: Um estudo sobre tempos e espaços de lazer de rapazes e raparigas no centro histórico do Porto*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Portugal.
- Vasconcelos, M. (2001). *Níveis de actividade física e prática desportiva de crianças e jovens dos dois sexos dos 10 aos 19 anos de idade*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Portugal.
- Virilio, P. (2000). *Cibermundo: A Política do Pior*. Lisboa: Teorema.
- Wagner, A., Falcke, D., Silveira, L. & Mosmann, C. (2002). A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 7 (1), 75-80.
- Waiselfisz, J. (Coord.) (2004). *Relatório de desenvolvimento juvenil - 2003*. Brasília: UNESCO.
- WHO (2014). *Health for the world's adolescents. A second chance in the second decade*. Switzerland: WHO/FWC/MCA.

WHO (2015). *Health*. Acedido em 14 de Junho, 2015, em <http://www.who.int/trade/glossary/story046/en/>.

WHOQOL Group (1995). The world health organization quality of life assessment: position paper from the world health organization. *Social Science & Medicine*, 41 (10), 1403-1409.

Wilkinson, S. (1998). Focus group methodology: A review. *International Journal of Social Research Methodology, Theory and Practice*, 1 (3), 181-204.

APÊNDICES

1. Consentimento Informado (Maiores de Idade)



CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO

de acordo com a Declaração de Helsínquia¹ e a Convenção de Oviedo²

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorrecto ou que não está clara, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

Jovens, Espaços Urbanos e Bem-estar: um estudo exploratório no quadro da Educação para a Saúde

Com este estudo pretende-se perceber de que modo é que os/as jovens percebem e interpretam o(s) lugar(es) que ocupam na cidade do Porto. É objetivo do estudo perceber de que modo é que a cidade do Porto se torna preponderante nas relações de sociabilidade em meio escolar, familiar, no grupo de pares e no bem-estar dos/das jovens; quais os espaços de lazer que a cidade disponibiliza para os/as jovens como meio de socialização, nomeadamente perceber qual o olhar e o significado que os/as jovens atribuem a esses mesmos lugares.

Para isso será necessário realizar uma entrevista. Para assegurar o rigor da análise dos dados recolhidos é desejável proceder à gravação áudio da mesma. A gravação poderá ser interrompida em qualquer momento se assim o desejar e não será utilizada para outro fim senão o da análise de dados do relatório.

A participação é completamente livre e voluntária e não existirão quaisquer prejuízos caso não queira participar no estudo. Se aceitar participar pedimos que preencha e assine este documento de participação. Este estudo está aprovado pela Comissão de Ética do ISPUP.

Toda a informação recolhida no decurso do estudo será confidencial e anónima. Apenas a investigadora terá acesso aos dados que serão usados para análise no fim do projeto.

Agradecemos desde já o tempo disponibilizado!

Assinatura:

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome:

Assinatura:

Data:/...../.....

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO DE 1 PÁGINA E FEITO EM DUPLICADO:
UMA VIA PARA A INVESTIGADORA, OUTRA PARA A PESSOA QUE CONSENTE

¹http://ecdemolneta.med.up.pt/pdf/1telho_2011.pdf

²http://www.up.pt/pdf/1telho_2001/01/000A00100140006.pdf

2. Consentimento Informado (Menores de Idade)



CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO

de acordo com a Declaração de Helsínquia¹ e a Convenção de Oviedo²

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorrecto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

Jovens, Espaços Urbanos e Bem-estar: um estudo exploratório no quadro da Educação para a Saúde

Com este estudo pretende-se perceber de que modo é que os/as jovens percebem e interpretam o(s) lugar(es) que ocupam na cidade do Porto. É objetivo do estudo perceber de que modo é que a cidade do Porto se torna preponderante nas relações de sociabilidade em meio escolar, familiar, no grupo de pares e no bem-estar dos jovens; quais os espaços de lazer que a cidade disponibiliza para os/as jovens como meio de socialização, nomeadamente perceber qual o olhar e o significado que os/as jovens atribuem a esses mesmos lugares.

Para isso será necessário realizar uma entrevista. Para assegurar o rigor da análise dos dados recolhidos é desejável proceder à gravação áudio da mesma. A gravação poderá ser interrompida em qualquer momento se assim o desejar e não será utilizada para outro fim senão o da análise de dados do relatório.

A participação é completamente livre e voluntária e não existirão quaisquer prejuízos caso não queira participar no estudo. Se aceitar participar pedimos que preencha e assine este documento de participação. Este estudo está aprovado pela Comissão de Ética do ISPU.

Toda a informação recolhida no decurso do estudo será confidencial e anónima. Apenas a investigadora terá acesso aos dados que serão usados para análise no fim do projeto.

Agradecemos desde já o tempo disponibilizado!

Assinatura:

~o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o~

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome:

Assinatura:

Data:/...../.....

<p>SE NÃO FOR O PRÓPRIO A ASSINAR POR IDADE OU INCAPACIDADE (se o menor tiver discernimento deve <u>também</u> assinar em cima, se consentir)</p>
NOME:
BI/CC Nº: DATA ou VALIDADE/...../.....
GRAU DE PARENTESCO OU TIPO DE REPRESENTAÇÃO:
ASSINATURA

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO DE 1 PÁGINA E FEITO EM DUPLICADO:
UMA VIA PARA A INVESTIGADORA, OUTRA PARA A PESSOA QUE CONSENTE

¹http://esidemiologia.med.up.pt/edth/helsinki_2013.pdf

²<http://dtrc.pt/pdf/edtr/2001/01/000A00/001-00016.pdf>

3. Guião Entrevista Semiestruturada

- I. De uma forma geral, o que te faz sentir bem e o que é que contribui para esse teu bem-estar?
 - Os fatores demográficos, de género e económicos exercem influência na tua vida?
- II. Relativamente à tua saúde, ao meio familiar e ao meio escolar. Como encaras a tua vida nestes diferentes campos?
 - Todos estes fatores são importantes para o teu bem-estar físico e psicológico? Explica como.
 - Consideras a saúde um bem importante na tua vida? O que fazes no teu dia-a-dia para promove-la? (exemplo: prática de exercício físico, alimentação, consumo de tabaco, etc.)
 - Consideras que o teu comportamento varia com o grupo com que estás a socializar, especificamente: meio familiar e meio escolar. Na tua opinião, porque é que isso acontece?
- III. Agora em relação apenas ao teu grupo de amigos, o modo como convives com eles, consideras que a ti promove uma maior integração social? Isso é importante para ti? Em que medida?
- IV. Na fase da juventude, os/as jovens defrontam-se com uma série de transformações; uma delas é a construção da própria autonomia e uma maior separação em relação aos pais. Concordas?
 - Como foste encarando esta mudança e em que atitudes foste demonstrando que os teus pais poderiam realmente confiar em ti e dar-te a liberdade que ansiavas.
 - Consideras que existe diferença entre o que queres, podes e deves fazer, em relação aos princípios que os teus pais te transmitem.
 - Sentes que esta autonomia também é influenciada pela autonomia que os pais dos/as teus/tuas amigos/as lhes dão a eles
 - A tua autonomia mudou a relação que tens com o seu grupo de amigos, ou seja, consideras que as imposições feitas pelos teus pais poderão afetar a relação que tens com os teus amigos.

- V. Consideras que as tuas escolhas pessoais são influenciadas pelos grupos juvenis que integras?
- Quais grupos ou atividades é que frequentaste e frequentas.
 - O que te motivou para integrar esses grupos.
 - Perceber se o teu comportamento e as tuas escolhas alteram-se mediante os grupos com que socializas.
- VI. Na tua opinião, quais são os espaços de lazer que a cidade do Porto disponibiliza para os jovens como meio de socialização e quais desses espaços são por ti (e/ou pelo seu grupo de amigos) frequentados?
- Consideras que a cidade tem influência nos lugares ocupados pela juventude.
 - No teu ponto de vista, quais os espaços públicos disponibilizados na cidade do Porto para os jovens.
 - Dentro desses espaços públicos quais é que utilizas.
 - Sozinho/a e com o teu grupo de amigos utilizas os mesmos espaços públicos.
- VII. Que significados é que atribuis/atribuem a esses espaços?
- A razão por utilizarem esses espaços e não outros.
 - O significado que esses espaços têm.
 - O que consideras que poderia ser pensado/alterado na cidade do Porto e mais voltado para os jovens.
 - A forma como a sociedade constrói a juventude vs a forma como os jovens influenciam a sociedade.

4. Guião Eletronic Focus Group

I: Tendo em conta as imagens abaixo, com qual delas se identificam mais e, pelo contrário, qual é a que menos vos caracteriza? Porquê?



II: Tendo em conta que existiu, no geral, uma dificuldade em identificarem a "imagem com que mais se identificaram" e a "imagem com que menos se identificaram", aquilo que vos pedia é que as colocassem por ordem crescente. A imagem da festa é a 1 e a da família a 9 e a numeração faz-se na horizontal.

III: Se tivessem de caracterizar a cidade do Porto numa imagem, qual seria e porquê? Coloquem a imagem como resposta a este tópico e expliquem o motivo da escolha.

IV: Em conjunto, gostava que chegassem a um consenso e caracterizassem a cidade do Porto em 3 ideias-chave. Exponham e discutam as vossas opiniões e tentem juntá-las em três pontos-chave.

V: Imaginem-se enquanto Presidentes da Câmara Municipal do Porto, o que criavam ou mudavam na cidade?

VI: Conhecem o conceito de Cidade Educadora? Sabiam que a cidade do Porto o é?

VII: Neste momento vocês habitam e estudam na cidade do Porto. Contudo, como encaram o vosso futuro nesta cidade? Quais os motivos que vos fariam continuar a viver nesta cidade? E o que vos faz querer sair do Porto?

VIII: Como imaginam a cidade do Porto no futuro?

6. Mapas: Descrição de realces presentes nos percursos juvenis

Em anexo, pretende-se apresentar e descrever alguns exemplos diversificados dos circuitos juvenis realizados ao longo deste estudo, por participante e dia.

Recorre-se novamente à apresentação de cada um dos/as participantes para ter uma visão geral de cada um deles/as.

Participante nr. 1

Género: Masculino

Idade: 20 anos

Escola que frequenta: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da UP

Local de Habitação: Vila Nova de Gaia

Habilitações Literárias: 12º ano – a frequentar o 3º ano da Licenciatura

Habilitações Literárias Mãe: Licenciatura

Habilitações Literárias Pai: 12º ano de escolaridade

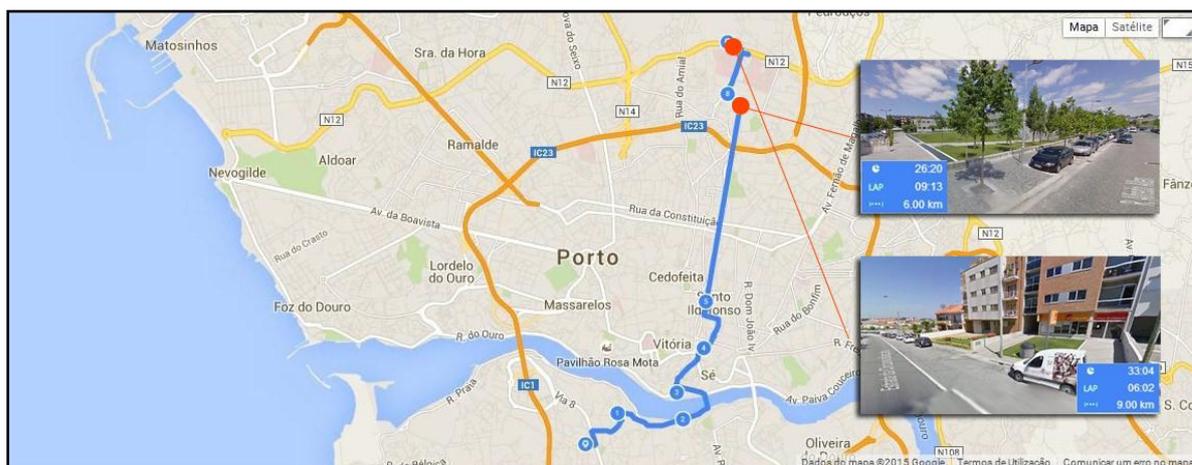


Imagem 25 – Descrição do percurso efetuado no dia 13-02-2015

Pela informação que se encontra no mapa acima, podemos descrever alguns dos locais ocupados pelo participante do estudo. Neste dia, foram realizados cerca de 10 km, dos quais se destacam dois locais: O primeiro no 6 km, sendo a Rua Alfredo Allen, onde se encontra a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da UP - local este considerado com destaque naquele que está a ser o seu percurso escolar - bem como o 9 Km, que se localiza na Estrada da Circunvalação, mais propriamente no ACP, onde o jovem em causa se encontrava a tirar a carta de condução.

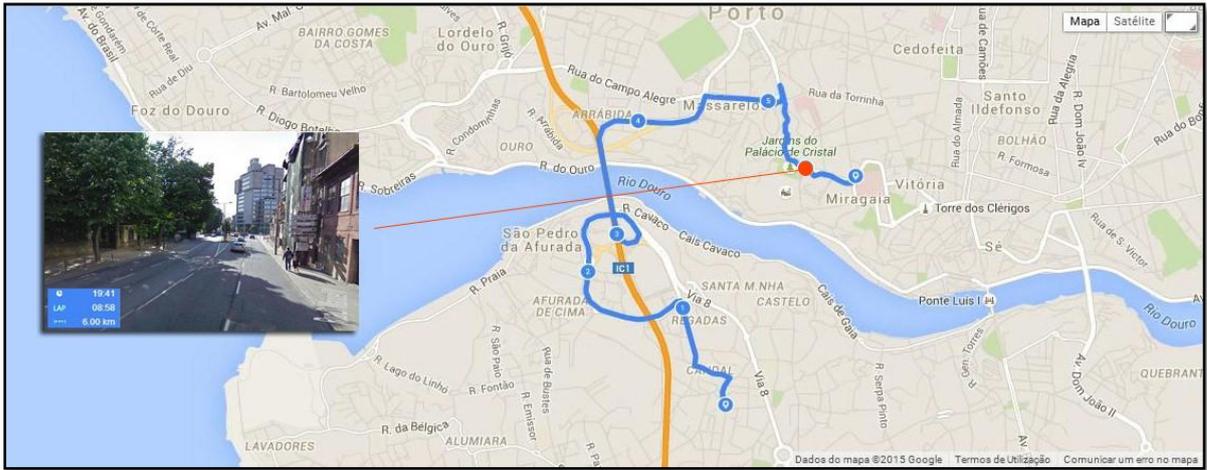


Imagem 26 – Descrição do percurso efetuado no dia 20-02-2015

Neste dia, foram realizados cerca de 7 km, dos quais se destaca o 6 km, correspondendo à Rua D. Manuel II – Local onde o participante se encontra a desenvolver o seu estágio de Licenciatura.



Imagem 27 – Descrição do percurso efetuado no dia 28-02-2015

Pelo que é possível visualizar acima, neste dia, foram realizados cerca de 19 km. Aqui verificamos um trajeto que se realizou do seguinte modo: local de habitação (casa em Vila Nova de Gaia) até ao local onde frequenta um grupo escutista (São Mamede Infesta), sendo que o único km em destaque é o 18 km, constituindo-se, por si só, um local de lazer.

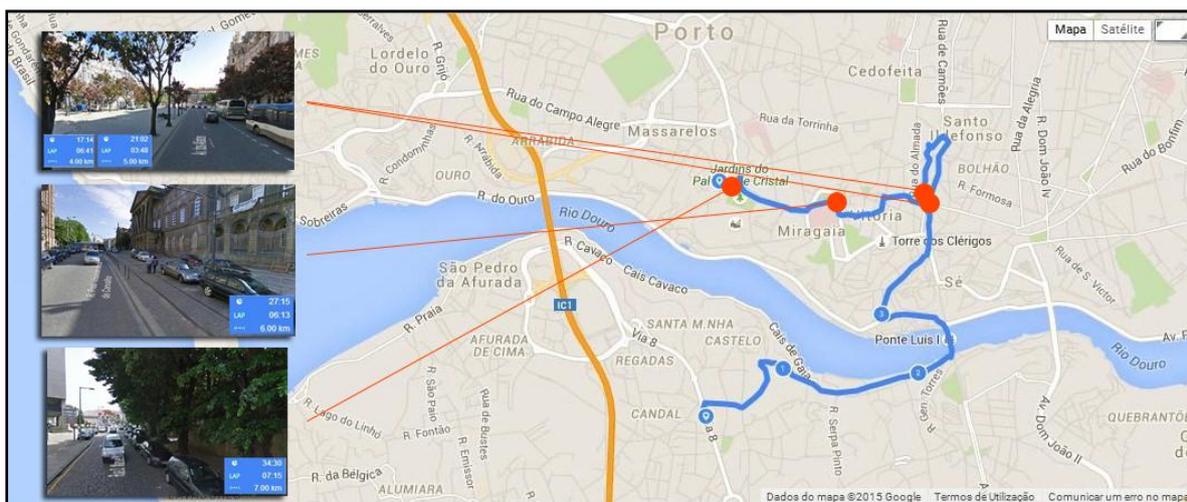


Imagem 28 – Descrição do percurso efetuado no dia 16-03-2015

Outro dos exemplos deste participante destaca um percurso de cerca 12 km, onde se destacam três locais: o primeiro no 4 e 5 km, mais precisamente na Avenida dos Aliados; o segundo no 6 km, perto da Cordoaria, na Rua Professor Vicente José de Carvalho. Estes dois locais evidenciam-se pelo teor de lazer que se encontra nos mesmos e pelo facto de o participante ter usufruído destes locais para conviver com amigos. Já o terceiro local, no 7 km, corresponde à Rua D. Manuel II e é onde o participante se encontra a desenvolver o seu estágio de Licenciatura.

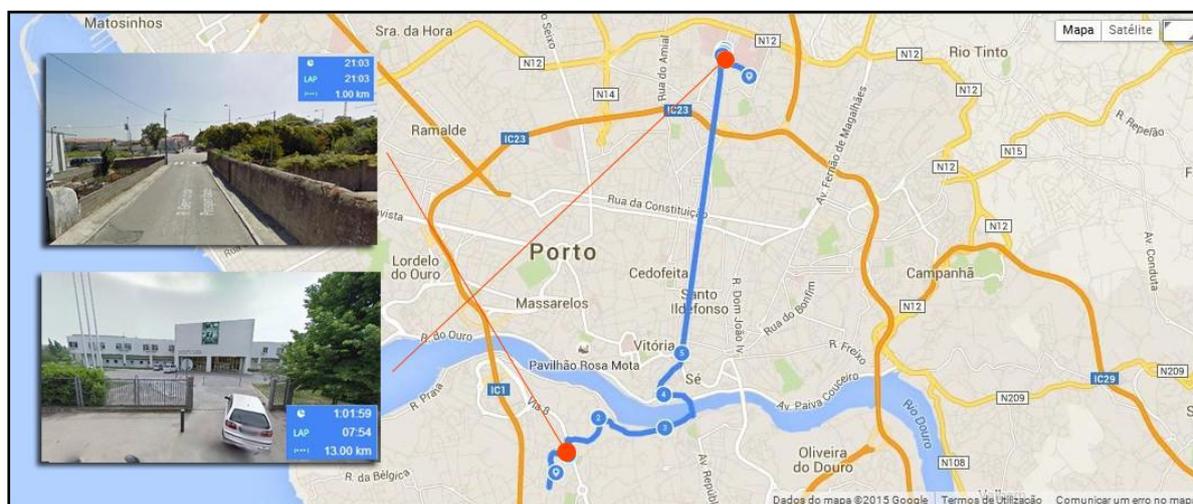


Imagem 29 – Descrição do percurso efetuado no dia 25-03-2015

Outro dos dias escolhidos encontra-se evidenciado em cima, com um total aproximado de 14 Km e destaca dois locais: O primeiro no 1 km, em Vila Nova de Gaia e é a rua onde o participante em causa costuma apanhar os transportes públicos, portanto trajeto obrigatório que realiza diariamente. O segundo no 13 km que é na Faculdade de Desporto da UP, onde costuma frequentar o ginásio e por isso é caracterizado como local de desporto e lazer.

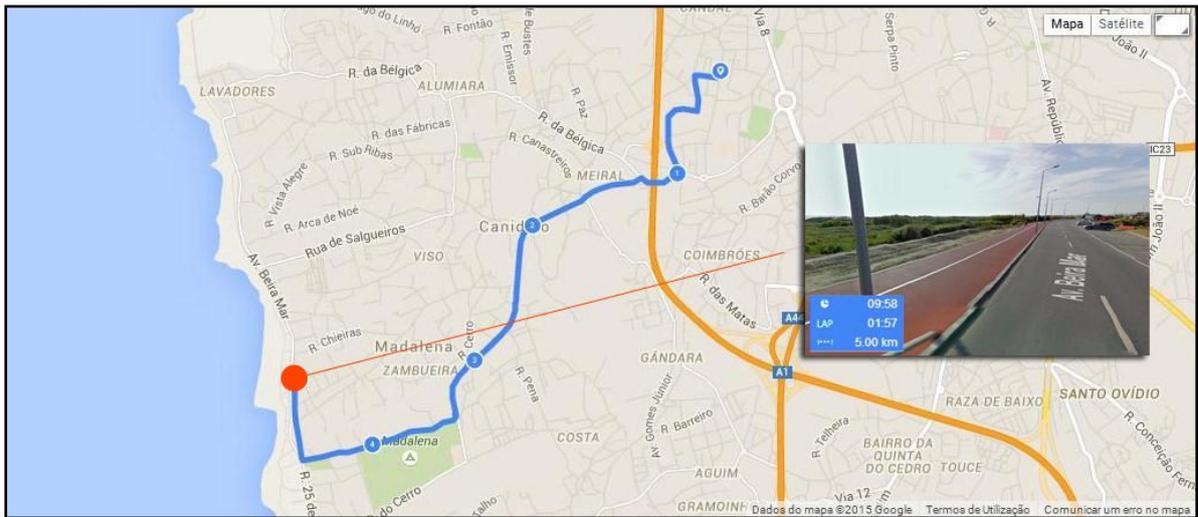


Imagem 30 – Descrição do percurso efetuado no dia 24-04-2015

No que diz respeito a este dia, pode-se evidenciar que foram realizados pelo participante cerca de 6 km, dos quais se destaca a Avenida Beira Mar, em Vila Nova de Gaia, o que permite concluir que este tempo foi aproveitado em lazer com amigos.

Participante nr. 2

Género: Feminino

Idade: 18 anos

Escola que frequenta: Faculdade de Letras da UP

Local de Habitação: Perafita - Matosinhos

Habilitações Literárias: 12º ano – a frequentar o 1º ano da Licenciatura

Habilitações Literárias Mãe: Pós-Graduação

Habilitações Literárias Pai: Ensino Secundário

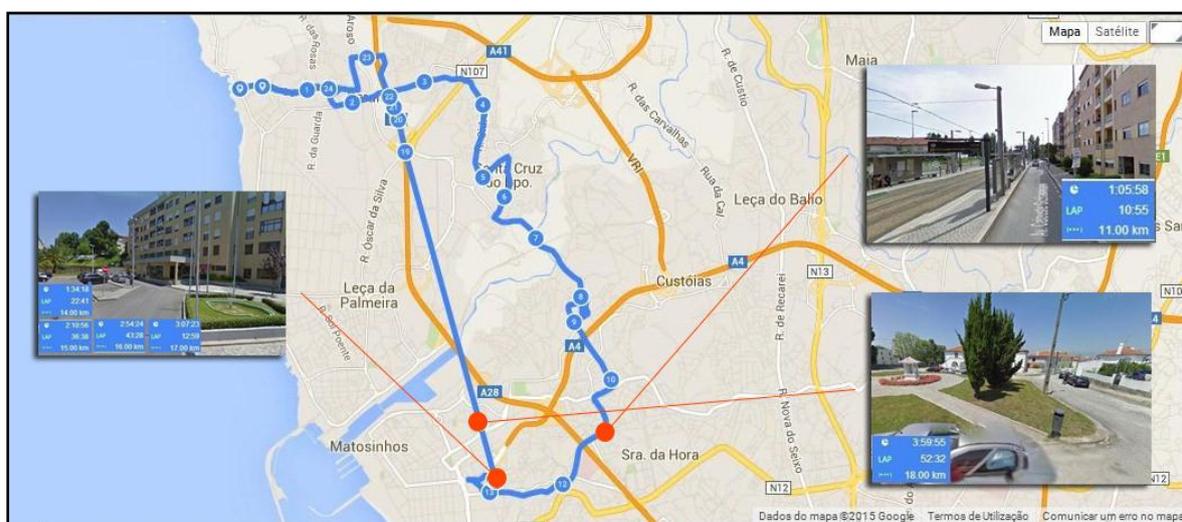


Imagem 31 – Descrição do percurso efetuado no dia 16-01-2015

Pela informação que se encontra no mapa acima, podemos descrever alguns dos locais ocupados pela participante do estudo. Neste dia, foram realizados cerca de 25 km, dos quais se destacam três locais: O primeiro no 11 km, na Avenida Calouste Gulbenkian; o primeiro local onde parou desde que saiu de casa (Perafita) para apanhar aqui o metro (Matosinhos). O segundo no 14, 15, 16 e 17 km, na zona habitacional de Matosinhos, local onde a participante esteve bastante tempo, na companhia e em convívio com amigas e, portanto, em lazer. O terceiro no 18 km, na Praceta de Matosinhos e também ele foi passado em convívio e lazer.

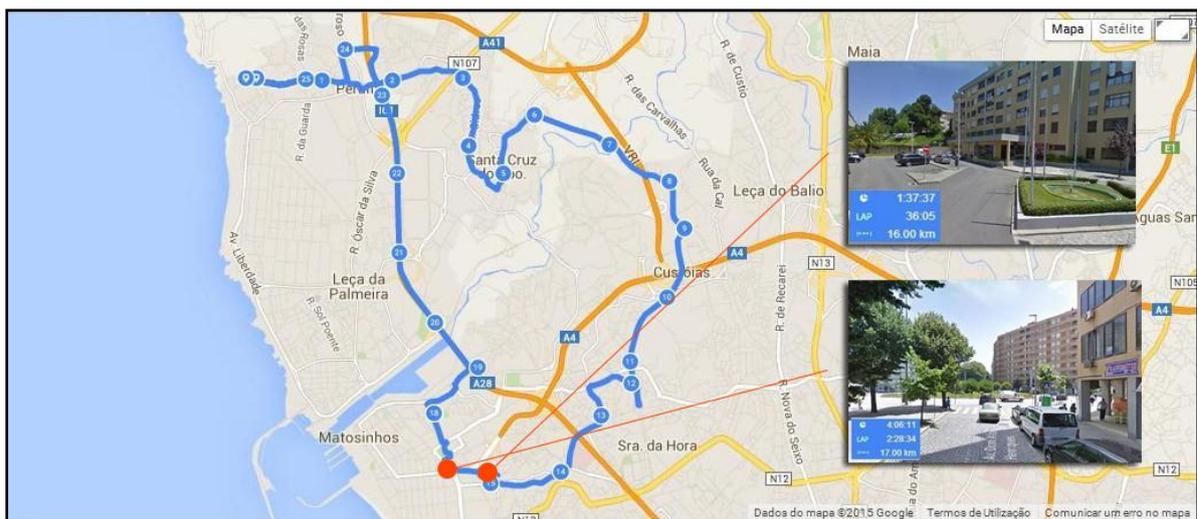


Imagem 32 – Descrição do percurso efetuado no dia 19-01-2015

Neste dia, foram realizados cerca de 26 km, dos quais se destaca o 16 km, na zona habitacional de Matosinhos, local onde a participante esteve na companhia e em convívio com amigas, passando depois por outro local, no 17 km, na Avenida Dom Afonso Henriques onde este momento de lazer se manteve.

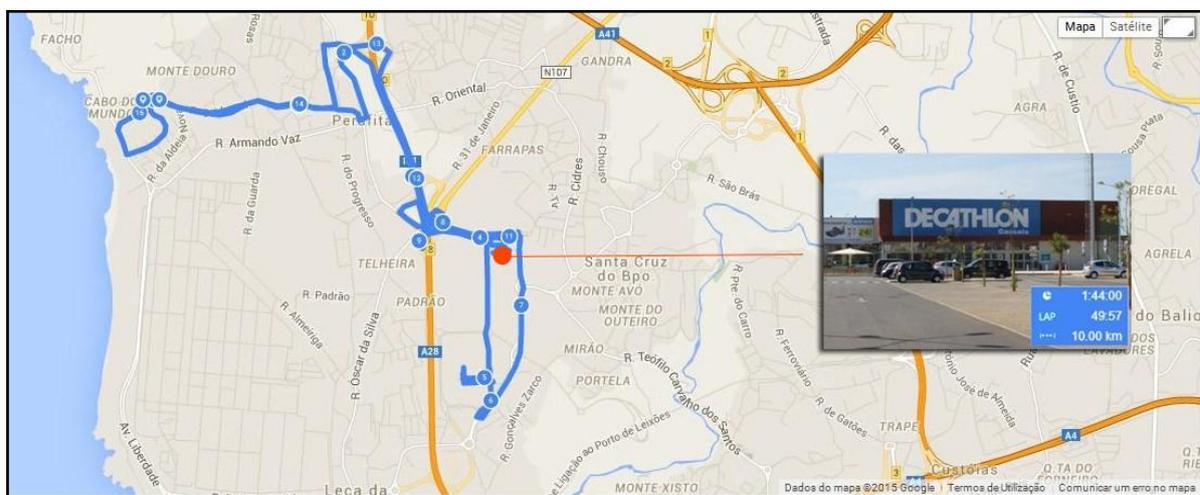


Imagem 33 – Descrição do percurso efetuado no dia 24-01-2015

Pelo que é possível visualizar acima, neste dia, foram realizados cerca de 17 km. Aqui verificamos um trajeto onde se destaca o 10 km, paragem realizada na Decathlon de Matosinhos, para a realização de compras e, por isso, está subjacente uma intencionalidade voltada para o lazer.

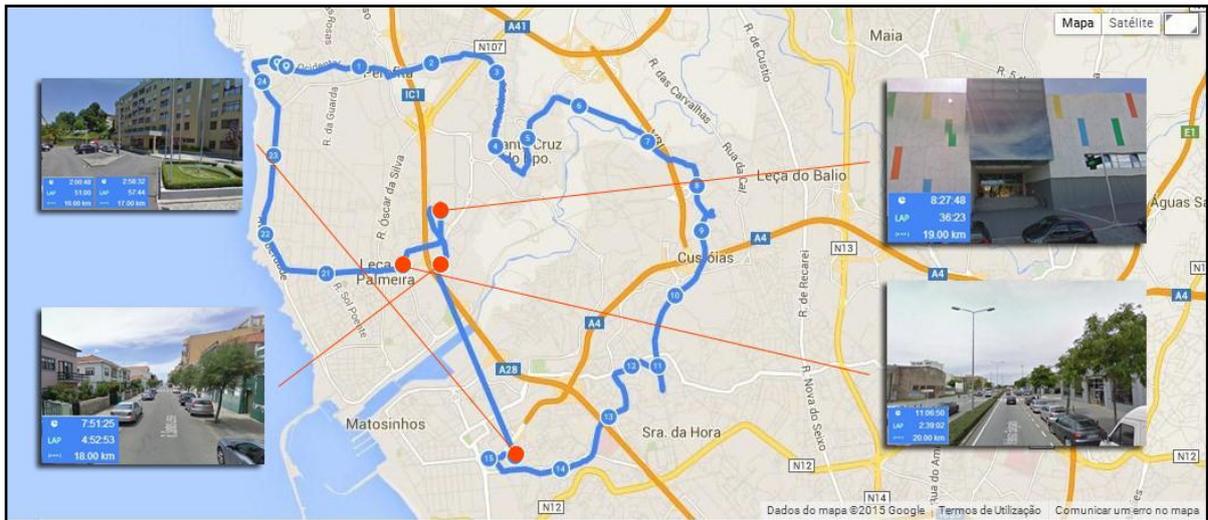


Imagem 34 – Descrição do percurso efetuado no dia 30-01-2015

Outro dos exemplos desta participante destaca um percurso de cerca 25 km, onde se destacam quatro locais. O primeiro no 16 e 17 km, na zona habitacional de Matosinhos, com o mesmo propósito dos dias anteriores, ou seja, convívio com amigas - lazer. O segundo no 18 km, na Rua Santos Leça, também com o mesmo objetivo. O terceiro local, no 19 km, paragem realizada no Marshopping, para a realização de compras e, por isso, está subjacente uma intencionalidade voltada para o lazer. Por último, o 20 km, na Rua Veloso Sangado, em Leça da Palmeira. Todo este dia foi voltado para momentos de lazer.

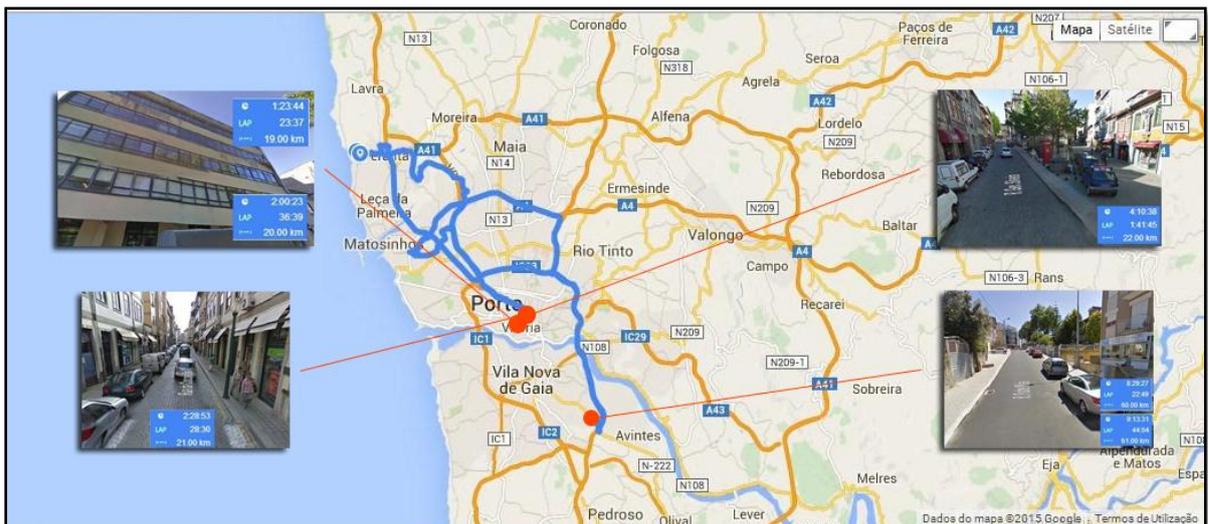


Imagem 35 – Descrição do percurso efetuado no dia 03-02-2015

No que diz respeito a este dia, pode-se evidenciar que foram realizados pela participante cerca de 87 km, dos quais se destacam quatro locais. O primeiro, no 19 e 20 km, no pólo da Faculdade de Letras onde está sediado o curso de Ciências da

Comunicação - local este considerado com destaque naquele que está a ser o seu percurso escolar. O restante trajeto foi na direção a Gondomar, como se verifica no último km, onde a jovem se deslocou para almoçar com os seus avós. Por essa razão verifica-se uma ligação e interação familiar.

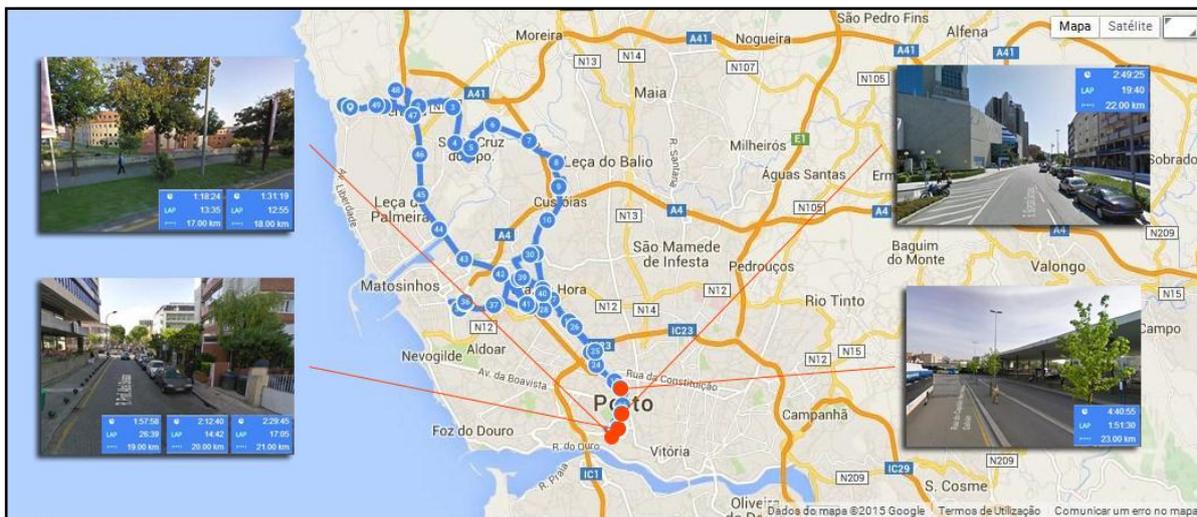


Imagem 36 – Descrição do percurso efetuado no dia 10-02-2015

Evidenciado neste mapa está um percurso com aproximadamente 50 km, onde se destacam quatro locais, que correspondem aos sítios por onde a participante foi passando com os seus amigos, desde o almoço no Capa Negra, seguindo-se uma caminhada a pé desde a Casa da Música até ao Campo Alegre.

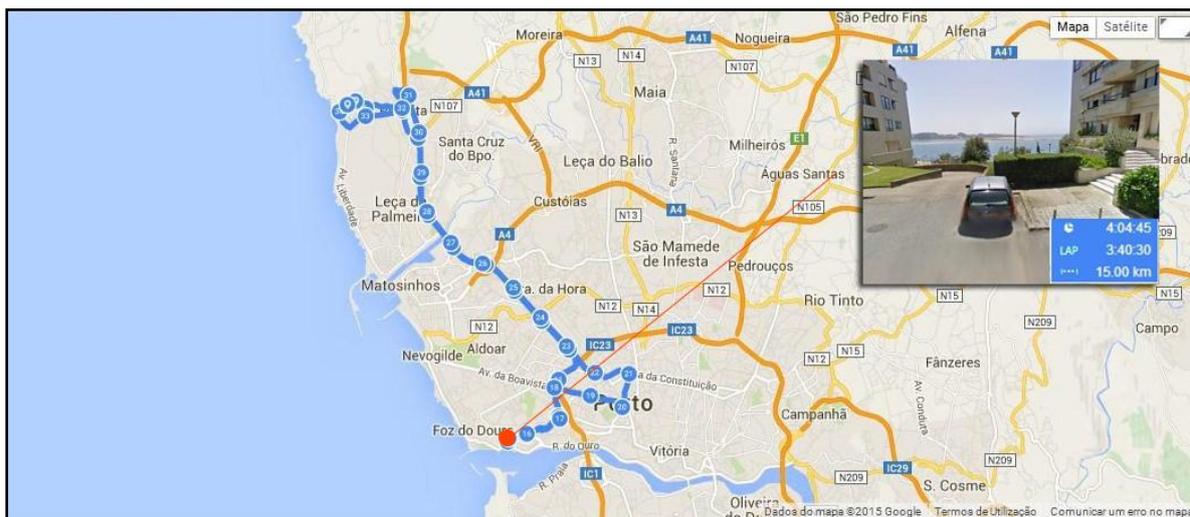


Imagem 37 – Descrição do percurso efetuado no dia 07-03-2015

Neste dia, foram realizados cerca de 34 km, dos quais se destaca o 15 km, correspondendo à Rua Duarte Barbosa, no Porto.

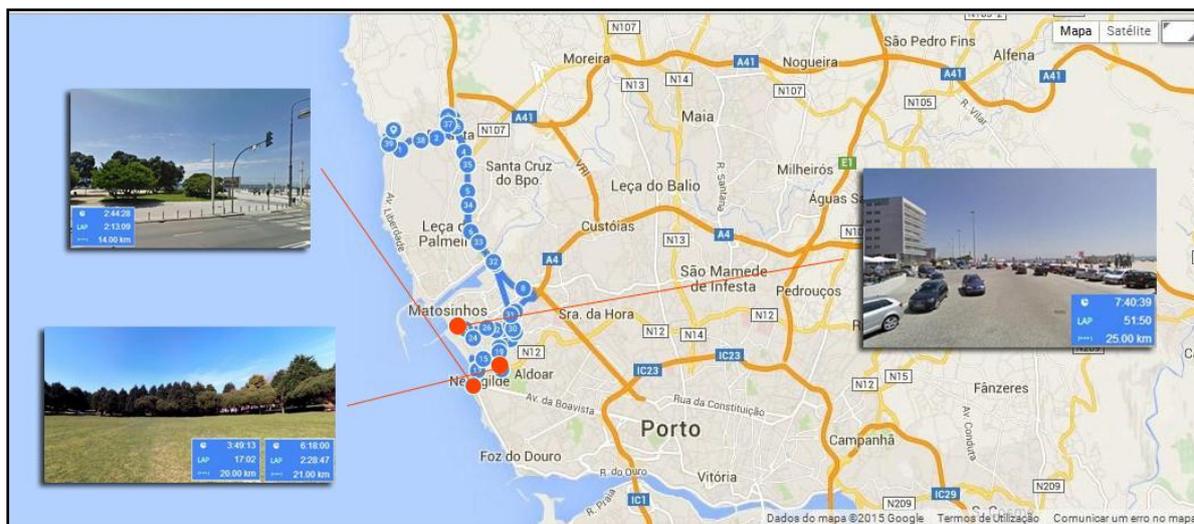


Imagem 38 – Descrição do percurso efetuado no dia 08-03-2015

Neste último exemplo da participante, podemos depreender, pela observação do mapa acima, que foram realizados aproximadamente 40 km, de onde se destaca o 14 km na Foz, o 20 e 21 km no Parque da Cidade e, por último, o 25 km, na Rua do Godinho, em Matosinhos, perto da Marginal de Matosinhos e numa zona bastante frequentada por jovens, quer na praia, quer nos diversos bares que circunscrevem o espaço. Por estes motivos percebe-se que todos os locais se tratam de momentos de lazer da participante.

Participante nr. 5

Género: Feminino

Idade: 19 anos

Escola que frequenta: Escola Superior de Enfermagem Santa Maria

Local de Habitação: Vila Nova de Gaia

Habilitações Literárias: 12º ano – a frequentar o 2º ano da Licenciatura

Habilitações Literárias Mãe: 6º ano de escolaridade

Habilitações Literárias Pai: _____

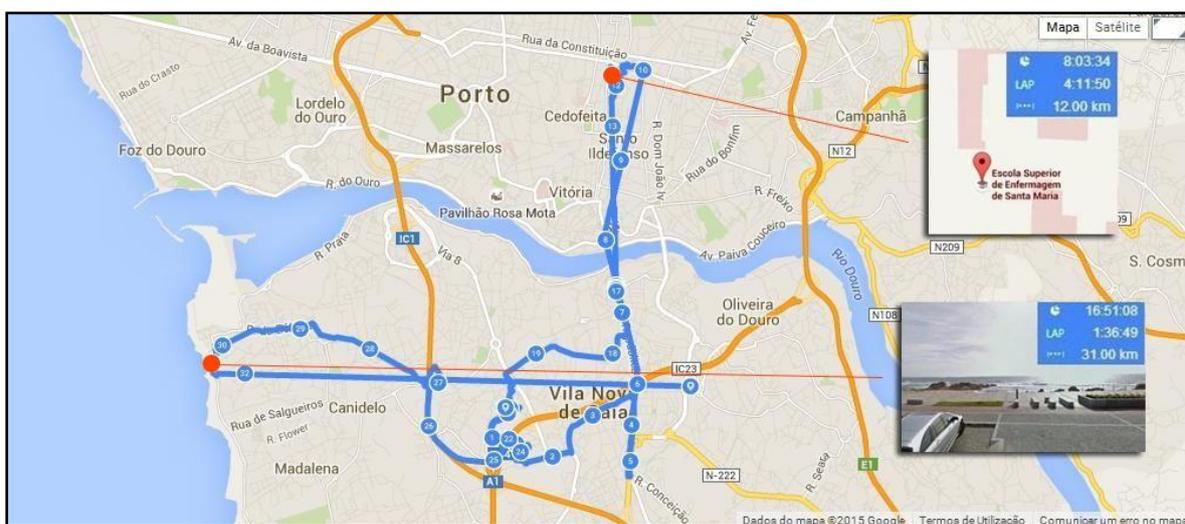


Imagem 39 – Descrição do percurso efetuado no dia 9-01-2015

Pela informação que se encontra no mapa acima, podemos descrever alguns dos locais ocupados pela participante do estudo. Neste dia, foram realizados cerca de 33 km, dos quais se destacam dois locais: O primeiro no 12 km, sendo a Escola Superior de Enfermagem Santa Maria – local este considerado com destaque naquele que está a ser o seu percurso escolar – bem como o 31 Km, que se localiza na Avenida Beira Mar, em Vila Nova de Gaia e é considerado como um local de lazer.

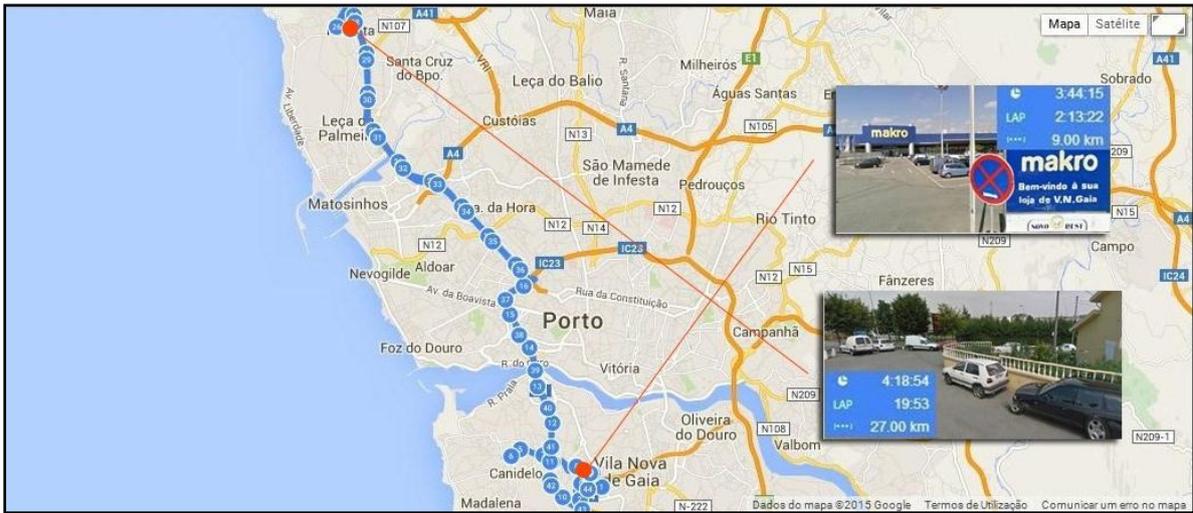


Imagem 40 – Descrição do percurso efetuado no dia 11-01-2015

Neste dia, foram realizados cerca de 45 km, dos quais se destacam dois locais: O primeiro no 9 km, correspondendo à Makro - superfície destinada à compra de produtos alimentares e não alimentares – bem como o 27 Km, que se localiza em Perafita – Matosinhos, local onde a jovem possui família e onde ainda passa algum do seu tempo neste local, nomeadamente ao domingo, como é o caso.

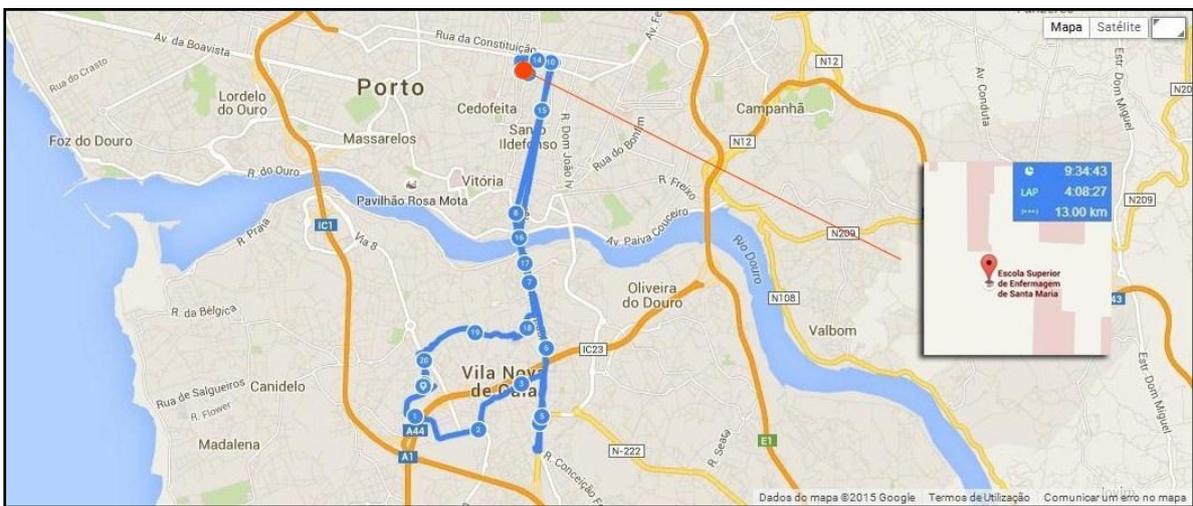


Imagem 41 – Descrição do percurso efetuado no dia 12-01-2015

Pelo que é possível visualizar acima, neste dia, foram realizados cerca de 21 km. Aqui verificamos um trajeto que se realizou do seguinte modo: local de habitação (casa) – local onde estuda (faculdade), sendo que o único km em destaque é o 13 km, que corresponde à Escola Superior de Enfermagem Santa Maria.



Imagem 42 – Descrição do percurso efetuado no dia 25-01-2015

Outro dos exemplos desta participante destaca um percurso de cerca 36 km, onde o local de mais paragem se localiza em Perafita – Matosinhos. Aliás, o percurso realizado prendeu-se precisamente numa ligação direta entre a habitação onde vive, em Vila Nova de Gaia, até ao local onde a jovem possui família e onde ainda passa algum do seu tempo, nomeadamente ao domingo, como é o caso.

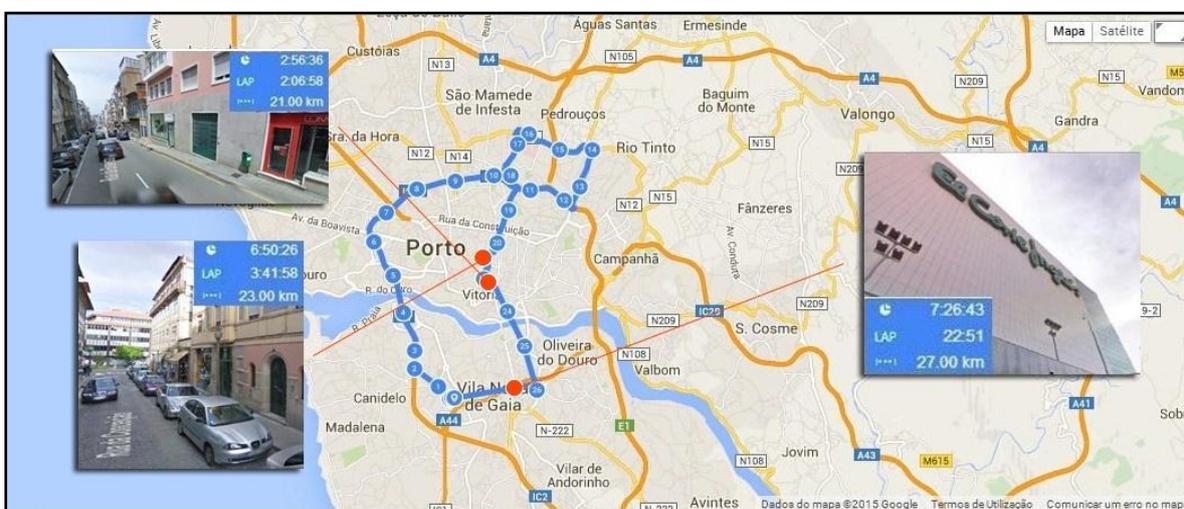


Imagem 43 – Descrição do percurso efetuado no dia 06-02-2015

Posto isto, no que diz respeito a este dia, foram realizados pela participante cerca de 28 km, dos quais se destacam três locais. O primeiro no 21 km, mais precisamente na Rua da Bovista, o segundo no 23 km, mais propriamente na Rua da Conceição. Estes dois locais foram frequentados em contexto de praxe académica – ou seja, lazer. O terceiro, no 27 km, no El Corte Inglés, em Vila Nova de Gaia, o que de certo modo pressupõe que este tempo foi aproveitado em compras e, por isso, conclui-se que seja em lazer.

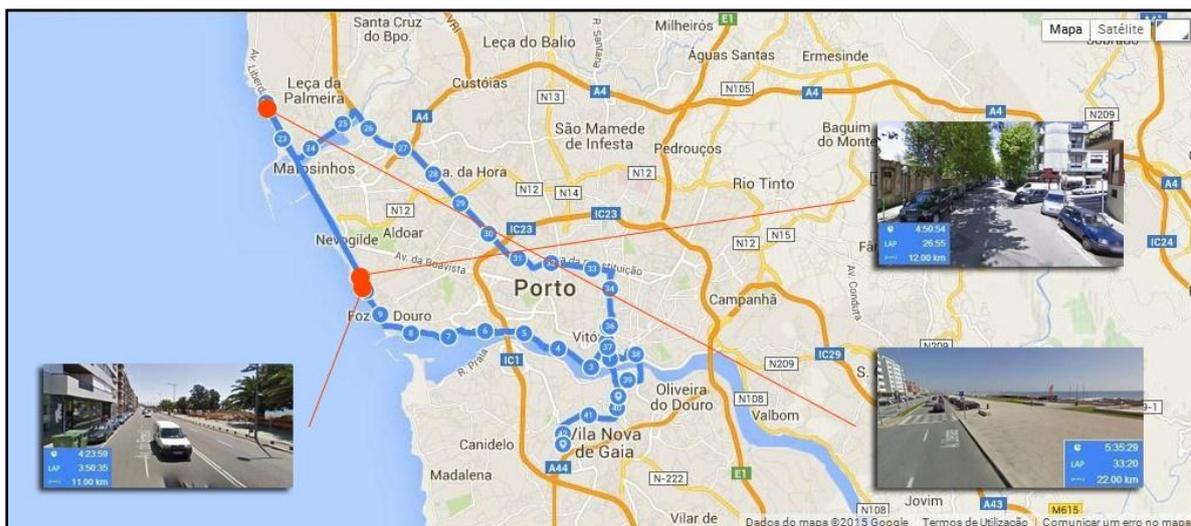


Imagem 44 – Descrição do percurso efetuado no dia 07-02-2015

Outro dos dias escolhidos para a análise desta participante encontra-se evidenciado em cima, com um total aproximado de 42 Km e destaca três locais: O primeiro no 11 km, que corresponde à Avenida Brasil, em Vila Nova de Gaia, o segundo no 12 km na rua de Gondarém, também situada na mesma localidade e, por último, um terceiro no 22 km, que é na rua da Liberdade, em Leça da Palmeira, na marginal, onde encontramos diversos bares à beira-mar. Este dia e estes diferentes lugares foram usados como um momento de lazer para a participante em causa.

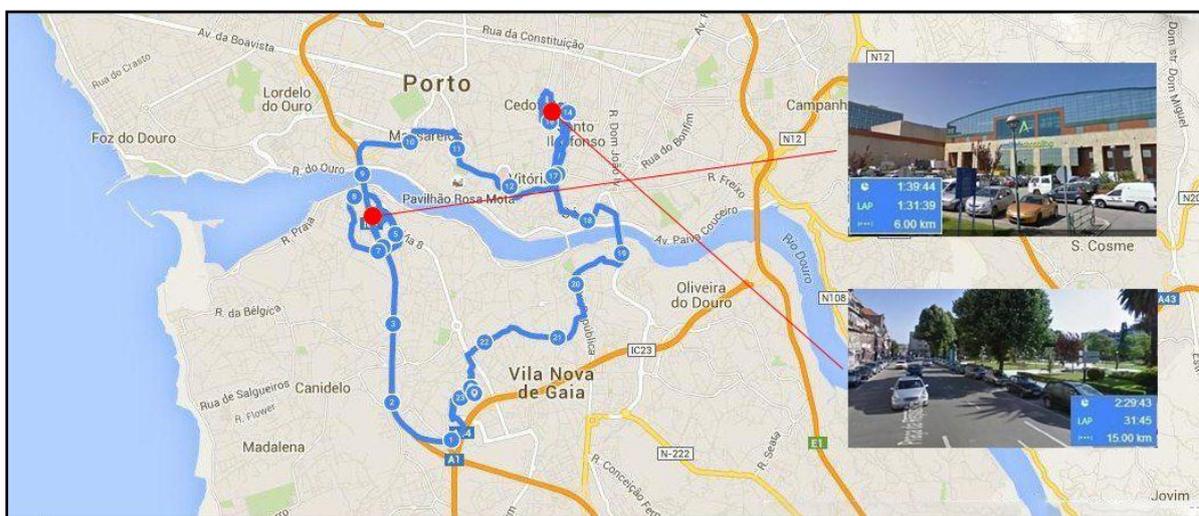


Imagem 45 – Descrição do percurso efetuado no dia 07-03-2015

No que diz respeito a este mapa, encontram-se um total aproximado de 25 km, onde se destacam dois locais: o primeiro no 6 km, mais precisamente, na Praça da República; o segundo no 15 km, no Arrábida Shopping. Estes dois locais foram utilizados pela jovem para realizar compras e, por isso, depreende-se que foram momentos de lazer.

Participante nr. 8

Género: Feminino

Idade: 19 anos

Escola que frequenta: Escola Superior de Educação - IPP

Local de Habitação: Freixieiro - Matosinhos

Habilitações Literárias: 12º ano – a frequentar o 2º ano da Licenciatura

Habilitações Literárias Mãe: 4º ano de escolaridade

Habilitações Literárias Pai: 6º ano de escolaridade

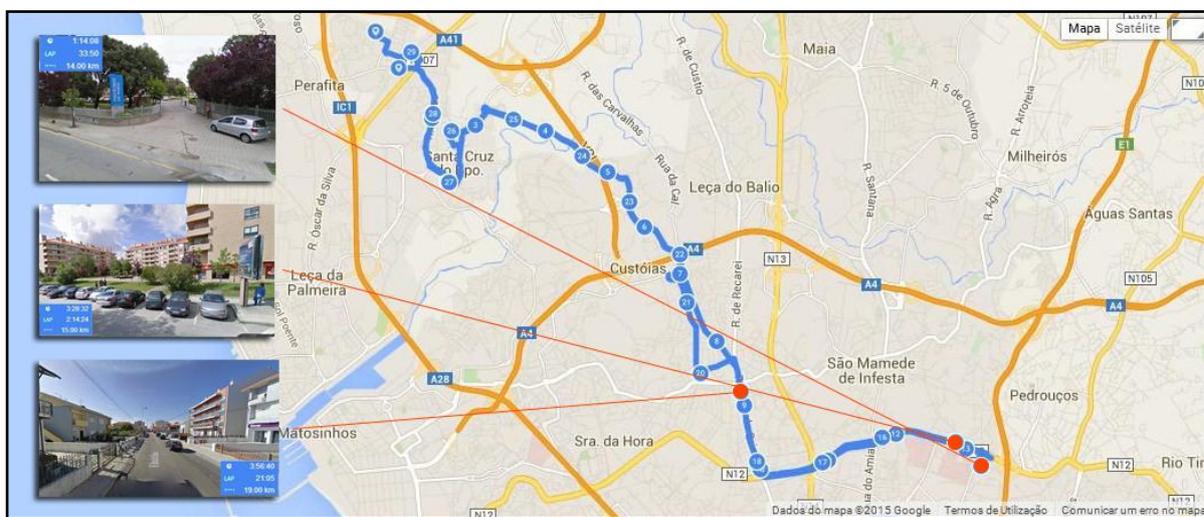


Imagem 46 – Descrição do percurso efetuado no dia 16-01-2015

Pela informação que se encontra no mapa acima, podemos descrever alguns dos locais ocupados pela participante do estudo. Neste dia, foram realizados cerca de 30 km, dos quais se destacam três locais: O primeiro no 14 km, onde se encontra a Escola Superior de Educação (ESE) - local este considerado com destaque naquele que está a ser o seu percurso escolar - bem como o 15 Km, que se localiza na Estrada da Circunvalação, local onde a jovem também pára, nomeadamente, para almoçar e, por fim, o 19 km, na Rua Nova Seixo, em São Mamede Infesta que diz respeito a um momento de lazer da participante.

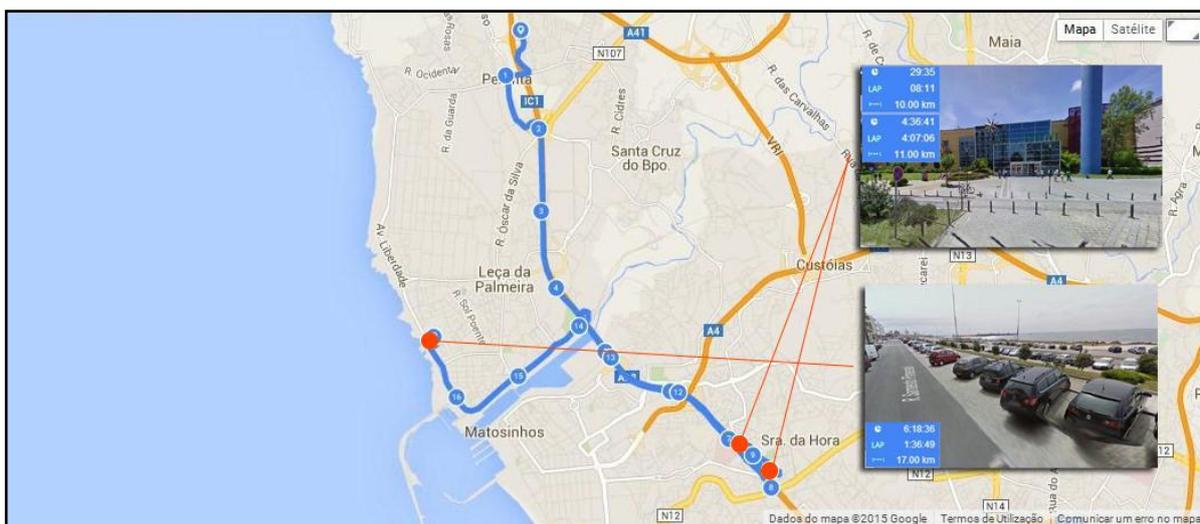


Imagem 47 – Descrição do percurso efetuado no dia 23-01-2015

Neste dia, foram realizados cerca de 18 km, dos quais se destacam: o 10 e 11 km, que se localiza no Norteshopping, local onde a jovem frequenta o ginásio e, por si só, se depreende que é um local vinculado à característica de desporto e lazer; bem como o 17 km, localizado na Rua Sarmento Pimentel, na marginal de Leça da Palmeira, local utilizado pela jovem como um momento de lazer.

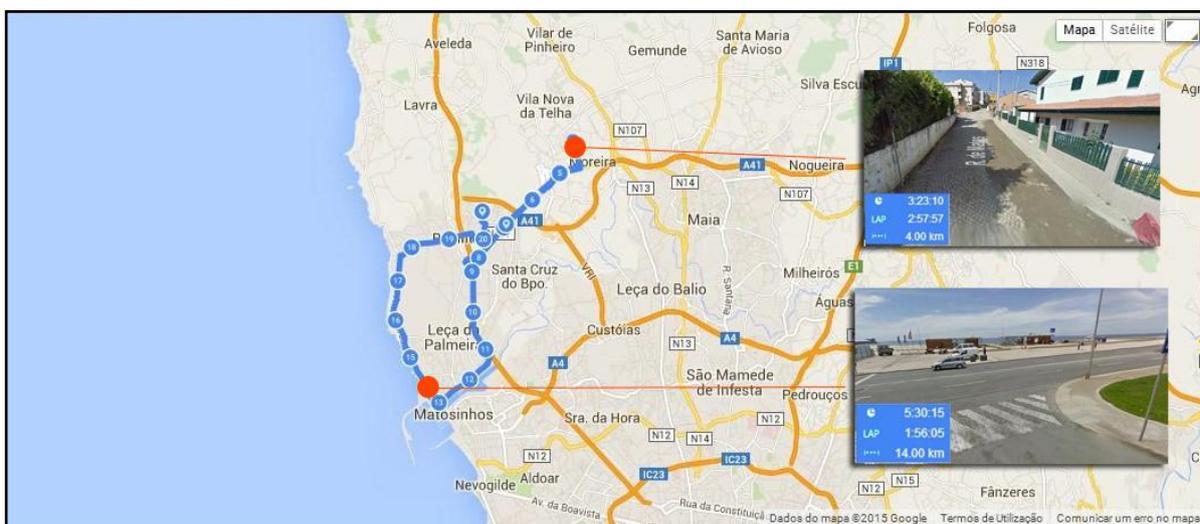


Imagem 48 – Descrição do percurso efetuado no dia 30-01-2015

No que concerne a este dia, foram realizadas pela participante, um total aproximado de 21 km. Salienta-se, portanto, o 4 km e o 14 km. O primeiro trajeto, situado em Moreira da Maia, bem como o segundo, localizado na Marginal de Leça da Palmeira, têm como justificação um convívio entre amigos, logo, é um momento de lazer do qual a participante usufruiu.

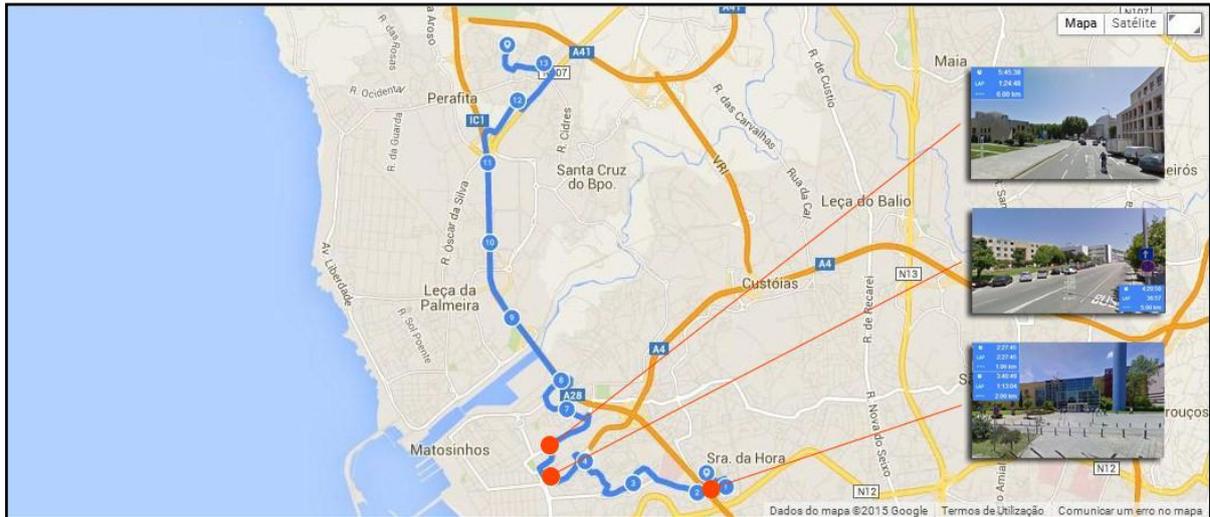


Imagem 49 – Descrição do percurso efetuado no dia 13-02-2015

Pelo que é possível visualizar acima, neste dia, foram realizados cerca de 14 km. Aqui verificamos um trajeto que se realizou com o fim de chegar ao Norteshopping, no 1 e 2 km, local onde a jovem frequenta o ginásio e, por si só, se depreende que é um local vinculado à característica de desporto e lazer. Acresce salientar o 5 e 6 km, situado perto da Câmara Municipal de Matosinhos e da Rua Alfredo Cunha, momento também ele passado em convívios com amigos e, por isso, ser assumido como uma oportunidade de lazer.

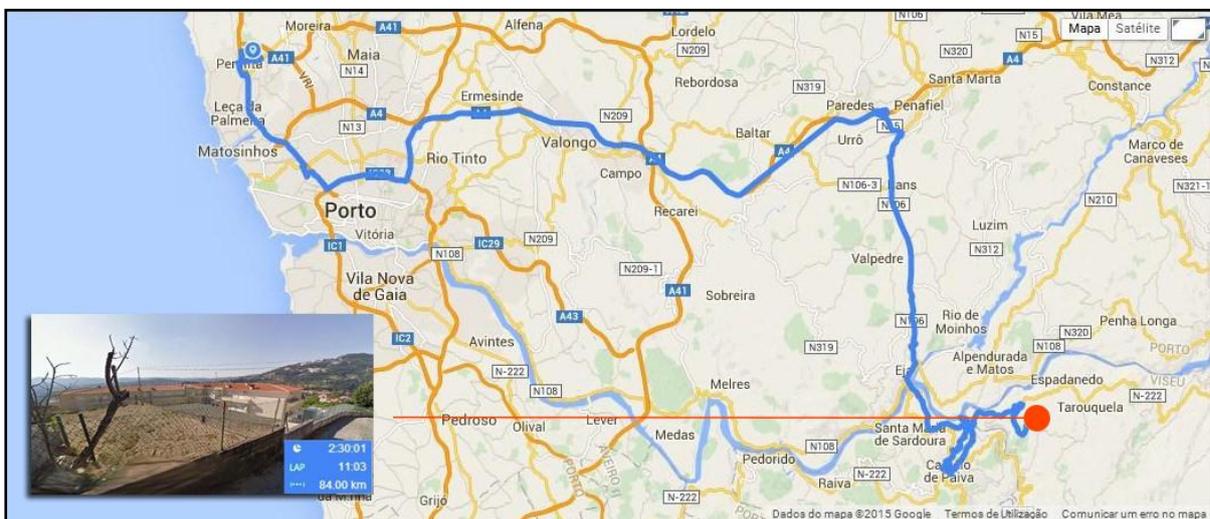


Imagem 50 – Descrição do percurso efetuado no dia 28-02-2015

Ao visualizar todo este trajeto de 85 km que a participante realizou, podemos concluir que este caminho passou as “barreiras” do Grande Porto. O local onde a jovem esteve foi em Souselo – Viseu e aquilo que a atraiu até àquele local foi um momento de lazer.

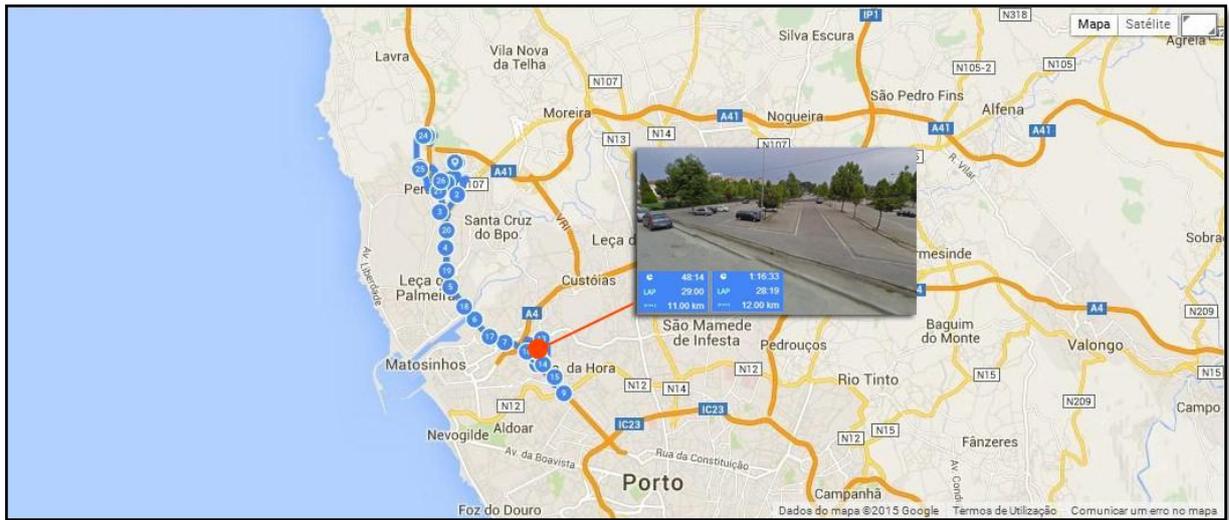


Imagem 51 – Descrição do percurso efetuado no dia 07-03-2015

Nesta sequência, importa por último visualizar o trajeto de aproximadamente 27 km que foi realizado neste dia. Como enfoque encontra-se o 11 e 12 km, na Viela da Barranha, local onde se realiza a feira da Senhora da Hora, ao sábado. Por este motivo, conclui-se que o objetivo deste caminho se baseou na realização de compras.

Participante nr. 9

Género: Masculino

Idade: 18 anos

Escola que frequenta: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar

Local de Habitação: Folgosa - Maia

Habilitações Literárias: 12º ano – a frequentar o 1º ano da Licenciatura

Habilitações Literárias Mãe: Licenciatura

Habilitações Literárias Pai: 12º ano de escolaridade

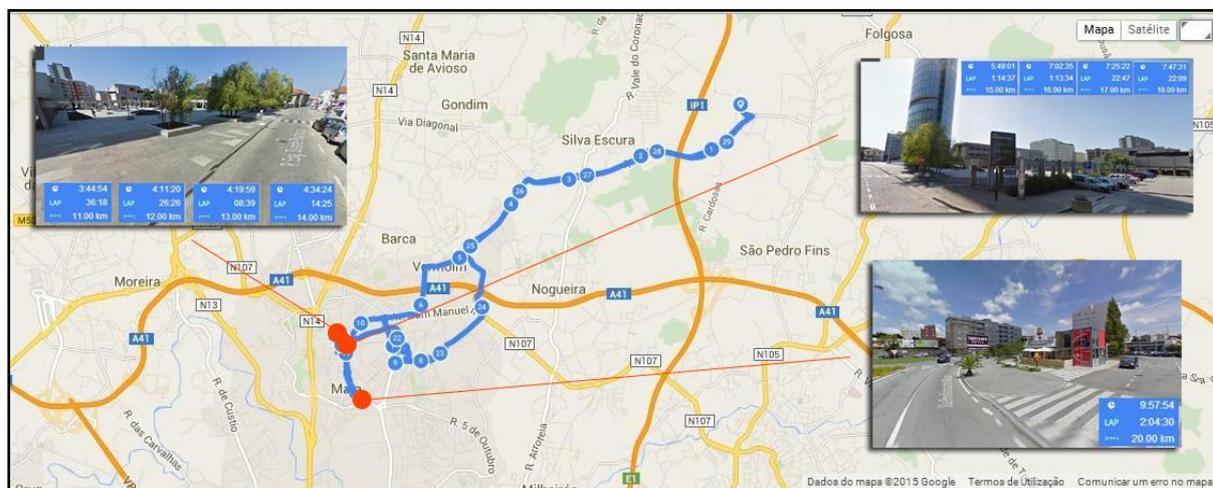


Imagem 52 – Descrição do percurso efetuado no dia 10-01-2015

Pelo que é possível visualizar acima, neste dia, foram realizados aproximadamente 30 km, de onde se consegue destacar três locais: o primeiro e segundo momento, desde o 11 até ao 18 km. Estes km encontram-se situados na Rua Engenheiro Duarte Pacheco, no centro da Maia, onde se encontra a casa dos avós do participante em causa. Daí que se pressuponha uma interação familiar entre avós e neto, coincidente com um dia do fim-de-semana. Por seu turno, pode-se evidenciar outro local, no 20 km – o Mcdonald's – onde o jovem em causa passou algum tempo a comer e, simultaneamente, em lazer.

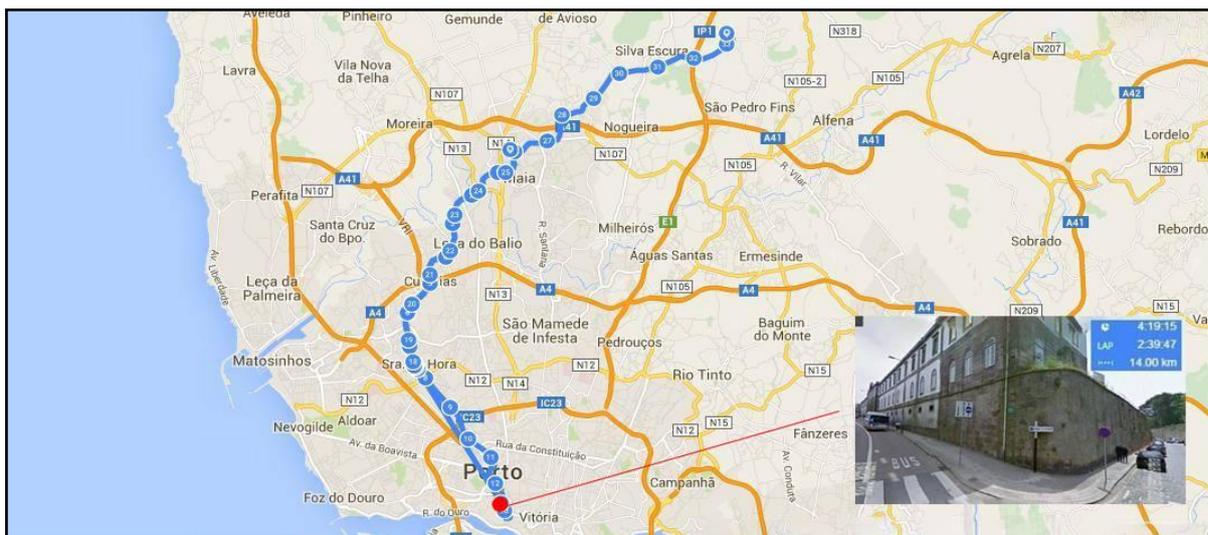


Imagem 53 – Descrição do percurso efetuado no dia 12-01-2015

Neste dia, foram realizados aproximadamente 34 km, dos quais se destacam dois o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS) - local este considerado com destaque naquele que está a ser o seu percurso escolar.

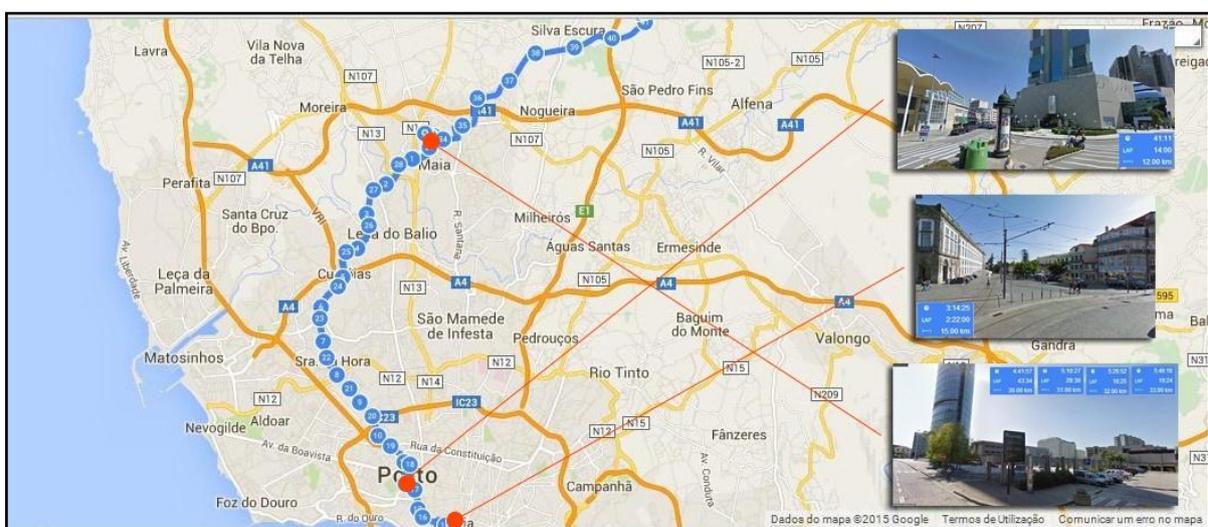


Imagem 54 – Descrição do percurso efetuado no dia 23-01-2015

Outro dos dias escolhidos encontra-se na imagem acima, com um total aproximado de 46 Km e salienta três locais: o primeiro no 12 km – Mercado Bom Sucesso (onde o jovem se deslocou para almoçar), o segundo no 15 km – Praça Guilherme Gomes Fernandes (perto da Reitoria, onde se encontram diferentes bares e esplanadas) e, por fim, o terceiro desde o 30 ao 33 km – Rua Engenheiro Duarte Pacheco (local onde habitam os avós). De maior relevância salienta-se o segundo momento, ao qual se pressupõe que se tenha realizado com a finalidade de lazer.

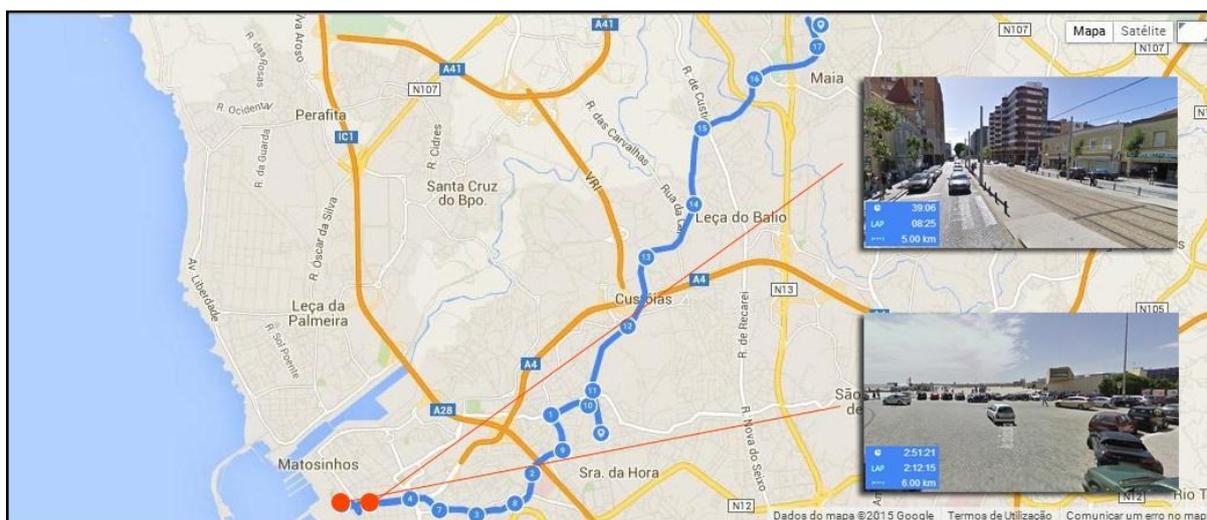


Imagem 55 – Descrição do percurso efetuado no dia 06-02-2015

Pelo que se expressa no mapa acima, verificamos que o participante realizou cerca de 18 km, sob os quais se focam numa maior permanência na zona da Avenida da República (no 5 km – que pressupõe o uso de transportes públicos, nomeadamente do Metro) e na Marginal de Matosinhos (no 6 km – que adquire uma intencionalidade de lazer).

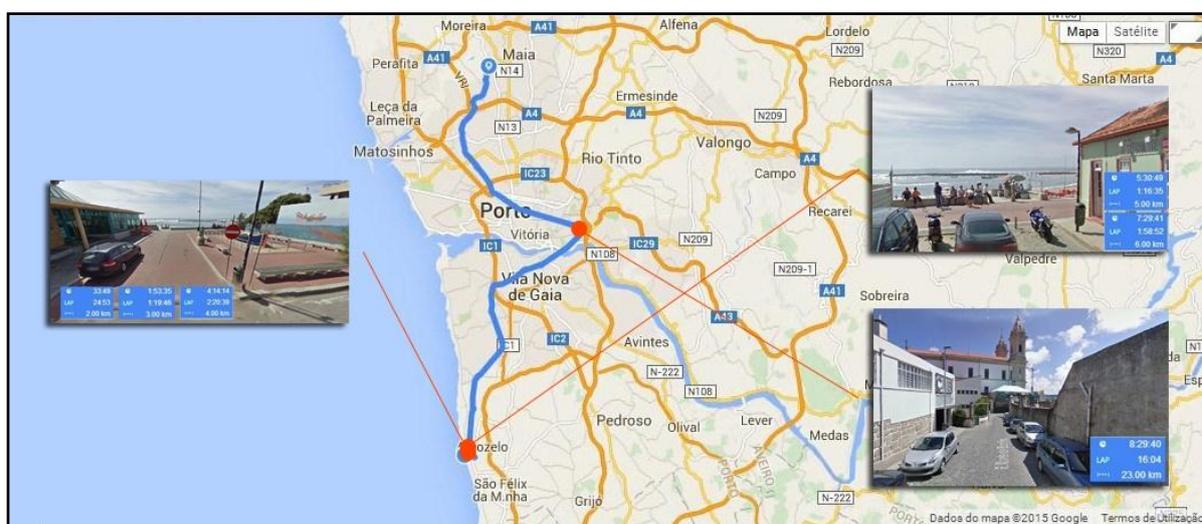


Imagem 56 – Descrição do percurso efetuado no dia 27-02-2015

Nesta análise, através do que se observa no mapa acima, percebe-se que foram realizados aproximadamente 35 km. No que diz respeito ao espaço do 2 km ao 6 km a zona em destaque é a da Beira-mar em Arcozelo, onde o jovem esteve a ter aulas (relacionadas com o curso da faculdade) e onde se manteve a seguir a almoçar e em convívio com os amigos. Acresce, então, concluir que foi um dia com importância escolar e de lazer.

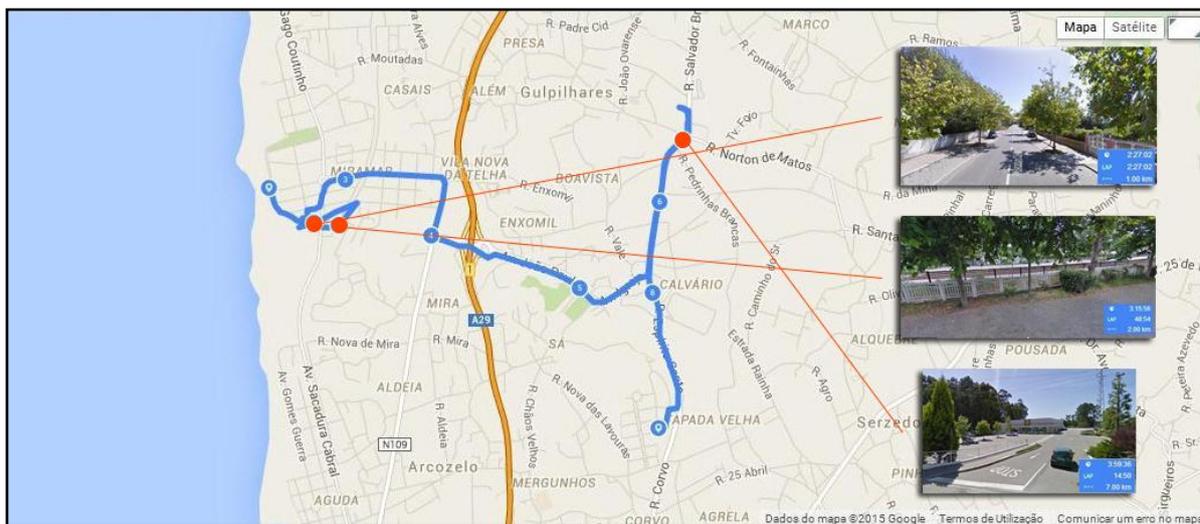


Imagem 57 – Descrição do percurso efetuado no dia 06-03-2015

Nesta sequência, importa por último visualizar o trajeto de aproximadamente 9 km que foi realizado. Como enfoque temos novamente a zona envolvente da Beira-mar em Arcozelo, no 1 e 2 km, onde o jovem se deslocou para ter aulas (relacionadas com o curso da faculdade) e no 7 km, visualiza-se o hipermercado Lidl e pressupõe-se um deslocamento com objetivo de realizar compras.



Imagem 58 – Descrição do percurso efetuado no dia 14-03-2015

O dia 14.03 e, portanto, um sábado, demonstra uma deslocação do participante da Maia até Arcozelo, totalizando 38 km. Todavia, durante esta viagem o jovem esteve localizado durante algum tempo na Avenida dos Aliados, como é descrito no 16, 17, 18 e 19 km e, por isso mesmo, conclui-se que foi um momento de lazer para o jovem.

Participante nr. 10

Género: Masculino

Idade: 18 anos

Escola que frequenta: Escola Superior de Enfermagem do Porto

Local de Habitação: Folgosa - Maia

Habilitações Literárias: 12º ano – a frequentar o 1º ano da Licenciatura

Habilitações Literárias Mãe: Licenciatura

Habilitações Literárias Pai: 12º ano de escolaridade

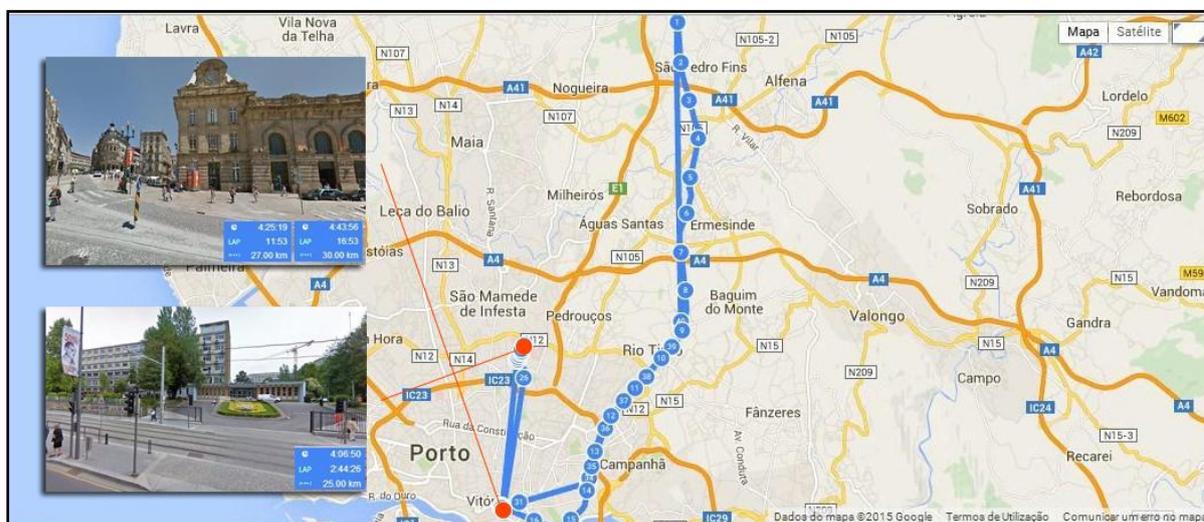


Imagem 59 – Descrição do percurso efetuado no dia 23-01-2015

Sabendo desde já que neste dia foram realizados aproximadamente 57 km, pretende-se realçar, num primeiro momento, o 27 e 30 km, em S. Bento, local onde o participante passa do comboio para o metro. Esta utilização dos transportes públicos leva-nos ao segundo momento, no 25 km, onde se encontra a Escola Superior de Enfermagem - local considerado com destaque naquele que está a ser o seu percurso escolar.



Imagem 60 – Descrição do percurso efetuado no dia 09-02-2015

Pela informação que se encontra no mapa acima, podemos descrever alguns dos locais ocupados pelo participante do estudo. Neste dia, foram realizados cerca de 12 km, dos quais se destacam dois locais: O primeiro no 9 km, na Rua Engenheiro Duarte Pacheco, onde vivem os avós do participante e por aí depreende-se a interação familiar que existe e, o segundo, no 10 km, na Avenida António Simões Leite, trajetória que o participante utiliza normalmente de carro para se fazer chegar ao café onde se encontra com os amigos.

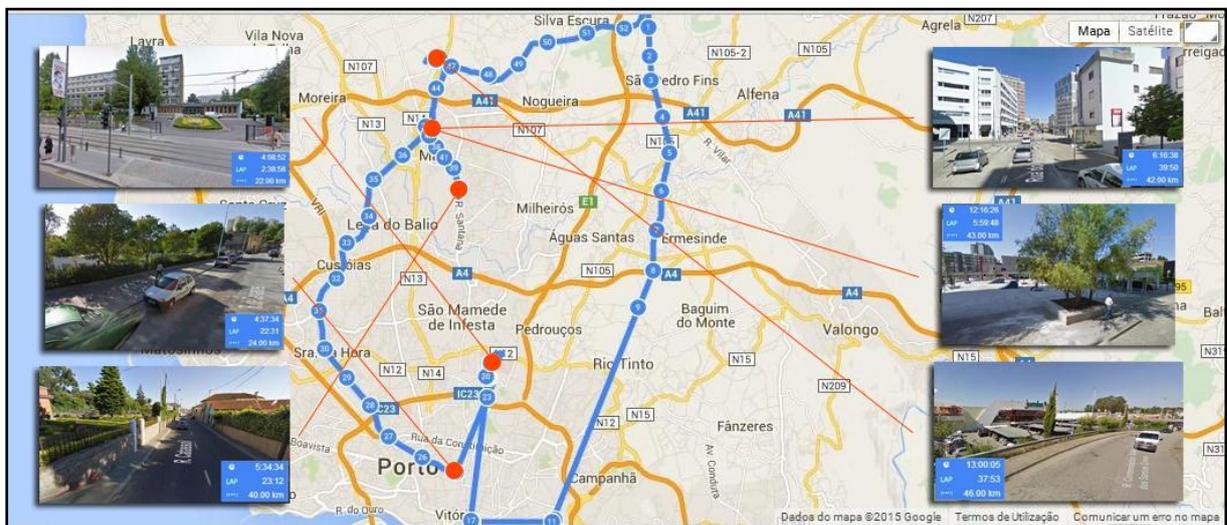


Imagem 61 – Descrição do percurso efetuado no dia 12-02-2015

Outro dos exemplos deste participante destaca um percurso de aproximadamente 53 km, onde salienta: o 22 km - a Escola Superior de Enfermagem, onde se encontra a estudar; o 24 e 40 km – que corresponde à Alameda Capitães de Abril e à Rua Catassol, respetivamente (trajetos que realizou de carro pela cidade). Como já foi referido, o 42 e 43 km corresponde à zona habitacional dos avós e, por último, o 46 km localiza-se no hipermercado Jumbo, onde se pressupõe que o jovem tenha realizado compras.

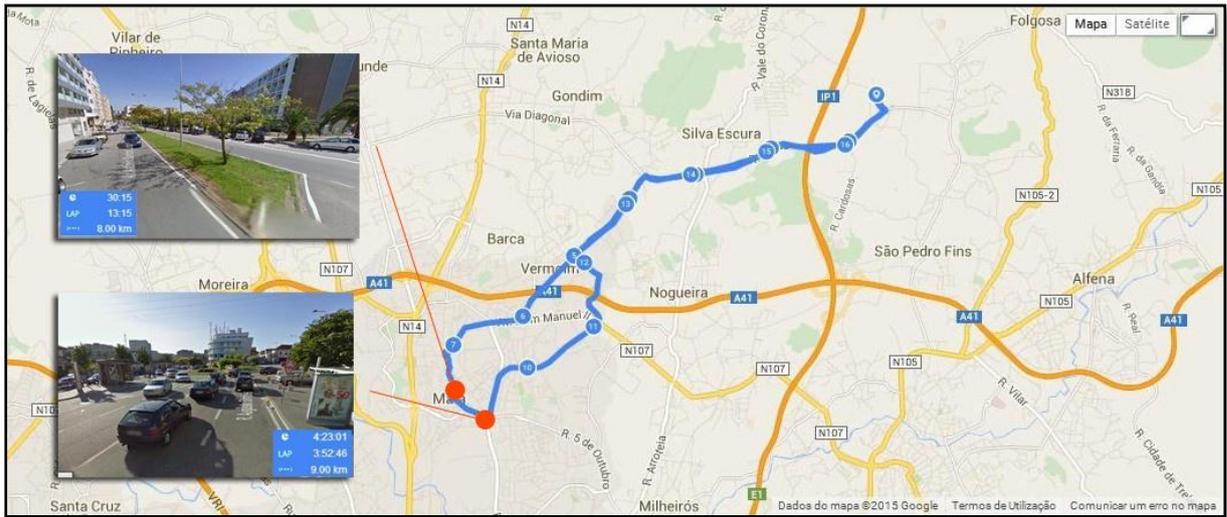


Imagem 62 – Descrição do percurso efetuado no dia 28-03-2015

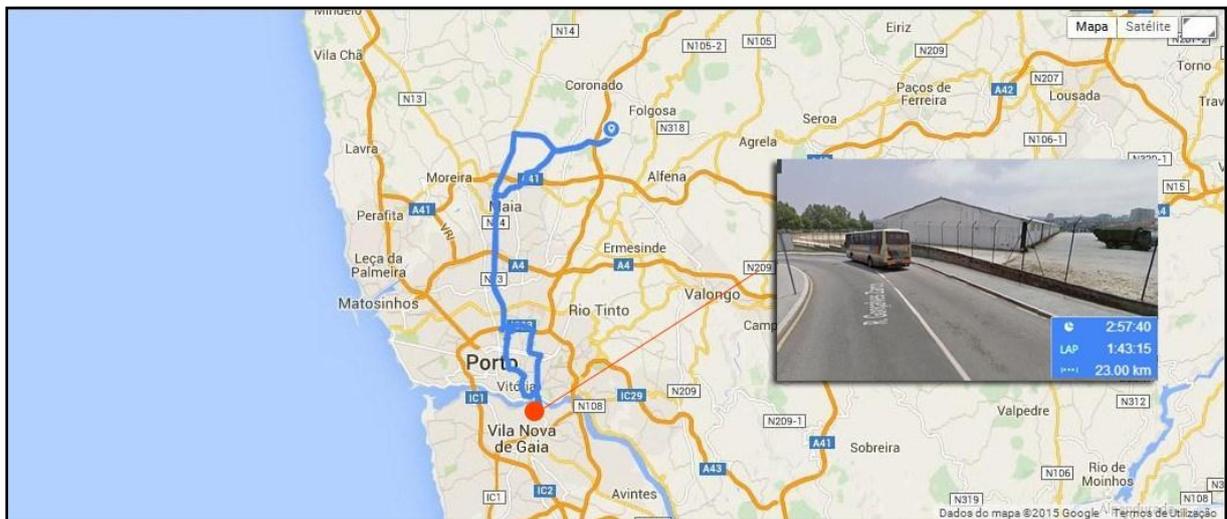


Imagem 63 – Descrição do percurso efetuado no dia 03-04-2015

Enquanto no mapa do dia 28.03. se realizaram aproximadamente 17 km, no mapa do dia 03.04. foram efetuados cerca de 45 km.

Portanto, salienta-se o 8 e 9 km, correspondentes à Avenida Santos Leite e à Rua Augusto Simões, respetivamente, e também, o 23 km do segundo mapa, na Rua Gonçalves Zarco. Acresce, então, afirmar que estas três ruas da Maia, são trajetórias em comum que o participante em causa utiliza normalmente de carro para se fazer chegar ao café onde habitualmente se encontra com os amigos.

Neste sentido, preserva-se uma convivência entre o seu grupo de pares e, por isso se afirma que se encontra presente uma vinculação ao momento de lazer.

7. Tabela Final Categorizada

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo – Entrevistas Semiestruturadas	Unidade de Registo – Notas de Terreno	Unidade de Registo – Electronic Focus Group
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Conceção de Bem-Estar & Saúde</p>	<p>Conceito Bem-estar na visão dos/as jovens</p>	<p>“De uma forma geral aquilo que contribui para o meu bem-estar é as relações que tenho com os meus amigos e com as pessoas mais próximas, isto é, o facto de poder estar com elas, de me proporcionarem bons momentos e eu poder proporcionar a elas também, além também se calhar dos outros momentos de lazer, quando vou sair à noite ou quando faço outras coisas que me engrandecem a minha cultura, nomeadamente ler um livro, ver um filme, ouvir música. No geral acho que são este tipo de coisas”. <i>(Participante 1)</i></p> <p>“O que é que me faz sentir bem... Conforto, Higiene, faz-me sentir bem o sol, o bom tempo, assim de repente é difícil... gosto de fazer desporto, silêncio, sei lá, depois é os hobbies, estar com os amigos, namorar, ir ao cinema, a despreocupação e é isso basicamente”. <i>(Participante 2)</i></p> <p>“Estar com os meus amigos, concertos, festivais de verão que é uma coisa muito importante, ler, ouvir música, cinema, sair à noite, não discotecas e bares, uma coisa mais alternativa. O que me faz sentir bem... é estar ligada à cultura, estar bem com a minha família, ter bons laços familiares, é ter algum sucesso escolar, não é que seja a prioridade número 1, não sou completamente focada em ser a melhor mas sim gosto de ter sucesso e quero ter sucesso”. <i>(Participante 3)</i></p> <p>“Sossego, Música, ahhh... Acho que é só isso. Espaços verdes, desenhar, acho que é basicamente isso”. <i>(Participante 4)</i></p>		 <p>10 [Redacted] identifico-me mais com a imagem das pessoas a correr na praia, no sentido em que quando estou com o meu grupo de amigos estamos a divertimos-nos, a passar um "bom bocado". a que menos me caracteriza é a imagem dos dois jovens a fumar porque não entendo o porquê de fumar, qual é o proveito que se tira dessa ação, não é por fumarmos que vamos ter mais ou menos amigos ou que nos vamos divertir mais ou menos, só estamos a fazer mal a nós próprios e aos outros que estão connosco, daí essa imagem ser a que não me caracteriza. 20/2 às 23:13 - Não gosto - 1</p> <p>5 [Redacted] identifico-me com quase todas das imagens acima, sendo por isso difícil optar por uma. Vou, portanto, escolher aquela em que posso juntar um pouco de tudo, que é a da queima das fitas porto, Escolho porque está muito ligada a uma coisa que me diz muito, a praxe, e porque posso juntar amigos, música, dança, diversão, A festa, espírito académico tudo numa imagem só. A par disso, aquela que talvez que me diga menos seja a do desporto porque efetivamente não dispenso muito tempo para me dedicar a esta área, sendo essa juntamente a com o casal a discutir as que menos me caracterizam. 20/2 às 23:24 - Não gosto - 1</p>

		<p>“O que é que me faz sentir bem...Estar com os meus amigos, também estar com a minha família porque gosto bastante porque sinto-me mesmo à vontade, posso falar com eles e então faz-me sentir bem, com os meus amigos é igual. Faz-me sentir bem ouvir música, faz-me sentir bem, sei lá, ir para a praxe, sair, esse tipo de coisas normais, acho que são normais”. <i>(Participante 5)</i></p> <p>“No geral, tenho a música que é assim o meu passatempo favorito e dá também para sair e passear e é o meu hobby e o meu momento. No geral o que me faz sentir melhor é a música”. <i>(Participante 6)</i></p> <p>“Para o meu bem-estar contribui a minha família, estar com ela, e... e com os meus amigos, mais nada, não me lembro de mais nada assim de extraordinário”. <i>(Participante 7)</i></p> <p>“Tranquilidade, calma, sossego, não muita agitação... também não estar sempre sozinha mas um meio-termo entre sozinha e acompanhada, mas com calma e um bocado de barulho, um bocado de tudo, meio-termo. Também, a família, os amigos, o sucesso escolar, sem dúvida, é importante agora, é importante ter sucesso naquilo que quero fazer futuramente e isso faz com que eu me sinta bem comigo mesma”. <i>(Participante 8)</i></p> <p>“Estar com os amigos, passear. (...) Ter boas notas, basicamente, para poder ir sair”. <i>(Participante 9)</i></p> <p>“Alcançar objetivos... criar os meus objetivos e saber que os posso alcançar por vontade própria, é basicamente isso. Ter um grupo de suporte de amigos e família que me compreendem, que me apoiam”. <i>(Participante 10)</i></p>		<p>2 Identifico-me também com bastantes das imagens acima, mas sem dúvida que a que mais me diz algo é a da rapariga a ouvir música deitada no sofá. Apesar de todas as atividades e toda a vida que corre à minha volta, são os momentos em que sinto que o mundo pára e em que não há obrigação nenhuma que me sabem melhor desfrutar. Por outro lado, identifico-me menos com o casal a berrar porque acho que é uma péssima forma de discutir ideias, conduz ao cansaço excessivo e é, basicamente, uma grande perda de tempo. 21/2 às 1:11 - Não gosto - 1</p> <p>8 Identifico-me bastante com a imagem em que está um grupo de amigos na praia, uma vez que é um local que frequento assiduamente com os meus amigos, devido ao facto de se encontrar mesmo ao nosso alcance, mas também por ser para mim um local de diversão e descontração. Já a imagem que me diz menos é a de um casal a discutir, pois como já foi referido é realmente uma perda de tempo que não leva a nenhuma finalidade. 22/2 às 21:22 - Não gosto - 1</p> <p>4 As imagens com as quais me identifico mais são as três últimas, o ar livre/natureza, música e o convívio, pois são algumas das minhas actividades favoritas. Já aquela com que menos me identifico é a imagem com as duas pessoas numa discussão porque é das coisas que me deixa mais desconfortável e na minha opinião, uma discussão agressiva é sempre inútil. 22/2 às 21:38 - Editado - Não gosto - 1</p> <p>9 Identifico-me um pouco com todas as imagens mas vou optar pela imagem do grupo de amigos a correr na praia pois é um local de descontração e de diversão. A imagem com a qual não me identifico é do casal a gritar, pois acho que é algo inútil e não se tira nenhum proveito muito antes pelo contrário. 23/2 às 0:17 - Editado - Não gosto - 1</p>
--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

				<p>7 [redacted] Identifico-me mais com a primeira foto que envolve festa e a imagem do desporto pois pratico desporto e acho que toda a gente devia arranjar algum tempo no seu dia para praticar desporto a que me identifico menos e a do casal a discutir pois nao curto discussoes. 24/2 às 19:54 · Não gosto ·  2</p> <p>6 [redacted] As imagens com as quais me identifico mais, de um modo imediato, são as três últimas. A praia com amigos (pelo ar livre e por associar este local a um estado de espírito mais descontraído); a dos headphones porque também sinto que preciso dos meus momentos sozinha com a música (quer a ouvir ou tocar), são os meus momentos de "reflexão" (por assim dizer) e são uma maneira de "descontrair do mundo de stress" que às vezes me rodeia, (é uma altura de pôr as ideias em ordem); finalmente, a última, um jantar/almoço de família e/ou amigos próximos, porque sou muito chegada à família e gosto de sentir o apoio dos que me são mais próximos e da convivência.</p> <p>As imagens com que menos me identifico são a primeira (do álcool e das festas - não sou mesmo de beber e as minhas "festas" são, normalmente, saídas mais íntimas, prefiro uma boa conversa num serão a uma noite de bebedeiras x)), a de fumar (pelo mesmo motivo anterior) e a do casal a gritar (gosto de pensar que somos capazes de resolver as disputas ou formas de pensar distintas de uma maneira mais produtiva e benéfica). 25/2 às 1:29 · Não gosto ·  1</p>
--	--	--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

				<p>1 [Redacted] Dum modo geral, identico-me com todas as imagens apresentadas visto que têm que ver com as diversas fases e momentos da vida que tenho experienciado e o continuarei a fazer. Já considerando uma perspectiva mais concreta, creio que a imagem com que mais me identifico será o quadrado no canto de baixo direito, onde se pode observar ao que parece um grupo nuclear familiar a confraternizar ao longo da refeição que está a decorrer, isto é, sou uma pessoa que valoriza muito o grupo da família, pois antes dos amigos e de qualquer outro tipo de parceiro social, penso que serão os nossos pais e demais membros familiares que estarão mais próximos de nós para nos ajudar no que precisarmos e quando assim tivermos necessidade para tal, sendo esta a que nos acompanha desde o nosso nascimento e nos levou até onde chegámos nos dias de hoje. Quanto à imagem com que me identifico menos, penso que será o quadrado do canto de cima direito, pelo que não sou uma pessoa conflituosa nem muito menos privilegio o a discussão desmedida ou sem qualquer tipo de limites, ou seja, não digo que a discussão não seja proveitosa e que não tenha implicações positivas para os elementos que nela se encontram envolvidos, mas acho que deve simultaneamente mediada e realizada com base em valores essenciais como o respeito pelo outro e aceitação da diferença.</p> <p>26/2 às 11:52 · Não gosto - 👍 1</p> <p>6 [Redacted] Para mim penso que seria 9,7,8,2,4,5,1,3,6. 26/2 às 12:44 · Não gosto - 👍 1</p> <p>5 [Redacted] Para mim seria : 5-9-8-7-2-6-1-4-3 26/2 às 13:50 · Não gosto - 👍 1</p> <p>8 [Redacted] Para mim seria: 7, 8, 9, 2, 4, 5, 1, 6, 3. 26/2 às 14:12 · Não gosto - 👍 1</p> <p>2 [Redacted] 8, 7, 9, 4, 2, 5, 1, 6, 3 😊 26/2 às 15:29 · Não gosto - 👍 1</p> <p>10 [Redacted] 7, 8, 2, 9, 1, 4, 5, 3, 6 😊 26/2 às 16:53 · Não gosto - 👍 1</p> <p>1 [Redacted] 9, 7, 4, 8, 1, 4, 2, 6, 3. 28/2 às 12:12 · Não gosto - 👍 1</p> <p>9 [Redacted] 7,8,2,9,4,1,5,6,3 28/2 às 16:14 · Não gosto - 👍 1</p> <p>7 [Redacted] 2,4,1,7,8,9,5,3,6. 28/2 às 17:17 · Não gosto - 👍 2</p> <p>4 [Redacted] 7,8,9,5,1,2,4,6,3 8/3 às 20:40 · Não gosto - 👍 1</p>
--	--	--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>Influência do Bem-estar nos fatores: demográficos, de género e económicos</p>	<p>“Eu acho que os três em parte exercem influência. Eu neste momento vivo sozinho porque os meus pais emigraram recentemente e eu acho que o fator económico, neste caso, pesa um bocadinho porque como eu não estou com os meus pais o meu modo de vida se calhar alterou-se um bocadinho, nomeadamente o facto de ter de viver um bocado mais regrado, mais poupado e portanto não me posso dar a tantas extravagâncias”. <i>(Participante 1)</i></p> <p>“Em vez de poder ter mais luxos do que aquilo que tenho neste momento se calhar vivo... não vivo mal mas também não vou negar que pudesse viver melhor. Ao fim e ao cabo continuo bem e o meu bem-estar não foi afetado mas se calhar poderia ser um bocadinho maior”. <i>(Participante 1)</i></p> <p>“Sim, principalmente o local onde vivo porque dificulta o acesso a algumas atividades inclusive atividades da faculdade e, por exemplo, por nunca ter andado na parte escolar mais recente quando já era mais crescida, não ser lá [na terra onde vive] era mais complicado porque acabo por fazer amigos mais longe e não ter tantos transportes tornava-se complicado para estar com eles (...). [Os outros] acho que não”. <i>(Participante 2)</i></p> <p>“Os económicos porque dão-me possibilidade de frequentar, ou não, concertos, festivais ou até bares. De resto, acho que é indiferente. Quer dizer, acho que onde vivo também ajuda porque eu tenho uma casa em Évora e quando passo lá temporadas aquilo é uma seca, não se passa nada, principalmente quando não estão lá os estudantes da universidade, aquilo é paradisíssimo, não há movimento cultural, não há tantas oportunidades também. Eu que vivo na cidade do Porto quando vou para Évora sinto essa diferença. Em relação ao facto de ser</p>		
--	-----------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>mulher, acho que uma mulher está sempre sujeita a demasiado assédio sexual e isso é irritante e prejudicial ao meu bem-estar e também de insegurança porque os casos de violação incidem quase todos sobre as mulheres e dá sempre um certo medo andar sozinha durante a noite... nem é andar sozinha durante a noite, é chegar a casa no autocarro e ter que fazer aquele percurso de 5 minutos até à porta de tua casa, é sempre uma constante aflição, porque lá está ser assaltado, as pessoas levam as tuas coisas e tudo bem. Mas a violação é o teu corpo e traz transtornos sem dúvida e isso é uma preocupação grande principalmente para as mulheres e faz com que as mulheres... as raparigas se retraiam quando saem à noite, retraem-se em sair sozinhas, em chegar sozinhas a casa... é sempre aquele mau estar". <i>(Participante 3)</i></p> <p>"Influencia. Acho que sim. Porque uma pessoa que... quer dizer, no sítio onde eu vivo se calhar não influencia tanto, mas também depende da região mas... o fator económico que tinhas falado, esse acho que é o que influencia mais, se tu não tens tudo para estar bem, falo nos mínimos mesmo, acho que isso é importante". <i>(Participante 4)</i></p> <p>"Não. Nenhum deles. Acho que não. Aquilo que eu gosto de fazer não é prejudicado ou favorecido por nenhum desses factos, pelo local onde eu vivo, por ser rapariga, ou pelos fatores económicos. São coisas banais como estar com os meus amigos e a minha família e acho que nenhum desses fatores influencia isso". <i>(Participante 5)</i></p> <p>"O facto de ser rapariga não. O facto de eu estar, por exemplo, numa zona isolada onde eu estou a morar, noto que, quando eu estou mais perto de casa, tenho menos convívio com algumas pessoas. Tenho de me deslocar, por exemplo, ao centro da cidade ou uma coisa assim. Os fatores económicos claro que também têm influência porque se eu quiser sair para tomar uma bebida ou ir a</p>		
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>alguma festa ou qualquer coisa, há sempre gastos, portanto influencia sempre a decisão do vou ou não vou”. (<i>Participante 6</i>)</p> <p>“Não. Porque o facto de estar com quem gosto passa por cima desses fatores todos” (<i>Participante 7</i>)</p> <p>“Sim, sem dúvida, principalmente os fatores económicos, por muito que uma pessoa diga que não são necessários, são necessários sim para nos sentirmos bem connosco próprio e com o que nós fazemos, para fazermos aquilo que gostamos, não podemos só gostar e fazer, é necessário outros fatores e por isso influenciam a nossa vida. Para me sentir bem eu tenho que fazer aquilo que eu gosto, ou seja, para estar aqui na ESE é necessário que eu tenha essa disponibilidade económica, ou seja, nesse sentido... é por aí.</p> <p>O local onde nós vivemos também, temos que nos sentir bem quer onde vivemos, que nos locais que nós mais frequentamos, a escola, quando vamos sair. E as oportunidades de lá, onde vivo, são muito mais reduzidas do que as que temos aqui, sem dúvida. Se nós quisermos vir para a faculdade não temos lá, temos que vir para o centro do Porto, sem dúvida que lá as oportunidades são mais reduzidas. Os fatores demográficos influenciam o nosso bem-estar e aquilo que nós queremos”. (<i>Participante 8</i>)</p> <p>“Acho que não... De certa forma influencia. Por exemplo, se morasse na Maia estava mais vezes com os meus amigos, mas mesmo assim morando mais longe não influencia, porque os meus pais levam-me, têm essa noção que também tenho de estar com os meus amigos, e levam-me e vêm buscar.</p> <p>O facto de seres rapaz, eu não tenho nenhuma irmã, somos todos rapazes mas acho que não, acho que os meus pais deixavam sair, talvez com mais atenção mas</p>		
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		<p>deixavam sair, desde que soubesse com quem estava e para onde fosse, acho que deixavam.</p> <p>[Os fatores económicos] Acho que não, não influenciam por aí além. Mesmo que não tiver dinheiro posso sair à vontade que os meus pais dão ou os meus amigos emprestam, há essa compreensão por parte de todos". <i>(Participante 9)</i></p> <p>"Só mais o fator demográfico, o facto de morar mais longe da faculdade e ter que... criou em mim um maior sentido de responsabilidade, ter que acordar a umas certas horas para chegar a tempo às aulas, só mesmo nesse sentido. De resto... de género não". <i>(Participante 10)</i></p>		
	<p>Lugar que a saúde ocupa na vida dos/as jovens, qual a importância que possui e se é afetada ou não pelas relações familiares e pelo meio escolar</p>	<p>"Nunca fui uma pessoa, aliás, de ter muitos problemas de saúde e nem fui uma pessoa de ter episódios assim de... pronto, grandes problemas a nível de saúde. Se estes três campos [família, meio escolar e saúde] se me proporcionam, pronto, boas condições de saúde, eu penso que sim, nunca tive qualquer problema e portanto não me posso queixar, se tiverem influência acho que têm uma boa influência. Se eu precisar de alguma coisa sei que me servem e pronto é isso". <i>(Participante 1)</i></p> <p>"No meu bem-estar psicológico eu sei que se não estiver presente nestes três, por exemplo se eu não estiver no meio familiar, o meu bem-estar psicológico ficará afetado porque não estou com as pessoas que mais gosto e sei que me fazem falta e que também preciso de estar com elas porque já me vinculei com elas desde que nasci portanto há que estreitar os laços familiares, trata-se de uma questão de vínculo, uma questão relacional e portanto tenho de estar com o meu meio familiar para me sentir bem. Quanto a parte física, ora bem, eu por</p>		

	<p>exemplo, se eu não estiver presente na faculdade também sei que me vou sentir mal porque ao fim e ao cabo eu estou a tirar um curso e se eu não frequentar as aulas, por exemplo, ou se deixar uma unidade curricular em atraso vou-me sentir mal comigo mesmo, portanto fisicamente acho que devo estar presente”. <i>(Participante 1)</i></p> <p>“Em relação a saúde é complicado porque o cansaço é um fator importante para a saúde e com a mudança de vida tenho-me sentido bastante cansada e sinto que não tenho grande tempo para fazer desporto o que me faz sentir pior um bocado. Em relação à família mais uma vez é muito stressante, não consigo... se é difícil lidar comigo própria também é difícil lidar com os outros e com a família, neste momento, também tem sido complicado”. <i>(Participante 2)</i></p> <p>Sim, [o facto de não estar tão bem no meio escolar, porque é uma novidade, vai implicar a relação com a família e a minha saúde], porque também é uma novidade para eles e não sabem muito bem como lidar e até agora foi sempre tudo muito fácil e eu sempre me safei sozinha nunca precisei muito da ajuda deles e agora de repente levei assim um choque e ainda estou...” <i>(Participante 2)</i></p> <p>“São, muito importantes, porque a família é com quem nós estamos todos os dias, a saúde é a maneira como nos sentimos, acordamos de manhã, se estivermos bem passamos à partida o dia bem e conseguimos ir para a cama à noite bem, ou seja, se alguma dessas coisas falhar o resto acaba sempre por falhar”. <i>(Participante 2)</i></p> <p>“Positivamente, nos três. Mas realça-se mais a saúde. (...) Sem dúvida, porque acho que sem estar bem nestes três sentidos não se consegue estar bem pessoalmente, não</p>		
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>consigo estar em paz e em sossego. Sem saúde não consigo estar bem nos outros dois, não se faz nada sem saúde". <i>(Participante 3)</i></p> <p>"O mais importante. Porque sem saúde não posso fazer aquilo que mais gosto, não posso sair, não posso por ventura ir às aulas. E mesmo que possa não estou no meu melhor. Estou condicionada. Assim como se algum dos meus familiares estiver doente". <i>(Participante 3)</i></p> <p>"São. Porque, por exemplo, se alguém da minha família não está bem, isso vai mexer comigo, obviamente. Se a minha saúde não estiver bem vai mexer com eles e depois ainda vai mexer mais comigo, por isso acho que gira tudo à volta do mesmo". <i>(Participante 4)</i></p> <p>"Sim. O mais importante, porque sem saúde não se faz mais nada". <i>(Participante 4)</i></p> <p>"São importantes para mim porque acho que todos se completam e nós só podemos... Eu acho que só estou bem quando todos esses... A minha saúde, a escola e a família... Quando tudo isso está bem, aí eu estou bem. Agora se uma coisa correr mal, por exemplo se a faculdade me correr mal não estou 100% bem e acho que isso interfere com o meu bem-estar, sim". <i>(Participante 5)</i></p> <p>"Sim. Porque acho que sem saúde e sem nos sentirmos bem não conseguimos alcançar os nossos objetivos, se calhar nem conseguimos defini-los e é importante para nos realizarmos pessoalmente e conseguirmos ajudar a realizar os outros". <i>(Participante 5)</i></p> <p>"Acho que não tenho problemas, tenho sempre uma boa relação em todos os aspetos". <i>(Participante 6)</i></p> <p>É assim, problemas de saúde, eu não tenho nada que me</p>		
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>interfira". <i>(Participante 6)</i></p> <p>"A saúde... Eu como não tenho grandes incómodos, sou saudável, portanto não tenho... não sinto tanto isso diretamente". <i>(Participante 6)</i></p> <p>"É. Claro que é. Uma pessoa que está muito doente não é capaz de sair para conviver com os amigos... eu das poucas vezes que estou doente não vou pedir a alguém, "olha vem ter comigo que eu estou doente e posso-te apegar", portanto também influencia um bocado". <i>(Participante 6)</i></p> <p>"Bem. Sou uma pessoa saudável, tento-me esforçar por ser alguém na vida e na família também". <i>(Participante 7)</i></p> <p>"São. Se eu não estiver bem, por exemplo, com a família, ou na escola, não me sinto interiormente, tento estar bem com tudo para estar bem. Se algum desses fatores faltar já não estou bem, tenho de melhorá-lo". <i>(Participante 7)</i></p> <p>"Considero, com saúde uma pessoa consegue fazer várias coisas e dura mais tempo. Se uma pessoa tiver uma doença terminal, ou assim, não vai conseguir viver". <i>(Participante 7)</i></p> <p>"Vou começar pela saúde, acho que sim, acho que está estabilizada, está tudo correto". <i>(Participante 8)</i></p> <p>"Sim, sem dúvida, acho que são os três principais" <i>(Participante 8)</i>.</p> <p>"É tudo temas separados mas que no final acabam por se complementar uns aos outros. Acho que o que mais se vê dentro da família e do meio escolar é a saúde porque está sempre presente na pessoa. No seio familiar e no meio</p>		
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		<p>escolar acabamos ter duas realidades diferentes”. <i>(Participante 10)</i></p> <p>“Sim. Porque sem eles não conseguia estar onde estou, ser a pessoa que quero ser e que... São importantes porque sem eles não vou conseguir ser ninguém, digamos assim”. <i>(Participante 10)</i></p> <p>“Sim. Porque se não tivermos saúde não vamos conseguir fazer muita coisa e não vamos conseguir realizar a nível pessoal”. <i>(Participante 10)</i></p>		
	<p>Comportament os juvenis associados à saúde</p>	<p>“Eu gosto de consumir uma vez por outra quer tabaco, quer bebidas alcoólicas mas não o faço em exagero porque sou apologista de uma vida regrada em termos desses luxos e acho que acima de tudo é essencial uma pessoa ter uma alimentação equilibrada e fazer desporto porque é isso que nos proporciona uma esperança de vida maior”. <i>(Participante 1)</i></p> <p>“Eu acho que em termos de alimentação, como bem, portanto tenho uma alimentação diversificada e equilibrada, portanto não como nem de mais nem de menos e acho que como essencialmente alimentos saudáveis e também pratico desporto, já pratiquei mais, já fui um atleta federado, neste momento não sou, mas nunca deixei o desporto de lado”. <i>(Participante 1)</i></p> <p>“Não se trata de uma questão social como muitas pessoas gostam de apelar, que é o fumar por estar com os outros ou o beber por estar inserido noutros grupos sociais. Não, não se trata disso. Pronto, eu efetivamente gosto de beber e gosto de fumar mas só o faço em alturas mais festivas, pronto, em alturas de maior lazer”. <i>(Participante 1)</i></p>	<p>“Nesta altura, sentaram-se ao meu lado 2 jovens skaters. Enquanto os primeiros que observava estavam nas plataformas a treinar as manobras, aqueles ficaram ali ao meu lado. Quando chegaram sentaram-se ao meu lado, a conversar um pouco. Um deles dizia que se tinha magoado no dia anterior no músculo da virilha e que ainda lhe doía mas queria continuar a treinar, mesmo com dores. Dizia também que não sabia como poderia alongar o músculo, porque era a primeira vez que lhe acontecia aquilo naquele sítio, referindo que se fosse o músculo do pescoço já tinha resolvido o problema, alongando o pescoço para o lado contrário daquele que lhe doía. Falavam também que um deles se tinham esquecido de levar água para beber enquanto</p>	

	<p>“Não fumo. Raramente bebo. Exercício físico não, agora, mas tento ter o máximo de cuidado com a alimentação”. <i>(Participante 2)</i></p> <p>“Fumo e bebo muito raramente. Já não faço exercício agora mas costumava fazer, mas tenho muito cuidado com a alimentação. (...) Uma vez por mês. (...) Quando saio à noite, em socialização com os outros, mas nem sempre”. <i>(Participante 3)</i></p> <p>“Para começar sou vegetariana, acho que isso é o mais importante. Depois... não bebo, também tipo não fumo, por isso, tipo acho que isso é importante. Atividade física... Esse é um ponto que eu tenho a melhorar, vou começar a ir para o ginásio, por isso... daqui a uns tempos... é a minha resolução de ano novo”. <i>(Participante 4)</i></p> <p>“Não pratico exercício físico, a alimentação mais ao menos, às vezes não dá muito, porque na faculdade e tal...pouco tempo para almoçar... como qualquer coisa. (...) Bebo quando saio e fumo às vezes. (...) Às vezes... como é que hei-de explicar... é assim, basicamente fumo todos os dias mas nunca em contexto familiar”. <i>(Participante 5)</i></p> <p>[Motivação] “experiência” [com o grupo de amigos]. “Não sei se não foi mais a curiosidade... acho que foi mais por aí.” <i>(Participante 5)</i></p> <p>“Não fumo nem bebo, não gosto mesmo. Desporto fazia antes de entrar para a faculdade, agora não tenho tido tempo. A alimentação tento sempre ter cuidado”. <i>(Participante 6)</i></p> <p>“Isto foi sobretudo na minha primária e eu aí fui um</p>	<p>treinavam, mas o amigo tinha para os dois, o que não causou problemas e continuaram. Pormenor que observei que todos os jovens que ali estavam a treinar tinham uma garrafa de água perto deles”. (NT – 19/02/2015)</p>	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

		<p>bocado vítima de bullying psicológico, portanto teve uma influência muito forte, portanto quando mudei de escola aproveitei e comecei a fazer desporto comecei a emagrecer e consegui estar mais à vontade com as pessoas e a defender-me, portanto também não deixava que gozassem tanto comigo e que me pusessem a baixo”. <i>(Participante 6)</i></p> <p>“Não fumo. Costumava treinar box. Alimento-me bem. Não tenho vícios. De vez em quando bebo um bocadinho com os meus colegas, nada de mais, controlado mas sobretudo a alimentação tento ser controlado” <i>(Participante 7).</i></p> <p>“Álcool e tabaco não. Álcool muito esporadicamente, só mesmo em festas. Atividade física não pratico, no Verão o que eu mais faço é andar de bicicleta, ao fim-de-semana, em tempo de aulas quase nada. Na alimentação tento ser equilibrada, às vezes há sempre aqueles excessos mas de resto...”. <i>(Participante 8)</i></p> <p>“Há que cometer as loucuras, não posso ser certinho. Há que me comprometer também um bocadinho, principalmente o fígado, com tudo, bebidas alcoólicas quando vou sair... e é isso”. <i>(Participante 9)</i></p> <p>“Sim, faço exercício físico regularmente, quase todos os dias. Fumo habitualmente. Bebidas alcoólicas unicamente quando vou sair”. <i>(Participante 9)</i></p> <p>“Neste momento só faço uma boa alimentação, não tenho tempo para fazer atividades físicas, não fumo e não bebo. Não, porque tenho consciência dos riscos que eles têm... mais para a frente nas pessoas, no futuro, no momento podem-nos fazer sentir bem mas não trazem coisas boas”. <i>(Participante 10)</i></p>		
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Impacto Meio Familiar na vida juvenil

Importância das relações familiares

“Há, muito mesmo [diálogo familiar]. Eu sempre que saio à noite informo os meus pais. Eu acho que este processo de confiança e de diálogo entre mim e os meus pais, acho que se estreitou e fortaleceu com o facto de eu morar sozinho porque acho que a preocupação deles uma vez que não estão presentes comigo aumentou e acho que é normal porque nunca se sabe o que pode acontecer do outro lado da Europa e portanto acho que sim. Nós neste momento estamos muito mais comunicativos, os mass media, neste caso, ajudam em termos do uso de aplicações e mesmo o próprio computador para poder comunicar com eles e portanto conto-lhes tudo e acho que nunca houve qualquer problema de os informar do que ia fazer ou como ia fazer e, portanto, conseqüentemente, eles também não têm... não me tiveram que negar nada até agora”. (*Participante 1*)

“O meio familiar é um grande apoio mas também se não se tiver uma grande família, não é por isso que não se vai a lado nenhum, há que ter força suficiente para encarar a vida tendo ou não este apoio. No meu caso tenho suporte familiar para algumas coisas tenho, para outras nem por isso. Por exemplo, este é um exemplo que se divide. A minha mãe quer muito que eu ande na faculdade e que tenha uma licenciatura. Pelo meu pai eu já estava a trabalhar, porque para ele isso não é minimamente importante, o que é importante é ganhar dinheiro e ter independência e casar e esse tipo de coisas... para a minha mãe, como também se separaram muito cedo, ela teve que começar a viver sozinha e ser independente e educou-me nesse sentido, para ser uma mulher independente e não ter aquela necessidade de casar, ter filhos e... depender de alguém. (...) De certa forma confunde-me. Por um lado concordo com a minha mãe, por outro também concordo com o meu pai”.

	<p><i>(Participante 3)</i></p> <p>“Não. Acho que não, porque eu tenho mesmo uns pais... por acaso tenho uns pais compreensivos e tentam sempre, por muito que eu queira fazer uma coisa e se eles não acharem que está certo, eles vão arranjar uma maneira de eu fazer essa coisa, mas um bocado à maneira deles, entendes... eles tentam compreender o meu lado e tentam-me fazer compreender o lado deles, ou seja, nunca há essa... esse problema de eu querer e eles não gostarem ou eu querer e eles não deixarem, porque há sempre uma comunicação em que nós tentamos arranjar um meio termo, é um bocado por aí”. <i>(Participante 5)</i></p> <p>“Eu tenho a minha família quase como se fossem meus amigos, eu tenho uma relação muito próxima com eles todos, portanto acho que é muito semelhante como me dou com eles, estou à vontade”. <i>(Participante 6)</i></p> <p>“A família é aquele apoio mais próximo. Sempre que tenho algum problema eu sou bem capaz de ligar à minha mãe "eu estou muito mal, preciso que venhas para casa rápido" e às vezes com os amigos também, é um apoio que são mais da nossa idade e conhecem-nos melhor, portanto... compreendem também o que se está a passar”. <i>(Participante 6)</i></p> <p>“Falaste no meio familiar também, está tudo bem”. <i>(Participante 8)</i></p> <p>“Estou [bem], ou sozinho, ou com os meus pais não há grande diferença. Poder falar com eles, fazer as minhas coisas, com regras, mas fazer. Nada mais”. <i>(Participante 9)</i></p> <p>“Sim, sim, eles sempre disseram: “confio até desconfiar” portanto há que manter o limite do que está à vista”. <i>(Participante 9)</i></p>		
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		<p>“Costumo dizer que “sou órfão de pais vivos”, porque como já disse saio de casa muito cedo e eles ainda estão todos a dormir, chego a casa e não está ninguém, porque estão a trabalhar e depois só nos vemos à hora de jantar, porque é a hora de convívio social e de resto estou a estudar. “Sou órfão de pais vivos” porque sei que eles lá estão mas raramente estou com eles”. (Participante 10)</p>		
	<p>Lugar que a autonomia ocupa na vida social dos/as jovens</p>	<p>“Concordo e sim, isso aconteceu comigo. Ora bem, concordo porque quando entramos... Eu acho que quando entrei na faculdade, nessa altura estava só a viver com o meu pai porque a minha mãe já tinha emigrado mas notei que do ensino secundário para a formação superior houve uma mudança enorme, lá está, em termos de autonomia tornei-me mais autónomo porque até ao ensino secundário estudei com os meus pais e na faculdade já estudei de uma forma diferente, comecei a utilizar mais a biblioteca que era uma coisa que até então não tinha sequer ou não usava. Entretanto no meu próprio estudo, comecei a estudar sozinho e comecei a ler obras que se calhar no ensino secundário nem pegava nelas sequer e portanto... entretanto depois comecei a viver sozinho, um ano depois e noto que as pessoas... há uma altura da vida que começamos a ganhar uma maior autonomia e começamos a ter mais responsabilidades e acho que é quando uma pessoa se torna mais adulta e sente que é capaz de fazer sem... claro que nós precisamos sempre da ajuda das outras pessoas mas acho que as pessoas a dada altura têm a sua ... ganham o seu nível de maturidade e, portanto, conseqüentemente, um nível de autonomia maior”. (Participante 1)</p> <p>“Sim, exatamente, no início quando comecei a sair à noite muito provavelmente eu devia de estar em casa no máximo até à meia-noite e agora acho que tenho uma</p>	<p>“Entretanto, dois amigos estavam a conversar e achei pertinente salientar esta conversa, em que um deles pedia ao amigo para o acompanhar a uma festa. Contudo, a mãe só o deixaria ir se ele fosse com o amigo, mas como o amigo dele não podia ir porque tinha treino o outro rapaz estava a tentar fazer pressão para lhe mudar as ideias e poder ter companhia para a festa”. (NT – 05/02/2015)</p>	

	<p>maior liberdade para poder estender um bocadinho esse horário, nunca abusando e mesmo não estando a viver com eles, eu sei que eles do outro lado estão preocupados, se eu por acaso chegar a umas 5 ou 6 da manhã, mas se eu chegar eu conto-lhes sempre e isso é uma das principais razões para eles confiarem sempre em mim”. <i>(Participante 1)</i></p> <p>“No que toca aos valores que eles me transmitiram, acho que muitas das saídas que eu tenho hoje, à noite, muito provavelmente eles... não se trata de não concordarem mas, muitas vezes não... como são alturas em que... Esta é uma altura, em que muitos dos eventos que acontecem à noite eles nem sempre se identificam e portanto há um maior receio que me possa acontecer alguma coisa, dados os níveis de criminalidade e de... pronto, deste tipo de problemas que ocorrem hoje na noite e como se costuma dizer, não acontece só aos outros também nos pode acontecer a nós. E como se costuma dizer não acontece só aos outros, também nos pode acontecer a nós. Contudo, eu uma vez que já ganhei portanto uma certa maturidade e também já me considero uma pessoa mais adulta do que á uns anos atrás”. <i>(Participante 1)</i></p> <p>“No meu caso... concordo com isso mas no meu caso sempre fui muito autónoma, os meus pais sempre confiaram muito em mim porque nunca tive problemas nenhuns nem na escola nem nada, por isso... Na juventude claro que mudou não é? Mas a partir do momento em que tentei ser mais autónoma consegui, em que tive a necessidade de começar a combinar com os amigos ir ao cinema consegui, não foi muito difícil”. <i>(Participante 2)</i></p> <p>“Acho que foi desde sempre. Para já nas conversas que tinha com eles, lembro-me que sempre tive muitas conversas sobre as notícias e não sei quê, e acho que os</p>		
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>meus pais tinham a noção que eu era uma pessoa responsável e que tinha bom senso e que sabia distinguir o certo do errado, que normalmente quando somos crianças é difícil. A partir do momento em que eu consegui mostrar-lhes isso, eles souberam não havia problema nenhum” (<i>Participante 2</i>)</p> <p>“Considero. Entre o querer e o poder, há assim um ditado qualquer... por exemplo, no meu caso, quando quero sair à noite, estar com os amigos à noite no porto, como moro num sítio que não tem transportes noturnos e como não tenho carta de condução, nem carro o que é que acontece... eu quero e posso mas não consigo. Ou por exemplo, se tiver um teste ou assim, se calhar até tenho tudo organizado mas se calhar não devo, apesar de ter tudo organizado. Acho que é um bocado por aí. Para além do querer do poder e do dever acho que ainda há outras coisas mais, o conseguir por exemplo, torna-se a mais difícil” (<i>Participante 2</i>)</p> <p>“Depende, não sei porque se eu disser aos meus pais que devia ir porque eles também vão isso para os meus pais não quer dizer nada. Portanto...” (<i>Participante 2</i>)</p> <p>“Sim, concordo. Eu sempre fui bastante independente em relação aos meus pais, à medida que o tempo passa eu vou sentindo cada vez mais, sem dúvida. Por exemplo, agora tenho de tratar tudo sozinha, ir ao banco. Esse tipo de coisas que parecem assim pequeninas”. (<i>Participante 3</i>)</p> <p>“Até aos 18 tinha que chegar a casa a uma certas horas e não podia sair à noite sequer. Mas depois quando entrei na faculdade mudou completamente”. (<i>Participante 3</i>)</p> <p>“Sinceramente acho que chegaram à conclusão que finalmente tinham que me dar alguma liberdade. Ainda</p>		
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		<p>por cima nessa altura andava na praxe e precisava de algumas noites para a praxe e acho que comecei a habituá-los nessa direção". (<i>Participante 3</i>)</p> <p>[Atitudes que demonstravam que os meus pais poderiam confiar em mim] "Tirar boas notas, chegar sempre a horinhas a casa, quando as tinha e não os desrespeitar acima de tudo." (<i>Participante 3</i>)</p> <p>"Sim, em algumas coisas acho que sim e isso faz com que tu cresças. No meu caso acho que aconteceu isso, um bocadinho, mas não foi tipo, tens idade agora vais ser tipo mais ser mais autónoma. Não, foi acontecendo, foi gradual". (<i>Participante 4</i>)</p> <p>"Se calhar primeiro começar por fazer as coisas em casa e eles viam que eu era capaz de fazer lá, também tipo era capaz de ser mais autónoma, tipo nas outras coisas. Também as boas notas na escola, os trabalhos sempre entregues a horas e tudo... tipo, os professores nunca me chamarem a atenção pelo mau comportamento, ou falta de respeito, nem nada, e se calhar eles já estavam a perceber que eu estava a crescer e não precisava das regras deles sempre em cima de mim". (<i>Participante 4</i>)</p> <p>"Não, acho que não porque... aquilo que os teus pais te ensinam, também claro que podes mudar algumas coisas, mas não vou deixar de fazer nada porque aquilo que eu acho que é certo também se calhar está de acordo com aquilo que os meus pais acham que é certo". (<i>Participante 4</i>)</p> <p>"Concordo mas não concordo com a ideia do afastamento dos pais porque eu não tenho isso, continuo sempre a ter aquela... sei distinguir quando é para estar com os meus amigos e quando é para estar com os meus pais e com a minha família em geral e pronto. Concordo porque há</p>		
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>mais aquela coisa do “vamos sair com os amigos, vamos estar com os amigos”, mas acho que também tem de haver sempre um tempo para os pais”. <i>(Participante 5)</i></p> <p>“Sim. Deixavam-me sair até mais tarde, a estar com os meus amigos, a não me estabelecerem tantas regras como quando era pequenina, e pronto, essas coisas, acho que... às vezes já só querem saber... por exemplo, os meus pais preocupam-se muito se eu tenho como vir embora, isso é que importa, não querem que eu ande sozinha à noite. Se, por exemplo, os meus amigos, se algum deles me puder vir trazer porque eu não tenho carro, está tudo bem, digo vou ali e está tudo bem. E sim, senti isso da parte deles”. <i>(Participante 5)</i></p> <p>“Se eles diziam, por exemplo, ah não sei quê, não venhas tarde, imagina, tens de estar às três horas em casa e eu estava, se pudesse até estava antes. Foi sempre assim esse tipo de coisas. Eles diziam-me qualquer tipo de coisa e eu tentava cumprir que era para eles me irem dando mais liberdade. E acho que isso é mesmo importante porque só assim é que os pais vão conseguir confiar em nós. Eles dizem uma coisa a nós e se nós cumprirmos, eles vão se calhar na próxima vez... em vez de ser às 3 horas é às 4, por exemplo. Acho que é um bocado por aí”. <i>(Participante 5)</i></p> <p>“Depende dos amigos, de quem são os amigos e quais são os amigos mas não é muito por aí. É mais a maneira... como é que eu hei-de explicar... É o que eu digo, depende dos amigos, depende de quem for. Se for uma pessoa que eles confiam e que até conhecem, os pais ou... se não conhecem confiam no meu amigo e dão-se bem com ele. Se eu disser ah mas oh mãe ela vai ficar até mais tarde, será que posso ficar? Ah pronto está bem, se ele fica. Se for outras pessoas que eles não têm tanta confiança e tanta ligação... ah mas... é um bocado por aí, depende</p>		
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>muito de quem for a companhia, de quem for o amigo que vai ficar ou que vai fazer, tem a ver com isso". (<i>Participante 5</i>)</p> <p>"Oh, muda um bocado, pelo facto de se calhar poder estar mais tempo com eles ou poder fazer coisas que se calhar alguns já faziam e que eu não, mas não muda assim de uma forma radical. É em certos pormenores, é eu poder fazer aquilo que se calhar alguns já faziam, ou poder ir onde alguns já iam, esse tipo de coisas". (<i>Participante 5</i>)</p> <p>"Sim, concordo... Os meus pais comigo sempre tentaram que fosse uma coisa gradual, que não fosse repentina: não tens nada e agora tens a liberdade toda porque foi uma coisa de cada vez, por exemplo. Havia algumas alturas em que eu queria sair à noite e o meu pai "ok mas às 8 horas vou-te buscar", mais tarde foi, "pronto, às 10h" e agora dá-me alguma liberdade e "quando chegares simplesmente avisa para sabermos que chegaste bem". Portanto, foi uma coisa mais gradual e não senti aquele repentino e foram-me habituando devagar". (<i>Participante 6</i>)</p> <p>"Os meus pais foram-me sempre acompanhando no meu crescimento e alertavam-me para certos perigos, problemas ou situações com que me poderia deparar. Deixaram-me sempre muito à vontade para falar com eles sobre tudo e, assim, mesmo nas alturas que cometi alguma asneira (toda a gente as comete), eu era capaz de lhes dizer porque sabia que a reação deles não seria só chatearem-se comigo e "fecharem-me numa torre para sempre". Chamavam-me à razão e tentaram sempre que eu aprendesse com essas situações para que de futuro não se repetissem. Tentei sempre ser responsável e cumprir o que eles me diziam (embora por vezes não concordasse e, quando assim era, tentava discutir com</p>		
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		<p>eles – mais com a minha mãe, que é mais aberta às “novas modernices”, o meu pai é mais velha guarda – e negociar algo que todos concordássemos). Como nunca lhes dei “problemas de maior” (só coisas típicas de adolescente e, mesmo essas, acho que até nem fui das piores), consegui que eles fossem confiando nas minhas decisões”. (<i>Participante 6</i>)</p> <p>“Não acho que haja uma grande diferença porque acho que os meus valores também acabaram por ser muito moldados pelos meus pais e... sempre que há uma coisa que eu quero fazer eu tento discutir com eles e se eles acharem que não está bem tentam-me explicar o porquê e eu tento explicar o meu ponto de vista e normalmente tentamos chegar a um acordo, claro que há sempre aquelas fases da adolescência em que "fogo, o meu pai não me deixa fazer isto, mas qual é o mal?", há sempre algumas situações dessas mas agora, há medida que vou crescendo e olho para trás, vejo que realmente os meus pais tinham razão ou também digo ao meu pai, "oh pai aqui exageraste, não havia necessidade, eu acho que era perfeitamente capaz". Mas normalmente estamos em sintonia, tentamos”. (<i>Participante 6</i>)</p> <p>“Não, definitivamente não. O meu pai dizia “os outros são os outros, tu és minha filha e os outros não são”. Claro que havia alturas que eu chamava um bocado à atenção para o sentido de responsabilidade, por exemplo, eu tenho um colega que o meu pai sabe que é muito responsável e até é mais velho que eu mas eu estou sempre com eles e nós fazemos sempre tudo bem, e nunca teve problemas connosco e eu "oh pai, ela vai, ela é mais velha que eu, ela também se responsabiliza um bocado por mim, sabes que não há problemas, os pais dela responsabilizam-me por me virem buscar" e às vezes aí eles cediam, agora simplesmente: “Pai, posso ir àquela</p>		
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		<p> festa porque a Maria vai e ela é pior aluna que eu e ela vai e eu não vou porquê?" Isso aí eles não cediam". <i>(Participante 6)</i></p> <p> "Eu acho que não porque os meus pais como os deles tinham uma forma de pensar às vezes semelhante, portanto se eu não podia, eles também não podiam, não era por aí, não era só por mim. Agora estou mais algum tempo com eles mas também há alturas em que eu prefiro estar com a família e digo "olha não quero ir sair agora, que eu quero estar com os meus pais que até estou fora durante a semana", portanto aí acho que não influenciou muito, acho que aumentamos o tempo de convivência e crescimento que tínhamos desde à muitos anos atrás". <i>(Participante 6)</i></p> <p> "Por uma parte sim por outra parte não. Pela parte sim é porque te sentes mais livre e podes fazer, algumas coisas que queres, como sair, mais vezes e assim, por outra parte não, porque sabe sempre bem ter uma pessoa a mandar em nós, assim a gente ganha respeito e não anda para aí a vadiar". <i>(Participante 7)</i></p> <p> "Sim. Porque eles dão-me liberdade, não toda, mas dão-me alguma". <i>(Participante 7)</i></p> <p> "Por exemplo, andar sozinho, ou guardar coisas importantes e não as perder e acho que eles foram ganhando essa confiança, se eles disserem para chegar aquela hora tenho que chegar se não da próxima vez já não vou". <i>(Participante 7)</i></p> <p> "Aquilo que eu quero nem sempre pode ser feito, chegar muito, muito tarde a casa. Aquilo que eu devo fazer, em alguma parte deve ser feito, chegar mais ao menos tarde a casa e se eles deixarem, é normal, devo fazer isso... Quero chegar tarde a casa mas não posso nem devo</p>		
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		<p>porque os meus pais não me deixam. Não estou a ver mais nada". (<i>Participante 7</i>)</p> <p>"Não, eles por norma deixam-me tudo. Controladamente". (<i>Participante 7</i>)</p> <p>"Não, porque muitos dos pais dos meus amigos "nem querem saber", se fumam, se bebem, se se drogam. Acho que eles fizeram isso, que se calhar queriam que os pais deles fizessem a eles quando eram novos. Pelos pais dos meus amigos... Não, não há qualquer tipo de influência". (<i>Participante 7</i>)</p> <p>"Eu acho que sempre fui um bocado autónoma, acho que as raparigas são um bocado assim, nunca precisei que a minha mãe me dissesse, "Ana faz isto, Ana faz aquilo". Acho que eu tinha consciência do que eu tinha que fazer, por isso eu não senti que na adolescência tivesse isso porque eu acho que sempre tive, nunca precisei que me obrigassem a fazer determinadas coisas, por isso acho que foi um fator que eu sempre tive". (<i>Participante 8</i>)</p> <p>"Sim, se calhar, eu não notei muito, lá está, eu não notei essa liberdade. Há pessoas que saem do secundário para a faculdade, ou mesmo do 9º para o 10º ano, porque saem da localidade, no meu caso de Perafita para Matosinhos, talvez aí um bocado de menos controlo. Do secundário para a faculdade há pessoas que sentem essa grande liberdade, eu não senti, para mim continuou tudo igual, o que fazia no secundário, faço na faculdade, por isso acho que não houve grandes alterações". (<i>Participante 8</i>)</p> <p>"Sim, sem dúvida. Essa liberdade sempre foi dada e não houve essa diferença. Se calhar houve uma gradação, um aumento dessa liberdade ao longo dos anos mas eu não a notei muito". (<i>Participante 8</i>)</p>		
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>“Também... Até agora nunca tive nenhum mau resultado, mas acho se tivessem eles iam-se preocupar mais, não me deixavam sair tanto para ficar a estudar mas desde que cumpra as minhas obrigações”. <i>(Participante 9)</i></p> <p>“Sim mas os meus pais sabem sempre com quem estou, para onde vou, sabem tudo não escondo nada, portanto se eles confiarem nos meus amigos está tudo tranquilo, posso ir sair à vontade”. <i>(Participante 9)</i></p> <p>“Das primeiras vezes que vou sair com os meus amigos é sempre diferente, tinha de estar sempre a avisar se está tudo bem, mas agora não. Confiam e portanto é mais fácil, basta dizer com quem estou e para onde vou”. <i>(Participante 9)</i></p> <p>“Principalmente mandar mensagens ao longo da noite a dizer que estava tudo bem e onde estava e chegava. Horários no início eram mais controladores, tinha hora de recolha e sempre cumpri. E foi isso que possibilitou que eles agora confiassem mais em mim”. <i>(Participante 9)</i></p> <p>“Não. Tenho noção das consequências do que eu faço portanto é sempre dentro desse limite, nunca faço alguma coisa com que me vá dar mal. Quer dizer, há um limite e nunca vão para lá do que posso fazer e os meus pais iam deixar de confiar em mim mas tenho sempre noção e nunca faço nada que não deva. (...). O que faço já é bastante... não é bastante... é suficiente. Nunca faço nada do que não devo. Aliás porque o meu grupo de amigos não vai para lá do que não devem. Ficam sempre no legal”. <i>(Participante 9)</i></p> <p>“Não. Ir-me embora mais cedo ou mais tarde é igual, continuamos todos amigos. Obviamente que alguns dias não podia sair mas sempre mantivemos uma amizade na boa”. <i>(Participante 9)</i></p>		
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		<p>“Sim, mesmo pelo facto de viver longe, por exemplo, saio de casa cedo, tenho de criar... já tenho de ter um sentido de responsabilidade maior pelo facto de ter que acordar a umas certas horas e ninguém me pode vir acordar a mim, tenho de... o facto de sair de casa ou chegar a casa e não está lá ninguém, ainda estão a dormir ou ainda estão a trabalhar tem... criou-me uma maior independência, já me estão a preparar melhor, mesmo pelo facto de, por exemplo ter que chegar a casa e ter que fazer o almoço porque não há, tenho que começar a criar... a criar essa autonomia”. <i>(Participante 10)</i></p> <p>“Sim, dão-me liberdade porque sabem que eu sou... Já sou mais responsável, já tenho consciência das decisões, das consequências das decisões que tomo, portanto”. <i>(Participante 10)</i></p> <p>“O facto de poder sair à noite e não chegar a casa embriagado ou... noutros estados, confiavam até desconfiarem também porque se um dia chegar a casa nesse estado vão restringir muito mais as minhas saídas. Sempre fui demonstrando que era responsável”. <i>(Participante 10)</i></p> <p>“Não vou querer nada mais daquilo que eu não possa fazer”. <i>(Participante 10)</i></p>		
		<p>“Eu com a minha família se calhar tenho um maior à vontade, como já os conheço à mais tempo e por outros fatores, nomeadamente o carinho e o amor para que tenho com eles, se calhar a minha relação é um bocadinho diferente”. <i>(Participante 1)</i></p> <p>“Pode-se ter verificado um aumento de confiança mas mesmo assim não descartam... como é que eu hei-de</p>		

	<p>Comportamento dos/as jovens nas suas relações familiares</p>	<p>dizer... É assim os meus pais apesar de confiarem mais, porque também... com o passar do tempo, os meus pais notam que cheguei a horas a casa, nunca lhes passei o pé, passando a expressão, mas no entanto nunca deixaram de ser eles mesmo nem nunca deixaram de atuar enquanto pais, isto é, continuam a perguntar a que horas cheguei a casa, continuam a estar preocupados onde fui e com quem fui, portanto nunca se descartaram das suas funções, se é que assim posso dizer". (<i>Participante 1</i>)</p> <p>"Há coisas em que eu lhes digo que quero fazer e efetivamente só as faço, se puder, este se puder depende da autorização deles porque eu não vou fazer uma coisa que vai contra a vontade deles mas, muitas vezes, são coisas que eles não concordam mas que, no entanto, eles apesar de não concordarem, eles sabem que era uma coisa que eu até gostava muito de fazer e portanto ponderaram sobre isso e no fim acabam por deixar. Portanto, eu nunca vou... e nunca faço nada que vai contra a vontade deles mas ao fim e ao cabo sempre pude fazer tudo aquilo que sempre quis, nunca violando os limites, se é que assim posso dizer". (<i>Participante 1</i>)</p> <p>"Não. Acho que... por acaso não porque em casa estamos todos muito à vontade, conversamos muito, fazemos piadas, às vezes piadas que também faço com os meus amigos portanto não sinto assim muita diferença". (<i>Participante 2</i>)</p> <p>"Não, acho que não. Primeiro, a minha família também são os meus amigos, por isso... o meu comportamento também é igual. Claro que se calhar com os meus amigos estou mais à vontade para falar de certos assuntos, mas acho que com a minha família também estou à vontade para falar sobre tudo". (<i>Participante 4</i>)</p> <p>"Tirando a parte do fumar, mas isso é por respeito. O</p>		
--	------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		<p>resto não. É tipo, se tiver que me divertir com os meu pais e com os meus amigos também, se tiver que ser mais séria com os meus amigos também o sou...” (Participante 5)</p> <p>“Não, com a minha família muitas vezes tenho de ser um bocadinho mais cordial, porque estou a lidar com pessoas mais velhas e nem sempre podem entender a mentalidade que eu tenho, portanto tenho de ter cuidado para me adaptar nesse aspeto”. (Participante 6)</p> <p>“Não, porque só alguns é que podem ficar até à hora que querem, outros não, têm horários para cumprir, como eu”. (Participante 7)</p> <p>“Sim, acho que sim. Na ESE, com os meus amigos, é sempre um ambiente mais descontraído, não digo descontraído, mais próximo. Enquanto no meio familiar também é um ambiente muito próximo mas talvez mais tranquilo, aqui não. Eu acho que sou mais ponderada, acho que sou mais calma em casa. Os amigos da faculdade como os outros são mais agitados, mais confusão. Aqui [na ESE] com a convivência com as pessoas da nossa idade, nós conseguimos ser mais explosivas”. (Participante 8)</p> <p>“Pela aproximação das faixas etárias. Como nós aqui temos coisas que nos suscitam mais histeria. No meio familiar, é tudo mais calmo, temos diferentes faixas etárias, diferentes formas de pensar, é o hábito, também torna as coisas mais calmas”. (Participante 8)</p> <p>“Sempre fui muito responsável e sempre soube mais ao menos o que queria. Quando eu disse que queria vir estudar para a ESE, eu sabia que queria isto e então foi fácil que eles me permitissem fazer o que queria, daí a liberdade e a confiança”. (Participante 8)</p>		
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		<p>“Não sei se influencia muito. Nós somos amigos desde sempre, desde o 1º até agora. Ou seja, eu acho que foi criando uma confiança entre nós e entre os pais de cada um, ou seja sabemos onde ir... Eu por exemplo se for a uma discoteca, os pais de todos sabem e nós vamos e... agora com carta também é mais fácil... Temos mais responsabilidade. É um bocado isso, os pais deles sabem, os meus pais sabem... Existe essa ligação”. <i>(Participante 8)</i></p> <p>“Ótimas. Mas no meio familiar... as notas principalmente. Tenho de ter noção que tenho de ter futuro, não posso estar sempre a sair, tenho de estar atento nas aulas, principalmente. Se tiver boas notas, os meus pais confirmam mais em mim, deixam-me sair mais vezes e vai influenciar no meu bem-estar”. <i>(Participante 9)</i></p> <p>“Para poder sair tenho de ter boleia dos meus pais portanto tenho que me dar bem com eles e acho que ter um bom grupo de amigos também ajuda senão... não ter problemas”. <i>(Participante 9)</i></p> <p>“Não. O meu comportamento em casa e com o meu grupo de amigos não varia, é igual. Quer dizer, com o meu grupo de amigos posso ajavardar mais mas com os meus pais também posso falar do que quero, é igual”. <i>(Participante 9)</i></p> <p>“Gosto de dizer que não mas ao fim e ao cabo o comportamento que eu vou ter com a minha família não vai ser o mesmo que vou ter com os meus amigos”. <i>(Participante 10)</i></p> <p>“Porque são ambientes diferentes, são respeitos que temos que ter, enquanto os amigos estamos sempre com eles, estamos a passar pelas mesmas coisas, a família já por lá passou ou ainda vai passar portanto temos que</p>		
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		<p>falar com eles de uma outra maneira”. (<i>Participante 10</i>)</p> <p>“Tento dizer que não mas obviamente que sim, que sou porque... o respeito que temos dentro da família é completamente diferente do respeito que temos com amigos, com amigos também temos respeito mas como eles estão sempre ao mesmo nível e conseguem ver as coisas como nós as vemos também...” (<i>Participante 10</i>)</p>		
<p>Influência do grupo de pares na socialização</p>	<p>Motivações na integração em grupos de pares e na prática de atividades juvenis</p>	<p>“Tenho o grupo de amigos de Gaia, tenho o meu grupo de amigos dos escuteiros que frequento ainda hoje, tive o meu grupo de amigos dos vários desportos que já frequentei, nomeadamente futebol, natação, remo, o grupo com quem mais me dou atualmente é o do remo, os outros, pronto, com o passar do tempo, os rumos da vida, infelizmente não se cruzam e portanto as pessoas acabam por se afastar mais um bocado mas depois também tenho o meu grupo de amigos daqui da faculdade e provavelmente terei o meu grupo de amigos lá de baixo do Algarve, nomeadamente em Tavira, onde no verão frequento a casa dos meus tios lá e conheci um monte de pessoas com quem ainda hoje me dou. (...) Tenho o grupo de pessoas com quem me dou das aulas e tenho ainda o grupo de pessoas da praxe.” (<i>Participante 1</i>)</p> <p>“O grupo de pessoas com quem me dou da turma e mesmo dos outros anos acho que foi uma coisa natural, não andei a seguir ninguém mas ao mesmo tempo acho que segui porque as pessoas acabam por se cruzar cá na faculdade, portanto, há interseção de projetos, há interseção de companhias no sentido em que as pessoas de uma faculdade falam de tudo e acabam por dar-se anos com anos, turmas com turmas e pronto, acho que foi isso que me fez dar-me com essas diversas pessoas desse grupo”. (<i>Participante 1</i>)</p>		

	<p>“Ora bem, nos desportos, eu sempre gostei de fazer desporto, como já referi e eu também sou apologista de que uma pessoa não deve ficar só num desporto porque acho que nós devemos aumentar a nossa cultura em tudo e no ramo do desporto acho que uma pessoa não deve ficar agarrada a um desporto só, acho que uma pessoa deve experimentar e conhecer outros desportos e foi por esse motivo que eu depois conheci mais pessoas, ao mesmo tempo que frequentava os desportos também fui conhecendo outras pessoas e isso também de um certo modo me motivou sempre a fazer mais desportos a fim de conhecer mais pessoas. Quanto aos escuteiros, eu entrei nos escuteiros, porque tenho uma irmã que já tinha aderido aos escuteiros primeiro e eu vi como aquilo tinha ajudado a minha irmã a conhecer mais pessoas e a fazer um grupo de amigos com quem ela ainda hoje também se dá apesar de não estar cá a viver em Portugal e na altura foi o que me motivou a entrar nos escuteiros até pelas atividades que eles descreviam e realizavam”. <i>(Participante 1)</i></p> <p>Já fiz teatro, frequentei o grupo de teatro, da catequese, andei na natação, um grupo com muitos desportistas, agora frequento, não sei se lhe posso chamar grupo, o grupo da praxe. Sei lá, assim grupos declarados são esses”. <i>(Participante 2)</i></p> <p>“Tenho um grupo de amigos que conheci num festival de música e sempre que estamos juntos é mais para falar de música ou para combinar ir a algum lado ver algum concerto, partilhar essas opiniões. Com outros é mesmo só estar, fazer palhaçada, ir para o café, passar a tarde a jogar cartas...” <i>(Participante 2)</i></p> <p>“Um foi o gosto pela música e pelo ambiente dos festivais, o outro acho foram as pessoas, o tipo de humor é</p>		
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		<p>compatível com eles, algumas atividades que não são compatíveis, ou seja, que não são as mesmas e acaba por ser interessante porque estamos lá a falar sobre isso” (<i>Participante 2</i>)</p> <p>“A natação, pronto, estávamos lá todos pelo mesmo que era para treinar e o que me levou a ficar com eles: primeiro tinham os mesmos objetivos que eu e depois porque ao terem os mesmos objetivos que eu à partida associamos sempre como sendo pessoas com bons princípios e portanto dei-me sempre bastante bem com eles. No teatro foi o gosto pelo que fazíamos e pelo que ainda se faz, sei lá, estarmos lá todos juntos, encarar personagens, tinha sempre alguma piada”. (<i>Participante 2</i>)</p> <p>“Joguei andebol mas já não jogo, joguei até ao ano passado. Frequentei a praxe mas agora já não, agora já saí. O andebol foram os meus pais que me puxaram para isso. Nunca tive grande vontade de ir por minha própria vontade, eram os meus pais que gostavam que eu praticasse. A praxe foi a necessidade de experimentar, para saber como era”. (<i>Participante 3</i>)</p> <p>“Natação. Dança. Pintura. Acho que foi só isso. Sim, acho que foi. (...) [Atualmente] Não, faço por mim só, não tenho um grupo. (...) [Motivação] Ahhh... alguns, os de desporto também pela saúde e porque eu gostava e pintura é o que eu quero fazer da minha vida. (...) Ahhh... Falta de tempo, também se calhar, porque por exemplo, a pintura a mensalidade era muito cara e também era insuportável. (...) E porque eu agora já sou mais velha, torno-me autodidata e consigo aprender por mim mais facilmente do que quando era mais miúda”. (<i>Participante 4</i>)</p>		
--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>“Já fiz natação, já andei no teatro e acho que foi só isso. Deixa-me pensar, catequese também. Atualmente só a praxe, faculdade...” [Motivação] “Gosto pessoal. (...) Sim, todos. Gostava e depois ouvia sempre a opinião dos meus pais mas eram todos aquilo que eu gostava de fazer. (Participante 5)</p> <p>“Aliás eu saí da catequese porque disse que não queria continuar e eles só me perguntaram se eu tinha a certeza e se não me ia arrepender e eu disse que não, que não queria mais, que não me ia arrepender Ou seja, nunca foi nada que eles me obrigassem a fazer”. (Participante 5)</p> <p>“Estive em desporto: badmington, estive no basquetebol, estive na natação. Depois tive sobretudo com música, tive em dois coros, numa banda, 3 orquestras e ainda um outro grupo de música assim para saídas de vez em quando”. (Participante 6)</p> <p>“Sim. Estou num dos coros, estou nas orquestras ainda e estou agora na tuna também e estava numa classe de conjunto que entretanto acabou, portanto...” (Participante 6)</p> <p>“A música começou quando era pequenina, quando o “pai natal” deu um teclado de brincar à minha irmã e fui eu que acabei a brincar com ele e então os meus pais perguntaram-me se eu queria ir para a música, “ah realmente, olha era fixe” e então comecei... Comecei a avançar bem e depois os meus professores foram puxando por mim e comecei a aprender vários instrumentos e conheci pessoas e começaram-me a puxar para esse grupo e depois acabei por me integrar nesse grupo”. (Participante 6)</p> <p>“Sem ser o box não vejo mais nenhum. Fui fazendo algumas artes marciais mas nada de muito tempo”.</p>		
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		<p><i>(Participante 7)</i></p> <p>“O meu pai já tinha praticado isso e eu senti aquele bichinho para fazer também e para experimentar, para ver se gostava, se era aquilo que eu queria (...). Eu comecei a gostar e ele depois foi-me motivando”. <i>(Participante 7)</i></p> <p>“Não me estava a sentir muito integrado e então achei que não era muito bem aquele o grupo onde eu queria estar. Ou escolho outro ou deixo de fazer o que tenho para fazer. Ou seja, o facto de eu gostar da atividade não implica que eu vá gostar das pessoas que a estão a fazer”. <i>(Participante 7)</i></p> <p>“Tive num grupo de dança na altura da escola. E também tive no ginásio mas só ia com pessoas amigas, não era bem um grupo, era diferente”. [E atualmente?] “Nada.” [Nem na faculdade?] “Não tenho tempo para isso.” <i>(Participante 8)</i></p> <p>“Muito tempo livre na altura e vontade de fazer algum desporto e as minhas amigas também foram e eu também queria ir, uma forma de me integrar naquele grupo”. <i>(Participante 8)</i></p> <p>“Grupos... Andava no karaté, com um clube, mas não passou disso, mais nada. Entrei em 2008 e foram 4 anos, acho que 4 a 5 anos. (...). Sim mas na altura era pequenino, ainda não tinha entrado para a escola, e não ia para nenhuma competição mas andei bastante tempo [na natação].” <i>(Participante 9)</i></p> <p>“Já andei na piscina e no karaté e agora estou numa indecisão entre a praxe.” (...) “Porque não consigo conciliar as duas coisas, entre a escola, ter que estudar e a praxe.” (...) “A piscina foi por obrigação – pais/médicos, o</p>		
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		karaté por gosto e a praxe foi só mesmo para experimentar coisas novas, ver como é que era.” (<i>Participante 10</i>)		
	Importância do grupo de pares na Integração Social	<p>“Ora bem, se me promove uma maior integração social... eu sou um bocado apologista de que nós nos devemos dar com todos, não sou uma pessoa de... Já fui um bocadinho mais, agora acho que por acaso tenho vindo a mudar esse aspeto na minha vida. Eu acho que agora olho para as pessoas e acho que não as devemos julgar pela primeira aparência. Eu sou apologista de me dar bem com todos e mesmo com aqueles que me dou, promovo não só a própria integração deles mas também das pessoas que os rodeiam, tento não só integrar-me com elas mas também integrá-las comigo ou connosco, depende do grupo em que estiver inserido”. (<i>Participante 1</i>)</p> <p>“Ter amigos já me faz sentir integrada socialmente portanto a maneira como depois estou com eles não é tão importante... ou melhor, não sei... basta ter amigos... estar com o mesmo grupo de amigos no café ou estar com eles em casa de algum deles não me faz muita diferença. Mas o facto de estar com eles faz-me sentir bem”. (<i>Participante 2</i>)</p> <p>“Por causa da comunicação que também consigo porque se tiver sozinha e não tiver amigos posso ter muita coisa para dizer e se calhar até penso de mais mas essas coisas ficam para mim e não são partilhadas. Ao partilhar e ao ouvir o feedback dos outros acho que me faz sentir, pronto, exatamente isso, que sou sociável, que tenho uma vida social e que consigo comunicar”. (<i>Participante 2</i>)</p> <p>“Sem dúvida. Sim, acho que toda a gente precisa de se sentir integrado de alguma forma para se sentir bem. Acho que promove uma maior integração social porque</p>		

	<p>sem os meus amigos eu não vou aos mesmos sítios, sem os meus amigos não ia a festivais, nem a concertos, nem a bares, nem a coisa que se pareça. Não é que tenha assim um grupo de amigos muito grande 2, 3... poucos mas bons". (<i>Participante 3</i>)</p> <p>"Mais ao menos, mas sim, também estou mais à vontade, se sei lidar com eles, acho que também estou apta para lidar com outras pessoas, acho que é por aí. (...) É importante porque me faz sentir bem, estar com eles". (<i>Participante 4</i>)</p> <p>"Acho que sim. Acho que o grupo de amigos é importante para isso, acho eu... Acho que sim... Como é que eu hei-de explicar. Eu acho que o grupo de amigos serve para isso mesmo, para nos integrar. Percebes? Imagina, sei lá, quando eu cheguei à faculdade não conhecia ninguém dali, acabamos por, nas primeiras semanas, no primeiro mês, criar um grupo de amigos, mais restrito, conhecemos toda a gente e tal, mas criamos um grupo mais próximo e isso fez com que nos integrássemos melhor ali porque tínhamos alguém com quem contar...O primeiro ano tem imensas dificuldades e sabíamos com quem contar, se acontecesse alguma coisa sabíamos a quem recorrer ali dentro e se não tivesse esse grupo de amigos, se calhar era mais complicado". (<i>Participante 5</i>)</p> <p>"Sim, tenho alguns que se eu estiver mais envergonhada são capazes de puxar mais por mim ou se eu estiver mais à vontade consigo integrá-los a eles, portanto nesse aspeto ajuda sempre". (<i>Participante 6</i>)</p> <p>"Sim. Eu de um modo geral sou envergonhada quando estou num ambiente novo portanto se eu tiver ao meu lado um amigo convém puxarem por mim e mesmo ao contrário, quando sou eu que estou integrada e trago alguém comigo, consigo puxar por eles para se sentirem</p>		
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>mais à vontade". (<i>Participante 6</i>)</p> <p>"Eu acho que... A influência dos dois ajudou-me a ser uma pessoa mais autónoma e menos envergonhada, estar mais à vontade. Quando era pequenina era muito, muito envergonhada. O facto do desporto ajudou-me porque eu era um bocadinho "cheiinha" de mais e consegui ganhar um bocado de forma e senti-me mais à vontade para estar em público. Na música com as atuações aprendemos a estar mais à vontade e a falar ou a atuar em presença de muitas pessoas, portanto deixa-me mais à vontade, nesse aspeto noto que mudei muito". (<i>Participante 6</i>)</p> <p>"Sim, eles são pessoas sociáveis e conhecem tudo também e com eles tanto estou a conhecer coisas novas como pessoas novas". (<i>Participante 7</i>)</p> <p>"Sim. Porque dá-nos uma... como é que eu hei-de explicar... dá-nos a conhecer outras coisas e pessoas que nós não conhecemos. Por exemplo, uma pessoa que tenha gostos diferentes de uma pessoa... do que estar sozinho. Sinto-me mais sociável". (<i>Participante 7</i>)</p> <p>"Sim, sem dúvida que eles permitem essa integração e eu permito-lhes a eles e isso é importante, sim. A forma como eu convivo com os meus amigos ajuda-me a integrar. Ou seja, se eu integrei-me naquele grupo, é porque realmente somos amigos e sinto-me bem lá. Para o nosso bem-estar, ou seja, nós não vivemos sozinhos, precisamos dos outros para nos sentirmos bem também e eles contribuem para o meu bem-estar e eu acho que contribuo para o deles, através da comunicação e de outros aspetos. Se nós não estamos bem com alguma pessoa não nos sentimos bem connosco". (<i>Participante 8</i>)</p> <p>"Sim. Alguns fatores de socialização aprendem-se nos</p>		
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		<p>grupos de amigos portanto para o futuro vai ser mais importante saber do que falar, há que estar atento e para ter uma maior noção do que se passa em redor, como é que eles estão, como é que não estão”. (Participante 9)</p> <p>“De certa forma... se for alguém com quem não se possa socializar, não vou ter um grupo de amigos naturalmente, por exemplo, não vou ter amigos que não me dê bem, têm de ser todos do mesmo modo, iguais a mim, parecidos...” (Participante 9)</p> <p>“É importante ter um bom grupo de amigos com que me dê bem, para falar com eles, para falar das minhas coisas, para poder espairecer, não estar sempre metido em casa”. (Participante 9)</p> <p>“Sim porque tenho o meu grupo, tenho o meu grupo já estou inserido num meio social e o facto de os meus amigos conhecerem esses amigos vai acabar por... por trazer mais pessoas à minha rede social”. (Participante 10)</p> <p>“Sim, o facto de conhecer mais pessoas já me dá... dá-me mais abertura para as minhas escolhas, para outras realidades. Sinto-me mais integrado com um grupo de amigos”. (Participante 10)</p>		
	<p>Comportamentos no grupo de pares</p>	<p>“É assim eu sempre tive amigos equilibrados como eu, no que toca às saídas à noite, mas também sempre tive outros amigos que se calhar os pais não tinham... até podiam ter mas pronto, hoje consegue-se sempre empreender esquemas para podermos passar a perna aos pais e hoje cada vez mais fácil e com isso quero dizer que tive amigos que chegavam mais tarde a casa ou iam para discotecas ou outros locais de convivência e de lazer mais noturnos, portanto mais horas e muito provavelmente eu</p>	<p>“Durante essa meia hora nada mais se passava a não ser conversarem e fumarem, até que depois metade dos jovens foram-se embora. Este tempo passado entre todos não parecia ser mais do que um momento de convívio entre amigos, onde podem estar à vontade ao ar livre, sem regras e</p>	

	<p>ficava naquela... ficava numa posição, não desconfortável mas tive grande parte deles a dizer: “então, não vieste sair ontem? Podias ter ficado até mais tarde, aquela altura é que foi, devias ter lá estado”. É assim eu nunca me senti mal com isso, sentia-me mal sim se tivesse efetivamente ficado e quando chegasse a casa, os meus pais estivessem tristes e preocupados comigo, em saber porque é que eu não fiz o que eles me pediram. Agora, sim sempre tive amigos que foram um bocadinho mais autónomos do que aquilo que eu fui, mas não creio que isso sinceramente tenha beneficiado, ou seja, não tenha sido benéfico para eles”. (<i>Participante 1</i>)</p> <p>“Eu dou-me bem com toda a gente e portanto penso que sempre integrei grupo de pessoas diferentes e, como tal, somos todos diferentes mas todos iguais mas dos grupos que integrei eu assisti a diferentes tipos de pensar e diferentes formas de agir e de um certo modo influenciou as minhas escolhas porque eu se calhar de um lado via os meus pais a pensar de uma forma, o que claro, influencia a todos, mas por outro lado o nosso grupo de amigos também nos influencia a aderirmos a outro tipo de posições, portanto, a deixarmo-nos levar por outras coisas que possamos fazer ou possamos aderir e portanto eu acho que grande parte... grande parte não digo, posso dizer, a maioria das coisas que fiz até hoje muito provavelmente se não tivesse integrado estes diferentes grupos sociais não tinha feito tantas atividade e não tinha tido tantos momentos que me tivessem proporcionado esta maior autonomia e seleção de posições e de modos de pensar que ganhei hoje”. (<i>Participante 1</i>)</p> <p>“De à uns anos para cá não sei mas entre diferentes grupos de amigos sinto isso. Aqueles com quem eu posso estar mais vezes porque combinam noutras horas ou porque são de outros sítios, sinto-os mais próximos e se calhar outras pessoas que até conheço melhor e com</p>	<p>controlo”. (NT – 05/02/2015)</p> <p>“Entretanto, em frente à Reitoria observava um pequeno grupo de 3 raparigas que se divertiam tirando fotos umas às outras, enquanto transportavam os seus sacos de compras. Enquanto permaneci naquele local, vi jovens a passar acompanhados pelos/as namorados/as e amigos/as”. (NT – 05/02/2015)</p> <p>“Chegando novamente ao recinto do Jardim da Cordoaria, passei por um grupo de 3 rapazes que estavam os três agarrados aos telemóveis. Segui viagem e sentei-me, um pouco mais à frente, a observar um grupo de raparigas sentadas na escadaria em frente à Igreja das Taipas. Este grupo, que era bastante grande, no mesmo espaço, estava dividido em dois pequenos grupos, talvez por uma questão de afinidade entre os elementos. Estavam a ouvir música, tirar fotografias, enquanto o sol ali batia na escadaria. Deste mesmo espaço consigo observar o primeiro grupo de rapazes que referenciei a jogar futebol, nas paredes do Centro Português de Fotografia. Enquanto fazia isto, aproximou-se um outro pequeno grupo que estava sentado no muro</p>	
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>quem me identifico melhor não consigo estar tantas vezes com eles porque combinam à noite no Porto e eu não posso e não tenho autonomia para vir e ponto final, portanto acho que sim, acho que influencia”. (<i>Participante 2</i>)</p> <p>“Sim, em coisas muito simples, por exemplo, estamos todos juntos e é preciso por música se estou com um grupo que gosta mais de um estilo de música e com o outro preferem outro se calhar se eu me identifico mais com o primeiro se estiver no segundo não me vou oferecer para por música porque já sei que as pessoas não se vão identificar. Não é que haja vergonha mas... não sei... o que é que é para algumas pessoas e o que é que não é, pronto...” (<i>Participante 2</i>)</p> <p>“Não. Em termos de comportamento reajo de igual nos dois, só não fumo em frente aos meus pais, como é óbvio. De resto é tudo igual. Quer dizer, varia no sentido em que tenho muito mais à vontade com os meus amigos, mas não diria que é uma diferença muito grande, se a minha mãe fosse uma mosca e tivesse a ver-me como me comporto com os meus amigos ela ficasse completamente chocada. Claro que é diferente. Agora em termos de linguagem é um bocadinho diferente, às vezes lá vai uns palavrões quando estou com os meus amigos que com os pais não acontece, mas também não sou muito de palavrões. Mas também vai mais da aproximação da idade e compreendem melhor as situações em que estou. Se eu por exemplo tiver uma desmotivação na faculdade são capazes de compreender muito mais facilmente que os meus pais, primeiro porque não tiveram na faculdade e a escola deles já passaram à muito tempo e depois também estão sempre a desvalorizar os problemas, eles trabalham e porque os problemas deles é que interessam e assim”. (<i>Participante</i></p>	<p>que circunscreve o espaço do Centro Português de Fotografia, vindo em direção ao grupo de raparigas que estava sentado na escadaria, dando claramente a perceber, pela conversa que estavam a ter, que eram da mesma escola. Aquele grupo estava ali sentado à espera que a professora e o autocarro que os tinha transportado da escola até ali chegassem para os levar de volta. Quando chegou levantaram-se e atravessaram a direita em direção ao autocarro e à professora que os estava a chamar, sem se preocuparem com os carros que estavam a passar, visto que estavam a atravessar fora da passadeira. Enquanto observava isto verifiquei um outro grupo que se encontrava sentado no muro à beira do ISPUP, que se levantou e aproximou-se da turma e o grupo dos 3 rapazes que estavam sentados também fizeram o mesmo, o que dá para perceber que enquanto esperavam pelo autocarro estavam separados, em pequenos grupos, pela afinidade e amizade existente entre eles. Quando este grupo foi embora fui dar mais uma volta na busca de interações juvenis. Fui até à ao jardim da Praça de Lisboa (localizado em cima do famoso café</p>	
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>3)</p> <p>“Existe. Eu sou um bocado preguiçosa e não atinjo o que poderia atingir. Agora em relação ao meu grupo de amigos nunca aconteceu isso, mas também nunca tive ideias muito tresloucadas”. <i>(Participante 3)</i></p> <p>“Não. Quer dizer, influencia sempre, se não podem estar connosco acaba sempre por, de certa forma, afastar porque não passamos tanto tempo com eles; se não podem de noite combina-se de dia, há formas de ultrapassar isso”. <i>(Participante 3)</i></p> <p>“Agora já não, mas quando tinha uns 15 anos, sem dúvida que era porque necessitava de aprovação do meu grupo de amigos, sentia mesmo essa necessidade. Na altura sentia uma maior pressão por parte do meu grupo de amigos. (...) Cada um tornou-se mais autónomo e começamos a pensar mais pela nossa própria cabeça sem ligar tanto, faz parte do crescimento das pessoas”. <i>(Participante 3)</i></p> <p>“Acho que sim, porque por exemplo no andebol as mentalidades são um bocado diferentes, parece que se aglomeram um tipo de mentalidades diferentes e quando saí senti uma grande diferença. Uma liberdade para ser quem sou, basicamente. Para estar mais à vontade sem ter que negar ou esconder; para poder pensar pela minha própria cabeça sem ser julgada. Quando olho para trás: ‘eu fiz aquilo só porque eles achavam que era bom’ e agora olho para trás ‘eu não me acredito que fiz aquilo, é uma vergonha’”. <i>(Participante 3)</i></p> <p>“Sim [há influência do nosso grupo de amigos] mas acho que é mais no início da adolescência, 15, 16 anos. Chega-se aos 19, 20 anos e começa a amenizar” <i>(Participante 3)</i></p>	<p>Costa Coffee). Era aproximadamente 16 horas”. (NT – 05/02/2015)</p> <p>“Deixei-me ficar um pouco mais naquele espaço mas apenas observava jovens a aproveitar o espaço verde e a tranquilidade que aquele local dava. Entretanto decidi ir dar mais uma volta. Passando pelo Centro Português de Fotografia, já não se encontrava lá ninguém e, por isso, segui em frente. Passei a Igreja das Taipas e mais a baixo encontra-se a Escola Artística e Profissional Árvore, voltei novamente para cima e sentei-me disfarçadamente na escadaria da igreja, local normalmente muito frequentado por muitos jovens. Nesta escadaria já se encontravam cerca de 3 a 4 jovens que brincavam uns com os outros, nomeadamente a sentarem-se em cima uns dos outros, enquanto ouviam música nos seus telemóveis”. (NT – 05/02/2015)</p> <p>“Voltando novamente ao jardim da Praça de Lisboa, já só se encontravam duas jovens sentadas na relva, curiosamente na parte em que ainda batia o sol. Mais, a música que se ouvia no espaço</p>	
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

		<p>“Não, por acaso não [mudou a relação com o grupo de amigos] porque mesmo que não esteja, que não possa estar, porque eu posso sair mas eu nem sequer tenho tempo para sair portanto acho que... eu estou com eles aqui na faculdade, é quando eu passo mais tempo com eles, claro que falo com eles depois mas... não, acho que não”. (<i>Participante 4</i>)</p> <p>“Não. Acho que também tem a ver com a personalidade e... agora acho que não se precisa de ser influenciada pelo teu grupo para seres aceite, acho que isso já passou”. (<i>Participante 4</i>)</p> <p>“Sim, lidava com pessoas diferentes mas não era diferente, dava-me como me dou com as pessoas, se calhar falava menos porque passava menos tempo com eles e não os conhecia tão bem e não tinha tanto à vontade, mas acho que não era assim tão diferente”. (<i>Participante 4</i>)</p> <p>[Com os meus amigos] “Sinto-me mais à vontade porque somos todos semelhantes”. (<i>Participante 6</i>)</p> <p>“Essa é difícil... ahhh... eu penso que geralmente não. As vezes em que me tiram mais... É quando saímos à noite porque quase todos os amigos gostam de beber álcool e eu não gosto e alguns amigos tentam insistir comigo mas como eu não gosto normalmente mantenho. De resto nós temos mentalidades relativamente semelhantes ou conseguimos aceitar as diferenças. Há algumas situações em que tentam pôr um bocadinho de pressão, mas também não insistem, quando uma pessoa não quer... portanto eu acho que não”. (<i>Participante 6</i>)</p> <p>“Com os meus amigos estou um pouco mais à vontade</p>	<p>envolvente já tinha sido desligada”. (NT – 05/02/2015)</p> <p>“Mantive-me ali sentada cerca de 15 minutos, até que as duas jovens foram embora e o local ficou deserto. Nessa altura, apenas via pessoas a utilizarem o espaço do jardim para se deslocarem de um lado da rua para o outro. Foi então que me levantei e me dirigi para a Reitoria, passando pela entrada principal em direção novamente aos bares que se encontram do outro lado da rua”. (NT – 05/02/2015)</p> <p>“Encostados às grades, de costas para o rio, encontravam-se 4 jovens a conversar, a rir, a fumar e a ouvir música. Sentados na relva estavam vários jovens: 1 grupo de amigos a estudar matemática, um jovem a ler um livro, enquanto o seu cão ia passeando pela relva, uma jovem sentada ao telemóvel e um outro rapaz, também ele sentado na relva, a ouvir música de auriculares. Mantive-me um pouco mais no local dando uma volta pelo jardim”. (NT – 05/02/2015)</p> <p>“Por baixo da escadaria principal encontravam-se 4 jovens a conversar e a fumar”. (NT – 19/02/2015)</p>	
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>para dizer as minhas piadas e assim, mas nada do que eles façam me vai influenciar a mim, eu faço aquilo que eu achar que está bem para mim”. (<i>Participante 7</i>)</p> <p>“Não, alguns amigos meus fumam e bebem, mas eu só bebo em festas e controlado”. (<i>Participante 7</i>)</p> <p>“Não. Acho que tenho idade para isso”. (<i>Participante 7</i>)</p> <p>“Não foi mudando, até porque comecei a conhecer pessoas novas e aquele tipo de pessoas não é o que eu gosto realmente numa pessoa e então fui-me afastando”. (<i>Participante 7</i>)</p> <p>“Não, eu se vou fazer aquilo que quero, vou-me sentir bem com aquilo que quero, mas se for para o lado deles posso já não me sentir tão bem, posso-me estar a sentir como uma obrigação”. (<i>Participante 7</i>)</p> <p>“Não, porque apesar de tudo vamos continuar a ser sempre amigos”. (<i>Participante 7</i>)</p> <p>“Em relação aos meus amigos, por acaso não acho que os princípios deles sejam muito diferentes dos meus. Até acho que nós damo-nos bem porque temos princípios semelhantes, o que eu acho que quero eles também querem por isso não noto muito essa diferença. Mas sim, se calhar há pessoas que não têm os mesmos princípios que eu e depois revela-se na responsabilidade. Por exemplo, no querer, poder e fazer. Eu não tenho no meu grupo de amigos ninguém que fume, ninguém deles fuma, mas certamente na faculdade eu tenho pessoas que fumam, e isso aí até pode não ter a ver com os princípios que os pais dão, porque se calhar os pais não deram esse exemplo, ou se calhar até deram, e eles fumam e não fumam, mas é um exemplo”. (<i>Participante 8</i>)</p>	<p>“Entretanto, enquanto o tempo passava, comentavam entre eles que achavam estranho “eles ainda não terem chegado”, o que dava claramente a perceber que tinham combinado encontrarem-se ali com mais amigos, contudo ainda não tinham chegado, até àquele momento. Um deles deu então de ideia saírem dali e deslocarem-se para a parte principal do edifício mas o outro achando que estavam lá pessoas com quem ele não queria estar a partilhar o espaço, disse que era melhor não e explicou o motivo. Como não tinham a certeza se realmente lá estavam um deles disse que ia dar uma volta para verificar quem lá estava e que vinha já. Foi então ver e passado pouco tempo chegou dizendo que poderiam ir para a parte da frente, pois estava livre. Foi então que pegaram nas mochilas e nos skates e foram”. (NT – 19/02/2015)</p> <p>“Aquilo que encontrei foram alguns jovens dentro do espaço a lanchar e outros no exterior a fumar”. (NT – 19/02/2015)</p> <p>“Dei uma pequena volta e cheguei ao Península às 17:10 horas; momento em que encontrei os primeiros jovens a sair e a dizer que queriam comer mas que não</p>	
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>“Sim, é capaz, antigamente sim. Certamente que um pai dizia que não e não íamos ou um dizia que sim e o outro dizia que não e acabávamos por não ir, porque uns iam e os outros não iam, antigamente certamente que sim, agora não, acho que existe um grau de confiança que permite que... e isso antigamente afetava o nosso bem-estar porque ficávamos chateados”. <i>(Participante 8)</i></p> <p>“Sim, acho que sim. Claro que cada um tem a sua opinião e o que quer fazer mas... não sei nenhum exemplo prático... mas se alguém me mostrar melhores razões para eu fazer outra coisa, eu certamente seguirei, se concordar seguirei esse caminho. Eu tenho a minha opinião e muitas vezes sigo o que eu acho, mas podem-me revelar fatores mais positivos para mim e não vou fazer o que acho mas vou fazer o que as pessoas dizem porque se calhar tem mais sentido do que aquilo que eu pensei”. <i>(Participante 8)</i></p> <p>“As drogas, sendo ilegais, não acontecem no nosso grupo. Conduzir com álcool no sangue também não, é sempre transportes públicos e temos sempre a noção da segurança e nunca ninguém fica sozinho, vai sempre tudo junto para casa”. <i>(Participante 9)</i></p> <p>“Cada um tem a capacidade de perceber se quer fazer aquilo ou se não quer. No meu grupo de amigos ninguém é obrigado a fazer nada, ninguém leva a mal se não fumares, é igual. Ninguém obriga ninguém a nada”. <i>(Participante 9)</i></p> <p>“Também fui crescendo, há algumas coisas que fazia agora, que não fazia antes”. <i>(Participante 9)</i></p> <p>Fumar. Comecei recentemente, acerca de 1 ano, 1 ano e</p>	<p>tinham dinheiro. Esta conversa acontecia no momento em os jovens tiravam uma selfie de recordação do momento”. (NT – 19/02/2015)</p>	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

		<p>meio e fui alterando e também fui crescendo, fui tomando as minhas decisões”. (<i>Participante 9</i>)</p> <p>“Não porque se não estamos juntos num momento, estamos juntos noutra e... não é pelo facto de não estarmos juntos todas as vezes que vamos deixar de ser amigos, por isso...” (<i>Participante 10</i>)</p> <p>“Não. Sinto que mesmo que o restante grupo não queira o que eu quero, eu consigo dizer que não e seguir a minha ideia”. (<i>Participante 10</i>)</p> <p>“Não. Acabo por ser sempre a mesma pessoa quando estou com o meu grupo de amigos, como sou no meu grupo de amigos, sou nesses grupos”. (<i>Participante 10</i>)</p>		
		<p>“Agora com a escola depende um bocado das pessoas, se for por exemplo com os professores ou, sei lá, com os próprios funcionários trata-se de uma relação mais formal, com os professores até é uma relação aliás mais pedagógica, em que acho que não devemos... não é não nos devemos dar tão bem mas como é uma relação pedagógica, o aluno não deve passar certos limites com o professor porque senão poderá influenciar a relação. Mas de resto com colegas ou mesmo com os meus amigos da faculdade eu dou-me bastante bem e penso que apesar de não ser uma relação igual à da família, não deve estar muito longe”. (<i>Participante 1</i>)</p> <p>“Ao meio escolar, como é que encaro a minha vida, é difícil... Não sei, agora ainda por cima estou a começar, ainda estou a conhecer”. (<i>Participante 2</i>)</p> <p>“Sinto-me bastante perdida, porque até agora tinha um objetivo que era entrar na faculdade e agora entrei e então... é um mundo novo e sinto-me completamente</p>		

Impacto do meio escolar na vida juvenil

perdida. É complicado, a avaliação é diferente e depois para além disso o curso onde eu estou também tem uma forma de avaliar bastante diferente dos outros cursos, basicamente ainda não tivemos testes de nada, só trabalhos que ainda não foram apresentados, ou seja, ainda ando para ali um bocado perdida, é mesmo essa a palavra”. (*Participante 2*)

“Sim, acho que sim. Por exemplo, outro grupo que era o grupo da escola. Na altura, naquela idade em que se começa a experimentar fumar e não sei quê, e beber muito. Por exemplo, eu por estar inserida num grupo de desportistas que era o grupo da natação, nunca vi interesse naquilo mas tenho noção que se calhar se não estivesse na natação tinha visto as coisas com outros olhos e se calhar tinha arriscado, como via todos a fazer e nunca me motivou”. (*Participante 2*)

“Em relação ao meio escolar quero ter sucesso mas não sou daquelas pessoas que só pensa naquilo e que só quer estudar. Acho que há outras coisas que também são muito, muito importantes e que são desvalorizadas, como é o caso da cultura, na minha opinião, da arte, acho que é importante ler e ter um pensamento reflexivo, não é só o que está nos livros da escola e o que os professores dizem, não é só isso que importa”. (*Participante 3*)

“Eu também sou contra algumas coisas que se passam no ensino superior, como são dadas as aulas... é decorar teorias e nem sequer se pensa na reflexão do estudante, nunca aparece isso num exame “a sua reflexão sobre um tema”, nunca aparece, é só espetar lá o que se decorou e depois aparecem pessoas com 20 porque têm memória fotográfica e nem reflete o que sabem, ou não, sobre o assunto. Na minha opinião, a matéria é importante porque temos que nos basear em alguma coisa para darmos a nossa opinião, mas é importante a impressão do

		<p>que fica do que nos foi dado, não propriamente saber debitar uma teoria. E acaba também por me afetar psicologicamente porque a motivação também é completamente diferente”. (<i>Participante 3</i>)</p> <p>“No meio escolar... É assim, também está tudo tranquilo apesar de algumas dificuldades em relação a algumas disciplinas. Há coisas que nos ultrapassam mas é o único fator que não está tão bem”. (<i>Participante 8</i>)</p> <p>“Sim, eu acho que sim. Por exemplo, com os nossos pais a nossa atitude muda mas por exemplo na minha turma eu tenho pessoas de faixa etária superior à minha, ainda um bocado, 40 e tal anos e então a forma como eu falo com os meus colegas, os da minha idade, é um bocado diferente com a que eu falo com elas. Com o mesmo nível de respeito mas é um bocado diferente no à vontade. É um bocado por aí”. (<i>Participante 8</i>)</p>		
--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

**Perspetivas do
Lazer e dos Espaços Urbanos**

**Influência da
cidade nos
lugares
ocupados pela
Juventude**

“É assim, o Porto felizmente é uma cidade que promove muitos eventos ao longo do ano, portanto, além desses espaços por todo o Porto se realizam vários eventos, nomeadamente de carácter gastronómico, cultural, sei lá, cinematográfico, fotográfico, portanto tem sempre estas vertentes que as pessoas podem explorar e que o próprio Porto investe e acho que é muito bom e muito importante para uma pessoa poder aprender de uma forma não tão formal”. (*Participante 1*)

“Sim, o espaço escolar é sempre importante, como nós sabemos, mas eu penso que os outros espaços não só são importantes do ponto de vista de socialização mas também do ponto de vista de aprendizagem, porque como eu já referi as pessoas não aprendem só na escola mas também a conhecer outros lugares e a socializarem com as pessoas que frequentam esses mesmos lugares”. (*Participante 1*)

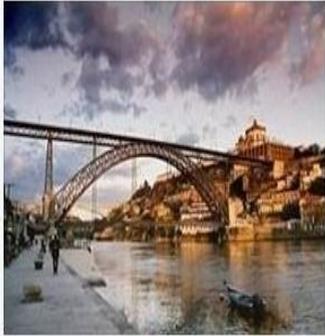
“Tem pelos espaços que disponibiliza” (*Participante 2*)

“Sim, tem os espaços disponíveis para os jovens e influenciam a presença dos jovens. Não sei, tipo a biblioteca e museus e assim, acho que acabam por abrir um bocado a mente às pessoas e dá-lhes uma sensibilidade artística. Os bares claro é uma coisa mais para lazer mas o lazer também é importante para o bem-estar, obviamente”. (*Participante 3*)

“Sim, acho que sim. Porque por exemplo se a cidade for muito movimentada se calhar os jovens também, depende do que preferirem, ou procuram um sítio mais movimentado ou um sítio mais sossegado e aí vai influenciar os lugares que tipo, mais ocupados, acho que sim”. (*Participante 4*)

“Dá, então, para perceber, nesta situação, que as razões dos jovens estarem na cidade é por diversos motivos: uns foram em atividade escolar, outros usam o espaço no tempo entre aulas e outros por lazer”. (NT – 05/02/2015)

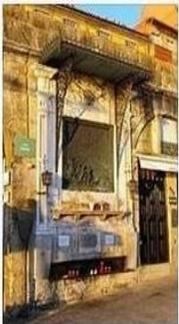
	<p>“Acho que sim. Porque acho que... sei lá... por exemplo, na minha turma tem muita gente que não é daqui e que não conhece a cidade do porto e acho que o que nós lhe vamos mostrar mais rápido são aqueles sítios que eu falei, tipo, os bares, a ribeira, os aliados acabam por conhecer, mas acho que é aquilo que a cidade oferece, é aquilo que a cidade tem, claro que tem muito mais mas de interesse mais para os jovens acho que é isso, e acho que sim, que tem influência nesse tipo de coisas”. <i>(Participante 5)</i></p> <p>“O facto de saírem e irem para esses sítios... sim acho que sim, se tivermos mais acesso a mais coisas, a tendência para sair será maior”. <i>(Participante 6)</i></p> <p>“Tem, porque se tratar deles e nós cuidarmos também, vai haver sempre mais alguém para frequentar esses espaços”. <i>(Participante 7)</i></p> <p>“Aqueles que eu falei dos Clérigos e Aliados, pode ser uma atracão um bocado mais forte por causa das discotecas e assim. Não sei se influencia a forma como eles se comportam, se calhar sim. Os concertos, as festas, as saídas à noite cativam os jovens para o centro da cidade. Acho que é mais esses aspetos, não acho que seja tanto exposições ou museus. Lá está, eu acho que vê mais atracão dos jovens universitários para exposições e essas coisas e há outro tipo de jovens que vai só para discotecas. Há um bocado dos dois”. <i>(Participante 8)</i></p> <p>“Acho que não. Não influencia muito. Nós podemos ir... o grupo é que decide para onde vai, pode ficar no centro, pode ficar nos aliados, pode ir para um café. A cidade não tem assim grande influência na escolha”. <i>(Participante 9)</i></p> <p>“Sim, de certa forma sim, são perto de paragens de autocarros que facilita, paragens de metro, ronda esses locais, onde esses locais ficam todos à beira desses sítios”.</p>		
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		(Participante 9) “Eles têm... a cidade tem os bares e tem as esplanadas e tem as discotecas mas... acaba por não ser responsável porque os jovens vão para onde querem”. (Participante 10)		
	Espaços utilizados pelos/as jovens na cidade	<p>“Ora bem, depende se estivermos a falar de dia ou de noite. Mas se tivermos a falar, por exemplo, para frequentar durante o dia... espaços de lazer... eu considero muito importantes e muito bons espaços como a Casa da Música, a Fundação de Serralves, ali em Gaia, por exemplo, a Casa Soares dos Reis... mais aqui no Porto sei lá... o Palácio de Cristal também... tem também depois o Museu do Carro Elétrico, que acho que é absolutamente importante em termos de cultura principalmente para quem vive aqui no Porto, sobretudo. Eu acho que são espaços em que podemos visitar exposições e mesmo em termos de cultura uma pessoa acho que se engrandece. Agora se tivermos a falar de espaços noturnos, se calhar o lazer é um bocadinho diferente porque são espaços onde uma pessoa aproveita mais para conviver com outras pessoas e ao mesmo tempo desfrutar de outros luxos, nomeadamente de beber ou fumar, que são as coisas que nos dias de hoje revestem essencialmente a socialização entre as pessoas. Esses espaços, eu poderia enumerar, por exemplo, a Ribeira, ali pela zona dos bares, outra zona de bares é ali pela zona do Piolho, perto da Praça Carlos Alberto e, ao mesmo tempo, perto da Reitoria, um outro espaço de lazer assim à noite...”. (Participante 1)</p> <p>“Neste momento não tenho, pelo menos de dia, não tenho frequentado tanto os espaços que referi ao bocado mas conheço e já frequentei, já fui ver várias exposições ao Museu de Serralves, ao Palácio de Cristal não tenho ido tanto mas costumo ir lá à biblioteca Almeida Garrett à</p>	<p>“Aquilo que observei foi que todas as mesas que estavam ocupadas por jovens, uns fumavam, outros ouviam música, outros namoravam e outros ainda estavam a ler enquanto tomavam o seu café”. (NT – 05/02/2015)</p> <p>“Como era um dia de sol, aquilo que observei foram vários jovens a aproveitar o espaço verde daquele jardim. Viam-se casais a namorar, outros deitados na relva enquanto o sol ali batia e como naquela praça existe um café, era visível também a presença de alguns jovens sentados na esplanada a ouvir a música ambiente que o mesmo estava a disponibilizar, o que dava um ambiente acolhedor ao espaço”. (NT – 05/02/2015)</p> <p>“Mais tarde, uma situação que para mim foi interessante foi ser interpelada por um dos jovens que se encontrava na escadaria da Igreja das Taipas, perguntando-me se tinha isqueiro ao qual respondi que não. Esta situação seria normal</p>	<p>5 [Redacted] Algo que é de destaque na cidade do Porto é a zona da beira rio, uma vez que é um local sempre agradável para passear ou tomar um copo, assim como apreciar a bela paisagem do rio douro. Sem duvida que é um sitio que todos os portuenses devem aproveitar pois para além de ser lindíssimo também promove contacto com outras pessoas nomeadamente turistas e promove ainda a diversão, sendo a ribeira um dos locais mais associado a uma das maiores noites do ano, o são João do porto. É um dos meus locais de eleição 😊</p>  <p>28/2 às 15:34 · Não gosto 🍷 1</p>

	<p>beira, portanto, para estudar, mesmo de dia gosto também de ir à zona das Galerias Paris porque tem ali uns café onde também gosto de estudar. Agora à noite, pronto, é que eu acho que tenho frequentado um bocadinho mais, uma vez que durante o dia uma pessoa tem que dar cada vez mais importância aos estudos e aos trabalhos e às tarefas que nos impõem. Nós a única altura de lazer maior, será mesmo à noite, que é onde uma pessoa, pelo menos eu, aproveito para ir frequentar os tais bares e zonas onde estão a passar música e onde uma pessoa pode relaxar um bocadinho mais”. <i>(Participante 1)</i></p> <p>“Disponibilidade mesmo para nós, não conheço. É os cafés, é o normal. Há a casa da juventude, que é o sítio onde podemos estar assim mais à vontade, às vezes também nos encontramos na biblioteca para estudar e assim mas não é propriamente local de lazer. Jardins quando está bom tempo, cafés. Temos o piolho, os leões, o jardim da cordoaria, os aliados tem umas estátuas boas para nos encostarmos, e acho que basicamente é isso”. <i>(Participante 2)</i></p> <p>“Temos monumentos também, os clérigos, o palácio de cristal, o centro português de fotografia e há outros mas não me lembro e que se calhar por ser de cá nunca visitei por acaso nem tenho noção de quantos há. O facto de ser de cá não nos leva a visitá-las ou a vê-las como espaço de lazer, é o porto, pronto”. <i>(Participante 2)</i></p> <p>“Os bares, o Piolho, o Palácio de Cristal, Jardim das Virtude, Cordoaria, Museus, Bibliotecas, até diria Faculdades se não soasse tão mal. Eu vou falar por mim, de dia procuro coisas mais ativamente culturais, enquanto à noite é só diversão, sem nenhuma vertente cultural.” (...) “Todos, só não frequento discotecas.” <i>(Participante 3)</i></p> <p>“Espaços verdes... espaços de lazer pode ser os cafés...</p>	<p>se o restante grupo não estivesse a fumar e se o jovem em causa não fosse novamente para a beira dos amigos, acender o seu cigarro e fumar. Dá claramente para perceber que apesar de ser um espaço público, a verdade é que por vezes surgiam olhares, por não me conhecerem enquanto frequentadora daquele espaço, já que na sua maioria, é ocupado exclusivamente pelos jovens da escola <i>Árvore</i>”. (NT – 05/02/2015)</p> <p>“Como já estávamos perto da hora do lanche, o movimento nos bares já começava a ser completamente outro, mas comparando o movimento nesses bares e no <i>Costa Coffee</i>, onde passei minutos depois, o segundo tinha muito mais movimento, tanto na esplanada, como no interior, já que muitos eram os jovens que estavam a aproveitar o espaço não só para lancharem mas também para estudarem, tanto sozinhos como em grupo. Neste momento são 17 horas”. (NT – 05/02/2015)</p> <p>“Aquilo que observei na utilização do espaço envolvente à rotunda da <i>Boavista</i>, foi um grupo de rapazes a passar, outro grupo também ele de rapazes trajados, um grupo de raparigas que passava mesmo atrás do anterior grupo referido, bem</p>	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>claro que os sítios para sair à noite... mas acho que os melhores são mesmo os espaços verdes porque é onde as pessoas estão mais à vontade e podem realmente socializar-se". (Participante 4)</p> <p>"Parque da cidade... tem um parque que também gosto muito que é... ai não me estou a lembrar... é perto do piolho e dá para ver o rio... não me estou a conseguir lembrar do nome... é um sítio muito escondido, é à beira da escola Árvore, por trás... Jardim das Virtudes, também é muito calmo que não está lá quase ninguém. O jardim à beira do Costa Café também é bonito, é recente". (Participante 4)</p> <p>"Sim, menos se calhar os bares e assim, é muita confusão, prefiro estar na rua, sentadinha a conversar". (Participante 4)</p> <p>"Espaços de lazer... bares... No geral, acho que é isso que os jovens gostam de fazer". (Participante 5)</p> <p>"Sei lá... Tem os coisos do teatro também, no Porto... o Coliseu do Porto. Eu acho que é isso... Ah e depois tem, a Ribeira por exemplo, que as pessoas costumam ir para lá passear, o Caís, os Aliados também, esse tipo de sítios" (Participante 5)</p> <p>"É assim, do centro do porto eu não conheço bem, ali em Gaia é mais a zona do Cais. Quando venho com os meus pais costumo ir mais para a zona da Via Catarina e para a zona do Arrábida, que são as zonas que a gente conhece melhor". (Participante 6)</p> <p>"Existem, eu vejo muitas vezes na faculdade, até organizam festas e tudo e jantares temáticos de Natal, ou do que seja, e bem. Tem zonas para jantar e bares e discotecas". (Participante 6)</p>	<p>como outro grupo de raparigas sentadas num dos bancos presentes na rotunda, a conversarem entre si. Muitas pessoas utilizam a rotunda para atravessar de uma parte para a outra de forma mais rápida, outras sentam-se nos bancos para aproveitar e para namorar e outras pessoas encontravam-se sozinhas". (NT – 19/02/2015)</p> <p>"Enquanto aqui estava sentada pensava no quanto era interessante o que estava em meu redor: encontrava-me num local reconhecido pelos jovens como sendo um local de cultura na cidade, porém aquilo que frequentam por lazer é o seu espaço exterior e não os acontecimentos culturais no interior. Ou seja, a Casa da Música torna-se um local de convívio com os jovens que por ali se encontram". (NT – 19/02/2015)</p> <p>"Começaram a treinar acrobacias específicas que ainda não conseguiam fazer na perfeição, mas como estavam na entrada do parque de estacionamento subterrâneo da Casa da Música, estavam com especial atenção a todos os carros que por lá saíam, parando sempre que algum se</p>	<p>2 Quando penso na cidade do Porto ocorre-me imediatamente a imagem da torre dos clérigos. Provavelmente, por ser um ícone da invicta, até a nível turístico, mas também porque acho que é um local muito bonito a qualquer hora do dia, principalmente quando visto dos jardins da cordoaria.</p>  <p>4/3 às 20:21 · Não gosto · 1</p> <p>6 O que mais associo quando penso no Porto é no cais de Gaia... Primeiro de tudo, porque é do que tenho mais próximo e onde vou mais frequentemente quando quero ir "descontraír" um bocado com alguns amigos ao ar livre; para além disso, acho que é uma zona lindíssima, com uma grande atracção turística e um ambiente fantástico 😊</p>  <p>4/3 às 22:06 · Não gosto · 1</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>“Parque da cidade, praia, shoppings e não estou a ver mais nenhum. Que eu conheça e que frequente às vezes são esses”. (<i>Participante 7</i>)</p> <p>“Por exemplo... Não estou a ver nenhum. Ah, a casa da música e o parque da frente” (<i>Participante 7</i>)</p> <p>“Os shoppings é inevitável, a marginal de Leça, os bares, onde passamos muito tempo no verão, o Parque da Cidade, onde fazemos lá piqueniques, mas é muito raro, uma vez por ano. Agora de noite quando queremos sair à noite é muito raro e não fazemos isso muitas vezes, quando é, é por volta dos Clérigos e Aliados. Não sei se tem muito a ver, mas por exemplo... Campos de futebol... Praias... Estou a tentar lembrar-me dos que frequento”. (<i>Participante 8</i>)</p> <p>“Então os que existem: Praias, Campos de futebol, Parque da cidade, shoppings, Bares, Restaurantes, Lojas. Desses utilizo os bares, shoppings, praia, marginal, cinema. Eu podia-te dizer também museus, mas eu não frequento. Museus, exposições, teatros, cinema, festivais, concertos, coliseus.” (<i>Participante 8</i>)</p> <p>“No meu grupo é mais cafés, ficamos pelos cafés, pelas galerias, mas existem também discotecas, não sou fã mas às vezes é para ir, é para ir, não há nenhum problema e não me sinto contrariado”. (<i>Participante 9</i>)</p> <p>“Aqui no Porto maioritariamente é o Piolho ou as Galerias”. (<i>Participante 9</i>)</p> <p>“Não. Para mim, lazer é estar com o meu grupo de amigos em algum lado e fazermos o que queremos, mas não passa disso, só mesmo cafés”. (<i>Participante 9</i>)</p>	<p>aproximava. Iam treinando no espaço que circunscrevia a entrada do parque e o corrimão onde eu estava sentada. Enquanto treinavam as conversas centravam-se nas acrobacias que estavam a fazer, nas que não conseguiam fazer direito e ainda na dor que um deles estava a sentir no músculo que estava a impossibilitar-lhe fazer tudo quanto queria”. (NT – 19/02/2015)</p> <p>“A seguir, os primeiros que eu observei a treinarem nas plataformas vieram para o canto onde estavam os outros dois jovens e eu sentada. Sendo assim, juntaram-se os 4 naquele espaço pequeno, em grupos de 2, visto que não houve comunicação entre o primeiro grupo de jovens e o segundo que chegaram depois. Passado poucos minutos, os segundos jovens que se tinham deslocado para aquele espaço voltaram novamente para o local onde se encontravam inicialmente, ficando novamente o espaço para os outros dois jovens”. (NT – 19/02/2015)</p> <p>“Quando lá cheguei sentei-me um pouco no espaço e ao meu redor observei alguns casais de jovens a sentados a namorar nos bancos do</p>	<p>10 [Redacted] uma imagem que, na minha opinião, descreve a cidade do Porto, seria da avenida dos aliados, pois dá acesso a cafés, onde se pode desfrutar uma boa tarde, a bares, onde podemos passar a noite com amigos, existe, também, restaurantes de todo o tipo e, para mim, é o coração da cidade, da avenida dos aliados podemos ir a qualquer lugar do Porto</p>  <p>5/3 às 18:11 · Não gosto 1</p> <p>9 [Redacted] a ribeira, para mim, é um dos locais que melhor representa a cidade do Porto pois é um local extremamente bonito e agradável para se passear durante o dia e, atrativo durante a noite devido aos vários cafés existentes.</p>  <p>5/3 às 18:57 · Não gosto 1</p>
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>“Bares, discotecas, shoppings, parques ao ar livre...” (Participante 10)</p> <p>“Cafés... Basicamente são os mesmos sítios, só que a população geral não se enquadra tanto nos bares, a população mais adulta, mais já a entrar nos 40, 50, já não se enquadram, eles continuam a estar lá disponíveis mas...” (Participante 10)</p>	<p>jardim. Olhando para a Casa da Música vi ainda lá os 4 skaters e os 4 jovens debaixo da escadaria principal a fumar. Observei também jovens sentados no jardim e outros na relva que se encontra ao centro da rotunda. Deixei-me estar um pouco naquele espaço, vendo um grupo de praxe em atividades. Além deste grupo que utilizou o espaço para atravessar de um lado para o outro, muitos mais foram aqueles que o utilizaram com esse propósito”. (NT – 19/02/2015)</p> <p>“Chegada à Avenida dos Aliados, mais precisamente à entrada do Mcdonald’s, viam-se muitos jovens sentados na esplanada a comer gelados. A movimentação era alguma, desde mímicos na rua a tirar fotografias com turistas, a engraxadores de calçado. Por outro lado, encontravam-se também alguns jovens sentados à volta das estátuas que se encontram no centro da avenida. Enquanto dava uma volta pela avenida dos Aliados, apareceu a Tuna feminina da Faculdade de Direito da Universidade do Porto que começou a sua atuação ali. Ouvei um pouco daquilo que estava a ser a prestação delas e decidi seguir em direção ao Teatro Rivoli.</p>	<p>7 [Redacted] Se tivesse que descrever o porto numa imagem seria esta. A famosa ponte das barcas que na história como sabemos não deixou que a nossa cidade fosse dominada pelos franceses deixando assim o porto uma cidade invicta e histórica.</p>  <p>8/3 às 20:58 · Editado · Não gosto · 2</p> <p>4 [Redacted] esta é a imagem que na minha opinião representa o porto, não só pela vista sobre o rio, a ribeira e gaia mas também porque é um dos meus locais favoritos. Para além disso é um sítio de convívência e para mim uma das características mais importantes no porto é a atitude e a simpatia das pessoas, que para mim não se iguala em nenhum outro lugar.</p>  <p>8/3 às 20:56 · Editado · Não gosto · 1</p>
--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p>Quando lá cheguei vi vários grupos de jovens que se encontravam à entrada do teatro a conversar e, minutos depois, entraram. Estava neste dia a decorrer o Fantasporto 2015, pelo que se deviam encontrar naquele espaço com esse propósito”. (NT – 05/03/2015)</p> <p>“Em frente ao Rivoli, mais precisamente na escadaria, encontravam-se dois casais heterossexuais sentados, mais alguns grupos de amigas, todos eles a conversarem. Sentei-me então também na escadaria, ficando as jovens à minha frente e o Rivoli do meu lado direito. Minutos mais tarde, mais precisamente às 15:20 horas, apareceu um casal homossexual que se sentou na escadaria à minha frente. Durante o tempo em que ali estive, observei sessões de praxe a ocorrer, estando caloiros a cantar e a berrar enquanto passavam com os seus doutores por aquela rua”. (NT – 05/03/2015)</p> <p>“Sendo assim, encontrei um grupo de praxistas sentado a jogar cartas (reconhecendo-os pelo traje académico que traziam vestido), outros jovens sentados na esplanada a comer gelados e a beberem sumos, enquanto</p>	
--	--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

			<p>conversavam em grupo. Mais ainda, encontravam-se também muitos nas compras e a aproveitarem os últimos saldos, vendo muitos a passarem com sacos de compras de marcas de lojas que se encontram naquela rua. Entretanto, mesmo em frente ao shopping Via Catarina, já se encontrava a tuna feminina da Faculdade de Direito, que entretanto subiu também dos Aliados para Santa Catarina. Estavam a cantar e a fazer peditório/angariação de fundos às pessoas que passavam e que as viam atuar”. (NT – 05/03/2015)</p> <p>“Ao chegar ao Centro Português de Fotografia observei um grupo grande de jovens a jogar futebol. Sentei-me para perceber o que estava ali a acontecer e minutos depois apercebi-me que eram dois grupos: um grupo constituído por jovens do Porto (alguns dos primeiros que observei no início deste dia) e um grupo de estrangeiros. Encontravam-se num jogo amigável, com um ambiente muito bom entre eles. No mesmo espaço onde se encontravam a jogar, um pouco afastadas estavam um grupo de raparigas estrangeiras que acompanhavam os jovens que estavam a jogar. Vi um pouco do</p>	
--	--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

			jogo até que entretanto terminou e a equipa que ganhou foi a dos turistas, com a diferença de um golo. Cumprimentaram-se todos uns aos outros e os jovens turistas foram ter com as amigas e foram embora e os jovens do Porto mantiveram-se sentados no muro a conversarem, até que aos poucos foram-se indo embora daquele espaço”. (NT – 05/03/2015)	
	<p>Significado atribuído aos locais ocupados (sozinhos e/ou com companhia) pelos/as jovens</p>	<p>“Não, eu se tiver acompanhado com o meu grupo de amigos sou capaz de ir para um bar ou uma discoteca, portanto nós vamos dançar ou vamos ... não vai ser um ambiente em que a gente fale tanto mas ao fim e ao cabo estamos juntos e acabamos por dançar e evidentemente que poderemos beber também. Agora se tiver sozinho posso eventualmente frequentar... não frequento se calhar estes espaços de dança e música, não tanto, mas sou capaz de entrar, por exemplo, num bar um pouco mais calmo e ir beber um copo ou simplesmente tomar um café, apenas para desfrutar da música que esse bar, portanto, normalmente será um bar com música um bocadinho mais calmo e será um ambiente menos pesado e, sim, de vez em quando gosto de ir à noite sozinho, já não seria a primeira vez”. (<i>Participante 1</i>)</p> <p>“Eu gosto de lhe chamar relaxamento porque nós durante a semana como eu já referi nós temos, portanto, as aulas e temos os nossos trabalhos e temos as nossas tarefas, nós estamos essencialmente focados para aquilo e portanto nós quando chegamos ao fim da semana, nós queremos dispersar um bocadinho disso, portanto queremos afastar um bocado dessa área e portanto nós</p>		

		<p>para relaxar, nós acabamos por ir para um espaço que apesar de nós dançarmos e provavelmente em termos de atividade física exercemos imensa, mentalmente ficamos mais relaxados porque acabamos por sair um pouco mais tranquilos connosco mesmos e sentimos que aquela... raiva... não é raiva... Exatamente, stress, já foi deitado cá para fora e contribui para o meu bem-estar". (<i>Participante 1</i>)</p> <p>"Sim. Sozinha ou em grupo tanto a estudar, estou bem a estudar em cafés, se calhar até vou para o mesmo café onde combinamos estar". (<i>Participante 2</i>)</p> <p>"No caso do café já sinto um bocado como se estivesse à vontade lá, já me conhecem, já conhecem os meus amigos, se for lá sozinha ate me perguntam por eles e acaba por dar assim algum conforto". (<i>Participante 2</i>)</p> <p>"Tirando os bares, sim. Sozinha sinto-me completamente constrangida. A presença deles é importante para me sentir bem nesses espaços". (<i>Participante 3</i>)</p> <p>"Diversão, cultura acima de tudo que para mim é muito importante". (<i>Participante 3</i>)</p> <p>" "Sim, por norma sim" " [sozinha ou acompanhada são os mesmos espaços] "Não" [não inibe ir sozinha a lado nenhum]" (<i>Participante 4</i>)</p> <p>"Depende, são muito diferentes, uns é paz e sossego, outros é festas e festarolas". (<i>Participante 4</i>)</p> <p>"Sim. Não vou sozinha aos bares, de resto acho que sim. Às vezes vou passear sozinha, ou para a praia, esqueci-me de falar na praia, é bom sim". (<i>Participante 5</i>)</p>		
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>“Não tem piada, falta os amigos. Um bar é para divertir e para divertir acho que é preciso estar lá os amigos. Há maneiras de divertir diferente, é verdade, mas para nos divertir naquilo que um bar pretende e naquilo que é o significado de ir a um bar, ou ao Piolho, ou a esse tipo de espaços, é necessário os amigos, só assim é que nos vamos conseguir divertir”. <i>(Participante 5)</i></p> <p>“Olha, o Piolho por exemplo e todos aqueles bares à beira do piolho têm um significado... Eu e o meu grupo de amigos adoramos a praxe e gostamos mesmo de viver aquilo e então o Piolho tem muito o significado de praxe e muito ligado a tudo aquilo que passamos no ano de caloiro. o nosso ano de caloiro foi o ano passado e temos muitas memórias ali. É muito importante e gostamos imenso de lá estar, todos juntos, porque acabamos por reviver um bocadinho daquilo que vivemos o ano passado. Os aliados, por exemplo, também têm essa ligação e... e foi um dos primeiros sítios que nós fomos. Eu estou a falar do grupo de amigos atual, porque tenho outros amigos mais antigos, mas não tenho estado muito tempo com eles, estou a falar do grupo de amigos atual, da faculdade. E pronto... também foi dos primeiros sítios onde fomos, e tal, e pronto tem esse tipo de ligação e esse significado de serem os nossos sítios. São aqueles sítios onde começou e onde criamos a amizade que temos agora e o grupo que somos agora”. <i>(Participante 5)</i></p> <p>“Normalmente quando estou sozinha não saio tanto, acabo sempre por ficar por casa, quando estou com amigos saio sempre mais”. <i>(Participante 6)</i></p> <p>“Ir sozinha para um local onde não se está tão à vontade, é como eu disse no início, o facto de estar num grupo de</p>		
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>amigos ajuda a integrar, portanto se for sozinha sinto-me um bocado deslocada, não estou à vontade”. (<i>Participante 6</i>)</p> <p>“Sobretudo o Cais, que é o local onde eu convivo mais com eles, apesar de tudo, é mais um momento para estarmos entre todos, falarmos, é um momento mais de paz e não pensar nos problemas, estar mesmo para relaxar, é por aí”. (<i>Participante 6</i>)</p> <p>“A zona do Cais com o rio ao lado e tudo, é uma zona que inspira calma e depois tem a zona da restauração ao lado e bebidas, sei lá, se alguma coisa for preciso, para estar a conviver e há música ambiente e tudo e é um ambiente agradável”. (<i>Participante 6</i>)</p> <p>“Sozinho raramente, só quando vou andar de bicicleta ou andar por aí sozinho... algumas vezes é que frequento agora... com amigos frequento mais”. (<i>Participante 7</i>)</p> <p>“Porque acho que com amigos... Vou estar lá e o tempo vai passar mais rápido, vou estar lá a divertir e não sei quê. Sozinho vai ser um bocado monótono. Estar só a ouvir musica, sei lá”. (<i>Participante 7</i>)</p> <p>“Porque são espaços que outros jovens frequentam também e então encontramos-nos todos”. (<i>Participante 7</i>)</p> <p>“São o nosso divertimento. O nosso espaço de... nos sentirmos nós. Podemos fazer aquilo que queremos, não tudo, não podemos estar ali a estragar as coisas mas fazer aquilo que nós gostamos, contar piadas, divertirmo-nos, estarmos com as nossas namoradas e é isso”. (<i>Participante 7</i>)</p>		
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>“Não, é mais com o meu grupo de amigos. Sozinha nem tanto porque eu não gosto de andar sozinha”. (<i>Participante 8</i>)</p> <p>“Talvez a diversão, descontração, relaxamento, um bocado mais de refúgio ao que nós fazemos durante a semana, um lugar de convivência, comunicação”. (<i>Participante 8</i>)</p> <p>“Talvez por serem mais perto de casa, mais acessíveis, onde convivem mais gente da nossa idade, um local onde nos encontremos todos, sabemos que tem mais gente conhecida, não vamos estar só nós... talvez. Eu quando vou para esses sítios é uma forma de convivermos uns com os outros porque fora isso, ao fim-de-semana não há mais nada”. (<i>Participante 8</i>)</p> <p>“Sim... Indo sozinho nem tanto. Sou capaz de ficar em casa ou a estudar ou a jogar, mas com os amigos sempre, sempre os mesmos. Sozinho não me motiva a ir”. (<i>Participante 9</i>)</p> <p>“Tem sempre alguma piada estarmos com alguém que nós conhecemos, mesmo que seja só mais um elemento, tem sempre a sua piada, estarmos com quem queremos, falarmos do que queremos e sozinhos não acontece, não é tão apelativo”. (<i>Participante 9</i>)</p> <p>“São acolhedores, as pessoas tratam-nos bem, os funcionários já nos vão conhecendo a dada altura e nunca há grandes problemas, são sempre pacíficos”. (<i>Participante 9</i>)</p> <p>“Nada de especial, é um local para lazer mesmo”.</p>		
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		<p><i>(Participante 9)</i></p> <p>“Não, porque se estou sozinho é um momento para mim e não uso esses espaços que estão mais direcionados para um convívio se bem que quando... também posso, também já fui e ainda vou sozinho mas... ou é para estar noutra sítio quando não me apetece estar em casa...”.</p> <p><i>(Participante 10)</i></p> <p>“No meu quarto... cafés de vez em quando...”.</p> <p><i>(Participante 10)</i></p> <p>“Não têm nenhum. Vamos tomar café, acabamos por tomar café sempre num sítio perto que dê para toda a gente... para a maior parte do nosso grupo de amigos poder ir... mas sem ser isso é só um sítio de maior facilidade, mais nada”. <i>(Participante 10)</i></p>		
--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Características evidenciadas pelos/as jovens, relativamente à cidade do Porto

8

Na minha opinião, a francesinha é algo que caracteriza muito bem a cidade do Porto, uma vez que esta atrai muitos curiosos a prová-la e é conhecida mundialmente.



28/2 às 15:10 · Não gosto · 1

1

Se eu tivesse que descrever o porto com uma imagem, seria esta a escolhida para tal efeito, visto que o Porto é uma cidade bela de todo o tipo de perspectivas e feitos, mas se há algo que se destaca é a sua dimensão arquitectónica que é tão interessante, tão simples e ao mesmo tempo tão fascinante e que tantos turistas atrai a vê-la nos seus diversos pontos históricos e monumentais.



5/3 às 0:30 · Não gosto · 1

				<p>7 [redacted] porto é turismo, é historia e futebol 8/3 às 21:05 - Não gosto - 👍 3</p> <p>2 [redacted] Concordo com turismo e historial 😊 O terceiro ponto podia ser relacionado com a afectividade, com o calor característico das pessoas da invicta 8/3 às 21:13 - Não gosto - 👍 1</p> <p>5 [redacted] Concordo plenamente com as três caraterísticas dadas pelo [redacted] [redacted] Se bem que acho que com o tempo se está a perder um pouco da verdadeira história e essência da cidade invicta. 8/3 às 23:52 - Não gosto - 👍 1</p> <p>6 [redacted] O turismo e a história, concordo; a parte do futebol já não é muito a minha área xD Como terceiro ponto, concordo com a afectividade das pessoas que a [redacted] referiu, é algo que associo muito à cidade do Porto (sobretudo comparando com outras grandes cidades do nosso país) 10/3 às 1:16 - Não gosto - 👍 1</p> <p>4 [redacted] concordo com a [redacted] e a [redacted], turismo, história, e a afectividade. 10/3 às 10:56 - Não gosto - 👍 1</p>
--	--	--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

				<p>10 [Redacted] também concordo com as características enumeradas pelo [Redacted] se bem que a afetividade mencionada pela [Redacted] é mais geral, pelo que "toca" mais nas pessoas e, assim, será um melhor terceiro tópico 11/3 às 17:18 · Não gosto 👍 1</p> <p>8 [Redacted] Concordo com as características mencionadas pelo [Redacted] : turismo e historia, mas também a afetividade que falou a [Redacted] 13/3 às 9:52 · Não gosto 👍 1</p> <p>9 [Redacted] Estou de acordo com com as características mencionadas pelo [Redacted] , turismo e história, e pela [Redacted] , afetividade. 13/3 às 22:25 · Não gosto 👍 1</p> <p>1 [Redacted] A cidade do porto constitui-se em 3 pontos chave: turismo, devido ao maior e cada vez mais constante número de estrangeiros que vêm apreciar as nossas paisagens; gastronomia, pelos nossos pratos requintados e tão deliciosos, sem deixar de enfatizar a crescente importância que a francesinha tem tido; e ainda história, dado toda a conjuntura que há por de trás da construção e processos de desenvolvimento desta nossa cidade. 15/3 às 22:17 · Não gosto 👍 1</p> <p>1 [Redacted] Concluindo, e pegando no que já foi dito pelo [Redacted] , penso que o porto está de facto intimamente relacionado com pontos como o turismo e história. O meu terceiro ponto seria, então, a gastronomia, tal como já expliquei. 16/3 às 0:08 · Não gosto 👍 1</p> <p>[Redacted] Sónia Costa Pelas vossas respostas dá para perceber claramente que dois dos pontos mencionados por todos foi o "Turismo" e a "História". Como terceiro ponto foram mencionados o "Futebol", a "Gastronomia" e a "Afetividade - calor característico das pessoas da invicta". Contudo, o ponto mais mencionado foi a "Afetividade". Sendo assim, caracterizam a cidade do Porto como sendo: turismo, história e afetividade. 16/3 às 13:14 · Gosto 👍 2</p>
--	--	--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Questões relacionadas com a vivência na cidade do Porto

Porto enquanto
Cidade
Educatória

- 5** [Redacted] Não conheço o conceito e não sabia que o Porto era uma Cidade Educatória
28/3 às 13:05 - Não gosto - 👍 1
- 2** [Redacted] Eu também não conheço e também não sabia
28/3 às 13:15 - Não gosto - 👍 1
- 8** [Redacted] Não conheço o conceito e também não sabia
28/3 às 13:44 - Não gosto - 👍 1
- 9** [Redacted] Não faço ideia de qual seja o conceito, e também não sabia
28/3 às 18:49 - Não gosto - 👍 1
- 10** [Redacted] Como já foi referido, também não conheço o conceito e, também, não sabia
28/3 às 19:10 - Não gosto - 👍 1
- 6** [Redacted] também não conheço, portanto, também não sabia...
29/3 às 19:53 - Não gosto - 👍 1
- 1** [Redacted] Não conhecia, mas gosto de pensar que tem que ver com o facto de ser uma cidade que se preocupa em educar a sua população, isto é, providenciar meios e contribuir com determinados fins para que esta se possa instruir e culturalizar, no fundo, educar-se. Não sabia de facto, que o porto se definia como uma cidade educadora.
3/4 às 0:21 - Não gosto - 👍 1
- 7** [Redacted] nao conheco
4/4 às 2:03 - Não gosto - 👍 2
- 4** [Redacted] Não conheço!
15/4 às 20:05 - Não gosto - 👍 1

	<p>Alterações para a cidade do Porto, do ponto de vista dos/as jovens</p>	<p>“Ora bem, é uma pergunta interessante. Eu acho que neste momento, uma coisa que eu... que o Porto poderia apostar, no que toca à utilização dos jovens, era para nós podermos melhorar os índices de pessoas que se encontram desabrigadas e a viver na rua, isto é, eu noto que aqui à uns anos acho que o número de pessoas desempregadas e a viver na rua está cada vez maior e acho que poderiam apostar nos jovens, sobretudo, para assegurar funções de distribuir alimentação, promover eventos que pudessem ajudar este tipo de pessoas, porque era da forma também que não só melhorava o curriculum dos jovens mas também os ajudava a ajudar, passo a redundância, estas pessoas que mais necessitam nesta altura e que, infelizmente, o Porto não consegue dar resposta aos pedidos de socorro deles mesmo”. (Participante 1)</p> <p>“Eu acho que neste momento, os eventos que o Porto promove não são só direcionados para os jovens mas para todo o tipo de pessoas, desde os mais novos até aos mais velhos mas se tivessem que promover mesmo direcionado só para os jovens ... eu acho que é continuar a apostar neste tipo de atividades e de eventos de cariz cultural e que tanto cativa os jovens, nomeadamente concertos, festivais de música, festivais de artes, que acho que é das coisas que mais atrai as pessoas da minha idade”. (Participante 1)</p> <p>“Sei lá, talvez um sítio... eu só conheço a casa da juventude de Matosinhos mas, por exemplo, quando está a chover e nós queremos sair da faculdade e queremos ir para algum lado é complicado, às vezes os cafés temos de consumir, na faculdade, no meu caso, ando numa faculdade pequena porque é um pólo independente, não nos interessa estar lá dentro a conversar, até temos espaço lá dentro, mas não nos interessa porque passamos</p>		<p>✓ Vista por todos</p> <p>2 [Redacted] Para além da limpeza da cidade, desde as fachadas dos edifícios, aos becos e às cabines telefónicas, criava espaços mais abertos aos jovens, estilo casa da juventude ou algo do género. Há muitos cafés no porto onde podemos estar, mas nem sempre estamos dispostos a consumir algum produto naquele local para podermos estar ali, apenas a conversar uns com os outros.</p> <p>Para além disso, melhorava a comunicação da marca "porto." especificamente com os jovens. É uma imagem fresca, moderna, surge em representacao da cidade, mas não sinto, enquanto jovem, ligação a ela, apesar de me sentir muito ligada (e cada vez mais) à invicta. Criar o reconhecimento do publico mais jovem na marca ia, com certeza, ajudar a sua dinamização e penso que só traria vantagens.</p> <p>Acho que era isto... 😊</p> <p>19/3 às 11:52 · Não gosto 🍌 2</p> <p>7 [Redacted] Eu criaria mais skate parques porque acho que existem poucos e tambem criaria mais locais proprios para graffitis para fazer com que a cidade nao ande toda pintada ou de alguma maneira diminuir isso</p> <p>19/3 às 15:22 · Não gosto 🍌 2</p> <p>10 [Redacted] criaria mais espaços de lazer, como esplanadas, parques, etc. espaços de estudo abertos 24h, penso que seria uma mais valia, pois é algo que faz falta. acrescentava mais segurança para espaços noturnos, isto é, nas zonas de bares, baixa e mesmo espaços mais recônditos colocaria mais seguranças, para as pessoas não se sentirem tão inseguras ao passar por certos sítios</p> <p>19/3 às 16:48 · Não gosto 🍌 1</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>lá o dia todo, até queremos ir para algum lado, mas trazemos todos lanche de casa e não queremos tomar café, se calhar um espaço com que não nos tivéssemos de comprometer quando estamos lá” (<i>Participante 2</i>)</p> <p>“Acho que deveria de haver mais divulgação em termos culturais porque acho que não há suficiente, principalmente através do facebook. Às vezes vou dando com coisas mas é quase aos trambolhões, ou por mero acaso. Não encontro assim um site ou qualquer coisa ligada à cidade do Porto que diga o que vai exatamente acontecer, em vários aspetos, não só cultura mas também de desporto e assim. Ter um local, neste caso, utilizando as novas tecnologias que divulgasse tudo que ia acontecendo na cidade do Porto, pelo menos o mais importante. Mas acho que também, nestes últimos tempos, a cidade do Porto é uma cidade cada vez mais pensada para os jovens, com cada vez mais iniciativas, por exemplo, concertos nos Aliados e nem só para os mais jovens, até a minha mãe, já fui a um concerto com ela ver os Azeitonas, o que promove um pouco também o convívio com pessoas que não sejam só da nossa idade e que são também da nossa família, também é importante”. (<i>Participante 3</i>)</p> <p>“Uma coisa que ninguém vai dizer que é... cafés onde possam entrar animais de estimação que acho que é importante porque quando vais passear o teu cão estás com amigos e ou vais para o parque porque não podes ir tomar café porque não dá para ele entrar lá e acho que isso poderia haver. Sim, acho que é isso, porque de resto acho que está tudo bem”. (<i>Participante 4</i>)</p> <p>“Acho que o conceito associado à noite do Porto, acho que está muito ligado a beber álcool até cair e esse tipo de coisas e acho que isso era uma coisa que deveria ser</p>		<p>8 [redacted] Eu criaria espaços abertos aos jovens quer para o estudo, quer para o convívio entre amigos, uma vez que os que existem exigem dinheiro por isso. Para além disso, propunha a criação de workshops, mas que realmente fossem ao encontro dos interesses dos jovens. Por fim e como já referido, melhorava a limpeza e segurança da cidade do Porto. 21/3 às 18:57 - Não gosto 👍 2</p> <p>9 [redacted] a criação de espaços abertos tanto para o estudo como para o convívio e o aumento da segurança são aspectos fundamentais como já fui referido. Também propunha a criação de mais eventos na cidade para a dinamização da mesma 23/3 às 14:30 - Não gosto 👍 1</p> <p>5 [redacted] Como já referido, criava mais espaços dedicados aos jovens, nomeadamente espaços tipo e-learning, mas abertos 24h, bem como espaços de convívio, tipo cafés que tivessem tipo parcerias com as faculdades para que os jovens pudessem ser uma espécie de associados, em que havia um valor mensal se "sócio" e não tinham que pagar mais sempre que frequentassem esse espaço. Para além disso, acho que muito importante é o redobrar da segurança em todos os locais 26/3 às 18:01 - Não gosto 👍 1</p> <p>6 [redacted] dos termos de comparação que tenho com a minha cidade, no Porto existem muitos espaços para jovens ou para estudo, whatever xD, facilidades de transportes tmb acho que tem imensas; a única coisa que noto e penso que faria mais falta seria realmente o aspeto da segurança (já referido por alguns). Sobre tudo mais à noite, confesso que não me sinto propriamente à vontade em algumas zonas da cidade... 26/3 às 19:10 - Não gosto 👍 1</p>
--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>mudado, eu sei que tem a ver com a mentalidade mas se calhar também não só dos jovens, também existe outras pessoas, ah e tal vamos sair à noite, vamos sei lá para o piolho, ah e tal vais sair de lá toda bêbeda... acho que deveria ser... acho que faz falta outro conceito para o Porto e para os jovens que vão para a noite do Porto, para a cidade do Porto, acho que é isso que deveria ser alterado". (Participante 5)</p> <p>"Por acaso não, mesmo tendo em conta a cidade de Aveiro acho que aqui é tudo muito mais centrado, há maior acesso de transportes, portanto é relativamente fácil uma pessoa deslocar-se a todos os locais... Eu acho que não, é assim a zona onde eu estou em Gaia... a zona à beira da faculdade é um bocadinho remota, não tem grande coisa ao lado mas se descermos a rua até ao Cais ou subirmos até à zona da Arrábida, apanhamos um autocarro, ou o metro, nós temos transportes ali ao lado, portanto facilita um bocado nesse aspeto". (Participante 6)</p> <p>"Eu pessoalmente não sinto falta de nada. Para mim o Porto está bem assim. A opinião deles não sei que nunca lhes perguntei. Eu pessoalmente não alterava nada, deixava estar assim, está bonita assim. Mudava era o aspeto a algumas coisas. Casas abandonadas e assim, estão a estragar um pouco a imagem da cidade, mas de resto está bonita". (Participante 7)</p> <p>"Agora... integrando os jovens na sociedade, por exemplo, há jovens que não se sentem integrados, por exemplo, às vezes até no seu próprio grupo de amigos e... mais... podiam criar mais... mais atividades... não é atividades, tipo posso chamar assim atividades para os jovens que se</p>		<p>1 [Redacted] Tal como já referido, criaria mais espaços que pudessem receber os alunos e todas as pessoas que quisessem ou precisassem de estudar depois da meia noite bem como também aumentaria o numero de espaços com máquinas de comida e bebida para os mesmos se poderem servir durante as noites de estudo. A segurança também é um ponto forte que deve ser melhor visto, pois nos locais que se frequentam na baixa e por aqueles lados ha sempre incidentes de violência social que não podem continuar a subsistir, pelo que a policia e outros demais órgãos do controlo noturno deviam ter uma função mais ativa e redobrada. 28/3 às 3:30 · Não gosto · 1</p> <p>4 [Redacted] Mais espaços verdes, restauro das fachadas e casas antigas do porto, como já referido a limpeza e alguns espaços próprios e cedidos para graffitis. 28/3 às 18:47 · Não gosto · 1</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>sentem assim mais afastados”. (<i>Participante 7</i>)</p> <p>“Não é só atividades. Por exemplo, há jovens que não se sentem bem onde estão e se fosse feita alguma coisa para que eles se integrassem com as pessoas e fizessem amigos e conhecessem pessoas novas se calhar ia integrá-los mais na sociedade, ou não. Depende das pessoas que eles conhecerem, se forem, uma pessoa muito influenciável, conhecer mais pessoas, vai pelo mesmo caminho também, sobretudo conhecer pessoas que queiram conhecer outras pessoas novas. Agora...”. (<i>Participante 7</i>)</p> <p>“Mais atividades, não digo a nível de desporto, porque ainda existe workshops e assim mas mais atividades de outro género, sem ser de desporto, não sei, talvez mais entretenimento ao fim-de-semana. É... Mais atividades que nos desenvolvam. Senti dificuldades em encontrar mais espaços voltados para os jovens, talvez ao ar livre. Desportos em equipa...era uma coisa que se o meu grupo de amigos quisesse entrar eu entrava” (<i>Participante 8</i>)</p> <p>“Mais metros à noite em vez de acabarem às 2 da manhã, para poder haver mais facilidade de transporte e mais nada. O número de cafés está bom. A cidade já tem alguns eventos que chamam, por exemplo, o d’bandada chama imensa gente, se houvesse mais desses eventos ao longo do ano chamaria ainda mais mas acho que não está mal”. (<i>Participante 9</i>)</p> <p>“Acho que não há nada, porque os sítios... os espaços são gerais, é só uma questão de comercialização, de se atrair mais um determinado tipo de pessoas a frequentar mais esses espaços, só é uma questão de fazer mais publicidade e encontrar uma forma de atraí-los”.</p>		
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		<p><i>(Participante 10)</i></p> <p>“Sim, encontrar estratégias de atração, basicamente”. <i>(Participante 10)</i></p> <p>“Não, acho que a cidade tem todas as opções pelo menos a maior parte delas estão presentes”. <i>(Participante 10)</i></p>		
--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

O que faz os/as
jovens
quererem viver
(ou não) na
cidade

1 Gosto de pensar que esta cidade continuarãa ter imensos visitantes estrangeiros e que conseguirã permanentemente cultivar e promover toda a sua riqueza em todos os seus diversos aspetos, desde a própria história até gastronomia e outros temas derivados que tanto intrigam a conhecer esta linda zona de Portugal.

Quanto aos motivos que me fariam continuar aqui, penso que se devem não só ao facto de ter nascido e estudado no Porto, o que por si só já me prendem imenso a esta cidade, mas também o facto de querer trabalhar na minha área enquanto cientista da educação nesta cidade aliando as minhas funções à cultura, isto é, estar integrado ou ser responsável pela gestão de eventos culturais e consagrã-los enquanto motores de educação altamente produtivos e importantes para o desenvolvimento e evolução da nossa sociedade. Penso que não há nada que me faça querer abandonar esta cidade, independentemente dos defeitos que possa ter.

3/4 às 0:28 · Não gosto · 1

2 Nunca vivi noutra sítio a não ser no porto, portanto é natural que gostasse de cá ficar. No entanto, enquanto profissional de comunicação, tanto na area da assessoria como do jornalismo, entendo que a possibilidade de ter de ir por exemplo, para Lisboa, não pode ficar completamente fechada. Por outro lado, acredito que o porto ainda se vai afirmar como uma grande cidade, com capacidade para ser um centro de grandes acontecimentos, com interesse a nível económico e social e, por isto, penso que devo cá ficar e ajudar a levar o nome da invicta a todos os cantos do mundo.

Acho que é isto 😊

3/4 às 2:16 · Não gosto · 1

10 como vivi e estudei sempre no porto, sinto, naturalmente, uma grande ligação a este cidade, mas devido ao estado económico tanto da cidade como do país respetiva à área de enfermagem, sair do porto e, claro está, de portugal é uma forte possibilidade para mim. Continuarã a viver nesta cidade se essas condições se alterassem.

3/4 às 10:51 · Não gosto · 1

				<p>6 [redacted] como não sou natural do Porto (só estudo por estes lados xD), obviamente gostaria de voltar à minha cidade. Contudo, não descarto de todo a ideia de um dia me mudar para cá (sobretudo por motivos profissionais, pelo facto de estudar e estagiar cá, considero a possibilidade de cá ficar, é uma cidade agradável, porque não? 😊) 3/4 às 13:03 · Não gosto · 👍 1</p> <p>7 [redacted] Nasci aqui no Porto obviamente que gostava de cá ficar mas o problema por vezes não é a cidade mas sim o proprio país. Penso acabar os estudos e ficar por cá mas se tiver melhor oportunidade fora porque não tentar, apesar de tudo o Porto continua a ser a minha cidade. 4/4 às 2:09 · Não gosto · 👍 1</p> <p>9 [redacted] Vivi e estudei sempre no porto, e como tal gostava de permanecer na cidade, mas pensando em termos profissionais e tendo em conta a situação económica do país terei de sair se quiser ter melhores oportunidades. 6/4 às 14:34 · Não gosto · 👍 1</p> <p>8 [redacted] Sempre vivi e estudei no Porto, e portanto, gostava de poder exercer cá minha profissão. Contudo, estar ligada ao ramo da educação faz com que essa hipótese em Portugal seja quase excluída e, por isso, se encontrar uma proposta de trabalho fora da minha cidade, ou fora do meu país, certamente a aceitarei. Por fim, os motivos que me fariam continuar no Porto eram o facto de estar perto dos meus familiares e amigos e claro, de ser a cidade onde sempre vivi. 8/4 às 17:53 · Não gosto · 👍 1</p>
--	--	--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

				<p>5 [Redacted] Vivo e estudo no Porto e adoro a minha cidade e tudo que de melhor me tem dado (que efetivamente tem sido imenso) e como é óbvio gostava de poder continuar nela. Mas a realidade é que não me permito a mim mesma depois de todo o esforço para entrar e continuar na faculdade, tirar a licenciatura para poder ter um futuro melhor, ficar num país que muito pouco tem para me retribuir (depois de tudo que os estudantes lhe dão), principalmente na profissão que escolhi. Daí, por uma questão profissional imagino a abandonar a cidade do Porto e o próprio país. Mas com certeza que o Porto será sempre a minha cidade, a melhor, a que vivi os melhores momentos, a que cresci, a que aprendi, a que ri e chorei. Adoro o Porto, a cidade em si, as pessoas, os sítios tudo e como tal é com muita pena que diga que a vou ter que deixar. Mas com certeza a levarei sempre comigo. 11/4 às 11:51 · Não gosto 👍 1</p> <p>4 [Redacted] Os motivos pela qual gostava de continuar a viver no porto são porque é a cidade onde cresci e tenho as pessoas que gosto, por gostar do ambiente da cidade, da simpatia da frontalidade e do á vontade das pessoas, para além de ter alguns locais que me fazem sentir completamente em casa. Os motivos pelo qual poderia querer sair da cidade é pela baixa probabilidade de vir a arranjar emprego na área que estudei. 15/4 às 20:13 · Não gosto 👍 1</p>
--	--	--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

O futuro da cidade do Porto no ponto de vista dos/as jovens

1 Penso que no futuro esta cidade continuará a intrigar diversas pessoas, sendo estrangeiras ou não, porque o Porto, como se tem vindo a manifestar, é uma das cidades mais bonitas e mantidas em conta de acordo com os rankings europeus e as mais diversas opiniões no mundo, não só pela gastronomia que a caracteriza, mas também pela história que a constitui, pelas condições meteorológicas amenas e atrativas que oferece, pelas várias paisagens e locais apaziguadores que se podem conferir, já para não falar da própria população que se demonstra ser bastante sociável e sempre pronta a ajudar quando necessário e onde assim o for 😊
3/4 às 0:35 - Não gosto - 1

2 No futuro imagino o centro histórico do porto reabilitado. Penso que os edifícios e as casas serão recuperadas pelo crescente interesse em investimentos nesta zona devido aos reconhecimentos que a cidade tem recebido no presente pelas fantásticas características já tantas vezes referidas. Esta será a imagem mais presente quando penso no futuro do porto. Como consequências disto, saliento o aumento do turismo, que fará com que a cidade tenha de adquirir uma nova dinâmica, bastante mais ativa, em áreas como a cultura, por exemplos, e na disponibilidade (e capacidade) de receber eventos grandes e importantes. Penso que, em suma, é isto! Um porto maior e com uma posição bem marcada!
3/4 às 13:21 - Editado - Não gosto - 1

				<p>10 [redacted] imagino um porto com uma maior afluência de turistas, onde grande parte das habitações mais antigas tenham sido restauradas, como já tem vindo a acontecer. Mais dinâmico, ou seja, com um carácter mais ativo para receber projetos de escala mundial. Também, gostava de acreditar que a situação dos sem-abrigo estivesse melhor resolvida, na medida em que houvesse alojamento para todos e para aqueles que escolhem viver na rua, haver espaços destinados para tal efeito, com o mínimo das condições. Em suma, o porto maior, mais dinâmico e mais solidário 3/4 às 10:57 · Não gosto ·  1</p> <p>6 [redacted] Imagino cada vez mais turistas, acho que é uma cidade com muita cultura e muitos pontos atrativos 😊 3/4 às 13:04 · Não gosto ·  1</p> <p>7 [redacted] Imagino uma cidade mais limpa e recuperada porque seria uma pena deixar cair na ruína uma história e uma cidade tao bonita como a do porto. E claro mais turistas 4/4 às 2:12 · Não gosto ·  1</p> <p>9 [redacted] Imagino uma cidade com uma maior afluência turística, com as habitações mais antigas todas restauradas e com um maior apoio aos estudantes com a criação de espaços de estudo. 6/4 às 14:27 · Não gosto ·  1</p>
--	--	--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

				<p>8 [Redacted] No futuro imagino a cidade do Porto muito mais desenvolvida, quer ao nível do comércio, devido ao aumento de turistas com interesse em conhecer a nossa cidade, quer ao nível da tecnologia. Para além disso, imagino ver parte dos edifícios restaurados e inovados e com maior cuidado ambiental (maior preocupação com a reciclagem; utilização de transportes ecológicos). 8/4 às 17:45 · Não gosto ·  1</p> <p>5 [Redacted] Imagino a cidade do Porto com ainda mais turistas, com mais espaços dedicados aos jovens, com mais apoios para os estudantes quer a nível financeiros como a nível de espaços de estudo. Imagino também uma cidade mais segura. Mas, infelizmente, com menos jovens portugueses, que com o tempo têm sido obrigados a emigrar. 11/4 às 11:54 · Não gosto ·  1</p> <p>4 [Redacted] sinceramente não imagino um futuro assim tão positivo se as pessoas continuarem com alguns dos hábitos que mantem hoje em dia. Imagino uma cidade menos limpa, com menos espaços verdes, mais fábricas e poluição, menos jovens e a cidade um pouco mais degradada, apesar de desejar precisamente o contrário, é este o cenário que imagino. 17/4 às 20:01 · Não gosto ·  1</p>
--	--	--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Perspetivas sociais sobre a Sociedade e a Juventude

“Claramente porque independentemente de serem novos, velhos, juventude, adultos, idosos, acho que a sociedade não é dissociada de nenhum destes grupos e independentemente da sociedade e a própria juventude serem imutáveis, nomeadamente nos seus comportamentos, valores, atitudes, sentimentos, pronto... acho que se a juventude não existisse a própria sociedade não se desenvolvia e ao fim e ao cabo a própria sociedade também influencia a juventude portanto acho que não há um desenvolvimento normal se ambos não estiverem em sintonia, tanto um como o outro se ajudam a desenvolver e se nós formos a ver as coisas deste prisma acho que não pode haver só pessoas velhas a trabalhar ou a fazer este mundo mover. Portanto as pessoas novas também têm de ser valorizadas, também são pessoas que um dia mais tarde se irão tornar mais velhas mas que ao fim e ao cabo vão contribuir para o desenvolvimento da própria sociedade”. (Participante 1)

“Acho que sim, primeiro porque a juventude é o futuro da sociedade, por isso acaba por ser a base, acaba por ser o que é mais importante na sociedade. Por outro lado, se a sociedade não tiver bons exemplos, a juventude vai basear-se nos maus exemplos que a sociedade dá, por exemplo, vai ser complicado assegurar uma sociedade nova, com bons exemplos para a juventude que virá a seguir. A sociedade, penso em todas as pessoas, desde as mais novas até às mais velhas e uma coisa que eu sinto muito é que os mais velhos às vezes não respeitam muito os mais novos, o que pode levar a juventude a ficar um bocadinho revoltada com isso e se calhar a não ter tanto amor pela sociedade em que está inserida e depois acabam por ficar um bocado revoltados pelo que vêm acontecer à volta e não têm vontade de mudar e se calhar têm vontade de mudar de cidade e aqui é tudo velho e

“Percebia-se claramente que existia um pouco de gozo destes 4 jovens perante o senhor mais velho com que eles estavam, até porque o discurso se baseava em expressões, como: “chuta, oh boi”; “anda andor”. Aquilo que estavam a fazer enquanto proferiam estas palavras era jogar ao meio, em que arranjavam sempre forma de ser o senhor a fazê-lo e, posteriormente, atiravam a bola contra a parede do Centro Português de Fotografia, fazendo de baliza uma das portas laterais e quem fazia sempre de guarda-redes era esse senhor, que na maioria das vezes fugia da bola devido à força com que a atiravam, que se via perfeitamente que era com o objetivo de o magoarem, até porque se riam sempre que ele fugia, pedindo-lhe para se manter lá”. (NT – 05/03/2015)

“Enquanto estive mais alguns minutos ali sentada, verifiquei, de forma clara, os olhares reprovadores e fixos (vindos tanto de jovens como de pessoas adultas) que faziam às jovens que estavam sentadas na escadaria de mãos dadas e abraçadas, acontecendo mesmo ter visto pessoas a parar à frente delas enquanto olhavam fixamente, e

	<p>tratam-nos todos mal e acham que a juventude, somos todos uns marginais e se calhar aqui em Portugal pensam todos em pequeninos, têm todos essa atitude e em Londres não se vê nada disso, o meu sonho é ir viver para Londres, para um sitio civilizado onde as pessoas se respeitem, por isso acho que sim, se calhar se a sociedade tivesse um papel mais positivo na vida dos jovens os jovens conseguiam ter um papel mais positivo na vida da sociedade”. <i>(Participante 2)</i></p> <p>“Haver influência da sociedade na juventude há sempre. Os nossos comportamentos são regidos pelo que temos à nossa volta, pelos nossos exemplos, normalmente vêm das pessoas mais velhas, temos de ter algum tipo de orientação para saber o que é correto. Agora se os jovens influenciam a sociedade... até certo ponto sim mas se calhar não até ao ponto que deviam. Acho que poderiam ter uma vida política mais participativa mas acho que se calhar nunca foram chamados para isso. Acho que para além de ficarem muito na ignorância também não há ninguém que lhes estique a mão e diga “isto é assim”. Não tem de ser propriamente os partidos, devia ser uma organização partidária. Até eu não percebo muito bem certas coisas que se passam no país, isso é assustador, mas não sei a quem recorrer para me informar mais. Acho que deveria haver alguma associação voltada para os jovens que pudesse atuar em várias frentes e com divulgação, porque se calhar até existe mas não é divulgado”. <i>(Participante 3)</i></p> <p>“Sim... a juventude agora é... Vai ser, claro, já faz parte da sociedade. Sim, a sociedade por um lado também tipo constrói a juventude porque por um lado influencia e às</p>	<p>que iam depois embora a falar sozinhas e a abanar que não com a cabeça”. (NT – 05/03/2015)</p>	
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>vezes não é pelas boas coisas e se calhar também reprime um bocado e vai, vai moldando e se calhar as pessoas... se não houvesse essa sociedade, se calhar os jovens agora eram diferentes, pelos bons e maus exemplos. E... a juventude... pois... Diz-me de novo a pergunta". (Participante 4)</p> <p>"Que pergunta difícil... Mas sim, as duas influenciam tipo cada uma mas... a sociedade influencia imenso a juventude e no meu caso eu digo porque tipo o cabelo e isso, acho que as pessoas não aceitam, as pessoas olham, as pessoas parece que não têm o direito de ser elas mesmas e isso é mau, é muito mau". (Participante 4)</p> <p>"Parece que só os outros é que têm oportunidade de futuro e se calhar são muito melhores em muitas coisas que fazem e nem sequer lhes dão oportunidades e eu acho que estou aqui mesmo para tentar mudar isso. Sim, acho que... por isso é que... eu tento ser à minha maneira, não quero que ninguém me influencie e espero continuar assim, não é quando eu for trabalhar... não quero cortar o cabelo, não vou cortar o cabelo e... nem que viva na rua, a sério. Acho que as pessoas têm direito de se expressarem e serem elas mesmas. Acho que por toda a gente ser diferente é que vamos se calhar conseguir uma coisa melhor, não é por ser toda a gente igual que leva a lado nenhum. Isso só nos reprime cada vez mais, só torna as coisas pior e as pessoas revoltam-se por não conseguir estar bem com o que elas são, acho que é por aí". (Participante 4)</p> <p>"Muito e se calhar nem sou eu que sinto tanto mas às vezes quem anda comigo porque eu já nem ligo a isso percebes? Mas as pessoas apercebem-se e sentem-se um bocado incomodadas... porque eu... é tanto assim que eu já nem ligo. Eu estou bem comigo própria e sinto-me bem</p>		
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		<p>como estou. E agora, acho que agora é que me sinto bem com aquilo que sou e também... também sou mais velha e aprendo, tipo, a lidar com as outras pessoas porque acho que já não importa o que elas dizem, oh pá, sou assim, aceitem-me, tipo, faço as coisas que faço bem e esforço-me para isso portanto acho que ninguém tem de julgar aquilo que eu sou pela minha aparência". <i>(Participante 4)</i></p> <p>"Sim, não está mesmo. Porque... por exemplo, vamos começar por um exemplo, a casa dos segredos, parece que os nossos jovens é tipo isso... não é aquilo... parece que a sociedade quer aquilo... o que é aquilo meu Deus... aquilo não é nada. Se as pessoas estão cá para fazer aquilo mais vale não estarem, aquilo não serve para nada, percebes? Tipo, aceitam aquilo mas se calhar a mim metem-me de lado, percebes? Não faz sentido para mim". <i>(Participante 4)</i></p> <p>"Pois não é nada, cada um é como é, cada um é que faz a sua normalidade, o que é normal para mim pode não ser normal para ti. Acho que é por aí". <i>(Participante 4)</i></p> <p>"Acho que têm de lutar por aquilo que acreditam, por aquilo que são e deixarem de ligar àquilo que os outros dizem porque não os vai levar a lado nenhum". <i>(Participante 4)</i></p> <p>"Sim, vai alterando um bocadinho mas ainda há muito caminho a percorrer, muito". <i>(Participante 4)</i></p> <p>"Acho que sim. Acho que... se a juventude constrói a sociedade, não sei, acho que vai mudando algumas ideias mas há sempre "ai os jovens isto, os jovens aquilo", pronto. Agora também acho que os jovens, ao mesmo tempo, são um bocado influenciados pela sociedade, pela maneira que a sociedade nos faz viver, acho que temos</p>		
--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>em... como é que eu hei-de explicar isto... isto é difícil. Sei lá, acho que é isso. Acho que a sociedade em geral tem uma ideia mais depreciativa e mais... dos jovens. É mais... Percebes? “Ah, no meu tempo não era isto, ah porque os jovens fazem isto, porque os jovens fazem aquilo” percebes? Enquanto nós jovens temos uma ideia também um bocado mais liberal das coisas e mais... é mais à nossa maneira e acho que também chocam um bocadinho esses conflitos. Acho que era importante alterar isso, se a sociedade também nos perceber e se nós se calhar também conseguirmos perceber que as coisas mudaram imenso, não é? Os nossos avozinhos ainda estão cá e as coisas são diferentes e acho que devia de haver algo que estimulasse essa comunicação e essa compreensão por ambas as partes e pronto, acho que é isso. Acho que os jovens têm que se impor, não é impor mas a verdade é que os jovens são o futuro deste país e daquilo que a sociedade tanto quer e acho que se calhar deveríamos ser mais ouvidos e mais... não digo respeitados, mas mais compreendidos, se calhar. É isso”. <i>(Participante 5)</i></p> <p>“O jovens influenciarem a sociedade... É assim, há alturas em que eu posso acreditar que sim, porque há mentalidades novas e têm ideias novas, mas por outro lado nem sempre a sociedade dá muitas oportunidades aos jovens, por exemplo, com a situação do desemprego, há muito mais jovens que são os que têm tendência a emigrar, acho que não nos criam tantas oportunidades. No entanto, quando as há, acho que são os mais jovens que como vêm com uma mentalidade diferente e refrescada, tentam puxar mais para a frente. É um equilíbrio um bocado estranho”. <i>(Participante 6)</i></p> <p>“Não, acho que mais depressa a sociedade tem influência nos jovens, do que o contrário, atualmente”. <i>(Participante 6)</i></p>		
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>“É difícil... Não sei...Ahhh....É complicado. Acho que depende do termos oportunidades ou não. Há muitas situações em que eu acho que até poderia falar ou ajudar, mas o facto de ser mais nova... “ah, tu és nova, não sabes nada disto” e acho que é um bocado a mentalidade das pessoas mais velhas que não aceitam tanto e acho que por aí é que nos dificultam mais”. <i>(Participante 6)</i></p> <p>“Há das duas, há quem diga que esta geração está perdida e há quem diga que temos acesso a mais tecnologias e que temos um ensino diferente e que poderemos puxar muito mais e avançar muito mais”. <i>(Participante 6)</i></p> <p>“A sociedade influencia os jovens... os jovens influenciam a sociedade... Então... A sociedade influencia os jovens por... em algumas maneiras, por exemplo... como é que eu hei-de explicar... influencia dando-lhe espaço, espaço para se sentirem eles e... os jovens contribuem para a sociedade tratando dos espaços. Ahhh... Esta pergunta é difícil... Eu estou a pensar em muitas coisas ao mesmo tempo. Dos espaços já falei”. <i>(Participante 7)</i></p> <p>“Em parte é, noutra parte não. É porque, por exemplo, os jovens virem a sociedade a cometer sempre aqueles erros, os jovens vão pensar que também devem cometer esses erros. Se a sociedade for, por exemplo, se a sociedade comete aqueles erros, eles também podem... devem fazer de outra maneira, nessa parte não vai influenciar. Se nós fazemos uma coisa, os jovens do futuro, se calhar vamos ensiná-los a não fazer a mesma coisa, a não cometer os mesmos erros. Por exemplo, como fumar, os jovens com 13, 14 anos, fuma e a sociedade, por exemplo, devia fazer com que os jovens do futuro com essa idade, não tencionassem, entrar nesses vícios. Como o tabaco, também digo as drogas”.</p>		
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p><i>(Participante 7)</i></p> <p>“Sim. Se for para motivar os jovens a crescer, é positivo. Se for para levar os jovens por caminhos que... a não ensiná-los a crescer devidamente, como eles têm que crescer, é mau”. <i>(Participante 7)</i></p> <p>“Principalmente respeitar. Se respeitarem a sociedade vai integrar essas pessoas... os jovens”. <i>(Participante 7)</i></p> <p>“Têm, são eles que vão guiar o futuro. São eles que vão ter os nossos... como é que eu hei-de explicar... aquelas pessoas que vão dar continuidade àquilo que nós somos. “vão educar essas pessoas”, a não terem um futuro um bocado mau. E sim, os jovens contribuem, por exemplo, se eles forem ensinados e aprenderem a gostar, eles vão gostar e até vão querer um futuro melhor. Agora se a sociedade não quiser saber e só pensar neles, eles não vão pensar nada e não vão contribuir em nada de bom para o futuro”. <i>(Participante 7)</i></p> <p>“A sociedade pensa que os jovens são uns malandros, em alguns casos. E devia tentar, por exemplo, ao pensarem isso estão a excluí-los, mas devia ser ao contrário, podiam pensar isso mas tentar integrá-los e tentar dar-lhes uma vida melhor”. <i>(Participante 7)</i></p> <p>“Alguns jovens, por exemplo, fazem coisas que não deviam fazer, tipo, como... vandalizam a cidade, roubam, e isso faz com que a sociedade... e ao falarem dos jovens falam de todos os jovens e nem todos são assim. Há alguns que andam só por aí com o grupo de amigos e até gostam de usar assim uma roupa mais livre e são logo culpados”. <i>(Participante 7)</i></p> <p>“Algum. Estão a fazer com que... a sociedade quando vê,</p>		
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>por exemplo, uma pessoa, supostamente, por exemplo, um gunga, anda de chapéu e calças para baixo, a sociedade vê esse gunga como um delinquente. E depois vê outra pessoa que é totalmente diferente mas ao contrário, que se veste de outra maneira, mas que anda aí a vandalizar as coisas e pode ser completamente o contrário; um certinho, e calcinha e pólo...</p> <p>E se vive num bairro é delinquente, traficante e tudo... excluiu um bocado essa parte da sociedade". (Participante 7)</p> <p>"Tentar mudar essa ideologia. Não digo todos mas grande parte... mostrar à sociedade em geral que são o contrário, que não são aquilo que eles pensam". (Participante 7)</p> <p>"Existe influência da sociedade... positiva e negativa, mas é mais negativa da sociedade para os jovens, por causa dessa tal discriminação. E positiva porque, eh pá, de certa forma, a sociedade tenta integrar esses jovens. Dos jovens para a sociedade também há a parte negativa, porque os jovens pensam que a sociedade pensa isso e ainda vão fazer pior e vão-se desintegrar completamente e a positiva porque ainda há aqueles que ainda pensam que podem ter um futuro melhor e que a sociedade pode ajudá-los nisso e integrá-los melhor". (Participante 7)</p> <p>"Sim, nós construímos a sociedade através das nossas ações, do que fazemos, do que damos para a sociedade, do que estudamos. Como é que eu hei-de explicar... Ao estudarmos estamos a tentar fornecer algo à sociedade, mas ela também nos fornece algo a nós, a convivência entre as pessoas, faz com que nós aprendamos, ajudamos também os outros a aprender alguma coisa connosco, ou seja, damos-nos mutuamente, a sociedade dá-nos a nós e nós damos à sociedade, acho que é um bocado assim,</p>		
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>nem um dá mais ao outro nem o outro ao outro, se é que me estás a entender. Acho que ajudam a que o bem-estar seja mútuo. E isso foi alterando ao longo dos tempos. Se pensarmos na altura dos nossos pais... O que eu faço agora os meus pais não faziam, nem tiveram a oportunidade de estudar, por exemplo, que eu tive. Ou seja, a sociedade também altera ao longo dos tempos e nós vamos alterando com ela". (<i>Participante 8</i>)</p> <p>"De certa forma a sociedade faz o modelo do que acha correto e do que não acha. Maioritariamente os grupos que têm capacidade para pensar, podem tomar as suas decisões, podem tentar mudar o critério, o modelo da sociedade. Por exemplo o uso de tatuagens é criticado pela sociedade. Em Portugal é. E acho que os jovens agora estão a tentar mudar essa mentalidade. O fumar por exemplo também, é mal visto, as más pessoas é que fumam, não, e também acho que esse critério está a mudar um bocadinho." (...) "Se calhar no geral porque normalmente as pessoas que fumam são pessoas que já tiveram alguns problemas, toxicodependência ou... e portanto essas pessoas pensam que os jovens que fumam ou começam a fumar cedo... são mal vistos ou já não vão ter futuro. Por exemplo, o modo de vestir também é completamente... bem e mal visto pela sociedade. Alguém que usa roupas largas pode não ser visto como bom aluno, o que é errado e quem se veste de camisa e pólo, pode ser mau aluno e fazer coisas más e pronto" (<i>Participante 9</i>)</p> <p>"Sim e o papel da juventude agora está a tentar mudar essa perspetiva. Começam a ter novas mentalidades, através da televisão e da internet e começam a alterar a sociedade" (<i>Participante 9</i>).</p>		
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

		<p>“Sim, a sociedade vai ter um... vai ter um pensamento já estabelecido do que é, do que é juventude, são estereótipos que já têm, certos conceitos, preconceitos feitos, digamos assim, que a sociedade... que a juventude só faz certas coisas, toma certas atitudes, são irresponsáveis, só fazem estragos e assim. No entanto, a juventude continua a ser grande parte da sociedade, continua a fazer parte de, lá está, está inserida na sociedade, portanto”. <i>(Participante 10)</i></p> <p>“Sim, de certa forma acaba por influenciar uma vez que esperam que os jovens tomem certos comportamentos, porque é que os jovens não devem tomar se já estão à espera que aquilo aconteça”. <i>(Participante 10)</i></p> <p>“Sim, se os jovens decidissem de uma forma geral, se mudassem as suas atitudes, fossem mais responsáveis e isso tudo, a sociedade acabava por não diminuir o seu... choca a juventude. Não sei se me fiz entender. Se a juventude decidir mudar a sua forma de comportamento, ser mais responsável, não tomar tantas decisões erradas, porque errado para mim pode ser certo para outro, mas pronto... ter um melhor senso comum a sociedade acabará por aceitá-los melhor, definir outros objetivos, talvez melhorar a educação, pronto, atingir outro nível”. <i>(Participante 10)</i></p> <p>“Sim porque se os jovens decidiram mudar, na minha opinião mudaram para pior do que era antigamente mas... sim. Por exemplo, antigamente havia um respeito maior para com os adultos e neste momento já não se verifica tanto... Não é raramente mas muito poucos mantêm um respeito e uma seriedade para com as pessoas mais velhas, é mais nesse sentido”. <i>(Participante 10)</i></p>		
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Processo de Investigação

“A observação nesta fase inicial é, sem dúvida, um misto de dúvidas e adrenalina. Dúvidas pelo desconhecimento do que o contexto de rua me poderá oferecer e também do que eu serei capaz de captar; adrenalina precisamente por essa falta de certezas. É um contexto em constante mutação e, por esse mesmo motivo, considero que o meu olhar no contexto de rua irá sempre dar conta de uma parte daquilo que é a realidade em si”. (NT – 4/02/2015)

“Esta é uma fase difícil em todo este trabalho, não pela sua complexidade nem pelo desconhecimento do contexto mas por também me sentir parte do público que observo; por analisá-lo enquanto jovem e por visualizar comportamentos que também eu os pratico, sendo-me difícil este afastamento da realidade”. (NT – 19/02/2015)

“Naquele momento senti-me mal por ver que as jovens que, no meu ponto de vista, nada de mal estavam a fazer e estavam a receber tantos olhares reprovadores”. (NT – 05/03/2015)

Caracterização dos Contextos

“Encontro-me sentada no muro em redor do Centro Português de Fotografia, são cerca de 15 horas. Encontram-se aproximadamente 10 jovens rapazes, com aspeto de cerca de 18 anos. Como era uma tarde fria mas com sol, encontravam-se sentados ao sol e quase todos fumavam, excepto aquele que parecia ser o mais novo, que estava a jogar futebol contra as paredes e os vidros do Centro Português de Fotografia”. (NT – 05/02/2015)

“Entretanto decidi ir dar uma volta por toda aquela zona circunscrita em redor do Jardim de João Chagas (popularmente conhecido pelo Jardim da Cordoaria), da Reitoria e da zona dos bares do Piolho. Enquanto passava no Jardim da Cordoaria aquilo que observava além dos turistas e de vários idosos, eram alguns casais de jovens sentados nos bancos ao longo do jardim. Aquilo que se observava é que por ali passeavam diferentes faixas etárias”. (NT – 05/02/2015)

“Passado algum tempo caminhei da Reitoria novamente em sentido para o Jardim da Cordoaria, passando pelos bares, como ainda era cedo, apenas me apercebi de

			<p>cerca de 10 meses ocupadas nas esplanadas desde o Cremosi, passando pelo Piolho e terminando no café Universitário”. (NT – 05/02/2015)</p> <p>“Como os jovens entretanto se dirigiram para a escola, eram 16:30 horas, decidi ir dar novamente uma volta pelos locais por onde já tinha estado, para tentar perceber se mais alguma coisa se estaria a passar”. (NT – 05/02/2015)</p> <p>“Como última volta, decidi ir até à rua das Galerias Paris. Ao contrário daquele que é o movimento noturno nesta rua, aquilo que se observa apenas é os funcionários da restauração a preparar as esplanadas para a noite que se avizinhava. Voltando novamente para a Cordoaria, decidi ir até ao Jardim das Virtudes, com uma belíssima vista para o Rio Douro. Sentei-me um pouco num dos cantos do jardim, a observar o que ali se passava. Curiosamente, naquele jardim, ao contrário daquilo que acontecia no jardim da cordoaria, estava ocupado apenas por jovens”. (NT – 05/02/2015)</p> <p>“Esta observação iniciou-se às 15 horas. Chegada à Rotunda da Boavista e à Casa da Música – principais locais onde esta</p>	
--	--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

			<p>observação se centrou – decidi contornar toda a Casa da Música, onde observei tanto na entrada principal, como nas traseiras, alguns skaters a treinar. Posto isto, dei também uma volta a toda a rotunda da Boavista, para perceber como o ambiente estava e se algo me invocava especial atenção”. (NT – 19/02/2015)</p> <p>“Como na rotunda não se encontravam grandes jovens, decidi dar mais atenção àquilo que estava a ocorrer na entrada da Casa da Música. Fui então novamente para a Casa da Música e passei pela frente e encontrava-se um jovem sentado ao telemóvel e passavam também jovens a andar de bicicleta. Decidi seguir. (...) Fui então para as traseiras da Casa da Música e sentei-me no corrimão que lá existe, precisamente atrás do paraciclo (local onde se prendem as bicicletas). Isto ocorreu entre as 15 e as 15:30 horas”. (NT – 19/02/2015)</p> <p>“Enquanto aqui estava sentada pensava no quanto era interessante o que estava em meu redor: encontrava-me num local reconhecido pelos jovens como sendo um local de cultura na</p>	
--	--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

			<p>cidade, porém aquilo que frequentam por lazer é o seu espaço exterior e não os acontecimentos culturais no interior. Ou seja, a Casa da Música torna-se um local de convívio com os jovens que por ali se encontram”. (NT – 19/02/2015)</p> <p>“Olhei para as horas e verifiquei que isto tudo se passou desde as 15:30 horas (que foi quando cheguei ao local) e as 16 horas (momento em que os jovens se deslocaram para a parte principal da Casa da Música)”. (NT – 19/02/2015)</p> <p>“Como não se encontrava mais ninguém ali, decidi então ir até ao Centro Comercial Cidade do Porto. Enquanto me deslocava até lá e ainda em frente à Casa da Música, encontrava-se um grupo de crianças e jovens uniformizados (a passar por entre os skaters) para entrarem dentro do edifício. Interessante foi perceber que àqueles jovens nada incomodou, continuando a treinar normalmente. O mesmo já não aconteceu com as pessoas que estavam a atravessar a passadeira, que mesmo estando num local de passagem, pararam em cima da mesma a apreciar a movimentação</p>	
--	--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

			<p>daquelas crianças e jovens. Eram cerca das 16:10 horas”. (NT – 19/02/2015)</p> <p>“Continuei então viagem e mesmo antes de entrar no shopping Cidade do Porto, decidi entrar na Península Boutique Center. Lá, mais precisamente no bar/café, encontrava-se a ser gravado o programa transmitido pela RTP2, denominado Grande Valsa. Durante o tempo em que estive no espaço, pude observar que estava a ser gravada música jazz, tocada pelo quarteto de jazz, constituído pelos alunos do Conservatório do Porto. Curiosamente, eram poucos os jovens que estavam a assistir (cerca de 10), mas encontravam-se calados e atentos a tudo que estava a ocorrer, ao contrário daquilo que ocorria com o restante público, que era maioritariamente pessoas de idade que passaram a maior parte do tempo a falar, não ligando à gravação e às várias repetições da gravação que estava ali a ser feita no momento. Ao longo da entrevista falaram então do modo como nasceu o jazz no Conservatório do Porto, da importância da música clássica na formação de um músico e da importância que tem trabalhar em grupo na música. Com isto, eram cerca das 16:30 horas Este é um</p>	
--	--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

			<p>ponto crucial pois mostra o modo como a música pode vir à rua e como esta pode ser animada por jovens, tornando-se cativante vê-lo motivados pela cultura musical. Estes acontecimentos recorriam do 20º aniversário da Península Boutique Center, existindo um cartaz publicitando a data de outros acontecimentos musicais que iriam ocorrer na rua. “Música a gosto” era o título destacado, sendo que salientavam a presença dia 6 da Bossa Nova, dia 13 Piano, dia 20 Harpa e dia 27 Jazz”. (NT – 19/02/2015)</p> <p>“Entretanto, às 16:45 horas saí e fui até ao shopping Cidade do Porto, onde não encontrei nem muitos jovens, nem muitas pessoas. Então saí e vim em direção à Petúlia, uma vez que em frente tem um parque onde por vezes também costumam estar skaters. Hoje a esta hora não se encontrava cá ninguém. Foi então que dei a volta e fui novamente para trás, de modo a passar novamente na Península Boutique Center. Fui primeiro ao Mercado Bom Sucesso”. (NT – 19/02/2015)</p> <p>“Entrei no Península e verifiquei que já se encontrava um outro grupo de jovens pronto para a</p>	
--	--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

			<p>gravação, ainda para o mesmo programa. Observando o público que lá se encontrava, foi fácil verificar que o número de pessoas a assistir além de ser a mesma, o número de jovens mantinha-se. Entretanto, às 17:15 horas saí e dirigi-me para a Rotunda da Boavista”. (NT – 19/02/2015)</p> <p>“Encontro-me sentada na Cordoaria. Do meu lado esquerdo está o Centro Português de Fotografia e do meu lado direito o Jardim da Cordoaria. São 14:30 horas. À minha frente encontram-se 4 jovens a jogar futebol com mais um senhor (mais velho, aparentando estar na meia idade). Decidi então manter-me naquele lugar a perceber a dinâmica que ali estava a ocorrer”. (NT – 05/03/2015)</p> <p>“Entretanto um dos autocarros do yellow bus, que transporta por norma turistas, parou nas paragens de autocarros em frente ao Centro Português de Fotografia. Era uma tarde de sol e quando os jovens se aperceberam do autocarro, comentavam entre si: “era um daqueles agora para ir à foz comer um geladinho”. Eram cerca das 14:45 horas quando este comentário aconteceu e foi logo a</p>	
--	--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

			<p>seguir que mais dois amigos chegaram”. (NT – 05/03/2015)</p> <p>“Antes de isto acontecer, chegaram ao Centro Português de Fotografia, três turmas em visita de estudo. Entraram as 14:30 horas e saíram às 14:55 horas. Neste entretanto chegou uma jovem que se sentou ao meu lado a fumar. Depois que a turma saiu do Centro, sentaram-se no muro onde eu estava a contar e a organizar os alunos por turma, tendo-se ido logo embora a seguir. Momentos mais tarde, mais precisamente às 15 horas, o senhor mais velho que estava com os jovens cansou-se e foi embora e eles ficaram a jogar. Neste momento eu também vim embora, descendo os Clérigos em direção aos Aliados”. (NT – 05/03/2015)</p> <p>“Momentos mais tarde, mais precisamente às 15:30 horas levantei-me e segui em direção à rua de Santa Catarina. Na movimentada rua de Santa Catarina, observava-se muitos jovens mas também pessoas de todas as faixas etárias, bem como diversos turistas. Como o meu foco se encontra nos jovens, tentei falar apenas naquilo que os observava a fazer, enquanto caminhava calmamente pela rua fora”. (NT –</p>	
--	--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

			<p>05/03/2015)</p> <p>“Momentos depois entrei no shopping e passei pelos vários andares e encontravam-se muitos jovens e muitas pessoas de idade. Tanto uns como os outros encontravam-se sentados nas mesas, a maior parte já tinha comido e os primeiros estavam ao computador, ao telemóvel, a estudar, a ouvir música, enquanto os segundos estavam mais a ler o jornal e a conversarem entre si. Andei ainda um pouco no shopping, saí e voltei a percorrer toda a rua de santa Catarina à procura de algo que me chamasse à atenção de diferente do observado anteriormente. Voltei a descer até aos Aliados e permanecia aproximadamente as mesmas coisas observadas anteriormente e subi os Clérigos”.</p> <p>(NT – 05/03/2015)</p>	
--	--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

8. Mapas Gerais dos/as Participantes